

## NOTA DO DISTRIBUIDOR

Devido a raridade desta obra temos visto muitos aproveitadores comercializando cópias xerográficas destas por preços exorbitantes. O trabalho de nosso mestre Sevananda não teve nunca por objetivo o lucro. Suas obras foram feitas a custo de muito sacrifício pessoal. Assim não achamos justo que se aproveitem de seu trabalho para obter vantagens financeiras. O material aqui presente é resultado do esforço de vários irmãos da fraternidade AMO PAX que decidiu colocar os 4 volumes da obra disponível em seu site.

Porém tem sido quase impossível fazer o download das mesmas de seus servidores, eu consegui após 49 dias através de um programa P2P os 4 volumes.

A dificuldade talvez seja por que além do texto, os arquivos traziam as figuras do livro em um diretório a parte. Estas figuras são arquivos muito grandes e por isso provocam a demora. Assim resolvi re-compilar os 4 livros inserindo as figuras no próprio arquivo PDF tornando-as assim mais leves.

Peço a todos os Martinistas que distribuam estes livros, não só aos iniciados, mas a todos aqueles que se interessam pelas coisas do espírito. Não há violação de direitos autorais uma vez que o detentor do mesmo a colocou disponível com o mesmo propósito. Nós só estamos introduzindo alterações de ordem técnica para tornar tal distribuição mais fácil de modo a atingir o objetivo primeiro deste trabalho que é combater os “MERCADORES DO TEMPLO”

Riaz Al Majid  
S.I L.I.

**Junho de 2008**

Sri SEVANANDA Swami

# O MESTRE PHILIPPE, DE LYON VOLUME I

Prefácio à edição digitalizada

Este trabalho é resultado do esforço de vários estudantes do Instituto, os arquivos aqui apresentados de forma inédita, são as obras digitalizadas na íntegra dos quatro volumes da obra **O Mestre Philippe de Lyon** escritos e editados por **Swami Sevananda**. Este esforço inicial dos estudantes foi motivado pela necessidade de uma nova publicação e conseqüente divulgação dos trabalhos de Sri Sevananda de forma unificada dos quatro volumes em um Único Volume que será publicado em número limitado destinado aos amigos e simpatizantes da **AMO PAX**.

Se você desejar colaborar da forma que achar útil e conveniente, entre em contato conosco em <http://amopax.org>, pois, o PPP (Precisamos de Pessoas Positivas) lançado por Sri Sevananda na década de 50 continua agora e você é muito bem vindo.

Eu decidi colocar os livros da AMO PAX na internet afim de combater a exploração capitalista de nossos amigos e simpatizantes por vendedores amadores que cobram preços exorbitantes nas obras ou cópias das obras deixadas pelos nossos mestres e instrutores.

Direção da AMO PAX  
25 de dezembro de 2007.

Contatos  
**AMO PAX**  
Caixa Postal 3871  
Brasília DF 70089-970  
<http://amopax.org>

**Fraternidade dos Sarva Swamis**  
Brasília DF Brazil  
<http://www.amopax.org>

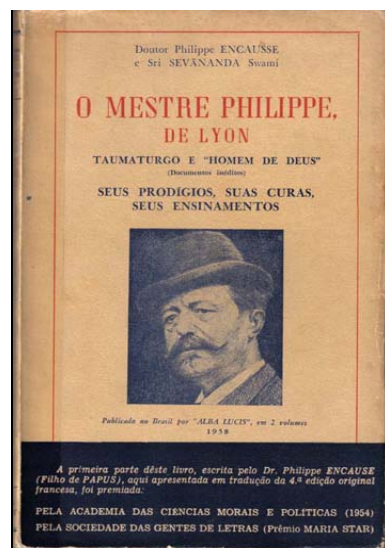
Doutor Philippe ENCAUSSE  
e Sri SEVÂNANDA Swami

## **O MESTRE PHILIPPE, DE LYON**

**TAUMATURGO E “HOMEM DE DEUS”**  
(Documentos inéditos)

**SEUS PRODÍGIOS, SUAS CURAS,  
SEUS ENSINAMENTOS**

### **VOLUME I**



*Publicado no Brasil por “ALBA LUCIS”, EM 2 VOLUMES  
1958*

*A primeira parte deste livro, escrita pelo Dr. Philippe ENCAUSSE (filho de PAPUS), aqui apresentada em tradução da 4ª edição original francesa, foi premiada:*

PELA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS MORAIS E POLÍTICAS (1954)

PELA SOCIEDADE DAS GENTES DE LETRAS (Prêmio MARIA STAR)

(orelha do livro)

**“O MESTRE PHILIPPE, de LYON”**

Esta obra pode ser qualificada de “extraordinária”, sem o menor exagero. Realmente o é, tanto pelo conteúdo como pela apresentação.

Já na França, onde é tão difícil sobressair, pela superabundância de valores existentes, o livro “Lê maître PHILIPPE” não só atingiu rapidamente quatro edições, como ainda foi premiado duas vezes. Uma delas, com o prêmio VICTOR DELBOS, conferido ao Dr. Philippe ENCAUSSE pela academia de ciências MORAIS e POLITICAS, que vale, por si só, como um reconhecimento de ambos os valores, na obra.

É de fato, não só proporciona ao leitor o mais direto, prático e transcendental dos ensinamentos com relação a “COMO CHEGAR A SER CRISTÃO”, senão que, também, descortina mistérios da corte, da política mundial e das ocultas influências que os místicos, tanto individualmente como por meio de certas poderosas associações de INICIADOS (reais), dos quais muitos eram, também “reais” por ocuparem o trono dos Impérios ou Monarquias poderosos, têm tido em todos os tempos e lugares.

O fato de o autor do livro (o primeiro volume só, nesta edição) sobre “Lê Maître PHILIPPE” ser não somente o médico, um desportista de talento, um homem treinado nos congressos científicos e culturais do mundo, mas, ainda, a Grã-mestre da misteriosa Ordem Martinista, como seu pai, o mundialmente conhecido PAPUS, cognominado o “Balzac do Ocultismo”, basta para afirmar-se que suas fontes são as mais diretas, completas e fidedignas.

Aliás, um dos motivos de interesse desta obra é o de ser muito bem documentada, sem por isso tornar-se “pesada” para o leitor.

O Mestre PHILIPPE, com os milagres que aqui se relatam e se EXPLICAM, inclusive ressurreição de mortos, devolução de faculdades perdidas e muitos outros, é nos revelado na obra como O MAIOR APÓS JESUS. E, muito embora o conteúdo do livro original Francês (nosso primeiro tomo, nesta edição) bastasse, com o rigor da verdade, para PROVAR tal afirmativa é, contudo uma felicidade para o público brasileiro que o segundo volume tenha sido escrito por Sri Sevânanda Swami, herdeiro direto da tradição de Papus e de PHILIPPE, como se relata na obra.

O trabalho que o Swami deu-se foi, principalmente, o de fazer SENTIR ao público a realidade do ensinamento e as provas que, da verdade do mesmo, proporciona a vida, em cada momento e lugar. E, com maior evidencia, nos meios ditos “espiritualistas, místicos ou iniciáticos”.

Utilizando sua experiência de 40 anos como Instrutor Espiritual, o autor do segundo volume coloca em plena luz, com valiosos comentários e com FATOS IRREFUTAVEIS, extraídos dos próprios arquivos – até então secretos – das vidas e das associações que orientou e orienta tudo quanto puder esclarecer ao leitor e leva-lo a VIVER o que a obra, e o Mestre PHILIPPR através dele, lhe brindam.

Não seria justo deixar de expor a forma em que a obra está ilustrada. Só o primeiro tomo tem mais de 40 clichês, muitos deles privativos dos citados arquivos de PAPUS ou da Ordem Martinista.

No que se refere à ilustração, o segundo volume foi planejado na forma que o Swami Sevânanda a seguir resume:

Agora vamos dar ao público e aos estudantes SÉRIOS uma amostra do que realmente é o mundo chamado “invisível”; terão autênticas ilustrações da peregrinação aos lugares em que atuava o Mestre, mas também as terão dos Gnomos e dos Anjos e de muitos outros “MISTERIOS” que os reais videntes iniciados, do Ocidente ou do Oriente, percebem. Este é nosso “brinde místico”.

“ALBA LUCIS”



**O Dr. PHILIPPE ENCAUSSE**  
**Grã-mestre da Ordem Martinista.**

## **1ª PARTE**

### **Autor: Dr. Philippe ENCAUSSE**

Médico Laureado pela academia nacional de medicina.  
Médico – Inspetor-Geral e Chefe de Serviço  
(Controle Médico Desportivo e Reeducação Física) no ministério da Educação Nacional (Paris)  
Legião de honra – Medalha Militar, etc. **etc.**

Afilhado do muito Excelso Mestre PHILIPPE filho do célebre Dr. G. ENCAUSSE (PAPUS)  
VERSÃO BRASILEIRA: Sri Sevânanda Swami.

### **O MESTRE PHILIPPE DE LYON**

Copyright 1958 de “ALBA LUCIS” para edições brasileiras ou espanholas na América Latina, e suas adaptações literárias, radiofônicas e cinematográficas.  
(1º Volume).

## INSTITUTO DE FRANÇA

### ACADEMIA DAS CIÊNCIAS MORAIS E POLITICAS



SESSÃO PÚBLICA ANUAL DA SEGUNDA-FEIRA, 6 DE DESEMBRO DE 1954 <sup>1</sup> PRESIDIDA PELO Sr. M. OLOVIER MOREAU-NERET,  
Presidente da academia



#### PROGRAMA DA SESSÃO

- 1° Discurso do Sr. Presidente;
- 2° Leitura do Sr. Vice-Presidente da lista dos prêmios e recompensas outorgadas em 1954;
- 3° Elogio do General John J. Pershing, membro da academia, pelo Sr. François Albert-Buisson, Secretario Perpétuo.

#### CONCURSO – PREMIO OUTOGRAFADOS SEÇÃO DE FILOSOFIA

PREMIO VICTOR COUSIN. – Tema proposto: *A tradição platônica em Plutarco.* – Nenhum manuscrito foi depositado.

PREMIO DAGNAN – BOUVERT. – anual destinado a *favorecer os estudos de psicologia.* – A academia não concedeu nem prêmio nem recompensa.

PREMIO VICTOR DELBOS, destinado a recompensar *publicações apropriadas para fazer conhecer e promover a vida espiritual e a filosofia religiosa.* – este prêmio bianual foi outorgado ao Dr. PHILIPPE ENCAUSSE, pela sua obra: *Lê Maître Philippe, thaumaturge et homme de Dieu.*

PREMIO GEGNER, *destinado a um escritor-filósofo, sem fortuna.* Este prêmio anual foi prorrogado.

PREMIO CHARLES LAMBERTE, triannual, *destinado ao autor do melhor estudo sobre o porvir do espiritualismo.* – A Academia não outorgou nem prêmio nem recompensa.

PREMIO CHARLES LEVEQUE, *destinado a recompensar uma obra de metafísica.* Este prêmio quadrianual foi prorrogado.

---

<sup>1</sup> O texto acima é a reprodução da primeira pagina do programa da sessão solene da Academia das Ciências Morais e Políticas no decorrer da qual foi feita constância da atribuição do Prêmio Victor Delbos, para o ano de 1954, à obra dedicada ao Maître Philippe.

Esta obra também obteve, em dezembro de 1955, o PREMIO MARIA STAR, que lhe foi outorgado pela Sociedade das Gentes de Letras, da França.

### **SEÇÃO DE MORAL**

PREMIO ADRIEN DUVAND, bienal, destinado *ao autor da melhor obra sobre educação cívica e moral numa democracia*. – A Academia não outorgou nem premio nem recompensa.

PRÊMIO JOSEPH SAILLET, anual, destinado *ao autor da melhor obra sobre um tema de moral racionalista*. — A Academia não outorgou nem prêmio nem recompensa.

### **SEÇÃO DE LEGISLAÇÃO, DIREITO PÚBLICO E JURISPRUDENCIA.**

PREMIO DE ORÇAMENTO. – Tema proposto: *A reforma do regime matrimonial legal em direito francês*. – Nenhum manuscrito foi apresentado.

PREMIO BERRIAT SAINT-PRIX, destinado a uma obra *sobre a legislação do divórcio, estudada do ponto de vista da restrição na França do número de divórcios*. – Este prêmio quinquenal foi transferido.

Eu não vos peço que me creiais. Imaginai somente que estas coisas são quiçá, possíveis; isso me basta. O aceitar tal hipótese vos tornará, mais tarde, sensíveis a Luz e a minha meta estará atingida; porque não falo para render justiça a um ser que não se preocupava com a justiça terrestre; é para vos, unicamente, que falo. Pelo vosso porvir, para que acheis à coragem nos vossos instantes de esgotamento, de adiantar, assim mesmo, mais um pouco.

Paul Sédir

**Doutor Philippe ENCAUSSE**

# **O MESTRE PHILIPPE, DE LYON, Taumaturgo e “Homem de Deus”**

**SEUS PRODIGIOS, SUAS CURAS, SEUS ENSINAMENTOS**  
(Documentos inéditos)

(Quarta edição francesa – Primeira brasileira)

*Obra premiada pela Academia das Ciências Morais e Políticas e pela  
Sociedade das Gentes de Letras*



**Publicado no Brasil com permissão expressa do Autor e diretor de “La Diffusion Scientifique”, admirador do Mestre e Editor das quatro edições francesas, no que se refere à Primeira Parte desta edição brasileira.**

### OUTRAS OBRAS DO DR. PHILIPPE ENCAUSSE

1. *Papus, sua vida, sua obra.* – Edições Pythagore, Paris, 1932. (esgotada)
2. *Ciências Ocultas e desequilíbrio mental.* Edições Pythagore, Paris 1935. (Tese de doutorado em medicina) – (Esgotada).
3. *Educação física e subalimentação.* – (premiado pela academia de medicina). – Número especial da revista “Educação geral e Esporte”, N°6, 1943. (esgotado).
4. *Ciências ocultas e desequilíbrio mental.* – (premiado pela academia de medicina). Payot, editor, Paris, 1943, 2ª edição revisada e consideravelmente aumentada. In-8 de 316 páginas – (esgotado). 3ª edição. H. Dangles, Paris, 1955.
5. *Influência da educação física e esportiva sobre a juventude em função da alimentação atual.* Dangles, editor, Paris, 1944. (esgotado).
6. *O controle médico-esportivo. Organização administrativa e técnica.* Ministério da Educação Nacional – Imprensa Nacional, Paris, 1946. (esgotado).
7. *A organização do controle médico-fisiológico e médico-esportivo e a criação: seja do “carnet” de saúde, seja de uma ficha médica, permitindo seguir o estado físico dos franceses.* Relatório apresentado ao congresso nacional do esporte e do ar livre. (comissão do esporte do conselho nacional da resistência), Watelot-Arbelot, impressores, Paris, 1946. (esgotado).
8. *Influência das atividades físicas e esportivas sobre o organismo,* Ministério da Educação (Secretaria de Estado no Ensino técnico, na Juventude e nos esportes). Imprensa Nacional, Paris, 1949. (Premiado pela academia nacional de medicina, 1950). (esgotado).
9. *Ciências ocultas ou vinte e cinco anos de ocultismo ocidental. Papus, na sua vida, sua obra.* – In-8, 552 páginas. (prêmio literário Victor-Emile MICHELET, 1949) EDIÇÃO Ocia, Paris 1949.
10. *Esporte e saúde.* In-8 de 224 páginas (Premiado pela Academia Nacional de Medicina) A. Legrand, editor. Paris, 1952.
11. *Influência das atividades físicas e esportivas sobre o desenvolvimento físico e intelectual no meio escolar.* (Ministério da Educação Nacional, Paris, 1953).

## **PREFÁCIO DO TRADUTOR DESTA PRIMEIRA PARTE**

Há pouco mais de um ano e meio, regressava da Europa, para onde me haviam levado quatro objetivos imperiosos e de ampla significação:

1º) — realizar uma Peregrinação ao túmulo e à casa do Maître PHILIPPE;

2º) — tomar contato com o filho de Papus, cujo ilustre Pai, a quem sempre devotei e continuo a devotar profunda veneração e gratidão, considero sem favor, depois do Muito Excelso Maître PHILIPPE, o maior e o mais equilibrado dos Mestres ocidentais modernos, sob cuja orientação e proteção trabalhei longos anos, como hei de comentar no 2º volume;

3º) — visitar a República dos Cidadãos do Mundo, da qual fui designado, posteriormente, Representante no Brasil;

4º) — participar de um Congresso geofísico e antiatômico.

As duas últimas missões, coroadas de pleno êxito, não tiveram relação direta com esta obra.

Em 18 de setembro de 1956, no Santuário de Papus, mantive afetuosa entrevista com o seu filho, o Dr. Philippe Encausse, afilhado do M. PHILIPPE, tendo este último nos dado, já nesse dia, indicações místicas que depois se cumpriram. Posteriormente, 24 do mesmo mês, tendo já feito a Peregrinação a Loyasse — túmulo do Mestre — e ao Clos Landar, L'Arbresle, sua residência, no sul da França, estive longamente com o Dr. Philippe Encausse.

Nessa noite, da qual participaram outros seguidores do Mestre, ficou combinado que eu me incumbiria de traduzir o livro do Dr. Philippe Encausse, a cuja edição brasileira juntaria uma segunda parte, na qual eu faria comentários sobre os ensinamentos do Mestre PHILIPPE, bem como exporia casos vividos, principalmente na América Latina, por meu Mestre CEDAIOR, discípulo do Mestre PHILIPPE desde a idade de treze anos, por meus discípulos e por mim. Estou me desincumbindo, portanto, da missão aceita e agradeço ao Autor e ao Editor franceses a permissão que afetosamente me outorgaram, com relação a esta primeira parte.

Era desejo do Dr. Philippe Encausse que esta obra fosse publicada “em colaboração”, isto é, figurando ele e eu como co-autores.

Respeitei-lhe o desejo na capa do livro; no interior do mesmo, porém, indiquei, não só o autor de cada uma das partes da obra, por uma questão de honestidade, mas também tive de publicá-la em dois volumes.

Duas razões de ordem prática obrigaram-me a tomar essa decisão: a verificação de que era excessivo, para um só volume, o número de páginas da obra; e, a idéia de permitir que o leitor pudesse cotejar, facilmente, os ensinamentos do Mestre, contidos neste volume, com os comentários e casos, incluídos no segundo.

Uma terceira razão tornou ainda indispensável fazer-se dois volumes: expô-la-ei no segundo, pois refere-se à nossa ação neste Continente, ao caráter especial que o M. E. Mestre PHILIPPE imprimiu-lhe e, ainda, a certos aspectos do labor do próprio Mestre que julgo poder comentar, com ampla liberdade de apreciação e de expressão, somente no volume da minha exclusiva responsabilidade.

Assim, Amigo Leitor, ireis achar neste primeiro volume uma tradução da quarta edição francesa da notável obra “LE MAITRE PHILIPPE, DE LYON”. No que se refere à tradução, julgo-a fiel expressão do original. Foi difícil, porém, conservar o estilo, direto, singelo, embora de múltiplos sentidos, original e bem pessoal do Mestre, o que me obrigou a experimentar diferentes modos de revisão.

O Sacerdote Expectante “Amicus” fez a das páginas 1 a 37, inclusive. O Coronel Joaquim Martins Rocha, Professor da Academia Militar das Agulhas Negras, imprimiu às páginas 38 até 73 (salvo as 53 e 54) e às de números 92 a 114 (salvo a 106), seu sonoro estilo cuja vernaculidade ressalta logo. Mário Teles de Oliveira “entregou-se” à revisão das páginas 115 até 208, bem como de todo o segundo volume. A esses três meus queridos Discípulos e admiradores do Muito Excelso Mestre PHILIPPE, expresso afetuosa gratidão e para eles peço a Benção do Amigo!

Quanto ao conteúdo e valor dos ensinamentos do M> PHILIPPE, não só desejo reservar-me comentá-los no segundo volume, como, a rigor, parecem tão singelos, ao mesmo tempo que dão majestosa impressão, que direi apenas: *depois de Jesus, é o MAIOR dos Grandes Seres que visitam esta Terra e cuidam desta Humanidade!*

E, para dar logo prova do afirmado, relatarei simplesmente o que houve em 23 de outubro de 1957, quando terminei a tradução do livro sobre a Sua vida e Seus ensinamentos. O fato que irei relatar ajusta-se aos ensinamentos numerados 84, 432, 436, sobre o raio e os terremotos, e dá logo uma idéia do imenso Poder do Mestre.

Eram três horas da manhã, pois, muito cansado por ter viajado guiando um jipe no dia anterior, não ouvira o despertador, levantando-me às 2:30, em lugar de 1:30, como fizera para toda esta tradução. Começou logo a chover.

Às três horas, pois, estava comendo mamão, antes de sentar-me para traduzir as últimas páginas deste livro. Ao longe, o trovão ribombava. Lembrei-me que o Mestre PHILIPPE tem *particular domínio* sobre o raio e pensei que aquela chuva e tormenta, após meses e meses de excessiva seca, eram sem dúvida, como em outras ocasiões que relatarei na segunda parte desta obra, um “sinal” Dele.

Mentalmente, pensei — não chegou bem a ser um pedido — como seria formoso se, para aprovar esta tradução, Ele fizesse cair um raio “quase” sobre o abrigo da nossa Ermida.

E, *imediatamente*, um raio magnífico cruzou o Vale da Paz, acendendo, com ruído seco, uma grande faísca dentro do próprio abrigo, onde eu escrevia, com intensíssima luz azul!...

Em seguida, o trovão formidável, Sua Voz!

Após isso, a tormenta afastou-se do Vale, sendo porém de notar que diversos Residentes, em edifícios diferentes do Vale, foram acordados *antes* desse Raio, sentiram que se relacionava com o Mestre e comigo, assim como perceberam um leve terremoto, fato também confirmado por fazendeiros vizinhos do Monastério<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Às páginas 3 e 4 do “Boletim Amo-Pax” (nº 3, de 1º de dezembro de 1957), foram publicados tais fatos místicos, na forma que reproduziremos a seguir:

“JESUS MIHI OMNIA: Na madrugada de 23 de outubro de 1957, quando Swamiji estava para escrever as últimas páginas da tradução do livro “O Mestre PHILIPPE”, esse MESTRE fez cair um Raio e se dar um ligeiro terremoto, em condições que o Prefácio do Livro expõe. Publicamos aqui algumas vivências de Residentes relacionadas com o fato:

Meditação de ISIS, 23-10-1957

“As últimas palavras de Swamiji trouxeram grande alegria ao meu coração, entrando em seguida em concentração e profunda oração de gratidão. Vi, acima da cabeça de Swamiji, luz de ouro que se foi juntando até formar uma formosa rosa de ouro; vivi então longa contemplação, enquanto mantramizava muito suave o AMO-PAX. Depois de certo tempo a rosa se transformou em potente Sol, cujos raios se estenderam por todo o Templo, ficou quase até o fim. Um suave arco de rosas muito formosas, unia as cabeças de Swamiji e Mãezinha. Alguns laços muito fortes. Profunda gratidão e felicidade interior”.

Meditação de Swâmi Sarvananda, 23-10-1957

“SDM com forte trabalho no Vishuda e suando. Dia com Japa. Trabalho: IJY e barracão em controle, alicerce latrinas e expediente. De madrugada estive acordado quando caiu o raio, tendo também sensação de leve tremor de terra, porém atribuindo-o ao forte choque do trovão. Profunda gratidão e alegria com a vivência de Swamiji. — Meditação: todo tempo pensando, com poucas palavras, no M.E.M. AMO, Daya e Swamiji. Pedidos e Japa”.

“Ashram, 23 de outubro de 1957. — Dentro do último tempo ousei fazer três vezes um pedido ao Mui Excelso Mestre AMO, tendo tido a felicidade de vê-lo cumprir-se dentro de prazo muito curto.

A primeira vez pedi Seu apoio para poder sentir amor por todos os meus irmãos humanos, indistintamente de simpatia pessoal ou não. Hoje não sei mais em que ocasião me foi dado vive-lo, tendo-se tornado isto um exercício contínuo.

Ele tinha vindo, assim, pôr o Seu ponto final nestas páginas!

Gratidão, pois, Reverência e Glória no Sétimo Céu, àquele que tem como Amigo Íntimo ao próprio Jesus, Nosso Senhor!

OM et AMEN!

AMO — PAX!

Rio de Janeiro, 16 de março de 1958

Sri Sevananda Swâmi

---

“Meu segundo pedido foi por mais e mais consciência, tendo recebido logo no outro dia uma bastante forte indicação através de Mãezinha, que me lavou a cabeça por causa do relaxamento no rego.

“A terceira vez foi agora, dia 22, querendo fazer um exercício de projeção de cores, vi surgir uma série de dificuldades, e na oração noturna fiz ardente apelo por ajuda. De noite não consegui dormir. O nome Louis-Claude de Saint Martin martelou-me a cabeça. E quando hoje de noite, na meditação, Swamiji falou da luz azul, que o relâmpago tinha produzido dentro da Ermida, senti-me muito emocionado, porque era esta a cor que eu tinha desejado. — Peregrino”.

“Ashram, 23 de outubro de 1957. — Senti grande alegria com as palavras de Swamiji sobre o livro do Maître Philippe.

“Hoje de madrugada, quando Peregrino e eu estávamos nos lavando, entre trovoadas e relâmpagos, senti o laço entre estes, a chuva, Mestre AMO, Swamiji e o livro. — Peregrina”.

## PRÓ OU CONTRA OS “CURANDEIROS”?...

O problema dos “curandeiros” está novamente na ordem do dia: campanhas da imprensa, processos ruidosos, debates públicos, filmes, etc., ocupam a atenção dos doentes e dos médicos praticantes ou de seus representantes oficiais. Numerosos são os escritos<sup>1</sup> consagrados à questão, a maior parte dos autores tomando, aliás, partido em favor dos curandeiros. Alguns médicos praticantes, aos quais realmente não falta coragem, pedem que se considere oficialmente a redação de um estatuto permitindo aos curandeiros dignos de tal nome o não mais serem considerados como pestiferados. Irá tal estatuto vir à luz?... Não é impossível. De qualquer maneira, a opinião pública começa a se comover, discussões animadas opõem os partidários e os adversários do fluido curativo do qual certas pessoas estariam dotadas. Creio, pois, que pode ser interessante esforçar-me por fazer, inicialmente, com toda a imparcialidade, uma situação do assunto.

Esta questão do fluido curativo é, aliás, das mais interessantes de se estudar, trate-se da imposição de mãos ou do “sopro vital” (*Prana* dos Hindus) ou de qualquer outro procedimento. Ela já foi objeto de numerosos estudos.

Um dos primeiros documentos que nos tenham chegado é um papiro descoberto nas ruínas de Tebas por Ebers, e que contém notadamente a frase seguinte: “Pousa a tua mão sobre ele (doente) e lhe diz: “que a tua dor se retire”.

No capítulo 151 do livro dos mortos (tradução Pierret) está escrito: “Eu coloco as mãos sobre ti, Osíris, para teu bem e para te fazer viver”.

“Esta terapêutica de forma mágica era freqüente na Antigüidade”, escreveu o Mestre Maurice Garçon, da Academia Francesa, acrescentando: “Acham-se numerosos exemplos. Muitos já tinham sido recolhidos no século XVIII e Prosper Alpini, no seu tratado de “Medicina Egyptorium”, publicado em Leyde, em 1718, expressa-se assim: “As fricções médicas e as fricções misteriosas eram os remédios secretos de que se serviam os sacerdotes para curar as doenças incuráveis”.

“A mão permaneceu o símbolo de uma força poderosa e misteriosa. Uma curiosa escultura gravada sobre um túmulo egípcio conservado no Louvre, mostra

---

<sup>1</sup> Incluindo teses de doutorado em medicina como, por exemplo, em 1954 os dois trabalhos seguintes apresentados perante a Faculdade de Paris:

“Os Curandeiros no sul do Poitou, na hora atual — Seu crédito, seus perigos”. Por Ch. L. FREREBEAU. — “Ensaio sobre os fatores de sucesso dos curandeiros”, pela Srta. GI. MEDINA.

uma cabeça cujo crânio prolonga-se em forma de braço e termina por uma mão. Parece que o artista tenha querido mostrar que o cérebro é um gerador de força da qual o braço e a mão são os transmissores... Plínio, o Naturalista, fala no livro 7, capítulo I, das pessoas que nascem com assombrosas propriedades religadas a certas partes do corpo; ele cita a título de exemplo, a Pyrrhus, que curava o mal do baço tocando ao doente com o polegar. Outra personagem curava pelo toque (manu imposta) as mordeduras de serpentes... Alexandre de Tralles, médico grego do século VI, e um dos últimos depositários dos mistérios antigos, praticava, a exemplo de Celso, as fricções e os passes. Mais tarde, o descobrimento da pedra imã trouxe luminosa ilustração das hipóteses antigas: era a prova palpável de um magnetismo na natureza”.

Haveria muitos outros nomes para citar; mas creio que pode-se dar logo um pulo no tempo, chegando logo a Mesmer que, doutor em Medicina pela Faculdade de Viena (tese em 1766 sobre a *Influência dos astros, dos planetas sobre a cura das doenças*) publicou em 1779, em Genebra, um memorial sobre o descobrimento do magnetismo animal que teve muita repercussão. Mesmer tinha tido a idéia de aplicar as leis de Newton à interpretação do magnetismo.

“Adiantei, escreveu ele, os princípios conhecidos da atração universal constatada pelas observações que nos ensinam que os planetas se afetam mutuamente nas suas órbitas, e que a Lua e o Sol causam e dirigem sobre o nosso globo o fluxo e refluxo no mar, assim como na atmosfera; adiantei, digo, que estas esferas exercem assim uma ação direta sobre todas as partes constitutivas dos corpos animados, particularmente sobre o sistema nervoso, mediante um fluido que penetra tudo”.

E Mesmer estabeleceu logo 27 proposições que são o fundamento de toda a sua doutrina, e que permanecem a base do magnetismo clássico.

Seu êxito foi considerável. Muito numerosas são as obras que reproduzem o relato de curas radicais operadas por ele mediante simples passes. Não obstante, a Faculdade de Paris condenou as proposições e até eliminou do quadro ao doutor d’Eslom, primeiro médico do conde d’Artois, irmão do rei, que delas tinha feito leitura pública.

Um dos procedimentos práticos empregados por Mesmer foi a sua famosa tina. Era uma caixa circular de carvalho, recoberta por uma mesa redonda formando tampa. A caixa continha água e, no fundo, uma mistura de vidro moído e de limalha

de ferro. A tampa era perfurada com buracos, pelos quais passavam varas de ferro ou de vidro, dobradas, indo a parte vertical mergulhar na tina, e a outra, horizontal, podia ser segurada pelos *sujets* a magnetizar. Ela era bastante comprida para ser tomada por diversas pessoas ao mesmo tempo. Diferentes filas de doentes situavam-se em torno à tina. Uma longa corda, partindo do reservatório, rodeava a cada paciente sucessivamente, fechando assim a corrente magnética animada por Mesmer. Segundo ele, o fluido magnético partia da tina, atravessava a cada doente, tornava ao ponto de partida e percorria indefinidamente esse circuito. Havia quatro tinas das quais uma era gratuita, porém quase deserta, afluindo a multidão em torno às outras três! A esse respeito, o saudoso René Trintzius relata, em seu livro sobre *As curas supranormais*, que alugava-se acomodação com antecedência, como na Ópera, e que convidava-se aos amigos com recados no gênero deste: “Virá hoje à noite conosco? Já tenho a minha tina”. E houve centenas de curas.

Porém, se Mesmer tinha numerosos amigos, era também alvo de ataques mais ou menos violentos por parte daqueles que não acreditavam na existência do fluido. Por isso, embora a Corte lhe houvesse concedido uma pensão de 20.000 libras, ele deixou por primeira vez Paris. Os seus amigos abriram então uma subscrição que elevou-se à soma considerável de 343.764 libras em 1785! Posteriormente, Mesmer regressou a Paris, fundou um novo curso e formou 140 discípulos. Novamente exposto aos sarcasmos e às perseguições, foi para a Itália, logo Alemanha, voltando de vez em quando a ver os discípulos. Faleceu em 1815, tendo dado à teoria do magnetismo animal a sua forma definitiva. Uma bela obra lhe foi dedicada, há poucos anos, por um chefe de clínica da Faculdade de Paris, o erudito Dr. Vinchon, neuro-psiquiatra de nomeada que, por outra parte, em colaboração com o Mestre Maurice Garçon, publicou um muito curioso estudo sobre o *Diabo*. É agradável verificar que duas personalidades do mundo médico como o Dr. Vinchon e o saudoso Prof. Levy-Valensi, que prefaciou o livro consagrado a Mesmer, não hesitaram em ressaltar o valor dos trabalhos de Mesmer, embora este fosse fortemente criticado por numerosos representantes da medicina oficial.

Após Mesmer, cabe citar o Marquês de Puységur, que foi seu discípulo assíduo e seu continuador, logo Deleuze, bibliotecário do “Muséum”, de 1815 a 1835, logo o

barão du Potet de Sennevoy, que, aos 24 anos, quando estudante de medicina, fez em 1820, experiências públicas e famosas no Hotel-Dieu<sup>2</sup>.

Até a sua morte, em 1881, du Potet não cessou de tratar pelo magnetismo. O continuador de sua obra foi Lafontaine.

Se as autoridades médicas já punham em dúvida a existência do fluido magnético de Mesmer, e dos seus discípulos, tal não acontecia com eminentes representantes do Clero. A esse respeito, Mestre Maurice Garçon que, tendo tido de tomar a defesa de certo número de “curandeiro”, publicou sobre a questão diversos trabalhos de suma importância, ressalta (em uma muito interessante brochura intitulada “O magnetismo perante a lei penal”), que, numa conferência feita em Notre-Dame de Paris em 6 de outubro de 1846, Lacordaire fez uma profissão de fé que não podia deixar dúvida alguma sobre a sua verdadeira opinião:

“As forças ocultas e magnéticas, das quais se acusa ao Cristo de ter-se apossado para fazer milagres, eu as citarei sem temor e poderei delas me livrar facilmente, já que a ciência não as reconhece e até as prescreve. No entanto, prefiro obedecer à minha consciência do que à Ciência. Invocais forças magnéticas? Pois bem! Eu creio nelas sinceramente, firmemente. Eu creio que os seus efeitos foram verificados, embora em forma ainda incompleta e que provavelmente sempre o será, por homens, instruídos, sinceros, cristão até. Creio que estes fenômenos, na grande maioria dos casos, são puramente naturais. Creio que o seu segredo jamais esteve perdido sobre a Terra, que ele foi transmitido de idade em idade, que ele originou um sem-número de atos misteriosos cuja trilha é fácil seguir, e que hoje apenas deixou a sombra das transmissões, subterrâneas, porque o século precedente foi marcado na testa com o signo da publicidade”.

\* \* \*

Em sucessivas oportunidades, as autoridades médicas oficiais tiveram que tratar da delicada questão do magnetismo que fora por elas condenado em vida de Mesmer, como vimos precedentemente, porém também após a sua morte. Em 1825, uma comissão de nove membros cujo relator era o Dr. Husson, tinha sido designada pela Academia de Medicina. As conclusões desta Comissão foram as seguintes: “A

---

<sup>2</sup> Essas experiências tiveram lugar com a autorização do Dr. Husson, médico-chefe. Elas foram, em conjunto, dos mais interessantes, e prova disso está que o Doutor Récamier, uma das celebridades médicas da época, respondeu a Du Potet, que lhe pedia sua opinião: “Eu não estou convencido, mas estou abalado”.

comissão recolheu e comunicou fatos bastante importantes para pensar que a Academia deveria encorajar as pesquisas sobre o magnetismo como um ramo muito sério de psicologia e de história natural”. Porém essa opinião não foi levada em conta... Em 1837, novas experiências e novo fracasso perante a sábia Assembléia.

Longe de mim a idéia de pôr em dúvida a boa fé e ardente desejo de servir dos Membros da Academia de Medicina dessa época, assim como a boa fé e a dedicação dos sábios em geral, porém creio interessante deixar constância, aqui, de alguns pronunciamentos dados por personalidades do mundo científico sobre outros descobrimentos, pronunciamentos esses que não deixarão de surpreender a certo número de leitores: é o caso, por exemplo, do químico Beaumé, membro da Academia de Ciências, que ergueu-se contra “arrazoados absurdos, para não dizer mais”, de Lavoiser! No que se refere a Guy Patin, decano da Faculdade de medicina de Paris, ele não hesitou em emitir o pronunciamento definitivo que segue, sobre o descobrimento da circulação do sangue pelo médico inglês William Harvey, nascido em 1578 em Folkestone<sup>3</sup>: “*Descobrimiento paradoxal, inútil à medicina, falso, impossível, ininteligível, absurdo, nocivo à vida do homem*”. Sem comentários... Anotemos, “em passant”, que Descartes no seu “Discurso do Método” (1636) bem como em diversos outros escritos, no que concerne ao “percurso circular”, e Molière (em 1673), e Boileau (em 1675), e La Fontaine (em 1682) tinham defendido idéias “revolucionárias” sustidas por Harvey contra a onipotente faculdade de Paris. Foi assim que La Fontaine versificou sobre o tema da circulação do sangue:

*Duas portas estão no coração; cada uma tem sua válvula,  
O sangue, fonte da vida, é por uma delas introduzido.  
A outra: bedel permitindo que ele sai e circula  
Das veias, sem cessar, às artérias conduzido.  
Quando o coração recebeu, o calor natural  
Dele forma espírito, ao que chama de animal.  
Assim como num cadinho, mais raro é tornado;  
O mais puro, o mais vivo, o mais qualificado  
Em átomos — extraído — da massa toda se desagrega,  
Exala-se, finalmente sai, pelo restante sugado.  
Esse resto torna a entrar, tornando a ser depurado.  
O quilo sempre matéria sobre matéria agrega,  
Etc...*

Devemos anotar também que o rei Luís XIV, então com 35 anos de idade, tinha resolvido, em 1671, ressuscitar no “Jardim do Rei” (o nosso atual “Jardim das Plantas”) uma cátedra de anatomia, outrora suprimida pela hostilidade da

---

<sup>3</sup> W. HARVEY, *Exercitatio anatomica de motu Cordis et Sanguinis in Animalibus* — 1ª edição — Frankfurt (1682).

Faculdade, e de confia-la ao jovem Pierre Donis para que lá ensinasse “a nova anatomia segundo a circulação”.

Estes pormenores são dados pelo doutor L. Chauvois, de Paris, que, na *Presse Médicale*, de 11 de setembro de 1954, dedicou muito notável artigo “às vicissitudes pelas quais teve de passar o admirável “Ensaio” de Harvey antes de obter crença geral, rude batalha que levou mais de um século para pulverizar aos últimos oponentes”! Esse artigo, rico de excepcional documentação, tem por título: “Molière, Boileau, La Fontaine e a circulação do sangue”.

Todos lembram também o incidente violento que marcou a apresentação do fonógrafo perante a Academia das Ciências em 11 de março de 1878: um dos membros dessa sábia assembléia clamou ser impostura e quis esbofetear o apresentante (Mr. Beet, delegado de Edison) a quem considerava simplesmente como um ventríloquo! quando se fez a prova da realidade do invento, causou delírio<sup>4</sup>.

Com du Potet, o magnetismo tivera arquivos e jornal próprio: *O Jornal do magnetismo*. Hector Durville reiniciou tal publicação em 1878. Um congresso do magnetismo reuniu-se em Paris, em 1889. Quatro anos mais tarde, Hector Durville abriu uma “Escola de magnetismo e de massagem” da qual uma filial foi logo dirigida em Lyon pelo Mestre espiritual de Papus, M. PHILIPPE, o taumaturgo que foi

---

<sup>4</sup> Na conclusão da sua notável e bem recente obra publicada por Denöel e intitulada *Quando a Medicina cala*, o Sr. Robert Tocquet, professor de ciências físicas, membro do Comitê do Instituto metapsíquico internacional, fez questão de dizer entre outras considerações:

“A metafísica teve de lutar contra o ostracismo desses pretendidos racionalistas que, *a priori*, isto é, sem prévio exame, rejeitam os fenômenos supranormais porque não se enquadram com as suas idéias preconcebidas, seguindo assim, pela sua forma de pensar e atitude, a trilha de ilustres predecessores ou de dotas assembléias: de Guy Patin, decano da *Faculdade de Medicina de Paris*, que qualificou a circulação do sangue, descoberta por Harvey, de “paradoxal, inútil à medicina, falsa, ininteligível, absurda, nociva à vida do homem”, da *Royal Society* que taxou de “fantasia, equívoco, hipótese infecunda e ficção gratuita, emanando de um cérebro estéril”, à teoria das ondulações luminosas de Thomas Young, dessa mesma Sociedade que recusou a publicação do mais importante memorial do célebre Joule, fundador, com Mayer, da termodinâmica; do físico Babinet do *Instituto*, examinador na *École Polytechnique*, que escreveu que “a teoria das correntes pode dar provas, sem réplica, da impossibilidade de uma transmissão de eletricidade por cabos”; de Bouillaud, do *Instituto*, que, no decorrer da apresentação do fonógrafo por Du Moncel na *Academia das Ciências*, precipitou-se sobre o representante de Edison, e agarrou-o pelo pescoço exclamando: “Miserável! Não seremos logrados por um ventríloquo”, etc., etc. As fobias antimetapsíquicas de muitos pensadores contemporâneos nos parecem aliás simplesmente passarem excessivamente perto da má fé e precisarem freqüentemente da psicanálise ou até da psiquiatria. A impermeabilidade a toda argumentação racional e a toda evidência experimental, quando aplicadas à metafísica, é o signo de um “complexo” e obra de uma “censura” subconsciente. O rejeitar de tudo paranormal, por tais espíritos, às vezes cultos, tornou-se nitidamente um *Credo*, ou, como diz com muita pertinência Gabriel Marcel, um dogma de “bien pensants scientifiques” (fiéis ao dogma científico). Esses “devotos da Ciência” (sendo ela uma mera criação humana), bem como muitos crentes, em geral, são essencialmente medrosos ou preguiçosos que temem ver-se na penosa obrigação de reconstruir o seu edifício intelectual que data de tempos longínquos e superados dos Haeckel e dos Lê Dantec, ou que até se imaginam, mais ou menos confusamente, que aceitando na ordem biológica e psicológica aquilo que, em falta de termo mais apropriado, chamamos provisoriamente de paranormal, achar-se ao, *ipso facto*, levados a admitirem os dogmas de tal ou qual religião que estimam terem rejeitado, outrora, uma vez por todas, num grande impulso de racionalismo que, aliás, pode ser legítimo.

venerado pelos humildes como pelos grandes da Terra, de cujo tema nos ocuparemos documentalmente, adiante.

Cabe assinalar aqui, por outra parte, que por ocasião do processo intentado, em 1912, a um grupo de magnetizadores — entre os quais Hector Durville — o Ministério público (M. Dayras) ponderou: “Não pomos em dúvida a existência do magnetismo”. E Maître Aulard (advogado do Sindicato dos médicos) deu a confirmação seguinte: “O 13º congresso de medicina legal disse do magnetismo que ele é um agente terapêutico poderoso, que o seu emprego por pessoas não munidas do título de doutor em medicina constitui conseqüentemente exercício ilegal de medicina”.

O magnetismo não seria então, contrariamente ao que alguns pensam, uma simples “visão do espírito”?

Há um fato, isto é, que na sua imensa maioria, os representantes da medicina oficial, da medicina clássica ainda chamada de “alopatia”, desconfiam tanto do magnetismo quanto dos magnetizadores ou outros “curandeiros”, mesmo quando estes não são chalatães. As objeções habituais feitas aos “curandeiros” que tenham no seu ativo alguns êxitos são as seguintes:

1º. O diagnóstico da doença estava errado.

2º. A doença sumiu sozinha.

3º. A cura é só aparente, e tal efeito temporário deve-se apenas à simples sugestão.

Se eu fiz questão de deixar constância desses três argumentos que, muitas vezes, são justificados, — embora isto desagrade a certos partidários ou defensores dos “curandeiros” — convém entretanto não generalizar, e saber dar mostra desse “fair-play” prezado pelos sportistas. Há, efetivamente, casos indubitáveis nos quais tais objeções não cabem. Felizmente, todos os médicos não são adversários dos curadores dignos deste nome, nem se opõem a fazer experimentação neste curioso domínio. Assim é que cabe citar, entre outras, as experiências feitas há poucos anos pelo Dr. Favory, **oftalmólogo** dos hospitais de Paris, e pelo Dr. Morlaas, ex-chefe de clínica na faculdade, que estudaram muito de perto no hospital Trousseau, curas oftalmológicas paranormais. Tratava-se de crianças vindas a consulta por diversos vícios de refração. Elas foram tomadas, ponderou o Dr. Favory, sem escolher entre os doentes antigos e consulentes novos. Em cada um deles, acresce o Dr. Favory, a

refração foi determinada após atropinização, exame de esquiascopia e com oftalmômetro de Javal.

A experimentação abrangeu em total a onze crianças. *TODOS foram melhorados*, dos quais sete em grau superior aos outros. No seu relatório, os doutores Favory e Morlaas escreveram: “As crianças que observamos eram todas portadores de vícios de refração verificados com exame objetivo e com mensuração dos raios de curvatura da córnea pelo oftalmômetro. Este tratamento pela energética humana foi aplicado na consulta do hospital Trousseau, sob a nossa fiscalização, por uma pessoa que o tinha experimentado sobre outras afecções. Ela estava desejosa, por questão de objetividade, de praticá-lo sobre doenças cujas modificações fossem mensuráveis. A determinação da acuidade visual pelas escalas de letras ou de signos preenche tal condição”. Eis aqui os resultados registrados:

Caso nº 1: Melhoria da acuidade visual em quase 3/10°; pouca modificação no estrabismo.

Caso nº 2: Miopia importante de 3 dioptrias. — Melhoria da acuidade visual até 6 e 7/10°. — Supressão da correção ótica.

Caso nº 3: Melhoria da acuidade visual, reconduzida À normal. Supressão da correção ótica.

Caso nº 4: Melhoria da acuidade visual. Estrabismo convergente pouco modificado.

Caso nº 5: Melhoria notável da acuidade visual. Supressão da correção ótica.

Caso nº 6: Hipermetropia e astigmatismo nítidos. Melhoria da acuidade visual. Estrabismo pouco influenciado. Supressão da correção ótica.

Conclusão dos dois observadores: Os resultados têm-se mostrado bastante rapidamente em todos os casos, e parecem ter-se mantido até a data. O estrabismo foi pouco ou não influenciado. Em contraposição, foram obtidos resultados satisfatórios em todos os vícios de refração, em particular nos astigmatismo. Em caso nenhum temos observado modificações morfológicas do globo ocular.

Convém ressaltar que a duração de aplicação do fluido humano era somente de 2 minutos e que não havia senão suas sessões de 2 minutos por semana para cada uma das crianças.

Outra observação: a pessoa tendo assim aceito experimentar sob controle científico não era outra senão a esposa de um importante diplomata estrangeiro, embaixador de uma grande nação em Paris. Não podia pois tratar-se, para esta

Lady, de tirar o menor proveito material da utilização deste dom. Ela realizou, aliás, também outras curas cientificamente controladas, e que foram relatadas nos *Archives Hospitalières*. Tratava-se, agora, de afecções dermatológicas cujas observações foram apresentadas pelo doutor Morlaas perante a sociedade médico-cirúrgica dos hospitais livres (4 de julho de 1938). Outros resultados, surpreendentes para os seguidores do positivismo, foram registrados com outros doentes, dos quais um, atingido de seqüências poliomiélfíticas, foi objeto de uma apresentação perante a sociedade médico-cirúrgica dos hospitais livres, pelos doutores Trémolières e Morlaas (sessão de 3 de março de 1939). Em três meses e meio de cura magnética comportando 30 sessões, o doente, constantemente observado pelos médicos, na cessou de beneficiar-se com melhorias notáveis tanto quanto de admirar com este tratamento, com esta “terapêutica” de novo gênero!

Numerosos são agora aqueles que, sem preconceito, estimam que o fluido humano é uma realidade. Em um artigo documentado sobre “a detecção das doenças na mão”, M. de Saint-Savin, que estudou particularmente todas estas questões, lembra que o corpo humano está imerso noutro corpo ao qual deu-se o nome de *aura*, e que os dedicados às ciências ocultas chamam de *astral*. Certos seres, dotados para a vidência psíquica, estão em condições de perceber diretamente tal aura e podem descreve-la; porém, segundo uma obra do erudito e tão saudoso doutor Béliard, existe um meio químico ajustado pelo inglês Walter Kilner, membro do Real Colégio dos físicos de Londres, e que permite, na penumbra e colocando a pessoa ante um fundo preto, perceber essa famosa aura! Distinguir-se-ia três zonas:

a) Um círculo escuro ou “duplo etérico”, junto aos contornos do corpo; b) Uma aura interior sem cor própria, de 3 a 8cm de largura, de orla dentada; c) Uma aura azulada, ovoidal, que se funde no espaço em tonalidades progressivamente atenuadas (degradé).

O meio químico em apreço consiste em examinar o interessado através de um recipiente contendo uma solução de dicianina (derivado do alcatrão de hulha). Porém, Hofmann pretende tratar-se apenas, de auto-sugestão ou de fadiga retiniana?

A maior largura da aura teria lugar, no homem, na cabeça, e na mulher núbil, na bacia. As aplicações elétricas provocariam uma contração dessa atmosfera luminosa; os agentes químicos a fariam mudar de cores; finalmente, as doenças

nervosas a deformariam. Outro pormenor dado pelos autores supracitados: manchas apareceriam ao nível dos órgãos doentes. E o Sr. De Saint-Savin faz a observação seguinte: “Estas manchas parecem ser portas abertas pelas quais o fluido vital ou animal do doente fugiria do seu corpo. São precisamente essas manchas que é possível sentir materialmente e sem erros, com certa sensibilidade, e certo treinamento. Se passarmos a mais sensível das duas mãos, sem tocar no doente, a 2 ou 3 centímetros do corpo, muito lentamente, e sempre à mesma distância aproximada, sentir-se-á muito nitidamente uma sensação ao passar sobre a mancha da qual falei acima”.

Há, pois, ali um fenômeno curioso que os médicos bem deveriam experimentar. Um treinamento constante deve, efetivamente, permitir o desenvolvimento em boas condições dessa sensibilidade especial. Há disto alguns lustros, tendo tido a honra de ser recebido, em Bordéus, pelo saudoso doutor Maxwell (antigo Procurador da República em Bordeaux) tive a oportunidade de verificar um fluido que desprendia-se dos seus dedos, que eram compridos e finos.

Não se poderá fazer eventual aproximação entre a aura, o duplo apontado por certos psíquicos e outros experimentadores espiritualistas e os “membros fantasmas” dos quais certos amputados dão constância?

Em um artigo documentado publicado em dezembro de 1948, o jornal médico “*Saúde Pública*” assinalou que, em 300 prisioneiros de guerra tendo sofrido alguma amputação maior, 2% somente estavam livres dessas sensações de terem conservado um membro invisível. A *Presse Médicale* de 17 de abril de 1943, também, relatou o caso de um amputado da mão e antebraço que, algum tempo após a amputação, sentiu sucessivamente tornar a crescer o antebraço, a mão e logo os dedos, e, às vezes, tinha a visão completa dos segmentos amputados.

Em dezembro de 1947, o *Concours medical* registrou, entre outros trabalhos, um relatório apresentado ao congresso francês de cirurgia pelos doutores Padovani e Mensuy sobre “côtos dolorosos dos membros”. Segundo estes dois autores, a sensação penosa da presença do membro ausente persiste a miúdo. Nem sempre dolorosa, ela obceca, contudo, ao ferido ou doente e atenua-se geralmente com o tempo. Mais freqüente no membro superior do que no inferior, não parece porém que ela desapareça completamente.

É fato que a medicina oficial não comparte absolutamente, com relação aos “membros fantasmas”, o ponto de vista dos ocultistas. Ela procura a explicação

destes curiosos fenômenos, não na existência de um duplo astral, mas numa excitação dos centros nervosos. A ciência oficial nega a existência deste corpo astral, querido pelos ocultistas e que, segundo Papus, tem tríplice função: 1º Ele une, por dupla polarização, o corpo físico ao espírito; 2º Ele é o obreiro oculto cumprindo as funções da vida vegetativa e conservando ao corpo material, que mantém e repara incessantemente, sua forma, apesar da morte contínua das células físicas, e a sua harmonia funcional, apesar da doença e das imprudências; 3º Finalmente, ele pode irradiar em torno ao indivíduo, formando uma espécie de atmosfera invisível, chamada “aura”, e pode até exteriorizar-se inteiramente.

Para mim, o fluido existe sem dúvida alguma; ele é uma realidade, tal como o pensamento a cujo serviço acha-se, pensamento este que é uma força real e que tem sido registrada sobre chapas fotográficas por experimentadores, como por exemplo, o Comandante Darget ou o Doutor Beraduc. Os trabalhos do comandante Darget foram, aliás, objeto de uma comunicação à Academia das Ciências no decorrer da sessão de 14 de fevereiro de 1898.

Procurou-se, efetivamente, controlar as emissões fluídicas *pela fotografia*. No que concerne ao Comandante Darget, ele rodeava uma chapa fotográfica com um papel impresso ou manuscrito, logo com papel preto, finalmente com um papel qualquer, e aplicava o conjunto durante uma hora aproximada sobre a testa ou epigastro de um *sujet*. A chapa, quando revelada, reproduzia a escritura impressa, ou manuscrita, do revestimento, prova de uma irradiação para o autor da experiência... Simples decalcomania, ação química do calor e da secreção sudoral para os seus críticos.

No hospital de la Charité, no lugar do qual ergue-se hoje a nova e moderna faculdade de Medicina de Paris, o doutor Luys, um dos “grandes chefões” médicos de Papus, aplicava, durante 20 minutos, a face palmar dos seus dedos sobre uma chapa de gelatino-bromuro mergulhada em um banho de hidroquinona, dentro do laboratório iluminado com luz vermelha. Na revelação, as impressões dos dedos apareciam rodeadas por uma auréola. O radiografista Brandt verificou aparecimento de auréolas apesar da filtragem rigorosa dos banhos, o que infirmava a explicação dada pelo senhor Professor Adrien Guehard opinando que ditas auréolas eram devidas a depósitos turvos no líquido do banho em repouso. Diversos experimentadores esforçaram-se por eliminar as causas de erro, podendo provir, por exemplo, da atividade secretiva, do desprendimento calorífico e elétrico da mão. Os

resultados registrados foram dos mais interessantes. Os experimentadores têm verificado que as imagens efluviográficas variavam de intensidade segundo a hora da pose, a força do *sujet*, seu estado de saúde ou de emotividade. As doenças, a febre, as tornam menos nítidas, e a mão de um morto não as produz. Porém como estes experimentadores são sábios dignos deste nome, portanto pesquisadores imparciais, eles pontualizam que, se a mão de um cadáver for aquecida convenientemente, dá, também ela, efluviogramas!<sup>5</sup> Convém aqui citar, entre outros experimentadores, Camile Chaigneau, Colones, Adrien Majenski, Gabriel Delanne, o doutor Betholet que, em 1927, com Mme. Issaeff, magnetizadora, não obteve apenas as tênues auréolas contornando a imagem das extremidades digitais, mas todo um sistema figurado de *linhas de força* irradiando dos dedos como uma cabeleira luminosa.



Em outra série de experiências, empenharam-se em obter a prova mecânica das “radiações vitais” por meio da movimentação de objetos materiais inertes, porém os resultados registrados não parecem ter sido muito demonstrativos, se quisermos manter a estrita imparcialidade que deve presidir à busca científica. Tais experiências devem pois ser retomadas, prosseguidas, aperfeiçoadas.

Seja como for, o pensamento e o fluido são, no meu entender, realidades, porém nem toda gente está em condições de ser um poderoso aparelho emissor ou registrador sensível, como é o caso de certos *sujets* particularmente dotados, tanto mais quanto a arte ou o dom de curar, segundo se trate do médico ou do curador, não pode realmente manifestar-se com todas sua potência senão quando o médico ou o curador digno de tal nome tem, no coração, sincero amor pelo semelhante.

\* \* \*

Convém, por outra parte, assinalar aqui que o grande público tem realmente excessiva tendência a tornar mínimo o papel médico, a subestimar a ciência e até o devotamento dos praticantes e a revestir aos “curandeiros” de todos os dons, de todas as virtudes! Para ele, o médico é antes de tudo um diplomado, enquanto o

---

<sup>5</sup> Porém, aconteceria o mesmo, utilizando o corpo, conservado, de um *sujet falecido há numerosos meses?* (Ph. E.)

“curandeiro” é uma lenda, daí a maior simpatia para este do que para aquele. Que erro, entretanto! Acrescentarei a isto que esse mesmo grande público nunca deixa de ressaltar os fracassos dos médicos e de esquecer os êxitos obtidos graças à sua ação<sup>6</sup>. Em contraposição, ele mostra-se de rara discricção sobre os erros cometidos pelos “curandeiros”. Bem recentemente ainda, a imprensa apontava o caso seguinte: A morte de uma menina à qual um pretense curador havia assistido após mandar suprimir o tratamento prescrito pelo médico da família, coisa simplesmente criminosa. Pois bem! Pode-se ter a certeza de que os clientes habituais desse charlatão, desse **pseudo-curador**, nunca tomarão conhecimento dessa morte.

Ser-me-ia fácil citar outros casos (apendicites, tétanos, diabete grave, tumores malignos) em que, pelo fato de diagnósticos fantasistas, tão errados quanto ridículos, dados com segurança por curandeiros incompetentes, um tempo precioso foi perdido. Ora, todos sabem que, no domínio do câncer, por exemplo, *cada dia perdido no tratamento é uma oportunidade de cura afastada*. Convém, pois dar mostra de reserva com relação às múltiplas curas de “câncer”, de “tuberculose” e outras afecções bem caracterizadas, das quais certos “para-médicos” mais ou menos qualificados dão conta. Cabe, neste delicado domínio, não desfazer-se de extrema prudência, apelar para os recursos da medicina e do laboratório para estabelecer um diagnóstico de base realmente sério, e não confiar só nas afirmações, por peremptórias que sejam, do “pendulizante” ou do médium-curador, seja qual for a sua boa fé.

---

<sup>6</sup> Cabe, efetivamente, render pública homenagem à ação médica propriamente dita na luta travada, por exemplo, contra a tuberculose e outras afecções graves que foram responsáveis por tantas mortes e que, agora, são bem menos temíveis. É dever nosso não esquecer tudo quanto a humanidade sofredora deve ao corpo médico, à sua ciência, ao seu devotamento, ao seu altruísmo, o que excessivos sonhadores se comprazem em ignorar voluntariamente, coisa inadmissível! Provas? Elas são cômodas de fornecer: Em 1950, houve, na França, um total de 526.000 óbitos, dos quais 23.000 apenas foram causados pela tuberculose. Em 1953, a cifra dos óbitos devidos à tuberculose caiu para 18.629. Em 1907, contrariamente, houvera 90.048 óbitos de tuberculose. A Organização Mundial da Saúde lembrou que em 15 anos a mortalidade por tuberculose baixou de quase 50% e que, desde 1950, 434.000 vidas humanas foram salvas pelas terapêuticas novas. Foi após longa investigação feita em 21 países, sobre 404 milhões de habitantes que a O.M.S. revelou estes resultados sensacionais. Não poderíamos deixar de pôr também em relevo a ação médica nos resultados obtidos no domínio da mortalidade infantil, que caiu de 108% em 1945 para 46% em 1951 e que, em vinte anos, baixou 44% na França apenas, que ocupa o nono lugar nos países da Europa ocidental, se classificados por índice decrescente de mortalidade infantil. Há também as doenças venéreas, nas quais a medicina realizou prodígios; ainda temos essas outras afecções como a tifóide, o sarampo, a tosse convulsa, a difteria, a escarlatina, por exemplo, cujos casos e perigos foram reduzidos consideravelmente graças à ação médica e só a ela, a ponto tal que, na França, só houve a lamentar, em 1943, 43 óbitos pela escarlatina e 191 pela difteria. Em 1953, computaram, na França, as cifras seguintes, sempre com relação a óbitos: tifóide (129), sarampo (160), tosse convulsa (339), difteria (119), escarlatina (20). São as doenças do coração (94.488 óbitos em 1953) e as afecções cancerosas (72.916 óbitos em 1953) que, hodiernamente, causam, infelizmente!, o maior mal, porém, ali também, não se deve duvidar do provir e cumpre ter confiança no corpo médico, cuja dedicação e ciência não podem e não devem absolutamente ser negados por nenhum observador ou nenhum crítico de boa fé.

*Diagnóstico de fantasia, cessação do controle e do tratamento médicos, tempo perdido*, essas as três pesadas culpas que podem ser particularmente prejudiciais à saúde dos doentes e *que devem ser severamente punidas*. Nenhum crítico de boa fé poderá reprochar ao corpo médico pedirem a justa punição dos chalatães que, abusando da confiança do grande público, causam tais estragos. Não é, contrariamente ao que alguns pretendem, uma questão de baixos interesses materiais a que se acha na origem das ações judiciais intentadas pelos representantes oficiais do coro médico, mas sim o desejo, a vontade de proteger a coletividade contra os chalatães da saúde. Existem assim milhares de chalatães contra cujo comportamento temos o dever de nos erguer...

Creio, entretanto, e sinceramente, que existem alguns raros “curadores” dignos deste nome, e que porém não possuem os pergaminhos oficiais. É neles que penso quando me pergunto se não caberia, no interesse de todos aqueles que sofrem, considerar-se uma espécie de união fraternal com o corpo médico, ficando bem entendido e admitido que, *unicamente, o médico é quem tem qualidade para formular um diagnóstico e conduzir um tratamento, a ação do curador vindo apenas somar-se à do praticante e isso, em pleno acordo com ele e sob seu controle*.

Como bem acentuou o Dr. Agarrat em um artigo publicado por *Iê Monde* no mês de dezembro de 1950: “Uma boa parte da clientela dos curandeiros é provida pelo que os médicos chamam “os funcionais”: nenhuma perturbação orgânica, nenhuma lesão anatômica são achadas neles, porém a carburação não se faz bem, a chispa surge a contratempo; trata-se essencialmente de um desajuste do simpático. O choque emotivo, seja qual for o seu instrumento, tem grandes probabilidades de êxito em tais doentes”.

Está fora de dúvida que, dado o gosto acentuado, do grande público, pelo mistério e para com o maravilhoso, certos curadores beneficiam (além de uma eventual ação fluídica) de uma possibilidade de ação benéfica e rápida. Alguns irradiam (como também é o caso de numerosos médicos praticantes) de uma simpatia salvadora, donde o interesse em uma simbiose, em uma união entre os médicos e os curadores sérios. O curador digno deste nome seria um adjunto eventual no caso em que o médico, e só *ele*, julgasse útil completar a terapêutica clássica por outro procedimento e isto, sob a sua vigilância, sob o seu controle.

Há poucos lustros, a homeopatia não gozava realmente de muito particular estima por parte dos detentores da medicina oficial e, contudo, essa disciplina

terminou obtendo, senão completa justiça, pelo menos um *modus vivendi* aceitável. É verdade que ela é praticada por doutores em medicina, nem por isso, no entanto, deixa de haver ali um ensinamento a lembrar. A ciência oficial não poderá sempre limitar-se às antigas concepções; ela não poderá sempre negar aquilo que não pode ainda explicar. Como bem dizia o saudoso professor Charles Richet Pai, membro do Instituto, prêmio Nobel de Medicina, professor de fisiologia na Faculdade de Medicina de Paris, com relação aos fenômenos da metapsíquica: “Não há ali nada absurdo; apenas há o desacostumado, o inabitual”.

Creio, pois, em sua consciência, que convém não dar mostra de um ceticismo muito acentuado para com tudo quando concerne a estas questões de fluido, magnetismo, já que o estado atual dos nossos conhecimentos não nos permite — realmente — negar *a priori*.

Não se pode deixar de aplaudir a coragem e bom senso do Sr. Professor Pierre Joannon, titular da cátedra de higiene e de medicina de Paris, quando proclama, em notável pequenina obra dedicada ao “Etismo” e publicada em fevereiro de 1952<sup>7</sup>: “Se certos doentes não podem curar ou serem aliviados a não ser pelo emprego de certos métodos considerados hoje como heréticos, irão continuar privados dessa proteção? Pode esse desumano veto durar? Pensando na miséria corporal ou mental de tantas pessoas, e na liberação que necessitariam, pode-se continuar a intrigar ou a brigar, pensar em ocultar-se, em procurar honras ou empregos? Não estará o dever, até expondo-se a golpes, em obedecer às regras do etismo, em trabalhar pela união e em nada negligenciar para que cada um tenha todas as oportunidades possíveis de recobrar vigor e confiança?... Já não queremos ignorar sistematicamente a meios terapêuticos dos quais observadores, que parecem probos e sagazes, afirmam serem benfazejos. Queremos que o valor fundamental das suas crenças e suas declarações seja reconhecido ou negado, após pesquisas conscienciosas. Nós não queremos que a esse controle correto, unicamente dirigido para os resultados, se substituam indefinidamente uma rigidez conformista, um desprezo injustificado, uma hostilidade quase pueril — no sentido patológico da palavra — esteados em argumentos irrisórios, um dogmatismo meloso e hipócrita, ou francamente feroz, uma tirania. Nós queremos denunciar o que há de tolo e mau

---

<sup>7</sup> Peyronnet, editor, 33, rue Vivienne, Paris.

nesta atitude absolutamente contrária ao espírito científico e nocivo ao progresso, sem esquecer que, acima de tudo, são os doentes que com isso padecem”.

Impossível, também, deixar de aprovar ao Sr. Pierre Audiat quando escreve (*Lê Monde*, de 18 e 19 de janeiro de 1950) sob o título “Ordem e desordem”:

“Os processos que com inflexível perseverança intenta a ordem dos médicos contra os curadores não patenteados, não têm, reconheçamo-lo, muito boa acolhida junto ao público. Sem falar dos “curadores” cujo fanatismo poderia leva-los ao martírio, e que estão prontos a provar a sua ressurreição morrendo pelos seus salvadores, os indiferentes e os cétricos se admiram de semelhante encarniçamento contra os cavalheiros do pêndulo ou do magnetismo animal, que, se não fazem bem, parecem incapazes de fazer mal. Eles inclinam a pensar que os rigores da lei deveriam estar reservados aos que empregam terapêuticas nocivas. E possivelmente nocivas porque a Natureza, para nos curar, aceita gentilmente o auxílio da *aqua simplex* e do *pó de perlimpinpin*”.

“A ordem dos médicos está contudo não apenas em seu direito, mas dentro da lógica, perseguindo o irracional, que se tolerado invadiria a ciência por inteiro e a faria ruir. Porque se não existe nenhum laço, visível ou concebível, entre a causa e o efeito, se uma cura não pode ser “raciocinada”, explicada, demonstrada, a ciência oficial está fadada à desordem e desliza para a bruxaria”.

“Contudo, se me achasse no lugar da ordem — se for permitido expressar-se assim — Ressentiria um escrúpulo: embora esteja despercebido ainda, o laço racional existe quiçá; assim como os alquimistas tinham pressentido relações que os químicos descobriram muito mais tarde, não é impossível que os curadores utilizem, empiricamente, forças que manejaremos cientificamente em dia longínquo”.

“Eis porque, em lugar de banir aos curadores da cidade e de atar-lhes — é uma imagem — as mãos, a ciência oficial deveria, parece, submetê-los a uma observação atenta, Concebe-se muito bem que laboratórios de medicina empírica sejam instalados no próprio seio dos templos do Esculápio, que curadores, de fé e desprendimento reconhecidos, lá sejam chamados a prosseguir livremente as suas experiências sobre pacientes voluntários. Quem poderia dizer com certeza que observando o comportamento destes médicos, alheios à “ordem”, e destes clientes, rebeldes à lógica, não se perceberiam as vias desconhecidas que levam a uma razão superior?”

É com a finalidade de estudar cientificamente, entre outros problemas, o dos “Curadores”, que uns quarenta sábios e filósofos reuniram-se em St. Paul de Vence, de 20 de abril a 1º de maio de 1954, reunião que agrupou ao grande romancista inglês Adous Huxley, aos Doutores Dalint (Londres), Bender (Friburgo), Van Lennep (Utrecht), Eisenbud (Denver), West (Londres), Urban (Insbruck), Assailly (Paris), Leuret (Lourdes), ao Sr. Professor Servadio (Roma), Sr. Gabriel Marcel, etc... As decisões seguintes teriam sido tomadas, referindo-nos ao divulgado pela grande imprensa informativa:

“1º Mil curadores de todos os países do mundo serão submetidos a uma série de testes especiais que serão ajustados antes do fim do ano pela universidade de Brown, nos Estados Unidos.

“2º O professor Servadio, de Roma, entregar-se-ia a experiências com o curador mais célebre da Itália, o magnetizador Di Angelo. Os seus doentes afirmam que no momento em que ele lhes impõe as mãos, uma corrente de ar passa sobre suas peles. O professor Servadio interporá entre as mãos de Di Angelo (sem ele perceber) e o corpo do doente, um marco sumamente leve. A menor corrente de ar, se realmente se produz, fará oscilar o marco. O professor Servadio deixou secretamente o congresso para realizar esta experiência antes que a imprensa alertasse Di Angelo.

“3º O curador inglês Harry Edwards, que se gaba de ter curado um milhão de doentes e garante poder tratar à distância, será posto à prova pelo professor Robert H. Thouless da Universidade de Cambridge. Dez grupos de dois doentes atingidos da mesma doença, no mesmo estado de evolução, serão constituídos. Em cada grupo, um doente será — sem sabê-lo — submetido à distância aos passes magnéticos de Edwards. Ao terminar a experiência, uma comissão de médicos comparará o estado dos dois doentes nos dez grupos.

“4º Finalmente, cada um dos congressistas praticará uma investigação pessoal, submetendo-se, incógnito, aos passes de curadores de nomeada.

“Em 1955, no fim desse conjunto de observações e experiências, primeira tentativa científica séria para esclarecer o enigma dos curadores, um novo congresso reunir-se-á na universidade de Cambridge”.

Entre as numerosas personalidades que não hesitaram em tomar recente e corajosamente posição com relação a este delicado problema, cabe citar também aos dois sábios Auguste Lumière e Jean Painlevé. Em importante artigo publicado no mês de março de 1953 pelo *Avenir Medical*, o saudoso Auguste Lumière escreveu:

“Tais resultados, favoráveis, por parte dos curadores, estão bem longe de serem excepcionais e tivemos muitíssimas vezes oportunidades de registrar êxitos do mesmo gênero, no decorrer da nossa profissão, durante mais de meio século, especialmente graças aos procedimentos empregados pelos quiropratas e os acupuntores.

“Esses especialistas e todos os curadores não teriam nenhuma razão de existir se a Medicina universitária oficial não permanecesse tão freqüentemente impotente perante tantos estados patológicos, *curáveis no entanto!*

“É na carência da medicina acadêmica que reside a causa principal da existência dos curadores... Seria necessário achar alguns médicos independentes, três ou quatro, por exemplo, que estivessem bem decididos a estudar a questão sem a menor posição prévia, e que a isso se comprometeriam formalmente, fazendo abstração de todos os preconceitos que a Escola lhes tem ensinado, e tomando um contato íntimo com as escolas de quiroprática humorais, com os acupuntores mais renomados, de forma a se darem conta dos resultados imparcialmente e com toda consciência. Esses médicos se reuniriam então, confrontariam os seus resultados, e chegariam a conclusão permitindo ter-se uma idéia precisa sobre o valor de todos os métodos heréticos... Seja como for, o **statu quo** é muito lamentável, exigindo sem nenhuma dúvida uma reforma”.

No que ao Sr. Jean Painlevé concerne, ele autorizou ao advogado de um curador perseguido pela Ordem dos médicos de Seine-et-Marne a dar leitura, no Tribunal, de uma carta na qual fazia, ele também, justa ponderação da questão.

“Um privilégio que não mais se justifica, dizia ele entre outras apreciações, não pode durar. Por outra parte, é criminoso impedir uma cura sob o pretexto de ser obtida por meios ainda não codificados — porque há múltiplos meios, uns materiais, não materializados outros, de se abordar o círculo vicioso chamado doença ou estado doentio — e muito longe nos achamos de tê-los prospectado a todos; mesmo quando pacientes curados por práticas na admitidas devam ser taxados de simulação, deve-se ser, entretanto, muito feliz por ver abolido seu comportamento

nefasto. Em todo caso, ante fatos numerosos, devidamente verificados, inexplicáveis com freqüência, no estado atual dos nossos conhecimentos e dos nossos preconceitos, o homem de ciência, após convencer-se de não haver trapaça nenhuma, deve experimentar, mesmo utilizar quando útil, embora não tenha podido aproximar-se da causa, e de qualquer maneira não pode condenar”.

Finalmente, o Sr. Professor Jean Lhermite, tendo sido cortesmente hostilizado por diversos médicos praticantes em seguimento à publicação — pela *Presse Médicale* de 3 de novembro de 1952 — de um seu importante e belo artigo dedicado ao “Problema das curas milagrosas”, fez (nº de 26 de janeiro de 1953) uma resposta documentada, imparcial, e cuja conclusão era a seguinte:

“Parece-me ser sempre sábio tornar às palavras de Hamlet a Horácio: *Há mais coisas no Céu e sobre a Terra do que nunca sonhou a vossa filosofia*”.

\* \* \*

Um pouco mais de compreensão entre o corpo médico oficial e os curadores *dotados e verdadeiramente sinceros*<sup>8</sup>, não poderia, a meu ver, senão ser útil a certos doentes condenados, sobre cujos sofrimentos físicos e morais temos o dever de nos deter atentiosamente.

Em sã consciência, dever-se-ia compartilhar do ponto de vista seguinte, dessa outra personalidade que é Mestre Maurice Garçon, da Academia Francesa:

“A sabedoria estaria em que o médico e o curador colaborem. O que um deles não pode fazer, o outro obterá quiçá. Certos médicos razoáveis porventura não compreenderam já a utilidade de enviarem a Lourdes certos doentes que lá se curam, e perante os sofrimentos dos quais ficavam impotentes? Quando um diagnóstico foi feito, bem feito, e não pode deixar nenhuma dúvida, eu gostaria que o médico soubesse eventualmente confiar a cura a quem a obtém melhor do que ele. Seria absurdo que ele acreditasse fazer com isso confissão de impotência. Ante a dor e a morte, a associação de todos é necessária, e seria dar mostra de amplo espírito de humanidade o compreender que as querelas de escola devem pesar pouco perante o sofrimento alheio”.

---

<sup>8</sup> Há constância de 48.000 curandeiros, na França, e de 38.000 médicos. Essa cifra de 40.000 é fortemente exagerada. Por outra parte, quantos “curadores” realmente dignos de tal nome? Muito poucos, verossimilmente, em relação aos milhares de chalatães que exploram o sofrimento e a credulidade dos doentes, desprestigiam aos curadores sérios e prejudicam a outrem por cupidez ou por orgulho.

Creio, para concluir, que há lá alguma coisa de muito sério e muito importante de se estudar, pois, o que todos nós devemos procurar sobre esse planeta, é unir os nossos esforços para estarmos em condições de levar ao nosso semelhante, no domínio da saúde como em outros setores, a ajuda mais completa e a mais fraternal.

Isso é, aliás, o que bem tinham percebido Papus e Marc Haven os quais, ambos doutores em medicina, dedicaram-se de coração a render e fazer render justiça ao Mestre PHILIPPE de Lyon, à memória de quem eu considerarei como um dever dedicar as páginas que seguem.



## MONSIEUR PHILIPPE,

### O “MESTRE DESCONHECIDO”

Àquele que é justamente chamado pela “Vox Populi”  
de Pai dos pobres e dos prisioneiros.

(Dedicatória de Papus na abertura do seu livro sobre  
*A Alma humana.*)

Certos autores de livros ou artigos tratando do problema dos “curadores” não deixam de citar, entre os curadores mais admiráveis, a M. Philippe, de Lyon, esse extraordinário que foi, para o doutor em medicina Gerard Encausse Papus, um “Mestre” em toda a acepção do termo<sup>1</sup>. Ele modificou totalmente, de fato, a orientação final daquele que chamavam o “Balzac do ocultismo”. St. Yves d’Alveydre tinha sido, para Papus, um Mestre intelectual; M. Philippe, de fato, foi o *Mestre espiritual*, aquele que lhe permitiu compreender, ainda melhor, a comovente lição de Amor ensinada por N. S. Jesus Cristo.

*Eu não sou nada, absolutamente nada*, tinha por costume dizer o Mestre Philippe. Mas ele tinha a FÉ, essa Fé que ergue as montanhas; e os milagres floresciam a seu passo...

Seja-me permitido fazer, desde já, uma advertência necessária: É que não se pode, de forma alguma, comparar o Mestre Philippe aos curadores modernos, nem aos mais ilustres. Seria, efetivamente, tomar rumo errado, enganar-se, porque ele era bem mais que simples curador. Ele era um enviado, um missionado, um representante da divina Providência.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> É o caso, por exemplo, do Sr. Professor Robert Tocquet, que, no seu livro *Quando a medicina cala*, escreve: “Certas curas, aias relativamente pouco freqüentes, dado o enorme número de doentes tratados pelos diferentes métodos que temos examinado, parecem absolutamente inexplicáveis pelo jogo de qualquer mecanismo sugestivo. Foi o caso, por exemplo, se as tivermos por verídicas, de grande número de milagres operados pelo Cristo, da restauração do olho de Pierre Gautier que relatáramos ao falar do jansenismo, de algumas curas atribuídas a taumaturgos tais como “Mestre” Philippe e Béziat e, finalmente, é igualmente o caso de alguns “milagres” de Anaya, e sobretudo, da maior parte das curas ditas milagrosas de Lourdes, as quais são geralmente bem observadas, o que permite considera-las como autênticas.

“Todas essas curas diferem, pelos caracteres seguintes, das curas devidas à *vis natura medicatrix*, à sugestão ou a qualquer intervenção médica:

“Elas são freqüentemente *instantâneas* e implicam às vezes em *reconstituições de tecidos importantes*.

“A elas não se segue *nenhuma convalescença*”

Foi em conseqüência do seu encontro com M. Philippe que Papus, que tinha sido materialista, espiritualista e ocultista, autor de sábios tratados de magia prática e outros, foi levado ao misticismo puro, a esse misticismo cristão que devia encher de sol os últimos anos da sua excessivamente curta passagem — ele faleceu com 51 anos, em 1916 — sobre nosso planeta.

M. Philippe, que predicava a caridade, a bondade, a fé em N. S. Jesus Cristo, foi um Mestre venerado por Papus<sup>2</sup>. Prova disto é esta carta dirigida a M. Philippe em 1904, ou seja, um ano antes da sua partida para as esferas superiores:

Querido e bom Mestre,

Recebi a vossa carta e vo-la agradeço, porque é sempre uma alegria ver a vossa letra tão desejada. O que me dizeis é justo demais para eu não deixar de vos assegurar a minha obediência imediata. Eu vos tinha falado nisso quando da nossa entrevista em Lyon e não me tínheis feito objeções naquela época. Tendes me feito conhecer e amar ao Cristo. Disso vos sou eternamente grato e não tenho podido me privar de pronunciar o nome do Amigo ao falar do Grande Pastor. Se fiz assim apelo à vossa autoridade, é porque desde alguns anos e ainda neste momento nos batemos contra um movimento anticristão muito solidamente organizado. Esse movimento se faz por meio de livros e revistas e nesse mesmo terreno é onde me esforço por combatê-lo, embora sendo certamente mais pecador e mais orgulhoso que os meus irmãos que atacam ao Cristo. Porém, quando menos, esforço-me em fazer amar aos evangelhos e seu autor.

O céu é minha testemunha de que na Rússia fiz com que vos amassem, sem dar o vosso nome e foi a indiscrição de um Martinista que fez conhecer vossa identidade



O Doutor Gérard ENCAUSSE  
"PAPUS"



Um emocionante retrato do **MESTRE**

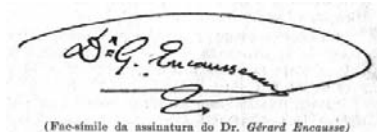
...

aos poderosos de lá. Eles o pagaram caro, já que os pequenos perderam a vossa visita e que nunca mais vos viram desde que fostes chamado a palácio. Cada vez que passei em alguma parte, ali se vos tem amado e honrado; cada vez que foram para vós em seguimento ao meu entusiasmo, se vos tem compreendido um pouco mais e amado mais. Não ocultarei que,

<sup>2</sup> Como também foi o caso para Jean Chapas e Paul Sédir...

cada vez também, afastaram-se de mim e colocaram-me como acusado, Que pode importar-me isso, já que a vossa amizade me acompanha? Torno ainda a vós, querido Mestre, e peço-vos não abandoneis aos que se batem pelas idéias que lhes tendes ensinado a amar. Não nos abandoneis se somos pecadores ou orgulhosos e sede sempre o nosso bom Philippe, como eu queria ser sempre,

O vosso muito devotado pequeno feitor,

A fac-símile da assinatura do Dr. Gérard Encausse, escrita em uma caligrafia cursiva elegante e fluida, contida dentro de um oval desenhado à mão. Abaixo da assinatura, há uma linha decorativa e o texto "(Fac-símile da assinatura do Dr. Gérard Encausse)".

(Fac-símile da assinatura do Dr. Gérard Encausse)

\* \* \*

Papus tinha dedicado uma das suas “conferências esotéricas”, na sala das Sociedades sábias, à definição do “Mestre”.

Segundo ele, somos guiados passo a passo em nossa evolução e os guias que nos são enviados pelo Invisível vêm de diferentes planos (em linguagem mística: “apartamentos”) conforme o gênero de faculdade que devem evoluir. Esses são *Mestres*, porém importa dar a esse termo sua verdadeira significação. O Mestre é um guia e ele pode dedicar à evolução de três gêneros de faculdades humanas. Papus distingue, pois:

a) O Mestre que dirige a evolução da coragem, do trabalho manual ou das forças físicas e que age sobre a *parte física* das faculdades humanas. É o caso do “Conquistador” que faz evoluir a humanidade como a febre faz evoluir as células humanas, isto é, na batalha, no terror, no sacrifício e na matança em todos os planos.

b) O Mestre cuja ação visa a evolução do *plano mental humano*, este gênero de Mestria sendo dominado por um enviado do plano invisível e que é caracterizado pelas luzes que projeta em todos os planos de instrução. É aquele que Papus chama de *Mestre intelectual*, o que era o caso de Saint Yves d’Alveydre.

c) O Mestre propriamente dito, aquele que, e só ele, tem verdadeiramente direito a esse título, aquele que está encarregado de evoluir as faculdades espirituais da humanidade, que apela para forças que muito poucos entendem e cujo poder é extraordinário. É o *Mestre espiritual*, conforme a própria expressão de Papus, aquele que foi denominado o *Mestre desconhecido* por Marc Haven na sua muito bela obra dedicada a “Cagliostro” e *O Homem livre* por Paul Sédir nos seus comoventes comentários sobre o Evangelho. É dele que Sédir disse numa de suas

conferências: “Mas quando o Mestre surge, é como um sol que se levanta no coração do discípulo; todas as nuvens se desvanecem; todas as gangas se desagregam; uma claridade nova expande-se, parece, sobre o mundo; esquecem-se as amarguras, desesperos e ansiedades; o pobre coração tão cansado lança-se para as radiantes paisagens entrevistas, sobre as quais o aprazível esplendor da eternidade estende suas glórias; já nada sombrio empana a natureza; tudo finalmente afina em admiração, adoração e amor”.

De onde vem então esse nome de “Mestre”? É o que Papus explicou na sua conferência<sup>3</sup> sobre a definição do Mestre. “Na França, disse, tal nome vem do latim *magister* que, decomposto em suas raízes, nos dá:

“MAG, fixação numa matriz (intelectual ou espiritual) do princípio A pela ciência G;

“IS, dominação da serpente (S) pela ciência divina (I), característica do nome de ISIS;

TER, proteção pelo devotamento de toda expansão (R).

“Se, deixando de lado as chaves hebraicas e o tarot do qual acabamos de usar, nos dirigimos ao sânscrito, obtemos duas palavras: *MaGa*, que quer dizer “felicidade e sacrifício”, com o seu derivado “Magoni”, “a aurora” e : *is Ta*, que quer dizer “o corpo do sacrifício”, a oferenda.

“O Mestre, o Maga Ista, ou o Magisto, o Mago, é pois aquele que vem se sacrificar, que dá o seu ser em oferenda pela felicidade dos seus discípulos e, agora, compreender-se-á o símbolo maçônico do Pelicano e a lei misteriosa: *O iniciado matará o iniciador*”.

M. Philippe era o *Mestre espiritual* na total acepção do termo e foi, para Papus, a tocha que iluminou os seus últimos anos sobre esta Terra...

Nascido de pais franceses (*Joseph Philippe de Marie née Vachod*), Philippe veio ao mundo em 1849<sup>4</sup> numa aldeola da Sabóia quando aquela não era ainda

---

<sup>3</sup> Conferência do mês de junho de 1912 reproduzida em “*L’Initiation*” de julho-setembro de 1912.

<sup>4</sup> No nº 1/285 da revista *O simbolismo* (out. de 1849) o erudito Marius Lepage publicou a nota seguinte, ao pé da pág. 26, em continuação a importante artigo de comentários sobre o livro “Ciências ocultas — Papus, sua vida, sua obra”, de Philippe Encausse:

NOTÍCIA ASTROLÓGICA

Pareceu-me interessante dar aos leitores do “*Simbolismo*” que se dedicam à astrologia, os elementos do horóscopo de “*Monsieur Philippe*”. Esse horóscopo será certamente inédito para a maioria deles. Pessoalmente, nunca até hoje o achei em Revista nenhuma, e ficaria grato àqueles dos nossos leitores que pudessem dar referências de estudos anteriores sobre este tema, se os houver.

Os astrólogos estudarão também com proveito os trânsitos do falecimento do “*Monsieur Philippe*”.

francesa. Seus pais eram extremamente pobres e o pequeno Philippe os ajudava na melhor forma em que podia. Entre outras ocupações, ele conduziu as ovelhas nas pastagens de vales e morros dominados pelo monte Tournier.

Com a idade de 14 anos, deixou Loisieux (a aldeiola em apreço) indo para Lyon onde morou em casa de um dos seus tios, estabelecido como açougueiro e a quem ajudou na entrega domiciliar aos fregueses. Kursou seus estudos no Instituto Sainte-Barbe, em Lyon, onde um dos Padres afeiçãoou-se muito por ele. Obteve assim, o “certificado de gramática”.

Já certos poderes tinham-se manifestado nele. É o que pontualizou o Sr. Schewoebel no artigo dedicado ao “Mago Philippe” pelo *Mercure de France* de 16 de junho de 1918, ao relatar as palavras seguintes de Philippe: “Ignoro tudo em mim, nunca compreendi nem procurei explicar o meu mistério. Tinha seis anos apenas e já o cura da minha aldeia inquietava-se com certas manifestações das quais eu não tinha consciência... Operava curas desde a idade de 13 anos, quando ainda era incapaz de me dar conta das coisas estranhas que se davam em mim”.

M. Philippe resolveu estudar medicina e, para tal fim, ele tomou quatro inscrições de oficial de saúde na Faculdade de Medicina de Lyon, de novembro de 1874 a julho de 1875. No Hôtel-Dieu (hospital), ele freqüentou diversos serviços, entre os quais a Sala Saint-Roch, onde seguia assiduamente as clínicas do professor B. Teissier. “Ele mostrava grande inteligência”, escreveu sobre esse tema o Dr. Louis Maniguet em sua tese, apresentada sob nº 107, em 11 de fevereiro de 1920 e intitulada: *Um empírico lyonense: PHILIPPE. — Contribuição ao estudo da influência dos empíricos sobre os doentes. Estudo médico social*. Essa tese de oitenta e seis páginas tinha sido inspirada ao autor pelo professor Etienne Martin, professor de medicina legal na Faculdade de Lyon. A documentação foi completada pelos professores Teissier, Lévy, Schneider e Policard, e os senhores Fleury Ravarin, Mestre Clozel, os doutores Cusset, Sahuc, Albert, Michel, Commandeur, Bollier, Masson, Carry, Gros, Locard, M. Bricaud. A dizer verdade, tem-se a impressão, lendo essa obra, que o autor teve o máximo cuidado de não indispor eventualmente o júri perante o qual devia defender a sua tese de doutorado.

---

Nascido em 25 de abril de 1849, às 3 hs. Da manhã, em Loisieux (Sabóia). (5)

f. 18 l. XI: 8 J; XII: 0 K; k: 5 L; II: 26 A; III: 26 B; a 4.45 B; b 4.22 C; i 4.27 L; h 22.59 A; g 2.31 A; f 12.55 E; e 12.29 L; d 29.47 R B; c 25.5 A

Falecido em 2 de agosto de 1905.

(5) Não é garantido que a hora de nascimento indicada por Marius Lepage seja exata. Ela deve, efetivamente, ser muito mais próxima da meia-noite, segundo dizem certos discípulos do Mestre (Ph. E.).

Assim sendo não hesitou, por exemplo, em dar a entender com relação a M. Philippe, que a sua morte, na idade de 56 anos, podia em parte explicar-se por certos excessos de ordem alimentar — alcoolismo entre outros! — dando lugar a crises que perturbaram os últimos anos da sua vida. Essa passagem, inspirada por evidente parcialidade, não honra realmente ao Doutor Maniguet. Este bem poderia e até deveria ter-se documentado melhor sobre a personalidade real de M. Philippe a quem trata, também, de “Histero-nevropata” (!) embora reconhecendo, contudo, muita memória, um espírito curioso e observador.”

Semelhante atitude é indigna de um espírito científico, que se deve de nada afirmar sem uma séria e imparcial documentação de base. Alguns teriam sem dúvida nenhuma preferido que eu não fizesse menção das asserções caluniosas do doutor Maniguet? Teria sido um erro na mencioná-las, pois que elas só atingem ao seu autor...

Torna-se a encontrar, aliás, semelhante parcialidade e igual falta de documentação séria na obra de ficção publicada, há disto poucos anos, pelo Dr, Leon Weber-Bauler, de Genebra, sobre *Philippe, curador de Lyon, na Corte de Nicolau II*. Efetivamente, tal autor deu ali, tanto com relação a M. Philippe quanto a Papus, curso a mexericos interessados, a certas calúnias e inexatidões que prejudicam gravemente a sua obra. Porém, esses dois autores são quase que “anjos” comparativamente com certo publicista a quem não darei a honra de citar pelo nome e que, numa obra recente dedicada aos “curandeiros”, obra de combate contra estes, dá mostras de revoltante parcialidade, de uma falta de compreensão e de uma maldade que não enquadram absolutamente com os ares de bom apóstolo, de espírito superior, de técnico (?), de puro defensor da humanidade sofredora e explorada pelos chalatães, que essa personagem quer dar-se perante um público muitas vezes crédulo demais, de fato...

Entre outros, o Mestre Philippe é arrastado na lama por esse escriba sequioso de publicidade pessoal. Pobre rapaz! É verdade que, na sua infinita bondade, o Mestre lhe terá sem dúvida perdoado as cusparadas póstumas com que assim gratificou a sua memória?

*Os cães ladram, a caravana passa*, costuma-se dizer no Oriente. Pois bem! Essa fórmula ilustrada pode por vezes aplicar-se a certos ocidentais...

Outros artigos foram dedicados, bem recentemente, ao Mestre, porém, ainda aí, seus autores pecaram por insuficiência de documentação realmente completa,

causa, aliás, muito menos grave que a evidente posição pré-tomada e a ranzinice que caracterizam aos comentários do jornalista aludido acima.

A citar entre outros: os números especiais do *Crapouillot* sobre as “Ciências Ocultas” e sobre “Amor e Magia” assim como um artigo publicado no grande jornal belga *Le Soir* em dezembro de 1953.

Nas suas muito interessantes recordações (*Souvenirs sur le Maître Philippe*), o senhor André Lalande, membro do Instituto, dá também constância da passagem de M. Philippe nos serviços hospitalares lyonenses: “Ele freqüentou os hospitais de Lyon, muito querido por uns e detestado por outros. Ele consolava aos doentes e muitas vezes pedia aos médicos que não operassem. Às vezes, os doentes se achavam curados antes da data fixada para operar. Indo visitar aos aflitos e aos doentes, distribuindo aos pobres tudo quanto pudesse receber, M. Philippe voltava de vez em quando à Sabóia, visitando a seus familiares sem que estes pudessem dar-se conta da extensão de seus poderes”

Porém, soube-se um dia, no hospital do Hôtel-Dieu, que ele era curador enquanto não tinha obtido ainda o oficial pergaminho!

Que sacrilégio, ao ver dos detentores da ciência acadêmica! Eis porque, com a intervenção do interno Alberto, M. Philippe foi afastado do serviço do professor Bénédict Teissier e viu lhe ser recusada a quinta inscrição, por “estar fazendo medicina oculta e ser um verdadeiro charlatão...!” Esse gesto deselegante e estúpido felizmente não impediu ao Mestre de continuar a dar sua total atenção ao sofrimento dos outros e trazer-lhes o reconforto e a cura.

Ele desposou, em 6 de outubro de 1877, na prefeitura e na igreja de l’Arbresle, a Senhorita Landar, de importante família industrial de Lyon que, como escreveu o Sr. André Lalande, já citado precedentemente, “trouxe-lhe mais do que ampla abastança: diversas casas na cidade e, sobre as alturas de l’Arbresle, o domínio de Collonges, o Clos Landar, cujo castelo, o amplo terraço e os belos plátanos dominam a entrada do túnel pelo qual passa a antiga *linha du Bourbonnais*. Dessa fortuna, acrescenta M. André Lalande, M. Philippe usava antes de tudo para outrem, fazendo chegar discretamente ou levando pessoalmente aos seus doentes pobres socorros ou medicamentos”. Foi-me dito recentemente em Lyon que foi como consulente que a Srta. Landar tinha travado conhecimento com o Mestre quando já

desesperavam de salva-la, e que foi efetivamente curada por ele, com quem casou pouco após<sup>6</sup>.

Duas crianças nasceram desta união abençoada pelo Céu: uma filha, Victoire, e um filho, Albert. Este foi levado com a idade de poucos meses, durante a epidemia de varíola<sup>7</sup>. Victoire, que nascera em 11 de outubro de 1878, casou em 1897 com o doutor Emmanuel Marc Henry Lalande (Marc Haven)<sup>8</sup> e morreu prematuramente em 1904. O doutor Lalande tornou a casar posteriormente (1º de março de 1913), conforme M. Philippe tinha lhe anunciado, com uma amiga de década dos Philippe e dosa Lalande, a viúva Sra. Olga Marshall, née Chestakoff, que foi, também, uma admirável companheira para ele. A Sra. Lalande viveu em l'Abresle (Clos Landar), no culto de todos esses grandes e queridos entes desaparecidos e ali faleceu. Ela publicou, em Lyon, há poucos anos, uma brochura (tiragem de 1000 exemplares) intitulada *Lumière Blanche — Evocation d'um passe*, dedicada ao Mestre.

“Não queria escrever este livro, declarou a Sra. Lalande, sabendo bem ser impossível traduzir, tal como era, a personalidade de M. Philippe. Sei, entretanto, desde longos anos (desde a publicação de *Cagliostro, o Mestre desconhecido*) que o devo escrever e vou fazê-lo.

“Atualmente, após a repercussão que acaba de ter um livro totalmente errôneo (*Philippe, Curador de Lyon — Dr. L. Weber-Bauler*), vou procurar escrevê-lo.

“Tratei, em vão, de entender-me com o autor do livro mencionado e de lhe fazer ver o mal que causou aos seus leitores e a si mesmo, e nada mais tenho a esperar por esse lado”.

Nenhum dos admiradores do Mestre irá deixar de alegrar-se com essa “retificação” da Sra. Lalande, de cuja particular competência ninguém pode duvidar. “*Lumière Blanche*” constitui, pois um documento dos mais preciosos e que foi publicado em hora certa...

A Sra. Lalande extinguiu-se no sábado, 27 de dezembro de 1952, nessa propriedade de Arbresle, onde o Mestre tinha passado grande parte de sua mais

---

<sup>6</sup> O contrato de casamento trazia as indicações seguintes: “M. Nizier Anthelme PHILIPPE, químico residente em Lyon, rua de Créguir, nº 7, filho maior e legítimo do Sr. Joseph PHILIPPE e da Sra. Marie VASHOD, proprietários, residentes em Loisieux, cantão de Yenne (Sabóia) e da Srta. Jeanne Julie LANDAR, residente com sua mãe em l'Arbresle, no sítio Collonges”.

Jeanne Julie Landar, senhora Philippe, tinha nascido em 18 de setembro de 1859. Faleceu em 25 de dezembro de 1939. Seu corpo descansa com o do Mestre e dos seus dois filhos, Albert Philippe (morto com três meses) e Victoire Lalande, em Loyasse.

<sup>7</sup> Em 1881.

<sup>8</sup> Foi por intermédio de Papus que Marc Haven conheceu ao M. Philippe.

recente existência terrestre<sup>9</sup>. Ora, escrevo estas linhas exatamente um ano após a partida da fiel discípula do Mestre. Seja-me permitido dirigir-lhe no Além, onde reencontrou agora todos os nossos queridos “desaparecidos”, um pensamento de afetuosa e fraternal amizade e a expressão da minha gratidão.

\* \* \*

Foi em 1885 que M. Philippe veio residir em um palacete particular (petit hôtel particulier), situado no 35 da rua Tête-d’Or (Cabeça de Ouro), em Lyon.

Atualmente, esse palacete é propriedade de uma confraria religiosa. Suas portas de acesso, que outrora se abriam para a rua Tête-d’Or, foram obturadas; o ingresso se faz, agora, por outra rua.

Essa mansão, com diversos andares, é separada da rua por um alto muro e um pequeno jardim, onde o Mestre devia dar suas consultas de maior repercussão e obter suas mais prodigiosas curas.

Creio útil mencionar aqui algumas dessas curas, tal como foram relatadas por diversas testemunhas, inclusive os doutores Encausse e Lalande, em alguns dos casos. Elas parecerão inverossímeis a certos leitores desta biografia; pessoalmente, porém, não ponho em dúvida os fatos relatados, por estranhos que possam parecer e estimo como meu dever dar constância disto...

Na sexta-feira, 21 de maio de 1897, uma menina de dez anos é trazida por sua mãe. A criança arrastava-se sobre a parte traseira, não podia fazer nenhum movimento com as pernas e aparentava acentuado desvio da coluna vertebral. Relata a mãe que esta é a mais velha das crianças, havendo outras quatro, com boa saúde, e informa que ela se encontra nesse estado, desde os sete anos, não tendo os médicos conseguido qualquer melhora. M. Philippe pergunta-lhe, então, se ela quer pagar o que irão pedir-lhe. Ela começa a chorar, pensando tratar-se de soma em dinheiro.

“Não é fortuna o que peço, explica-lhe M. Philippe, mas apenas a promessa de nunca falar mal de ninguém, até sua filha chegar aos vinte anos. Quer prometer isso?”

---

<sup>9</sup> Ter-se-ia “reencarnado”, desde então, o Mestre?

Se nos ativermos a certa predição, deveria então ser em uma família com diversas crianças e da qual seria o filho mais velho. Por outra parte, os prenomes do pai e da mãe deveriam ser, respectivamente, “Joseph” e “Marie”.

Após a resposta afirmativa, como era de supor, da mãe desesperada, M. Philippe manda pôr a criança no chão e diz: “Examine a sua criança e veja se há melhora”. Era exato. Então, dirigindo-se à menina, ordenou: “Levanta-te sozinha, sem apoiar-te no banco”. Após algum esforço, a criança ficou de pé ante toda a assembléia, cuja emoção estava no apogeu.

Na terça-feira, 30 de agosto de 1898, diversas curas são obtidas, entre as quais a de uma mulher, que saíra de um parto e viera do Hospício da Charité. Esta mulher era aleijada de uma perna e não podia andar. Um aparelho tinha sido fixado para manter-lhe a perna. M. Philippe afirma à doente que ela iria poder passar sem o aparelho. Ele pede, primeiramente, ao doutor Encausse que vá ao quarto contíguo, com a doente, para examinar clinicamente a perna atingida.

Após o exame, volta à sala comum. A mulher já não tem o aparelho (retirado pelo doutor Encausse) e declara sofrer muito menos e ter muito mais força.

Logo toca a vez de um rapazinho de cinco anos, carregado pela mãe, por não poder andar sozinho. Ele também fora abandonado pelos médicos. M. Philippe declara-lhe que está curado e, de fato, o menino volta sozinho do quarto contíguo, enquanto sua mãe chora de alegria.

Em outra sessão, um doente de uns cinqüenta anos de idade se apresenta. Declara ter recebido diversos coices de cavalo sobre uma tíbia e ter recusado submeter-se à intervenção cirúrgica; desde aquela época, não mais se achou em condições de mover o pé, nem de esticar a perna. M. Philippe manda magnetizar a perna doente, por um assistente, e isso dura três minutos. Após tal operação, o *sujet* afirma não sentir mais nenhuma dor, nem rigidez.

“Ainda não é tudo, disse M. Philippe, falta fazer agora uma boa sutura dessa tíbia”.

Os assistentes (entre os quais J. Bricaud, que relata esta anedota) observam agora diversas rugosidades, bastante volumosas, sobre a tíbia.

“Iremos operar mediante uma massagem pouco comum”, acrescenta M. Philippe. Ele toma, então, uma das muletas do aleijado, leva-a para a outra extremidade da sala e pede a um discípulo para fazer ligeiras fricções sobre essa muleta... No mesmo instante, o “doente” declara sentir o efeito dessa massagem, desde a coxa até o pé. E os assistentes verificam, com surpresa, que as rugosidades diminuíram sensivelmente, enquanto o interessado declara que tem muito mais força em toda a perna e acha-se melhorado.

J. Bricaud esclarece no seu livro sobre *“le Maître Philippe”*:

“Assisti lá a muitas esquisitas sessões de magnetismo oculto. As curas operadas pelo Mestre precisam ser, realmente, milagrosas. As suas faculdades de clarividência e clariaudiência, a sua percepção à distância das doenças sempre deixavam atônitos até seus próprios discípulos, apesar de eles poderem ver disso tão freqüentes exemplos”.

Papus, por sua vez, assinalou dois casos de cura, dos quais foi testemunha ocular:

“Numa das sessões chega uma pobre mulher do povo, carregando nos braços uma criança raquítica, com 18 meses de idade.

A criança é examinada por dois doutores em medicina e por dez testemunhas. Verifica-se um desvio das tíbias, em arco de círculo, tal que se torna impossível à criança permanecer um segundo ereta sobre as perninhas.

*Como esta mulher é muito rica*<sup>10</sup>, diz M. Philippe, *vamos pedir a Deus a cura de sua criança. Em dez segundos, está feito; os dois médicos e os dez presentes verificam o desencurvamento das tíbias e vêem a criança ficar de pé sobre as pernas, enquanto a mãe se desfaz em lágrimas.*

“No dia seguinte, chega outra mãe, cuja aparência evidencia certo bom passar. Sua filha, uma meninazinha de dez meses, está atacada de bronquite tuberculosa, complicada com tuberculose intestinal. O médico da família, em consulta com um especialista, acaba de declarar a criança irremediavelmente perdida”.

“Senhora, diz M. Philippe, não sois bastante rica para nos pagar. Podeis ter riqueza material, mas falais tão mal de uns e de outros e tendes partilhado tão pouco vossos haveres com os pobres, que bem pouco tendes dessa moeda de provação, sofrimento e dedicação, única que o Céu conhece e única que, no seu insigne favor, nos em autorizado a descontar, embora disso sejamos indignos. A moeda de César não tem curso aqui, onde apenas se respeita a moeda de Cristo. Por que, a despeito disso, a nós recorreis para que o Céu vos cure a filha?”

“Advinha-se a resposta de mãe”.

“Pois bem, iremos pedir às pessoas aqui presentes que se cotizem para curar a vossa filha”.

“Senhoras e senhores, quereis que esta criança se cure?”

---

<sup>10</sup> Referia-se, naturalmente, à riqueza espiritual (Ph. E.).

“Vozes *unâнимes*: Sim!”

“Prometei-me todos, então, não falar mal do próximo, em sua ausência, durante três dias. Está prometido?”

“Sim”.

“Senhora, prestai atenção, pois a vida de vossa filha depende dessa promessa: quereis prometer-me não mais caluniar vossos amigos?” “Ó! Eu vos prometo isso de todo o coração e para sempre!”

“Peço-vos apenas três meses de esforço. Ide, vossa filha está curada”.

“Tivemos oportunidade de verificar, acrescenta Papus, a permanência integral da cura. Mostram esses dois exemplos a verdade dessa expressão: *Enriquecei-vos*”.

“Basta saber, simplesmente, de que riqueza se trata”.

\* \* \*

J. Bricaud deu, sobre a organização habitual das sessões, alguns pormenores interessantes: “Elas se realizavam em dias alternados. Fazia M. Philippe, após a chegada dos doentes, duas seleções, perguntando-lhes se vinham pela primeira vez ou se já tinham seguido o “tratamento”; mandava embora, depois, as pessoas suscetíveis de perturbarem a atmosfera fluídica. Os assistentes colocavam-se, como na igreja, em várias fileiras de cadeiras, sendo-lhes recomendado entrarem em recolhimento, enquanto o Mestre se retirava para o quarto contíguo. Ao realizar seu ingresso definitivo, dizia geralmente: “Levantem-se!” Em seguida, prescrevia recolhimento por alguns minutos e uma invocação a Deus. Durante esse tempo, olhava os assistentes um por um e fixamente. Mandava-os sentar e, de mãos nas costas, aplicado em tudo ver, ele passeava pela passagem central. Depois, bruscamente, detinha-se ante um doente e, olhando-o fixamente, ordenava-lhe que ficasse curado. Prosseguia o passeio, em volta dos assistentes, concedendo a cada um alguns minutos de atenção e, muitas vezes, pousando-lhes a mão no ombro e falando com segurança na cura, dizia-lhes: “Allons!, allons, ça ira” (Vamos! ânimo, vá indo). Ele fazia passes magnéticos sobre certos doentes e recomendava a outros que orassem em determinadas condições” (*Lé Maître Philippe*).

Considerando-o charlatão vulgar, embora ele jamais reclamasse honorários, os médicos da cidade, deplorando que lhes tirasse boa parte da clientela, o fizeram processar, por diversas vezes, ante o tribunal correcional, por “exercício ilegal da medicina”.

Ele foi condenado a pagar, em 3 de novembro de 1887, uma multa de 15 francos, de acordo com o art. 35 da lei do 19 “Ventôse” (mês revolucionário), do ano XI.

“Em 1890, foi novamente perseguido e condenado a 46 multas de 16 francos, “considerando que os fatos incriminados constituem o delito previsto pelo artigo 35 da lei do 19 Ventôse, Ano XI”; em seguida, em 1892, foi levado duas vezes perante o Tribunal correcional, sendo absolvido na primeira vez e, na segunda, condenado a 29 multas de 15 francos. Os seus defensores habituais, esclarece J. Bricaud, eram o Dr. Clozel, advogado na Corte de apelação, e o Dr. Fleury **Revarin**, antigo deputado. Um procurador da República (promotor público), testemunha das suas curas, sabendo todo o bem que fazia, o preservou durante diversos anos. Finalmente, os médicos **lionenses** cansaram-se de perseguir M. Philippe. Houve mesmo, entre eles, alguns que lhe mandaram clientes, cujos casos eram mais desconcertantes.

Com relação ao “doutorado” em medicina de M. Philippe, as opiniões estão bastante divididas. Por um lado, a saudosa Senhora Lalande faz referência, em *Lumière Blanche*, a uma tese em medicina, apresentada em 27 de outubro de 1884, perante a Universidade americana de Cincinnati e intitulada: “Princípios de higiene a aplicar na gravidez; o parto e a época do alumbramento”. Tenho encontrado, da minha parte, entre os papéis de Papus, um cartão impresso com o nome de “Nizier Philippe, doutor em medicina pela faculdade de Wisconsin (USA)”. Creio, entretanto, que os exames *práticos e clínicos*, pelos quais passou o Mestre na Rússia, são os únicos que representam, na opinião dos médicos, certo valor. Foi, aliás, em seguimento aos ditos exames, que o Tzar lhe confiou uma missão importante no domínio da inspeção sanitária dos portos e, isto, com o posto de general do exército russo. (Existem documentos fotográficos, representando o Mestre em uniforme de general russo). Não se pode, com toda a imparcialidade, conceder tanta importância ao “doutorado” americano de 1884, que bem parece ser a resultante de simples trabalhos manuscritos. Um doutorado assim obtido — e deve ser o caso — “por correspondência”, não apresenta realmente interesse. Terá sido o próprio M. Philippe quem o solicitou? Não serão, antes, ardentes admiradores que agenciaram tudo isso, acreditando assim, de boa fé, ajudarem ao Amigo? Aliás, o Mestre era Ele-mesmo e não tinha absolutamente necessidade dessa garantia a que, em relação a Ele, não concedo nenhuma importância.

Na minha opinião, julgo que, *ao invés* de desservir a memória do Maître Philippe, eu a sirvo com esta retificação.

M. Philippe, entretanto, não era somente um terapeuta digno deste nome, mas possuía, além disso, outros poderes, tais como o de *mandar nos elementos*. Assim foi que, na presença de Papus, ele fez cair um raio aos pés deles, no pátio do prédio que ocupava no 35, da rua Cabeça de Ouro, em Lyon. Papus ficou impressionado com o feito, durante o resto de sua vida. (Fato citado por Mme. Lalande e que me foi confirmado, em vida, por seu saudoso pai).

“Em outra oportunidade, escreve Mme. Lalande, M. Philippe estava de visita em nossa casa, com toda a sua família. Estávamos no campo, numa tarde cálida de verão, e havia, entre os convidados, pessoas impressionáveis que temiam, até ao pavor, o desencadeamento da tormenta. Minha mãe, em face do acúmulo das nuvens, dirigiu-se ao M. Philippe e informou-lhe que haveria muita inquietação e até mesmo gente doente se rebentasse a tempestade. Ele olhou para o céu e, com aquele sorriso cheio de bondade, que sempre o caracterizou, respondeu: “Pois bem, hoje não haverá tormenta!” e, para nossa satisfação, as nuvens dispersaram-se *imediatamente* e o céu tornou-se sereno e límpido”. (*Minhas lembranças do Maître Philippe*).

Em outra ocasião, quando sua filha estava inquieta por ter de atravessar, sem ele, a Mancha e de achar lá eventual tempestade, M. Philippe aconselhou-a a embarcar sem temor e, caso se desencadeasse a tempestade, dizer:

“Meu paizinho disse que o vento passasse”. Victoire Lalande tomou, pois, o navio e, tendo surgido a temida tempestade, bem no meio da travessia, ela pronunciou firmemente as palavras prescritas... O vento cessou logo e tudo retornou à ordem. (Fato citado por Mme. Lalande).

Recorda Mme. Lalande, nas suas lembranças, que lamentara certa vez, na presença de M. Philippe, que os bosques recentemente plantados, em torno de sua propriedade, não fossem freqüentados pelas aves, de cujo canto ela tanto gostava. Ele a olhou cheio de compaixão e, referindo-se ao canto das rolinhas, perguntou: “Amas isso?” Ela respondeu que suas vozes lhe davam a impressão de um mundo diferente do da terra e que gostaria da companhia delas. Então, M. Philippe olhou para o capãozinho de pinhos, plantados nas imediações, e disse: “Pois bem, doravante elas virão cantar ante tua casa”.

Qual não foi o encantamento da futura Mme. Lalande quando, na manhã seguinte, ao abrir as janelas que davam justamente para aquele lado, ouviu cantar as rolinhas nos pinhos próximos. E as rolinhas voltaram, fielmente, a esse lugar, durante todo o tempo em que sua anfitriã morou no chalé dos Grandes-Vinhedos.

“— Para mandar, desta maneira, que o vento se acalmasse e as aves mudassem de pouso, não seria preciso, pergunta com razão Mme. Lalande, estar em comunhão direta com o princípio da vida? Porque isso já é mestria e não apenas intercessão”. (*Biografia de Marc Haven*).

Outro fato me foi citado em agosto de 1947, em Lyon, por uma pessoa que também muito conheceu o Mestre. Foi na época em que havia, na praça “des Térrea”, um ponto de fiacres (vitória, puxadas por cavalos). Um dia, enquanto M. Philippe atravessava essa praça, um cavalo desatou-se e veio inclinar a cabeça perante ele. Então o Mestre, a meia voz, disse: “Os homens não me reconheceram, mas tu me reconheces”.

Bem sei que, ante a narração de tais fatos, inúmeros leitores sorrirão, falarão em meras coincidências e não lhes darão toda a importância que todos os parentes, discípulos e amigos sinceros do M. Philippe lhe atribuem. Não me compete querer convencê-los, contra a sua vontade, pois cada um é e deverá ser livre em seu próprio julgamento.

\* \* \*

Tornei a achar, nos arquivos de Papus, duas cartas manuscritas de M. Philippe, que tratam de uma intervenção psíquica solicitada por Papus ao Mestre Philippe, para socorrer o Sultão da Turquia e nas quais o Mestre dá informações muito curiosas e interessantes:

*“Meu caro doutor e amigo, eu pedi uma proteção para o Sultão da Turquia. Há muito para fazer; a situação é muito tensa e grave porque esse país desce e está chamando a descer muito.*

*Enfim, vou tratar disso muito seriamente... Pela Turquia, eu vos declaro que temos feito aquilo que, certamente, um mortal não poderia crer e, quando as feras quiserem devorar os vossos protegidos, estendi a vossa mão sobre esse povo e os animais encher-se-ão de temos. Bem sabeis, meu digno amigo, que Deus nos*

*outorgou pleno poder e que Ele arma nossa mão com o vento, o granizo, o fogo, o raio, a morte e a vida. Quem pode nos fazer tremer? Na minha opinião, nada”.*



(Fac-símile de parte da carta, acima citada).

“Há sobre a terra, escreveu Papus, seres excepcionais que vêm aqui como o Salvador desceu aos infernos, isto é, livremente e sem nada mais ter que pagar: são enviados. Eles se caracterizam pelos poderes particulares, aliados a uma modéstia muito grande”.

“Durante o curso de nossa existência terrestre, tivemos a felicidade de conhecer um destes seres e de fazê-lo conhecer por alguns de nossos amigos. Todos quantos dele se aproximaram foram tocados pela maravilhosa irradiação, que dele se desprendia, encontrando-se em nosso *Tratado elementar de ciência oculta* uma fraca descrição desse homem, sob os traços do nosso mestre espiritual. Ele, ai de nós, deixou a terra há poucos anos e já não se comunica com seus pobres amigos e discípulos senão através dos véus do Além”.

“Ora, esse homem, quando dava lições, o fazia sempre com tato perfeito, sem ferir a consciência de quem quer que fosse, evitando sempre o escândalo físico ou mental”.

“Eu tinha observado uma família burguesa, rica, considerada, tendo um pouco de pretensão de respeitabilidade, que tanto procuram as famílias burguesas do interior. O pai tinha morrido; a mãe ficou só, com a própria mãe e duas crianças de 10 a 12 anos. Vi a miséria ir entrando, aos poucos, nessa família, enquanto a mãe fazia todo o esforço, valente mente, e matava-se no trabalho para salvar a prole. Aumentava, porém, a impiedosa miséria, sendo preciso vender os móveis, apertar-se e, por fim, foi apenas por caridade que a família pôde comer, refugiada em uma mansarda. Quase cheguei a acusar o Céu, tal como o fazia aquela mãe de família”.

“Foi então quando, ao externar minhas mágoas ao Mestre, certo dia em que estávamos fechados no quartinho contíguo à sala onde ele fazia suas milagrosas

curas pela prece, estranho espetáculo ofereceu-se ante meus olhos. O Mestre dissera-me: “Irás ter uma resposta à tua pergunta: é uma felicidade para ti, mas é também uma grande responsabilidade. Antes desta resposta, estavas ignorante e tinhas o salário dos ignorantes; agora estarás advertido e terás o salário dos que sabem.

“Compreenderás mais tarde o que isto significa. Vamos pedir ao Amigo que erga para ti as cortinas separadoras dos planos.

“Parece-me, naquele instante, que o muro do quartinho se abre. É a criação de minha imaginação? É a realidade? É simplesmente a iluminação de um clichê, pela palavra do Mestre? Que importa!”

“Disse o Mestre: *Estas mulheres, outrora, deixaram morrer de fome uma parenta de quem queriam herdar* e vejo o velho castelo feudal, reconheço a mãe e a avó apesar da diferença dos trajes e vejo uma moça trancada num reduto escuro, suplicando àquelas mulheres que não a deixem morrer e lhe dêem pão. Elas foram sem compaixão, acrescenta o Mestre. *Elas voltaram à terra, após terem aceito o pagamento de suas culpas e terem concordado em morrer de fome, como haviam feito morrer à outra.*

*A Virgem compassiva, porém, e uma oração dos ancestrais, mudaram o destino, permitindo-lhes que pudessem comer e, após terem sido humilhadas, tornassem a passar a vida normal, o que realmente aconteceu”.*

“A mãe e a avó foram salvas pelo trabalho das crianças, dois grandes espíritos encarnados pelo Céu nessa família de demônios femininos, para salvá-la”.

“Este relato só tem o valor dado para a minha instrução pessoal. Quer o tomem como lenda, quer o tomem como realidade, pouco importa! A parcela de ouro, contida nessa ganga, é suficientemente brilhante para iluminar os corações capazes de compreender”.

“Existem sempre sobre a terra, segundo uma tradição secreta, três destes enviados do Pai; quer estejam encarnados juntos, quer estejam agindo cada um em um plano diferente, pouco importa. Cada um desses enviados tem um caráter especial. Aquele de quem o nosso coração permanece saudosos, pelas palavras vivas que nos ensinou, chamava-se “*o mais velho espírito da terra*”; ele tinha poder especial sobre o raio, que obedecia aos seus pedidos e, igualmente, agia sobre ao ar e a água. O que é interessante para os nossos leitores é que ele tinha uma noção completa da vida presente, com todos os pormenores, de todos os seres terrestres

com os quais se achava em relação. Ele podia dizer a uma pessoa: *“Em tal dia, tentastes vos suicidar, em tal e qual condição e até tínheis preparado tudo para que se acreditasse num acidente, mas, no último instante, se não conseguistes vos lançar do alto da rocha sobre o mar, é porque eu estava, invisível, ao vosso lado”*.

Certo dia, entretanto, em uma igreja, aonde fora para ser padrinho de um dos filhos de Durville, — o jovem Henri, naquela ocasião — inclinando-se junto ao ouvido de um mendigo, **pseudo-paralítico**, que estava oculto entre as duas portas, murmurou-lhe: *Tenho 15.000 francos no meu colchão, 10.000 francos em ouro e 5.000 em notas, e muito temo que m’os venham roubar*. O mendigo, espantado, *saiu correndo para junto do seu tesouro*<sup>11</sup>.

“Seriam necessárias páginas e páginas para dizer tudo quanto faz um enviado do Pai sobre a terra. É um pouco de sol na sombra infernal, é muita compaixão em meio aos corações de pedra, é um raio de luz no egoísmo e na crueldade que nos rodeiam e isso nos faz amar um pouco a vida”.

“Tais são os que voltaram voluntariamente, os que se lembram realmente, e, porque se lembram, são os que jamais dizem que foram este ou aquele grande personagem, não evocando, sequer, tudo quanto puderam fazer nas existências anteriores”. (*A reencarnação*)<sup>12</sup>.

Marc Haven, Mme. Lalande, J Bricaud igualmente dedicaram, em alguns de seus escritos, preciosos comentários ao Maître Philippe. Também Phaneg e especialmente Sédír, estes, porém, sem o designarem nominalmente<sup>13</sup>.

Marc haven também falou do Mestre, sem lhe citar desta vez o nome, naquela obra notável, tão rica em ensinamentos de toda espécie, que publicou sobre

---

<sup>11</sup> Em outro de seus livros: *o Tratado elementar do ocultismo* (Nova edição, La Diffusion Scientifique, Paris 1954), Papus citou outro exemplo do poder do Mestre: “Um senhor vem assistir a uma das sessões de Philippe e pede para lhe falar. Perguntam-lhe: *É para si mesmo? Para mim?* responde interrogativamente o homem, *vocês pensam que sou tão estúpido como essa gente toda, aí presente? Não, não venho por mim, só tenho um recado para entregar e, quanto a mim, nada tenho para pedir...*

“Philippe olha para ele e diz-lhe: *Queres entrar, nesse quatinho contíguo?* O interessado acede e Philippe, dirigindo-se a ele, prossegue: *Lembras-te do que fazias, em 28 de julho de 1884, às 3 horas da tarde? Estrangulavas uma mulher. Nada temas: só eu vi e a polícia não demorará em descobrir-te. Se queres pedir, agora, perdão ao Céu, não te acharão*”.

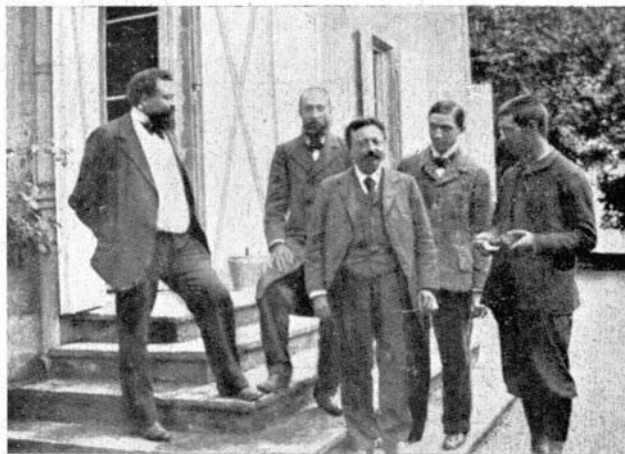
Pois bem, comenta Papus, esse homem, que queria bancar o espírito forte, caiu de joelhos e implorou o perdão do Céu”.

<sup>12</sup> Nova edição. Dangles, Paris, 1953.

<sup>13</sup> Phaneg e Sédír evoluíram rapidamente para o misticismo desde que se aproximaram do Mestre. Cabe prestar aqui justa homenagem à dedicação e ao altruísmo de que deram prova, para com a humanidade sofredora, até chegar a última hora de suas vidas neste planeta.

A “*Entente amicale évangélique*” com Phaneg e “*Lés Amitiés Spirituelles*” com Sédír, foram Centros nos quais estes dois discípulos conseguiram que o ensinamento do Mestre fosse piedosa e fielmente mantido e cultivado... No que se refere aos livros de Sédír, merecem ser recomendados a todos os seres que se acham desesperados, a todos quantos precisam de conforto, a todos aqueles que acreditam em Nosso Senhor Jesus Cristo.

*Cagliostro, o Mestre desconhecido* e que convém ler nas entrelinhas. Numa carta de 10 de dezembro de 1925, tão afetuosa para mim, na qual aquiescia em me dar valiosos conselhos para a orientação de minha vida, o doutor Lalande (Marc Haven), que foi, aprez-me lembrar, uma amigo dedicado, graças ao qual pude levar avante os meus estudos secundários, fez questão de [continua o parágrafo]



O Mestre Philippe em meio a fiéis discípulos – Vê-se a Papus (a esquerda) e, atrás do Mestre Philippe, a Marc Haven e Paul Sédir. À direita: Bardy (Rosabis).



O Mestre PHILIPPE com seu galgo “Tchai” em segundo plano, Victoire PHILIPPE, senhora LALANDE



Da direita para a esquerda: Sra. e Sr. Chapas; Sra. Lalande née Philippe; o doutor Lalande; uma amiga, o MESTRE.

[continuação do parágrafo] me chamar a atenção sobre esta particularidade: *Tendes lido “Le Maître Inconnu?” Tendes compreendido? Do Mestre, vossa mãe vos falará. Eu tomei um personagem — Cagliostro —, que se assemelhava, para falar dele. Somente os amigos terão entendido*<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Paul Sédir parece ter procedido na mesma forma com o seu livro *Iniciações*, no qual se refere a um certo “Andréas”... (Ph. E.).



Doutor Emmanuel LALANDE (Marc Haven)

Em outra carta, expedida em 20 de dezembro, meu benfeitor louvou-me, dizendo: “Sim, meu filho e meu amigo, tive um Mestre e um Pai: M. Philippe, de quem fomos — Papus e eu —, discípulos dedicados e amigos preferidos. Nele está a verdade e o caminho, a força e a paz. Saint Yves d’Alveydre pode ter “interessado” a vosso pai, como a outros, mas não vos deixeis ir para esse lado. Amai M. Philippe. Pensai nele e tomai-o como mestre e diretor de vossos pensamentos, de dia e de noite. Vossa mãe dir-vos-á que não era um homem, mas o Verdadeiro Mestre, o único que tinha poderes e dava provas, quando o queria, de tudo quanto dizia. Como Nosso Senhor Jesus Cristo, ele viveu, sofreu, desabrochou almas, consolou, ressuscitou mortos e *ele nada escreveu*. Meditai sobre isso. Papus vinha a nossa casa, em Lyon, a L’Arbresle, para ali buscar a Vida e a Luz, ele cujo espírito era tão aberto, tão rápido em compreender e cujo coração era como ouro puro.

Sou e ficarei sendo o vosso amigo. Coragem, trabalho, êxito... Com relação a *explicar-lhe* M. Philippe, querido amigo, seriam indispensáveis semanas de comunhão mental, antes de poder dar-lhe um simples lampejo. Tornai a ler o meu *Mestre desconhecido* e nele achareis muitos traços “seus”; citai-o, quando for oportuno, àqueles cujo coração estiver sinceramente enamorado da verdade<sup>15</sup>”.

É preciso crer que aqueles, cujo coração está sinceramente enamorado da verdade, são bastante numerosos, a julgar pelo êxito de livraria do belo livro de Marc Haven, cuja segunda edição já está esgotada.

Outorgou-nos J. Bricaud, também, interessantes pormenores sobre o Mestre, a quem teve a honra de conhecer na própria Lyon. “Fui apresentado ao Maître Philippe, escreveu, no decorrer de uma das sessões da rua Tête-d’-Or, pelo seu genro o Dr. Lalande. Ele teve a bondade de me aceitar entre os seus alunos”.

“À primeira vista, nada do Mestre chamava a atenção. Pequeno, de ombros fortes, de corpulência acentuada e um pouco barrigudo, de aspecto jovial, poder-se-ia tomá-lo, facilmente, por um pequeno contista bonachão. Cabelos castanhos

---

<sup>15</sup> Ver página 205.

abundantes, partidos ao meio, orlavam uma testa alta e saliente. Uma ruga, bastante acentuada, separava os olhos que, em contraste, eram azuis<sup>16</sup>, sob pesadas pálpebras, índice de predisposição à clarividência. Usava grande bigode, meio caído. Um robusto pescoço suportava esse conjunto fisionômico”.

“Tinha conservado, de sua origem camponesa, um jeitão de bonomia e gostos singelos”.

“Tal era a impressão que produzia à primeira vista”. “Era só após uma palestra que a notável suavidade de seu olhar, associada à sua invulgar penetração, bem como o tom de sua voz, o equilíbrio de seus dizeres e o seu sorriso tomavam conta da gente. Era, no mais alto grau, um persuasivo, servido por maravilhosos dons psíquicos”.

Le 24, c'est Noël - et  
mon ami...  
Mon cher Philippe,  
Je suis très heureux et très touché de voir cela;  
vous êtes bien le digne fils de mon cher Papius  
Oui, mon enfant et mon ami - j'ai en vous  
maître et un Papi - M. Philippe - et Papius a  
été, avec moi, son élève et son ami devenu  
profès. La est la vérité et la Route - la  
force et la paix.  
Amis M. Philippe - Papius - y - j'ai en vous  
comme Maître et élève de vos parents, de  
jeux et de suite. Vous m'avez dit que  
ce n'était pas un homme, mais le vrai Maître,  
le seul qui avait des pouvoirs et tenait -  
quand il le voulait - les papiers de tout ce  
qu'il tenait - Comme N. S. J. Christ, il a  
vu, souffert, donné sa vie, console, nous  
voilà de mort et il n'a rien écrit -

Songes d'été - Mais Papius venant de moi,  
à Lyon, à l'Abbaye et il venait y passer  
la Vie et la lumière, lui, il avait le pouvoir  
de savoir, de voir, de comprendre, et tout ce que  
était comme de l'air pur -  
Je suis et restera toujours votre grand  
ami - Courage, travail, succès - ne  
perdez pas de temps ni force inutilement -  
En traitant mes papiers, je trouve de bons  
exemples de choses - notes ou documents - qui  
peuvent vous servir. Quant à vos espérances  
M. Philippe, cher ami, il faudrait des  
lettres de communion mentale avant d'en  
avoir à penser vos dons sans aucun  
Rituel ou Maître Interne, vous y  
trouvez beaucoup de traits de lui - et c'est la  
à l'occasion à ce point de vue est certainement  
après de suite  
Quelle progrès spirituels  
vous avez fait! Mes  
félicitations sincères; mais pas d'orgueil, cela vous  
nuirait  
Fac-similé d'une lettre adressée à Philippe Encassee par le docteur  
E. Lalande (Marc Haven), gendre de M. PHILIPPE.

(Fac-similé d'une lettre adressée a Philippe par lê docteur E. Lalande (Marc Haven), gendre de M. PHILIPPE).

“Com o seu encanto e a torrente de eflúvios magnéticos que projetava em torno de si, podia realizar, sobre seres acessíveis, todos os soerguimentos da vontade, impor as mais severas disciplinas, repreender ou absolver com uma autoridade que nenhum outro homem teria estado em condições de adquirir.

Ele era da raça dos Cagliostros e dos Vintras, daqueles que geram a fé, a fé que ergue montanhas!” (Le Maître Philippe)<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Habitualmente, o Mestre tinha olhos castanhos-marrons; em diversas oportunidades, porém, apresentou-se a diferentes pessoas com olhos de esplêndido azul. (PH. Encassee).

<sup>17</sup> Assinala J. Bricaud, nessa mesma obra, um artigo de Papius, publicado em *L'Initiation* do mês de março de 1896, onde, em termos velados, trata do Mestre e de sua missão, segundo Bricaud. Certos íntimos de Papius, porém, emitiram a hipótese de tratar-se do próprio Papius...

Esse artigo, reproduzido em seguida, tinha por título: “A Encarnação do Eleito”.  
“Vejo, sobre o fundo azul-escuro, uma maravilhosa paisagem astral onde cada ser, cada planta, se distinguem por suave luz que deles emana. Vi aparecer, logo depois, uma extensa legião de Espíritos luminosos, cujos rostos revelavam grande sofrimento. Bem na frente, um ser velado, vindo de um mundo superior, envolvia, com sua luz brilhante, outro Espírito, cuja elevação se percebia pela sua intensa irradiação. Era esse o grupo dos ancestrais, que vinha presidir à morte sobre o plano astral e ao nascimento sobre o plano material de um filho querido entre todos os filhos do homem”.  
“Foi-me permitido ouvir, então, em meu humilde espírito, a voz do ser alado, que dizia: “Chegado ao termo da tua ascensão, tua prece elevou-se até ao trono do Inefável e pediste, de novo, o sofrimento, tu, de quem o sofrimento se havia afastado; imploraste a descida na sombria matéria física, tu, cuja matéria estava definitivamente iluminada”.

\* \* \*

“M. Philippe era de muito acolhedora disposição. Tinha cabelos escuros e finos, usando-os um pouco compridos e jogados para trás. Seus olhos eram castanhos, um tanto claros e cheios de reflexos dourados.

Alguma coisa, totalmente livre, desprendia-se dele e a sua autoridade absoluta traduzia-se, sem nenhum esforço, ou encenação. Muitas vezes, chegando perto das pessoas, dizia-lhes em poucas palavras algo que os preocupava desde muito tempo e que não sabiam com lhe dizer convenientemente.

---

“E tu disseste: ó Pai celeste, Ó Virgem dominadora das constelações, permiti-me, agora que o ciclo de minhas dores pessoais está terminado, baixar de novo e, mais uma vez, sofrer pelos que Te desconhecem e morrem na sua alma por não Te haverem sentido”.

“Tua prece, criatura bela entre as criaturas, foi então elevada à existência real por uma lágrima da celeste Virgem, e eu nasci e recebi a ordem de ser o teu ideal e o teu amigo, quando as barreiras corpóreas quebrarem as tuas luminosas emanações”.

“Ouve!..

“Eis o Destino criado pelo teu pedido e que o Pai quer revelar-te, enquanto ainda é tempo”.

“É sobre o mais terrível dos planetas que o teu corpo nascerá e o sombrio Destino, a quem declaras guerra por teu sublime sacrifício, pede que os maiores obstáculos se ergam ante tua vontade. Nascerás pobre e humilde, condenado à humilhação e às mais rudes tarefas. Os poderes conferidos por tua decisão, ninguém t’os poderá tirar; serão vãos, porém, para ti e para teus próximos e serás incapaz de mandar no espírito da tua própria criança, ao passo que terás pleno Poder sobre os estranhos e isso será mais uma fonte de humilhação, porque os cegos dirão: “Olhai, pois, esse mistificador que pretende curar os outros e não pode impedir à doença e à morte de lhe atingir os filhos!”

“Porque tal é a lei: a Humanidade te pertence, mas a tua família, assim como o teu corpo, pertencem integralmente a teu inimigo, o Destino”.

“Ainda é tempo. Ó meu Criador, destrói-me por um novo desejo teu, e a imagem da tua encarnação será destruída e ficarás em meio aos teus”.

“Todos os corações dos ancestrais emitiram, nesse momento, suplicantes desejos e, contudo, o espírito do Sacrificado disse: “Pedirei a Deus para me dar a força de amá-lo sempre e suportarei o escárnio dos homens!”

“Então, a voz do Ser alado continuou:

“Ainda não é tudo; as criaturas do Destino, os maus te arrastarão perante os tribunais dos homens, e lá, teu inimigo se erguerá e te dirá: “Diz a origem dos teus poderes, mostra a teus juizes quem és; tem o brio de dizer quanto lhes és superior e me aliarei a ti e os esmagarei; e sairás do tribunal com a auréola dos profetas e dos reis e os ricos serão teus escravos e te cobrirão de ouro. Se recusas, é a condenação humilhante e sem recursos... São as lágrimas e as angústias dos teus entes próximos”.

“Que responderás ao teu inimigo?”

“Que Deus me conceda essa terrível prova e direi ao Destino: “Eu nasci na pobreza e é pela humildade que quero progredir. Tu me ofereces o poder saído do orgulho e foi por essa cilada que, no princípio, pegastes o Desejo de Adão. Retrocede, enganador, e que venha a condenação do tribunal dos homens, dizendo que os homens não me deram o direito de curar; ela será bem recebida, e eu a receberei com gratidão, se ela puder servir para a evolução do espírito dos meus juizes. Porque, no mundo dos homens, eu sou o servidor das leis dos homens, e me inclinarei, com respeito, ante elas. Eu vim para os ignorantes e para os pobres; para que preciso do ouro e das congratulações dos ricos?!... Que meu sofrimento seja abençoado em nosso Pai.”

“Então, o Ser vindo dos céus superiores, disse ainda: “Ó meu Criador, tu não quiseste privar-me da existência que me deu teu desejo de sofrer novamente. Sê abençoado e ouve ainda a minha voz: “Sim, serás um humilde e, essa mesma humildade será a prova de tua grandeza aos olhos dos videntes; porque só os humildes estão marcados com o selo do cordeiro e os orgulhosos, com o selo da falsa luz.

“Tu ensinarás aos homens a certeza da bondade de Deus e o desprezo da Vontade, e serás ouvido pelos pobres e pelos eleitos. Vai, meu criador amado, desce na matéria e, quando regressares triste e desanimado, chama-me e eu te servirei, como outrora os anjos serviram ao nosso Cristo no deserto. Vai e dize aos eleitos que te pedirão qual a chave do teu poder: Nada sou; sou menos que nada, mas tenho um Amigo muito poderoso, que me ensinou a sofrer e a orar... Vai e sê abençoado”.

“E não me foi permitido escrever o mistério desta encarnação, quando onze eleitos passaram pelo sol para acompanharem Aquele que, *voluntariamente*, tornava À terra; e os onze chegaram ao sol cinco anos após a metade do século”.

Outras vezes. Ele referia a alguma das pessoas presentes um fato relativo à vida dessa pessoa e só por ela conhecido ou, ainda, uma palavra que fora dita em segredo. E, sobretudo, ele dava força moral para suportar as provações... Philippe era de extrema vivacidade e amiúde, enquanto era visto falando com alguém, num canto da sala, já estava em outro lugar, tendo-se aproximado, antes de chegar a vez, de alguma pessoa da assistência. É assim que foram operadas numerosas curas: à distância. Vendo a dor no coração de alguém, vinha conceder-lhe alívio ou, às vezes, fazia uma observação inesperada a algum assistente que, no intervalo de suas visitas às sessões, não tinha mantido uma promessa, feita para obter uma melhoria ou então tinha agido mal numa forma que pensava ignorada por todos. Aquele que, deste modo, se via descoberto, ficava confundido e não sabia onde se meter... Philippe estimava que a prática valia muito mais que a teoria, mas a prática, por ele ensinada, quase sempre se dirigia a um auditório de seres simples e, com freqüência, sem cultura. Não se deverá concluir, deste fato, que Philippe nunca falava de outra maneira, pois ele respondia a cada um segundo seus conhecimentos e capacidade". (Marie Lalande: *Minhas lembrança de Mestre Philippe*).

\* \* \*

"M. Philippe não era apenas um curador nato, como aparecem de vez em quando e que, graças a uma faculdade psicológica ainda inexplicada pela medicina moderna, realizam curas tão reais quanto surpreendentes. Ele os superava infinitamente, graças ao seu profundo sentimento das forças desconhecidas, da presença de Deus e da sua inspiração, ao mesmo tempo que pela sua autoridade moral sobre os que o cercavam e sobre os doentes que, em multidão, o vinham visitar. O espetáculo dessa ação fazia compreender aos que a presenciavam, mesmo como meros observadores, o que puderam ser os Profetas, rodeados por seus discípulos, e quase seria preciso dizer o Cristo em meio aos seus Apóstolos". (André Lalande, Membro do Instituto, irmão de Marc Haven).

Era, Ele, Tão diferente de nós, tão grande em conhecimento, tão livre, que nenhuma de nossas medidas a Ele se adapta. Lógica, moral, sentimento de família, tudo isso não era para Ele o que é para nós, já que a vida inteira se apresentava a Ele com o passado e o futuro interligados num só todo espiritual, do qual Ele sabia a natureza, a essência, as razões e as leis; de tudo isso, Ele possuía as engrenagens. Falar sobre Ele? Mas seria indispensável ter podido falar, antes, durante dias, com

aquele a quem se quisesse expressar o Seu pensamento, sobre tudo quanto nos rodeia, matéria e força, pensamento e sensação, e ter chegado a uma concepção, perfeita e idêntica, dos dois, de todo o Universo e de nós. Seria preciso, depois, que o ouvinte chegasse a representar-se, especialmente a sentir, — porque o centro de tudo, em nós, é o *coração* e não a razão — a realidade, a verdade de um ser como Ele, não possível, senão como necessária. Então, aquele que sobre Ele falava talvez pudesse ser compreendido! (Docteur Lalande: *Marc Haven*).

\* \* \*

“E também, como já vos disse, o ensinamento de M. Philippe resumia-se em poucas, pouquíssimas coisas. De um só ponto tudo dependia: a automodificação, a forja, a modelagem, a têmpera pessoal até que a criatura fosse a ausência do egoísmo e o amor integral, a bondade total para com o semelhante. Porque, sem isso, tudo é necessariamente falso: chamado à morte, ciências e virtudes, atos e teorias ou pensamentos, vida ou felicidade, tudo enfim; com isso, tudo nos é dado: progresso, harmonia, poder, felicidade e possibilidade de tornar outros felizes e conhecimento progressivo de tudo, do mundo, dos homens e de Deus”.

“Juro que isso é tudo e que M. Philippe não ensinou, nem praticou, nada diferente. Como Ele, porém, já ia alto sobre essa rota, tão alto que não se pode dizer se Ele já se encontrava nas imediações do cume, ou se já o ultrapassara, enquanto nós estamos cá em baixo, possuía Ele, portanto, esse conhecimento, esse poder do qual lhes falei acima e com o qual sonha o nosso desejo; Ele realizava, pelos seus feitos benfazejos, curas morais e físicas, atos de ciência ou de milagre (vale dizer superciência para nós), dando provas de que era verdadeiro o seu ensinamento”. (Docteur Lalande: *Marc Haven*).

“Eis um dos conceitos de Philippe: “Para construirmos uma casa, precisamos começar pela base, porque tudo ruirá, se a começarmos por cima. Seria indispensável possuir materiais; esses materiais são *o amar ao semelhante como a si mesmo*”. São esses materiais que, com mais freqüência, nos faltam. (Mm. Marie Lalande: *Mês souvenirs de Maître Philippe*).

\* \* \*

Espero que os documentos acima publicados tenham permitido aos leitores desta biografia travarem um amplo conhecimento com o *Mestre Espiritual* de Papus. Convém dar ainda, entretanto, outros pormenores, que também apresentam interesse, como, por exemplo, esta retificação que Papus mandou a Pierre Mille (que havia criticado M. Philippe em artigo precedente<sup>18</sup> e que deu lugar à seguinte resposta de Pierre Mille, no *Le Temps* da quinta-feira 8 de dezembro de 1904:

*“Com referência a um artigo que publiquei, em data recente, sobre Philippe de Lyon, M. Papus escreveu-me que ele, doutor em medicina, tinha M. Philippe na conta de muito grande médico, tendo sido o mesmo, aliás, aprovado em exames na Faculdade de S. Petersburgo, onde assombrou o jurado pela precisão de seu diagnóstico; que se M. Philippe fora condenado por exercício ilegal de medicina, tais condenações tinham sido apagadas, pelos meios legais, de sua folha corrida, a ponto de ser hoje Capitão dos bombeiros; que, se Philippe joga na Bolsa, o faz para os pobres, aos quais dá todo o fruto de suas especulações, quando há, suponho; que a mulher, a quem desposou após ter salvo a vida dela, trouxe-lhe fortuna, o que lhe permite tratar, gratuitamente, dos doentes e que é por conta própria que viaja para o estrangeiro; que Philippe possui, de nascimento, poderes psíquicos extraordinários.*

*Registro **prazerosamente** essas comunicações do Dr. Papus. E até acrescento, de minha parte, que Voltaire teria sido, sem dúvida menso desinteressado.*

*Também recebi outra carta, que cito com prazer, por ser muito espirituosa:*

*“Em vossos últimos “Esboços segundo a natureza”, reconheceis ter “feito injúria ao patriotismo local” dos Lyonense, situando o Philippe deles abaixo do vosso Papus; o tom de vosso artigo, porém, permite supor que não vos dais exata conta da extensão de vossos erros”.*

*“Meus compatriotas, efetivamente, só poderiam ter ficado magoados em face da desenvoltura com que falais do mais ilustre filho da sua cidade, dessa cidade que, sem motivo plausível, taxais de áspera”.*

---

<sup>18</sup> O artigo de Pierre Mille, assim retificado por Papus, era uma reportagem, possivelmente engraçada, porém certamente parcial e um pouco malevolente, publicada no *Le Temps* de 23 de novembro de 1904. Esse artigo relatara uma visita de Pierre Mille à mansão residencial “discreta, um pouco triste e antiquada”, onde operava esse “Cagliostro redívivo”, esse “Zouave Jacob para testas coroadas”.

(Pierre Mille Scribit).

*“Está bem provado, entretanto, que Philippe de Lyon freqüentava as cortes, tal como Philippe d’Orleans e, ainda mais, lá fazia milagres, o que estabelece marcada diferença entre ele e seu homônimo”.*

*“No tocante a saber se, realmente, o mestre lyonense foi auxiliar de açougueiro e expressava-se em francês de carregador, como pretendeis, são esses pormenores sem importância”.*

*“Um dos predecessores de Philippe e, como ele, taumaturgo famoso, é dado como tendo sido oficial de carpinteiro e, no entanto, sua doutrina teve êxito prodigioso, embora a tivesse exposto num aramaico desprovido de elegância”.*

*Queira, etc.*

A. LAMBERT

*Pierre Mille.*

O jornal *Gil Blas*, de 25 de novembro de 1904, também dedica um artigo a M. Philippe, do qual segue um excerto:

*“Há, em França, um homem que é, a um só tempo, médico, condenado por exercício ilegal de medicina, general, capitão dos bombeiros, amigo de um grande soberano, benfeitor como uma fadama desinteressado como um apóstolo, admirado e adorado pela metade de seus concidadãos, caluniado e vilipendiado pela outra metade, seguido como um santo pelos seus doentes e discípulos e perseguido como um malfeitor pela polícia.*

*“Não lhes espantarei dizendo que semelhante homem é bruxo. Ele se chama Philippe e mora em Lyon. Desde algum tempo fala-se muito nele. Grandes jornais, muito prudentes, dedicaram-lhe longos artigos e a sua fama, após ter-se espalhado na Rússia, terminou penetrando até em Paris...”*

No *Le Petit Parisien* (17 de julho de 1906) Papis escreveu isto: “Philippe tinha sido o meu mestre (espiritual); tinha se tornado meu amigo”.

“Sem ser rico, Philippe desfrutava de certa fortuna. Muito cioso de sua independência, não gostava de dever coisa alguma a quem quer que fosse, mesmo a um grande na terra, Ele provou isso recusando, sistematicamente, tudo quanto o Tzar quis brindar-lhe: cargos, honras, cruces, pensões; de tudo declinou”.

“Nicolau II redobrou a estima por esse homem que não lhe pedia nada. No palácio Peterhof, as personagens da Corte, não podendo interrogar o Tzar sobre o

que dissera a Philippe, perguntavam ao próprio Philippe, que se abstinha de lhes responder”.

“Desde então, esse homem tornou-se suspeito e, com ele, todos os que o freqüentavam. Como me contava entre esses últimos, indicaram-nos, a mim e ao Mestre, a certa polícia; ela nada pôde saber de muito interessante e imaginou que devíamos ser, Philippe e eu, dois gênios maus, que tinham conseguido ascendência sobre o espírito do Tzar, fazendo falar os mortos”.

Essas poucas linhas de Papus referem-se à ação de M. Philippe e à sua própria na Rússia, no império dos tzares, onde desempenharam, de fato, um papel dos mais relevantes... Não deixarei, aliás de dar repetidos testemunhos disso; antes, porém, é oportuno dar aqui os últimos informes sobre o M. Philippe e o final de sua vida.

Em novembro de 1895, segundo uma proposta de Papus (que, alguns anos antes, havia conhecido M. Philippe, por intermédio de Mme. Encausse, cuja mãe morava em L'Arbresle e ficara maravilhada com o poder do Mestre) uma escola secundária de magnetismo e massagem foi estabelecida em Lyon<sup>19</sup>.

M. Philippe foi solicitado para assumir a direção e aceitou<sup>20</sup>. Ele foi nomeado, então, professor titular da cátedra de clínica magnética e *por outra parte, por*

---

<sup>19</sup> A Escola-mãe, da qual Papus era diretor-adjunto, tinha sido fundada, em Paris, pelo célebre magnetizador e psiquiatra Hector Durville (pai do editor e escritor Henri Durville).

<sup>20</sup> Pude encontrar, entre os papéis de Papus, um relatório manuscrito de sessões da Escola prática de magnetismo e de massagem, sucursal de Lyon. Trata-se das sessões de 28 de novembro e de 1º de dezembro de 1895. Eis o relatório:

— *quinta-feira, 28 de novembro de 1895* — Alguém indaga a opinião do Mestre sobre o Nosso Senhor Jesus Cristo. Responde-lhe o Mestre: “Eu não sou bastante sábio para dar-lhe uma explicação nítida; nas minhas buscas psicológicas, porém, reconheci que Ele não era apenas um Sábio e um realizado, mas um Deus.

“No que me concerne, declaro altissonantemente que Ele é Deus e declaro que, em verdade, aquilo que deseja o Pai, que é Deus, também o deseja o Filho, que também é Deus, porque o que quer o Filho, o Pai também o quer”.

“Se Nosso Senhor Jesus Cristo, quando veio a este mundo, não tivesse tido o cuidado de pôr a sua esplendente luz, atrás da cortina que separa este mundo do outro, nenhum homem da terra teria podido aproximar-se d'Ele”.

“Experiência — O Mestre explica que existem sete cortinas e que por trás da primeira cortina, acham-se os seres mais evoluídos que habitaram neste mundo. Ele chama, então, um jovem para perto dele e participamos que irá erguer a primeira cortina, que separa este do outro mundo.

No mesmo instante, todas as pessoas presentes sentem uma corrente de ar, mais fria e mais leve, que produz em todos um inexplicável bem-estar. Tendo todos expressado o desejo de que o Mestre concorde em erguer a segunda cortina, ele declara consentir. No mesmo instante, o jovem cai inanimado e todos os assistentes são tomados de espanto e alguns até atraídos no vácuo.

A impressão geral é que teríamos sofrido a influência do mesmo fenômeno, se o Mestre não tivesse baixado logo a cortina.

— *Sessão de domingo, 1º de dezembro de 1895* — Presentes 110 pessoas, discípulos e doentes, entre os quais uma mulher idosa, de 60 anos, vinda pela primeira vez e que, desde os três anos, está aleijada do ombro esquerdo, com anquilose do cotovelo, que lhe tolhe os movimentos do antebraço e até dos dedos.

O Mestre nos diz: “Há um mundo onde todos os poderes são dados ao homem. Vou dar-lhes um exemplo disso”. O Mestre nos declara que os fluidos magnéticos vão ser compactos e serão depositados sobre os joelhos. Acrescenta o Mestre: “Nesse mundo, o homem faz o que lhe apraz porque ele mesmo é a própria força e a própria luz. Foi por isso que lhes afirmei que esta mulher teria um alívio imediato”.

*proposta dele, M. Jean Chapas foi nomeado mestre de conferências e encarregado dos cursos de história do magnetismo.*

Por ocasião da criação da escola secundária, também devida à iniciativa de Papus, escreveu o Mestre a carta abaixo, cujo original encontrei nos papéis pessoais de meu querido pai.

*Sr. Doutor Encausse, Villa Montmorency, 10, avenue des Peupliers, Auteuil, Paris.*

*Meu querido Doutor e Amigo,*

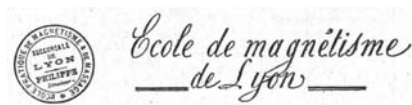
*Amanhã, domingo, por volta de duas horas e meia, vou anunciar aos clientes de Lyon a abertura dos cursos, ou melhor, a distribuição das inscrições, porque, para os cursos de anatomia e fisiologia, espero que esses senhores, de quem me falastes, já tenham vindo ou então que me informeis a época em que poderão fazê-lo. Quanto aos cursos de psicologia, não me afastarei da minha maneira de encarar o ponto de vista religioso (estaremos obrigados a ferir, o mínimo possível, as idéias de cada aluno, isto é, a dar-lhe ao estômago somente o que puder ser bem digerido). A existência afirmada e a prova dessa existência; a sua imoralidade e a prova da mesma; as suas relações com a matéria; eis o que, em algumas lições, farei compreender. Sabeis, porém, meu querido amigo, que não posso ir muito longe, porque eles se perderiam e não mais quereriam viver. Efetivamente, se os nossos infelizes mortais conhecessem o país que está do outro lado da cortina, pediriam certamente o nada, onde não existir, porque eles não têm olhos para ver, nem ouvidos para ouvir; eu lhes mostrarei que, somente quando o estado embrionário tiver envelhecido o seu ser, eles serão então transformados. Servirá também a anatomia, imediata e ponderavelmente para desenvolver-lhes a inteligência. Eles reconhecerão, bem rapidamente, que o acaso deve ser banido de seu cérebro. Enfim, espero que Deus abençoará aquele que pôs tudo isso em movimento, bem como a nossa querida escola.*

*Recebei, querido Doutor e Amigo, as saudações e agradecimentos do vosso servidor e amigo*

PHILIPPE

---

Na verdade, a doente levanta o braço como se não tivesse nenhum mal. Disse-nos então o Mestre: "Podeis ver que isso se fez sem a menor aplicação da vontade e sem nenhum esforço de magnetismo. Não fui eu quem o fez, mas Deus, que assim o quis para vos mostrar que não somos daqui e estamos todos chamados a ir muito mais alto".



O documento que instituiu essa sucursal lyonense da Escola prática de magnetismo e de massagem de Paris foi assinado em 1º de outubro de 1895. Era do teor seguinte: “A Sociedade Magnética de França resolveu abrir, em Lyon, uma sucursal da Escola prática de magnetismo e de massagem de Paris”.

“O Presidente da Sociedade Magnética de França, delegado especialmente em Lyon, organizou a Escola que funcionará a partir de outubro de 1895”.

“A Escola de Lyon, sendo uma sucursal de Paris, tem os mesmos estatutos e as mesmas características da Escola-Mãe”.

“M. Philippe (Nizier) é nomeado diretor da sucursal de Lyon da Escola prática de magnetismo e de massagem”.

“Essa Escola comportará um só lugar de Professor e diversos lugares de encarregados de cursos e mestres de conferências, nomeados diretamente pelo Diretor, após a aprovação da Direção Geral de Paris”.

“M. Philippe, diretor da Escola de Lyon, é nomeado Professor de clínica magnética”.

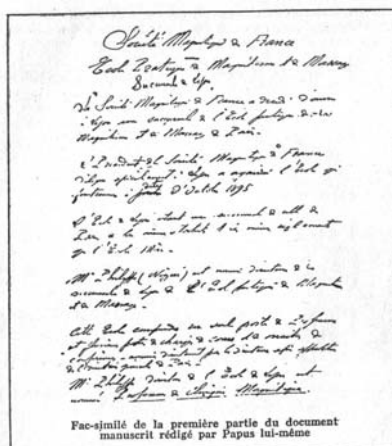
“Por proposta dele e após opinião favorável da Direção de Paris, M. Chapas fica nomeado mestre de conferências, encarregado do curso de *História do Magnetismo*”.

“Os cursos de Fisiologia e de Anatomia serão ulteriormente providos de titulares, mediante cuidados do diretor da Escola de Lyon”.

“O diretor da Escola de Lyon manterá um registro de inscrição dos alunos e outorgará a cada aluno um cartão especial”.

“O Presidente da Sociedade Magnética da França agradece, em nome da Sociedade, a M. Philippe pelo suntuoso local que põe à disposição da Escola de Lyon, para os cursos teóricos e práticos”.

“No fim de cada ano, os exames dos alunos, que desejarem obter o diploma de magnetizador-massagista prático, serão feitos por uma comissão de três membros, incluindo dois professores vindos de Paris e o professor local, diretor da Escola de Lyon, M. Philippe”.



Fac-similé de la première partie du document manuscrit redigé par Papus lui-même

\* \* \*

Por ocasião da solene inauguração dessa Escola de Lyon, Papus pronunciou a comovedora alocução, adiante reproduzida, que lhe permitiu render vibrante e pública homenagem ao Mestre Philippe:

“É, para mim, uma grande honra o inaugurar, em Lyon, a Escola de Magnetismo fundada pela Sociedade Magnética de França, como sucursal da Escola prática de magnetismo e massagem, que foi inscrita pela Universidade da França como Estabelecimento de Instrução superior livre”.

“Delegado em Lyon para efeito de constituir o Corpo docente da nova Escola, tive a alegria de verificar que a vossa bela cidade contava com bastantes práticos, dedicados e instruídos, para constituir, não uma, mas três Escolas de magnetismo, se fosse necessário”.

“Foi então que me dirigi à voz do povo, essa voz poderosa cujos ecos retumbam através dos séculos, enquanto a voz das Academias, após alguns meses, quase já não se ouve. E os agradecimentos das pobres e dos humildes e a benção das mães, a quem se devolveram os filhos condenados pela ciência oficial, elevaram-se para glorificar um nome, simples para aqueles que o ignoram e bem grande, entretanto, para os que sabem compreender o mistério das suas obras: o de PHILIPPE”.

“Eu fui procurar esse homem singular que realiza, de forma simples, coisas tão grandes e perguntei-lhe: “Mas quem sois vós, que possuíis tais poderes?”

“E ele me respondeu: “Eu vos asseguro que sou menos que uma pedra e todo o mérito deve ir para Deus que se digna, às vezes, de ouvir as preces do último de seus filhos, pois em verdade vos digo: *eu nada sou, sou menos que nada*”.

“Conheci muitos homens e tenho vivido em meio a muitos egoísmos e muitas ambições e, sempre, tenho ouvido dizer em torno de mim: Eu sou isto, eu sou

aquilo... Pela primeira vez em minha vida, ouvi essas palavras estranhas: Eu! Eu nada sou; porque vos dirigis a mim, quando tantos outros são mais sabedores do que eu?”

“Tinha achado, portanto, o meu MESTRE pois, desde muito tempo, eu procurava aquele que nada era no meio de todos, que eram tão grandes. E, contudo, bastante trabalho tive para fazer com que a modéstia de M. Philippe aceitasse este título oficial de professor de clínica magnética, a que, com toda a justiça, tinha tanto direito”.

“Em torno dele, como em redor de todos os que defendem a Verdade pelo exemplo, ergueram-se inimigos, tanto mais poderosos quanto mais ignorantes eram da grandeza da obra que atacavam”.

“Ousaram acusar de amor ao lucro aquele que, saindo de casa com um bom sobretudo no inverno, voltava de paletó, porque achara, no caminho, um infeliz que tremia de frio. Pretenderam arranjar pretexto para apoiar essa calúnia, e a voz do povo, em três palavras bem maiores que muitas belas frases, respondeu: *M. Philippe é o pai dos pobres!*

Quiseram acusar de exercício ilegal de medicina esse homem que curava os doentes incuráveis, orando a Deus por eles; foi necessária a nova lei sobre o exercício da medicina e o julgamento da Corte de Apelação de Angers para mostrar aos médicos do corpo a existência de uma medicina da alma, que está À disposição de todo coração puro e nada tem que ver com fórmulas farmacêuticas. Sou doutor em medicina, o que talvez me permita dizer de que está atacado um doente; mas dentro de dez anos, se Deus quiser, estarei bastante consciente das práticas da alta teurgia par *curar* esse doente, a quem, por enquanto, só posso aliviar um pouco. E vim vos entregar, nestes estudos, o segredo do progresso: eu também acreditei ser alguma coisa e até mesmo que era alguém! E aprendo agora, como se chega, *pelo sacrifício*, a não ser nada!

“Porque essas curas, essas assistências no desespero e essas intervenções na dor se pagam, no mundo invisível, como pagamos as nossas compras no mundo visível”.

“Mas aqui, pagamos aos nossos médicos com prata e ouro, em moeda de César. Lá, os médicos do Invisível se pagam com moeda de Jesus Cristo e ouro se chama caridade e perdão das injúrias e a prata, sofrimento pessoal e humilhação...”

“Perdoai aos vossos inimigos de todo o coração; lançai um punhado de ouro que vos devolverão em poder e em saúde; fazei bem a vosso inimigo, sem que ele o saiba; salvai-o da miséria e da morte; então, é uma grande promissória que sacais sobre Deus, que sempre honra seus compromissos”.

“Mas se sofrerdes, sem vos queixar, as perseguições e as calúnias e dedicardes vossos sofrimentos ao alívio de vossos semelhantes infelizes, tornar-vos-ei então um real representante do Invisível sobre a Terra; aquilo que pedirdes, o Céu vos concederá, com uma só condição: a de pedirdes por outrem e não por vós”.

“Um dia, arrastam um homem perante os tribunais e o acusam de curar os semelhantes, sem possuir diplomas. Dá-se livre curso à inveja e à calúnia, imputando a esse homem todos os pecados imagináveis e evocando, perante os juízes, as imagens mais injuriosas para um coração puro e uma consciência ciosa de seus atos. Um pormenor penoso: a mulher e a filha do desditado, vendo-lhe a honra assim atacada e sabendo que um simples gesto pode reduzir ao silêncio os acusadores, que uma simples palavra pode deter tão odiosas mentiras, suplicam ao acusado que faça esse gesto, que diga essa palavra. Ele chora, mas permanece em silêncio. Oferece seus sofrimentos, que são cruéis, para expiação das culpas de seus acusadores para com a Verdade e perante o Céu”.

“Tal ato supera a Humanidade!”

“E não se acredite tratar-se de impotência, porque esse esforço, que este homem não quis tentar para si mesmo e por falta do qual foi condenado, ele o fez uma semana depois, viajando até Villefranche para defender um pobre magnetizador...”

E viu-se o espetáculo raro de um desgraçado Tribunal *que já não encontrava o expediente do processo* e de testemunhas *tornadas subitamente afônicas*, do qual resultou a absolvição unânime do acusado.

“Eu poderia acrescentar nomes e datas a esses dois relatos; vós, porém, conheceis os fatos e seus autores. Assim sendo, não insistirei. Sabeis agora o que significa: “Daí a César o que pertence a César e a Deus o que a Deus pertence”, pois conheceis a moeda do Invisível tanto quanto a do mundo visível”.

“Compreendereis, por tudo isso, porque considero uma honra nomear, em nome de M. Durville, diretor da Escola de Paris, em nome da Sociedade Magnética de França e dos Professores meus colegas, M. PHILIPPE para professor de clínica

magnética da Escola prática de magnetismo e de massagem, encarregando-o de dirigir a Escola de Lyon”.

“Eis um título do qual M. Philippe é digno de ostentar e, entretanto, tenho a impressão nítida de que tal título pesa bem pouco junto ao que lhe outorgou o povo de Lyon: “O PAI DOS POBRES”.

Eis, a título de informação complementar, extratos de cartas que M. Philippe dirigiu a fiéis, a pessoas gratas, que se tinham oferecido para dar testemunho em seu favor, na Justiça, por ocasião de um processo por exercício ilegal de medicina:

*“Não estejais inquietos com relação a mim, pois eu vim trazer, podeis crer, a Luz à confusão e não vim sem armas, nem sem uma boa escolta. Armado da Verdade e da Luz, estejais certos disso, eu triunfarei. Se eu não pudesse suportar a luta, precisaria apenas desejar o descanso para o ter imediatamente. Se para aqui não andei pedir o vosso testemunho, eu o reservei para mais tarde, pois comparecerei ante um tribunal bem maior, onde precisarei de testemunhos para mim, para a Verdade e para o Céu. Lutai também, orando por vossos irmãos maus, pedindo a Deus perdão para os que cospem na face e dizem: “Se és Deus, desce da cruz”.*

\* \* \*

*Mil vezes obrigado pelo interesse com que me distinguis. Não vos lembrais de ter ouvido dizer, já há muito tempo, que eu deveria caminhar sobre espinhos?...*

*Agora, a hora de provar soou... Meu Pai mandou-me aqui para cuidar de seus filhos e os encorajar, porque eles são meus irmãos; para os amar, abençoar e liberar na hora da morte, isto é, para os apresentar a Ele, isentos de perturbação.*

*Não interromperei minha obra senão quando ela estiver concluída. Deus cuida de nós; temei apenas uma coisa: fazer o mal.*

*Eu saberei consolar aquele que chorou e salvar o que está perdido. Novamente, obrigado.*

*Vosso amigo Philippe*

\* \* \*

M. Philippe esgotou-se, sem cálculo, para vir em apoio de todos os que, humildes camponeses ou grandes da terra, apelavam para ele. Entretanto, se tinha

amigos devotados até à morte, também havia os invejosos, os ciumentos, os sectários ou os *espíritos fortes*, que se esforçavam para lhe prejudicar. As suas duas viagens, bem como suas intervenções na Rússia, valeram-lhe novos ataques, novos tormentos, nos quais se destacou, muito especialmente, certa polícia. O seu estado de saúde alterou-se. Depois, houve a grande pena de sua vida: a morte prematura, em agosto de 1904, da sua bem-amada filha, a suave e jovem Vitória Lalande, por quem, de acordo com as leis ocultas, ele nada pôde fazer, ele que curava os estranhos, os desconhecidos e havia até ressuscitado mortos. *Vês o que nos acontece*, disse ele à amiga da família, àquela que, mais tarde, devia tornar-se a nova companheira do Doutor Lalande. E no seu rosto estava estampada indescritível emoção. Foi estóico, porém, e humildemente inclinou-se ante a vontade divina. Achei uma anotaçãozinha manuscrita do Mestre, escrita em 13 de julho de 1896, às 7 horas e 15 da noite: *Meu Deus, aceitamos as conseqüências do nosso pedido e prometemos suportar, com resignação, todas as provas que Vos aprouver enviarmos.*

Pois bem, M. Philippe esforçou-se por resignar-se ante tão cruel provação, de acordo com o que tinha escrito e ensinado; mesmo assim, porém, o choque foi muito sentido...

Após a morte da sua filha, M. Philippe tornou-se cada vez mais doente. Às vezes, passava semanas inteiras em Paris, para grande alegria de Papis<sup>21</sup> e de seus demais discípulos parisienses, entre os quais Phaneg e Sédir. Ele lhes anunciou sua próxima partida para as esferas superiores... Retornou ao Clos Landar, L'Arbresle (Rhône), que ele já não devia deixar mais, pois a sua crescente opressão lhe proibiu logo qualquer atividade física intensa.

Foi a 2 de agosto de 1905, com 56 anos, que este grande espírito, este guia que era todo amor, este poderoso terapeuta das almas e dos corpos deixou o nosso plano físico<sup>22</sup>, onde tinha cumprido tão fielmente sua missão e onde sempre tinha

---

<sup>21</sup> Ele passava longas horas no 60, Bulevar de Clichy, na 18ª seção de Paris, onde moravam meus pais e onde fez muito bem a numerosos doentes. Embora o apartamento fosse sombrio e pouco confortável, Papis fez questão de conserva-lo até morrer, para lembrança do Mestre.

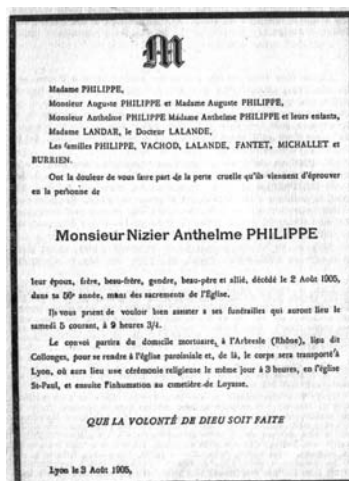
<sup>22</sup> M. Philippe foi sepultado em 5 de agosto, no cemitério de Loyasse, em um túmulo onde já descansavam membros da família Regny e Landar. Seu túmulo é o penúltimo da alameda nº 1, à direita. *Ele está sempre florido*, pois numerosos são os fiéis do Mestre que vêm prosternar-se, piamente, ante seus restos físicos. Essa tumba é lugar de peregrinação e, por ocasião das minhas visitas, no mês de agosto de 1947 e do mês de março de 1954, tornei a sentir aí uma extraordinária impressão de suavidade e de amor... O cemitério de Loyasse não está muito afastado da célebre basílica de Fourvière. Chega-se lá facilmente tomando, perto da basílica a rua Roger Radison (nome de um membro da resistência, assassinado em 1944 pelos invasores nazistas) e depois o caminho de Loyasse.

posto em prática a comovente lição de amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Mestre e Amigo...

\* \* \*

Alguns dias antes de sua morte, ele havia escrito a Papus, seu fiel discípulo, avisando-lhe que seu fim estava próximo. Papus, porém, não podia acreditar num desaparecimento tão rápido e foi em Paris que soube da triste notícia pelo seguinte telegrama, a ele enviado pelo Dr. Lalande: *Meu pobre amigo, chorai comigo! Ele nos deixou esta manhã. Exéquias sábado, pela manhã, às 10 horas. Previna a todos os amigos de Paris.*

M. Philippe tinha anunciado meu nascimento aos meus pais, dando-lhes até pormenores sobre minhas “numerosas” vidas anteriores (M. Philippe *dixit*) e sobre a minha existência futura. Tinha-lhes pedido que me dessem um só prenome: *o seu*. Ele desejava, efetivamente, ser meu padrinho espiritual. É com profunda emoção, suave alegria, pio sentimento, que aqui lhe rendo este modesto testemunho da minha gratidão e do meu afeto<sup>23</sup>.



Fac-simile da participação do falecimento de M. Philippe

Já assinalai, em obra precedente (*Ciências Ocultas ou 25 anos de Ocultismo ocidental — Papus, sua Vida, sua Obra*), o capítulo consagrado ao Mestre Philippe, sem cita-lo, porém, pelo nome, da autoria de Paul Sédir, em seu livro sobre *Alguns amigos de Deus*. São essas páginas, tão cativantes sob muitos aspectos, que se acham adiante reproduzidas, em memória do Mestre espiritual de Papus e para

<sup>23</sup> Tive oportunidade de ser, pessoalmente, objeto de uma manifestação do Mestre. Foi em 1924 quando, atingido num pé por uma ferida de mau caráter, me achava em péssimo estado de saúde e os médicos assistentes, chamados tarde demais, temiam uma septicemia. Foi então quando a minha querida mãe, que era uma médium extraordinária e a quem Mestre Philippe, quando vivo, honrava com seu afeto e amizade, viu o Mestre. Ele ordenou-lhe que colocasse, nessa mesma noite, sobre a ferida, determinada fotografia, que Ele lhe presenteara pouco antes de falecer. Disse-lhe também textualmente: “O teu filho Philippe será curado esta noite. O corte será feito, após a meia noite, por um hábil cirurgião”. A uma hora da manhã, senti, no lugar exato em que estava fixada a foto do Mestre, um calor intenso, seguido de uma dor aguda, como a de uma lancetada de bisturi. Imediatamente, um fluxo de pus escorreu e isto durou mais de três quartos de hora. Dois dias depois, estava completamente restabelecido, com grande surpresa dos dois médicos que me assistiam e estavam tão pessimistas.

complementar a documentação das páginas precedentes. Também são, ainda, uma demonstração viva de elevação de pensamento e das qualidades de escritor desse puro discípulo de Papus e, por consequência, de M. Philippe, que foi o saudoso Paul Sédir, também cedo roubado ao afeto de seus íntimos, de seus amigos e de seus alunos, que se acham atualmente agrupados no seio das “Amitiés spirituelles” e dos “Amis de la Vité”. Entre os mais eminentes discípulos de Paul Sédir, cabe assinalar o tão saudoso Albert Legrand, homem de grande coração e de ação que foi, para Papus e para mim, um amigo em toda a nobre acepção do termo e que desencarnou em abril de 1950; Max Camis, Emile Basson, Emile Catzeflis, cujas qualidades de coração e devotamento são também conhecidas de todos.

## UM DESCONHECIDO<sup>1</sup>

Por sublimes que sejam, as figuras que acabamos de contemplar juntas, podem não satisfazer totalmente a certos amadores de Absoluto. De uma delas, a linguagem, um tanto seca, e a atitude, um pouco rígida, talvez decepcionem os amigos de uma graça mais próxima da fraqueza comum; aquela outra, fixando seu olhar num cimo, torna-se cega aos esplendores dos cimos vizinhos; outra, ainda, retira-se excessivamente dessa multidão parada e lamentável em que vivemos, ou então a atmosfera inebriante de certas altitudes a levou para fora de si mesma e, ao baixar junto a nós, sua exaltação nos desconcerta.

Seria o pão dos Anjos um alimento excessivamente rico e a água das fontes eternas uma bebida demasiado forte? Não; contrariamente à opinião geral, estou certo de que é possível manter-se no mais harmonioso bem estar interior, impondo-se também o mais rigoroso ascetismo. Gostaria de apresentar-vos, hoje, a prova desse paradoxo que acabo de afirmar, porque tive a ventura, durante longo período, de ver viver um homem que realizava, sem esforço aparente, a perfeição do Evangelho. É árdua empresa pintar uma personalidade tão rara e tão complexa; ficarei certamente aquém da minha tarefa; espero, porém, que o próprio desejo de alcançar a beleza espiritual, que me impõe inteira franqueza e a todos nos anima, suprirá as lacunas e deficiências do meu relato.

Fugindo dos curiosos, recusando as polêmicas, mudo sob as calúnias, impondo silêncio ao entusiasmo de seus discípulos, o Ser admirável, a cuja luz comovedora eu vos desejaria tornar sensível, tomou sempre toda sorte de precauções para permanecer desconhecido. Creio que contraria ao seu propósito se eu vos revelasse a sua identidade. Os pormenores biográficos tornam-se inúteis quando se trata de um caráter, para cuja formação não parece ter concorrido nenhuma das influências de raça e de ambiente. Nunca teria, aliás, empreendido este estudo, se não me tivesse considerado obrigado a oferecer um testemunho verídico da constância das promessas divinas, numa época em que todas as quimeras se revestem de cores tão sedutoras. Talvez em algumas almas inquietas

---

<sup>1</sup> Extraído da obra de Paul Sédir, intitulada: "*Quelques Amis de Dieu* — A. Legrand, editor, Rouen — 1923. à venda: 5, rue de Savoie, Paris (6<sup>o</sup>), na Biblioteca des Amitiés Spirituelles. Citar também, para certos leitores, a quem muito isso poderia interessar, o muito formoso livro de MICHEL DE SAINT MARTIN, intitulado *Révélations* e publicado, em 1938, por Heugel (Edições Psyché), 36, rue du Bac, em Paris. (Ph. E.).

se reanime a coragem quando um de seus companheiros lhes afirme que as promessas de Cristo são reais, porque delas ele viu e tocou provas experimentais. Esse Cristo, nosso Senhor, disse um dia que ele daria a seus Amigos o poder de realizar milagres maiores que os seus: eu vi cumprirem-se tais fatos; o Cristo disse também aos seus Amigos que ele permaneceria com eles até o fim; eu vi essa presença oculta. A vida de meu Desconhecido era uma sucessão de tais provas que, pelo pouquinho que vos posso dizer, espero que em Ele reconheçais a um destes “irmãos” misteriosos do Senhor, a um grande, talvez o maior, arauto do Absoluto.

\* \* \*

Era necessária atenta observação para descobrir, nesse homem, os múltiplos privilégios dos místicos célebres, tal a forma pela qual sua personalidade os harmonizava com a medida, tão singelos eram os seus modos como esquecidos das mais extraordinárias prerrogativas. A bonomia plenamente patriarcal de sua acolhida e a sua linguagem, mesmo nos instantes que parecem graves ao sentir comum, mostrava bem que, a seus olhos, as grandezas humanas, as tragédias terrestres, são pequenas diante das obras de Deus, cujo esplendor imenso e perpetuamente renovado absorvia seus olhares. Apenas imaginando um Ser capaz de manter-se em equilíbrio, em todos os pontos em que o infinito penetra no finito, ficariam esclarecidas as contradições que o nosso personagem parecia comprazer-se em acumular.

Familiar com quase todas as pessoas, inacessível para algumas; temerário e prudente; meticuloso ou apressado; falando como poeta e, em seguida, como homem de negócios; conhecedor de uma infinidade de segredos e despreocupado de sua ciência; hábil em todos os ofícios, sensível às coisas da arte, respeitando as supremacias intelectuais ou sociais, mas, deixando entender que são vãs diante do Crucificado; de indulgência para com outrem, e rigor para consigo mesmo, igualmente excessivos; deixando-se tiranizar pelos débeis, embora sabendo tornar obedientes aos déspotas; tão à vontade na choupana quanto no palácio, dirigindo-se a cada qual em sua própria linguagem; múltiplo — numa palavra — como a própria vida, da qual admirava todas as riquezas, e, não obstante, sempre semelhante a si

mesmo, tal como seu Mestre, o Cristo, de quem considerava-se o mais indigno servidor.

Filho de camponeses muito pobres, o mais velho dos cinco irmãos, mandaram-no ainda garoto para a cidade próxima onde soube, embora ganhando seu sustento, prosseguir estudos bastante avançados. Já, em sua aldeia natal, havia realizado curas milagrosas sem mais procedimento visível que a prece; no grande centro industrial no qual transcorreu quase toda sua existência, os incuráveis, os desesperados conheceram logo a esse bem-feitor discreto cuja sabedoria tão precoce lhes devolvia, junto com a saúde, a coragem e a resignação tão necessárias às gentes humildes cujas obscuras fadigas e labores suportam todo o edifício social.

Pediam dele muitas outras coisas, além de curas; o êxito de uma questão, o sucesso de uma empresa, a salvaguarda de um soldado, a solução de problemas técnicos, luz para uma crise d'alma; freqüentemente, ele exigia, em troca, que o pedinte indenizasse em parte à divina justiça com uma esmola, com uma reconciliação, com o abandono de um pleito, ou com a adoção de um órfão. E o milagre, a coisa improvável e impossível, efetuava-se sem ruído, sem que se pudesse averiguar como. Tudo quanto as testemunhas conseguiram às vezes saber, é que o nosso taumaturgo *condenava as práticas do esoterismo como contrárias à lei divina, não as empregava sob forma nenhuma e não recomendava tais teorias*<sup>2</sup>.

Sua doutrina era unicamente o Evangelho e ele estimava os outros livros na proporção em que concordavam com esse ensinamento. Ele proclamava a divindade única de Jesus. Sua sabedoria universal e a perpetuidade de sua obra redentora. Ele aceitava, ao pé da letra, os relatos dos apóstolos, dando por supérfluas as exegeses modernas. “Se nos esforçarmos, dizia, para amar ao próximo como a nós mesmos, o Céu nos desvendará o verdadeiro sentido dos textos”. Ele fazia, às vezes, breves comentários sobre as Escrituras, com uma feição tão nova e viva, que ofereciam a propriedade singular de responder, simultaneamente, às variantes dos originais e de conciliar as divergências dos tradutores e comentaristas. Infelizmente, por julgar seus contemporâneos demasiadamente imbuídos de intelectualismo, e considerar que só a prática da virtude pode levar-nos à perfeição, mostrava-se pouco pródigo em discursos; ele colocava, antes de tudo, o amor fraterno, até mesmo antes da prece e da própria fé.

---

<sup>2</sup> Grifado por Ph. Encausse.

“É a caridade, dizia, que gera a verdadeira fé e nos ensina a prece; a prece, sem caridade, é fácil e a fé, sem a caridade, não é fé”.

Ele aconselhava a obediência a todas as leis, civis ou eclesiásticas<sup>3</sup>, aos regulamentos, aos costumes, para que, dando de bom grado ao “injusto Mammon” o ouro ou incômodos exigidos por ele, o nosso tesouro no Céu se constituísse como reserva. “As criaturas de boa vontade, de que fala Jesus, são as que se deixam despojar de tudo pelo Príncipe deste mundo, do salário de seu trabalho e até da própria vida. Será em compensação desse espólio que, mais tarde, possuirão a terra”.

Ele condenava, acima de tudo, o orgulho e o egoísmo, ou melhor, não condenava tais defeitos, mas os assinalava como grandes obstáculos ao nosso progresso. Dizia: “O Céu desconhece os orgulhosos”. “Se não ides até aos pobres e aos humildes, como virão os Anjos até vós?” É preciso ser caridoso para com a adversidade que o vosso vizinho repele, para com os descobrimentos e as invenções que deveis espalhar gratuitamente, já que os tendes recebido gratuitamente, para com as leis que vos ferem — no vosso parecer, injustamente — posto que se as evitais, cairão então sobre o vosso irmão, e que o vosso irmão sois vós mesmos”.

Imediatamente depois das boas obras e da disciplina interior, esse grande praticante do misticismo colocava a *prece*:

“É necessário rogar sem cessar e agradecer. Pode-se orar em qualquer parte e em qualquer momento, porque Deus não está jamais longe de nós; somos nós quem às vezes nos mantemos afastados dele... Basta pedir do fundo do coração, sem fórmulas sábias, pois que procurando em qualquer parte, nos milhões de mundos e de sóis semeados pela mão do Pai, jamais se achará nada melhor que a oração dominical; e se não ousais vos dirigir a esse Pai tão bom, rogai à Virgem e ela apresentará a vossa súplica ao seu Filho, que a aceitará. No entanto, acrescentava o nosso herói, para que a vossa voz suba até o Céu, é preciso ser pequenino: o Céu só escutava aos débeis”.

Estes ensinamentos, tão puros, tão diretos, essa palavra forte e boa, exata e ao mesmo tempo palpitante da poesia mais grandiosa, ocultavam, para maior

---

<sup>3</sup> Um familiar do Mestre esclareceu, por outro lado, que M. Philippe aconselhava obediência às leis de Deus ou aos ensinamentos do Evangelho e, com relação às leis civis ou eclesiásticas, ele aconselhava simplesmente o respeito. Sobre tal ponto, ver [pág. 152](#) (Ph. Encausse)

surpresa de muitos, uma ciência muito concreta e pode dizer-se que universal. Aquele homem, desprovido de diplomas superiores, punha em dificuldades a especialistas de toda ordem. Eu o ouvi, por exemplo, recordar a bacharéis determinados decretos esquecidos, esclarecer um texto a paleógrafos, proporcionar um dispositivo a físico e indicar a botânicos a localização de uma planta raríssima. Metafísicos o consultavam, assim como médicos e industriais quando comprometidos num assunto complicado. Estadistas e financistas adotavam às vezes suas diretrizes. Ele mesmo compunha medicamentos, inventava aparelhos e produtos úteis, engenhando-se sem cessar por melhorar de toda forma a ciência aplicada.

\* \* \*

Entretanto, nem seus conhecimentos teóricos, nem semelhante habilidade técnica pareciam adquiridos pelos métodos ordinários; os dois ou três familiares aos quais admitia nos seus laboratórios nunca referiam muita coisa dos seus trabalhos. Porém certas palavras permitem escrever os princípios em que se inspirava. Eis aqui algumas delas, recolhidas em diversas épocas:

“Uma criatura de Deus, um ser bastante puro para sacrificar-se por qualquer de seus irmãos e para esquecer imediatamente o seu sacrifício, conhece tudo sem estudo. Interrogará a qualquer ser e este lhe responderá; a estrela revelar-lhe-á o seu segredo, e a pedra deste muro dir-lhe-á o nome do pedreiro que o talhou; as plantas explicar-lhe-ão suas virtudes e ele decifrará, na fisionomia dos homens, os seus atos e os seus pensamentos. Deus nos convida a todos para recebermos esse privilégio, por meio da paciência e do amor ao próximo”.

Dizia ainda:

“Todas as cousas possuem, em graus diversos, pensamento, liberdade e responsabilidade; tudo é vivo: as idéias, as cousas, as invenções, os órgãos; tudo isso são criações individuais, tudo isso se toca e se influencia mutuamente”.

Entre outros exemplos, dava o seguinte:

“Um filósofo persegue uma verdade metafísica; o verdadeiro drama não se desenrola no seu próprio cérebro, senão além; é um encontro, às vezes uma luta, outras um celestial diálogo entre alguns desses gênios irrealizados de que nos falam os poetas e o espírito humano que habita momentaneamente um corpo terrestre, em angustiosa opressão dos eflúvios da Presença desconhecida. Ao reflexo cerebral

desses colóquios inaudíveis chamamos de intuição, inspiração, invenção, hipótese, imaginação, e que se torna o núcleo em redor do qual se organizam, com penoso e paciente esforço, os elementos de uma fórmula, de uma máquina, de uma arte mais sublime, de uma doutrina mais. Quando permanecemos cegos a tais espetáculos, é por não acreditá-los possíveis, por orgulho, por pusilanimidade intelectual, e também porque o Pai não nos quer complicar a tarefa, nem nos carregar com responsabilidades demasiadamente pesadas”.

Se todos os ramos do saber moderno pareciam familiares a este singular investigador, houve algo mais surpreendente ainda, quando me ocorreu indagar-lhe sobre algumas das opiniões antigas que, em nossa época, são qualificadas de “supersticiosas”; ele me respondeu amplamente e me ofereceu diversas provas experimentais da sua veracidade. Muito antes que os nossos físicos atuais o fizessem, ele proclamou o peso da luz, as correspondências das cores e dos sons, a cromoterapia, a relatividade do espaço e do tempo e a multiplicidade de suas formas, a complexidade dos corpos simples, a existência de metais desconhecidos, e ainda outras particularidades que calarei porque pareceriam um tanto incríveis para os espíritos ditos positivos.

\* \* \*

Ora, este cristão, este filantropo, este sábio, era, além de tudo, o taumaturgo mais extraordinário. Todas as maravilhas operadas por santos como Vicente Ferrier, Francisco de Paulo, José de Cupertino, o Cura de Ars, por vontades arrastadoras de povos como Bernardo de Clairvaux, Francisco de Assis ou Joana d’Arc, eu o vi executá-las; os milagres floresciam a seu passo; pareciam naturais, infalíveis, seguros, e nada os produzia senão a prece.

Hipnotismo, pensarão alguns. Um menino com crupe diftérico, morando a quarenta léguas da cidade em que vive o curador, é hipnotizável? Sugestão? Tecidos cancerosos ou tuberculosos podem receber sugestão? Por outro lado, nosso desconhecido condenava igualmente a feitiçaria do campo ou a magia douta; desaconselhava sempre o emprego da vontade, ou da mediunidade; quanto aos poderes misteriosos que certos sábios conquistam, segundo se afirma, por meio de métodos milenários, reprovava-os ainda mais severamente, como conducentes diretamente ao Anticristo.

Tratava-se pois, nele, de simples prece, tal com Jesus nos ensina. Mas enquanto que, na imensa maioria dos casos, os santos recebem o dom dos milagres depois de penitências extraordinárias, orações e êxtases, e após seus corpos se tornarem campo de fenômenos inexplicáveis para a fisiologia, nosso taumaturgo vivia da maneira mais comum. Recebia seus visitantes em qualquer lugar, em qualquer momento e, tão logo fosse formulado o pedido, respondia com poucas palavras: “O Céu vos concederá tal cousa”, ou: “Voltai para casa, o vosso doente está curado”. Sua palavra realizava-se no mesmo instante; logo após, furtava-se à gratidão dos que eram assim favorecidos.

Exercia igual poder e sem mais preliminares, sobre os animais, sobre as plantas, sobre os acontecimentos e sobre os elementos. Em diversas oportunidades prestou-se ao controle de médicos e de sábios; todas essas verificações foram coroadas de êxito, porém não adiantaria dar buscas nos relatórios das academias e das sociedades científicas, pois que jamais experimentador nenhum atreveu-se a assinar os relatos de fatos tão dificilmente explicáveis<sup>4</sup>.

Falarei ainda de outros dons, sempre espontâneos, inesperados e benfazejos? O passado, o futuro, o espaço eram translúcidos para ele. Dizia com igual facilidade a um consulente: “Teu amigo faz neste momento tal cousa, em tal lugar”, — como a

---

<sup>4</sup> Assinalo, sobre esses controles médicos aqui lembrados por Sédir, o artigo do Sr. Sylvestre Boulanger em *La France au combat* de 31 de maio de 1948, intitulado: *Os que curam e os que matam*. Nesse artigo o autor dá testemunho, entre outros, de um milagre realizado pelo M. Philippe ante uma comissão médica composta do Professor Brouardel e dos Drs, Lalande e Encausse (Ph. E.):

A comissão trasladou-se para a Rua de la Tête-d’Or, onde operava o taumaturgo. Havia multidão, como sempre. O Professor Brouardel identificou-se e disse ao curador:

— Dizem, senhor, que fazeis milagres. Eis-nos, dois dos meus colegas e eu, prontos a lavar testemunho deles...

Philippe deu de ombros. Tal espécie de demonstração não o interessava. Mas, afinal, era bonachão, concordando com o que pedissem. Com um gesto, designou o conjunto dos consulentes:

— Escolhei um doente que vos agrade. Tratarei dele...

A comissão escolheu uma enorme hidrópica que parecia ter chegado ao máximo. Suas pernas eram como pilastras, seu torso como uma torre e seus braços como as enormes abóboras da Provença, tudo isso a ponto de estourar... Puseram a essa mulher sobre um pequeno estrado.

— Estão prontos? — perguntou Philippe à comissão — estão olhando bem? Então, pronto... Está feito...

A saia tinha caído, formando um círculo de fazenda em torno da “miraculada”. A hidrópica estava despida, porém esbelta e curada. Não se via nem uma gota de líquido sobre o piso do estrado, nem em parte alguma... Milagre? Sim, realmente, não há outra palavra. Era o milagre em toda a sua incompreensível simplicidade.

Os doutores Encausse e Lalande lavraram imediatamente a doente ates e após, que não a tinham perdido de vista nem um segundo e que tinham de curvar-se ante a evidência da cura, sendo aliás tais tipos de curas habituais por parte de M. Philippe... Ambos assinaram. Porém o Professor Brouardel, sem negar o fato, o que teria sido difícil, recusou a apor a sua assinatura junto às deles, sob a alegação de que “não tinha entendido o que acontecera”... (Pudera!)

Encausse entrou para a escola de Philippe e tornou-se seu Discípulo. Lalande casou com a filha de Philippe e ficou sempre junto ao Mestre. Porém esse prodigioso curador nunca obteve seus pergaminhos e foi, até seus últimos dias, incomodado pelos portadores de papiros... E que ninguém se afobe, concluindo numa frase lapidar e vingativa dizendo, por exemplo:

— Então, seja para azar dos Brouardel!...

Porque corre-se o grande risco de que seja também para azar dos doentes. E o que desejaríamos, nós, é que a maioria dos médicos fossem semelhantes aos doutores Encausse e Lalande e se honrassem, quando na presença de um real curador, em reconhecê-lo e em prestar-lhe a devida homenagem.

outro: “Tal dia de tal ano, pensaste tal cousa”. Além de tudo, as anedotas que poderia vos contar superam tanto a toda verossimilitude que prefiro ficar por aqui. Um prodígio, de fato, vale, espiritualmente, o que vale seu autor. Certamente, o dom das milagres interessa à multidão e conduz logo à celebridade, porém é a alma do milagre que, muito mais que sua forma, apaixona aos espíritos religiosos; eu gostaria, pois, de vos prender unicamente à alma do meu herói, de vo-la fazer ver tal como ela me apareceu na minha juventude privilegiada, toda ela sobre-humana, toda divina, como uma estrela enfim, filha daquela que se levantou sobre as trevas terrestres, há vinte séculos. Se, ao me ouvirdes, procurais outra cousa além do Céu, todo o meu relato se torna inútil e inoportuno.

Ser testemunha de milagres não é muito raro; fazer milagres, verdadeiros milagres, não é muito difícil. Porém pensar, amar, sentir, sofrer, inflamar-se, querer segundo linhas constantemente concordantes com os raios eternos que levam ao ministério do milagre, isso, é tarefa sobre-humana. Nesse sentido, o milagre vindo do Céu constitui um Sinal, o Sinal por excelência, e aparece aí a árvore da Cruz, ainda misteriosa após vinte séculos de estudos e de adorações. Vede pois como, nesse homem de quem vos falo, curar um tifoso era tão natural quanto pagar o aluguel de um pobre, ou dar a fórmula de um reativo. Tudo dele era exortação engenhosa e terna, a fim de que os pobres homens e as pobres mulheres retomassem a coragem de um esforço apesar de tudo e recebessem o alívio de uma melhora. Como o pintor ante a natureza olha e como o músico escuta, assim vivia ele no Amor e para o Amor, por causa do Amor e pelo Amor.

\* \* \*

Ele nunca falava dessa chama admirável, ocultava o seu saber e essa espécie de onipotência desconcertante sob as aparências de uma vida bem burguesmente comum; ele dissimulava virtudes e superioridades como nós dissimulamos os nossos vícios, e tornava-se necessário segui-lo nas suas longas caminhadas pelas baixadas populosas para descobrir o excesso das suas liberalidades: mães de família nas últimas procurando-o pelas esquinas, casais, às dúzias, dos quais pagava o aluguel, órfãos que mantinha, e com que atenção rodeava aos velhotes e aos aleijados, com que delicadeza oferecia o seu socorro aos tímidos e aos humildes, quão paciente era com os importunos, com os semi-sábios pretensiosos, com a triste tropa dos medíocres!

E tanto quanto o nosso coração, ainda apenas humano, pode pressentir os secretos motivos de um coração tão nobremente sobre-humano, os inúmeros gestos da sua benevolência, da sua inesgotável e sempre judiciosa **beneficência** jorravam de um sentimento incompreensível para nós: a convicção da sua própria inanidade. Um dia, pedindo alguém um favor espiritual a esta personagem enigmática, ele respondeu — logo após ter, no minuto precedente, salvo algum incurável —: “Por que me pedes isto, a mim? Bem sabes que nem valho esta pedra que pisamos”. A todas as manifestações de gratidão ou de admiração, respondia sempre do mesmo modo: “Eu não sou nada, não posso nada, é o Céu quem faz tudo aqui”.

Um dia, achei-o na sua cozinha, em pé, fazendo desjejum com um pedaço de pão e um copo d’água, e, como me espantasse sua frugalidade, este homem que se não pertencia nem um minuto, que dava tudo quanto possuía, que passava seus dias e as noites a trabalhar, a sofrer pelos outros, me respondeu boamente: “Mas este desjejum está muito bom, e por outra parte, este pão que o bondoso Deus me dá, não o ganhei”. Ele nunca se afastava dessa atitude incrivelmente humilde. Nesta nossa vida moderna onde reina o “cada um por si”, ele sempre recuava para a última fila, suportando os apadrinhados, as impaciências, as grosserias, desempenhando esse papel de logrado voluntário e sorridente como se nunca percebesse nada.

Dizem nos velhos livros que os sábios, de tanto se abstraírem nos serenos esplendores do Absoluto, não mais se dignam ver os incidentes terrestres e desprezam as alfinetadas da multidão; no entanto, de fato, raros são os filósofos que se deixam preterir na bicha de um guichê atravancado, por exemplo. São pequenas fraquezas, sem dúvida, porém a sólida virtude exige mais do que accidental heroísmo. Encontra-se muita gente capaz de belos gestos isolados, mas cujo fundo moral permanece um tanto mesquinho e, de acordo com os mestres da vida interior, creio que a perfeição não reside em alguns atos estrondosos, senão antes em virtudes pacientemente exercitadas ao longo do dia e no total decorrer da existência. Assim, a humilde atitude do nosso místico deve nos descobrir a Luz melhor que seus milagres ou seus ensinamentos. “Julgai a árvore pelos seus frutos”, está escrito.

Os sábios de que falei antes não me trazem senão um ideal longínquo, sempre fugidio por trás de precipícios ou barrancos; os seus sistemas apresentam sempre fissuras; seu impulso, por mais belo que seja, perde-se na abstração, e suas mãos

fortes deixam escapar a vida, como a areia da praia corre entre os dedos da criancinha.

Enquanto que, com este homem tão próximo de todos nós, abrangia-se num mesmo olhar o ideal com o real, a teoria com a prática, o divino inserindo-se no terrestre, e todo esse conjunto desenhava a mais vívida imagem do que deviam ter sido outrora as lições vivas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhuma tara, nenhum desequilíbrio na pessoa moral deste perfeito Servidor; constantemente homogêneo, sólido e flexível, ele aparecia único pela harmonia profunda das suas qualidades as mais diversas.

A história dos Santos nos mostra taumaturgos maravilhosos, inteligências gigantescas, corações flamejantes; mas em uns, a preocupação pelos pobres, por exemplo, trava o pairar da contemplação. Em outros, o dom dos milagres invade o do saber; muito raramente se acha a todas essas jóias reunidas, como em nosso herói; ainda mais raramente a força de todas elas jorra com tal ausência de esforço. Mas ele, sempre semelhante a todo mundo, curava, ensinava, socorria, consolava, no mesmo instante, com a mesma voz tão calma, com o mesmo sorriso tão paternal.

Só posso **esteiar** todas estas manifestações com o meu único testemunho. Outros assistiram às mesmas maravilhas, porém têm motivos para calar; eu, tenho-os para falar. Não vos peço, entanto, que me acrediteis. Imaginai somente que tais cousas são quiçá possíveis; isso me basta. A aceitação dessa hipótese vos tornará mais tarde sensíveis à luz e a minha meta estará atingida; pois não falo para fazer justiça a um ser que não se importava com a justiça terrestre; é para vós somente que falo, pelo vosso porvir, para que acheis a coragem, nos vossos minutos de esgotamento, de seguir adiante mais um pouco apesar de tudo.

\* \* \*

Esse francês, tão semelhante a seus compatriotas e ao mesmo tempo tão diferente, era de estatura mediana e de compleição atlética. Nada no seu traje, seus modos, nem no seu linguajar, o distinguia da multidão. Vivia com toda a gente, salvo as horas de sono, que suprimia quase inteiramente. Casado bastante jovem, tinha tido um filho e uma filha.

De atividade incessante, nem seu corpo nem seu cérebro pareciam conhecer a fadiga. Todos seus instantes estavam cheios; pesquisas químicas e mecânicas, fundações de assistência que amigos geriam, reformas sociais que fazia propor às

autoridades, invenções que doava a algum necessitado, e sem cessar toda espécie de benefícios, porém sempre ocultando-se.

Não gostava de discursos; por complicado que fosse o caso sobre o qual o consultassem, respondia com algumas palavras definitivas. Ensinava pouco, a não ser com breves bosquejos que dava aos buscadores humildes e sinceros; não dava um corpo doutrinal coordenado, mas com o andar do tempo, as luzes sem laço aparente que um ou outro discípulo recolhia com paciência terminavam organizando-se em consonância com o giro de espírito, as necessidades e os labores próprios de cada um; ele instruía aos indivíduos e dava-lhes em suma todo o necessário para que construíssem o seu sistema pessoal, porém nunca promulgou uma síntese geral do Saber. A ação o preocupava muito mais. “O homem, dizia, que amasse ao próximo como a si mesmo, saberia tudo”.

Um realismo total onde as próprias abstrações se tornam fatos, onde todos os minutos da duração se tornam atuais e todas as distâncias presentes, eis a figura que tomava, para o nosso místico, o mundo sensível e o invisível. Afirmado na insondável mas vivente Unidade de que os êxtases dos santos nos relatam alguns rápidos lampejos, este amigo de Deus distribuía sem cessar sobre cousas e sobre as criaturas as sementes regeneradoras do espírito.

Como sabeis, de século em século, a lâmpada eterna se transmite pelas mãos piedosas dos obreiros secretos do Pai, esforçando-se por rematar a obra do Cristo. Ora, Este, possuidor de toda magnificência, senhor de toda criatura, colocou-se abaixo de todas as grandezas temporais; pobre de bens, pobre de glória, pobre de amigos, Ele deu aos homens até a própria Mãe, e, do fundo dessa nudez perfeita, partiu à conquista do mundo. Cada um dos seus discípulos deve pois reproduzir um dos rostos da divina Pobreza segundo a treva própria da Época em que o Espírito o suscita.

Ora, em nossa época de progresso, em que os aleijados têm seus hospitais, os miseráveis sua Assistência pública, os órfãos seus asilos; em que, oficialmente, não há mais escravos; em que, porque ninguém está já convencido de nada, quase não mais se persegue; o rosto da Pobreza de que se revestiu o meu herói anônimo, foi o de não ser nada. Nada: nem mendigo lastimável, nem doente pavoroso, nem filantropo célebre, nem chefe de escola perseguido, nem fora-da-lei acossado, nem acima da escola social, nem abaixo; justamente no meio, no meio de tudo, no ponto neutro. Alguém “semelhante a um de nós”, e que realiza perante a opinião a forma

mais incolor da miséria: a mediocridade. Tal foi, para o nosso século XIX, a invenção admirável da misericórdia divina, já que essa insípida mediocridade servirá de desculpa no Último Dia para aqueles que não perceberam a Luz porque a lâmpada era banal; tal foi o sutil estratagema da Sabedoria divina, furtando-se às curiosidades dos perversos graças À insignificância da forma humana através da qual operava.

Uma última palavra, finalmente.

Jesus o Pobre é Jesus o Paciente. Ele sofre, ele suporta, ele se resigna, ele persevera, obedece e cala. Seus Amigos, seus irmãos e seus herdeiros vivem pois sem brilho, perdidos na multidão pela qual aceitam sofrer e que os ignora; quanto maiores são perante Deus, mas desconhecidos são, mais incógnitos ficam. Assim, o nosso século, no qual nada pode ficar oculto, ignora entretanto ao homem de quem vos falo, que tinha tudo nas mãos para arrastar a multidão atrás de si. Assim o nosso século, pela voz de alguns dos seus grandes, tem zombado, caluniado, vilipendiado a esse mesmo homem, de cujas secretas fadigas aproveitava; e aquele salvador de tantos naufrágios nunca descerrou os lábios para se defender, nunca permitiu aos seus fiéis deixarem confundidos aos perseguidores, ganhando assim o direito de tornar a dizer a divina súplica do Crucificado:

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

É porque acho neste Desconhecido a semelhança mais perfeita com o Cristo, vítima voluntária, que me pareceu útil esboçar para vós sua fisionomia.

*SÉDIR*

\* \* \*

Paul Sédir foi um daqueles que, puros e fiéis discípulos do Mestre, contribuíram para aliviar múltiplos infortúnios, para devolver coragem e esperança a numerosos necessitados, para aquecer o coração de muitos aflitos, para fazer compreender melhor ainda e melhor *amar*, em toda a acepção deste nobre termo, ao divino Pastor N. S. Jesus Cristo.

Sem dúvida, os leitores hão de ficar interessados por mais alguns pormenores interessantes dados (graças à amizade e à erudição de Emile Besson)<sup>5</sup> sobre este místico bretão que, iniciado previamente por Papus, tornou-se logo um dos

---

<sup>5</sup> Boletim des Amitiés Spirituelles, abril de 1933.

discípulos mais ardentes e mais qualificados d'Aquele que, em nome de "Jesus Cristo filho de Deus", trouxe aos pobres humanos um pouco de divina luz...



Sédir faleceu com 56 anos de idade, em 3 de fevereiro de 1926, após uma vida inteiramente dedicada à difusão do mais puro misticismo. Foi sob a égide de Papus que começou a estudar seriamente o ocultismo e foi no famoso Centro da Rua Trévise onde o conheceu. Deixo, porém, a palavra a Emile Besson:

... Chamuel, Papus, mas são justamente os dois homens que divisou logo Sédir quando apresentou-se pela primeira vez, com uns dezenove anos de idade, no círculo de hermetistas onde devia vir a ocupar mais tarde um lugar de primeiro plano!

*Havia já uns três anos que Sédir estudava o esoterismo pelos seus próprios meios, sem outro guia que a luz interior, sem outros auxiliares que sua inteligência, sua faculdade de observação, sua capacidade de trabalho e os livros que o seu orçamento, mais que modesto, lhe permitia adquirir. Foi então quando decidiu se pôr em contato com aqueles que representavam em Paris a corrente de idéias da qual tinha, sozinho, iniciado o estudo.*

*Eis como V. E. Michelet relata esse primeiro encontro:*

*“Eu me achava, certa noite, na famosa loja da Rua de Trévise onde reinava o bom Chamuel, quando apresentou-se um jovem esguio e lento que declarou de chofre:*

*“— Pois é! Quero fazer ocultismo.*

*“Pelo aspecto desajeitado e pouco arejado do recém-chegado, não pude deixar de rir. O futuro mostrou-me quão errado andei. Papus, que sabia utilizar os homens, não riu. Disse:*

*“— Está muito bem, rapaz. Venha me ver no domingo pela manhã.*

*“E, naquele domingo, Papus confiou ao neófito o cuidado de manter em ordem a preciosa biblioteca que ia constituindo.*

*“Assim **estreiou** nos altos estudos o jovem rapaz bretão que se chamava Yvon Le Loup”<sup>1</sup>.*

*Essa loja do 29 da Rua de Trévisse, onde Chamuel tinha naquele tempo sua casa editora, chamada “Livreria do Maravilhoso”, que fundara com Papus, era então o ponto de encontro de todos aqueles que se interessavam pelo hermetismo. Quantos intercâmbios de opiniões, quantos projetos, organizações, quantas discussões apaixonadas fizeram vibrar as suas paredes tranqüilas! Sédir conheceu lá, naquela noite, os seus dois primeiros amigos que lhe permaneceram sempre fiéis.*

*Nessa época Papus — seis anos mais idoso que Sédir — já tinha publicado o seu Tratado elementar de ciência oculta e preparava seu notável Ensaio de fisiologia sintética. Fundara, em 1888, a revista L'Initiation e, em 1890, Le Voile d'Isis. Tinha também constituído uma agrupação de estudantes ocultistas que se reuniu mais tarde no número 4 da Rua de Savoie, inicialmente sob o nome de “Grupo independente de Estudos esotéricos”, e mais tarde chamou-se “Universidade Livre dos Altos Estudos”, com este subtítulo: “Faculdade das ciências herméticas”. O jovem mestre da plêiade dos ocultistas de então tinha provado ser, desde o início, um animador sem igual. A sua alta silhueta, a sua corpulência que uma obesidade precoce apresentava um pouco, o seu rosto poderoso e leonino, seu olhar incisivo, luminoso e fino, velado às vezes por meditação profunda; seu nariz largo de narinas móveis, sua boca em que se lia a bondade, sua testa vasta e de bela modelagem faziam dele um tipo de homem notável, talhado para o combate.*

*Tem-se censurado ao “vulgarizador das ciências ocultas” o desconexo e inacabado da sua obra. Certamente, para aqueles que a examinam com lupa, seu trabalho cheira a pressa e a improvisação. Porém é preciso lembrar que tal labor foi realizado na afobação, em meio a preocupações materiais, a dilacerantes problemas interiores dos quais apenas seus íntimos conheceram a intensidade. Dar consulta a 60 ou 80 pessoas por dia, tanto na Rua de Savoie como mais tarde na de Rodier e na cidade de Tours, escrever, fazer cursos, preparar conferências, receber amigos ou estudiosos; como realizar nestas condições um trabalho impecável? Ele lançava*

---

<sup>1</sup> Foi em 1889 que Sédir travou assim conhecimento com Papus, como fica lembrado pela dedicatória manuscrita por Sédir a Papus sobre a página de rosto do livro “Lês Rêves” (“Os Sonhos”): “A Papus, pelo 20º aniversário das meus primeiros encontros com ele, na Rua de Trévisse” — 1909 (Ph. E.).

*a idéia, porém entregava-se, no que dizia respeito à sua manifestação, aos seus dons de improvisador.*

*Tem-se criticado seu jeito de tribuno, se lhe censurou o ter exibido nas suas conferências ou deixado escrever nas suas revistas a pessoas sem relevo das quais entretanto salientou os talentos ou faculdades. O que ficou menos conhecido, é que ele de forma nenhuma fora enganado por eles. Sabia-os medíocres. Mas a miséria deles, às vezes grande e que ele aliviava secretamente, o comovia e atormentava. Dessa forma ele procurava — às suas expensas, bem o sabia, e bem consciente do prejuízo que a si mesmo causava — pô-los em relação com pessoas capazes de ajudá-los.*

*A sua caridade era imensa. Quantas consultas gratuitas deu, quantos medicamentos doados por cima, quantas moedas distribuídas ao exército dos pedintes, quantos infelizes utilizados ao acaso, apenas para ter pretexto de lhes pagar um serviço! Muito dinheiro passou por suas mãos; porém apenas passava e Papus nunca conheceu a preocupação das inversões aleatórias<sup>1</sup>.*

*Será preciso acrescentar que foi com freqüência, com muita freqüência, correspondido com ingratidão? Para muitos ele foi um iniciador, no sentido literal do termo, isto é, aquele que os começa, que os põe sobre uma via. E quantos principiantes afastaram-se após, deixando atrás de si um coração no abandono!<sup>2</sup> Porém Papus sabia que sobre a via em que os colocara eles achariam a luz e a certeza e a paz interior — e isso lhe bastava. Eis porque ele permanece, entre brumas doiradas da nossa juventude, aquele que soube ser bom, ser bom sem vacilações nem ilusão, e sofrer sem queixas.*

*Frente ao Papus ardente via-se, nesse retiro da Rua Trévise onde o jovem Sédir fazia sua entrada, a Lucien Chamuel, calmo, acolhedor, todo à disposição desses adolescentes enamorados de ciência, grandes agitadores de idéias, os conselhos da sua experiência de realizador, os tesouros dos seus conhecimentos teóricos e práticos. Ele sabia esfriar os entusiasmos daqueles que queriam “fazer-se*

---

<sup>1</sup> Estou pessoalmente bem situado para saber que Papus não era homem amante de dinheiro, e que ele distribuía em torno de si a maior parte do que ganhava como médico. Efetivamente, após sua morte, minha existência material foi bastante penosa... Primeiramente, foi graças à dedicação e aos sacrifícios do médico e da Sra. Lalande (Marc haven) que pude prosseguir durante vários anos os meus estudos no ginásio. Depois, tive de me “defender” sozinho e, durante os meus estudos no P.C.N. (Preparatórios) e logo na Faculdade de Medicina, ser “homem de equipe” no teatro de Châtelet ou controlador de entradas no de Moncey, mais tarde representante de lençaria e finalmente jornalista desportivo, para completar os recursos necessários à vida quotidiana. Não lamento, aliás, de modo nenhum essa fase de minha existência, pois ela foi rica em ensinamentos de toda espécie para mim, cousa que Papus certamente tinha previsto. (Ph. E.).

<sup>2</sup> Foi o caso, entre outros, de René Guénon. (Ph. E.).

*imprimir” antes de terem realmente alguma cousa para dizer; realizando, ele próprio, um labor fervoroso, tinha autoridade para pôr os companheiros em guarda contra as improvisações e aconselhar-lhes o trabalho em profundidade: “Vinte vezes para o bastidor, tornai a colocar o labor”. Erudito sem vaidade, conhecedor de homens, podia sugerir a este um estudo, retificar um ponto fraco na obra daquele, orientar a outro para o gênero de trabalho para o qual tivesse aptidões.*

*Chamuel manifestou logo grande amizade por Sédir. Foi ele, mais tarde, quando a sua casa editora transferiu-se para o número 5 da Rua de Savoie, onde iríamos morar, quem editou, de 1894 a 1898, os primeiros artigos, as obras iniciais do nosso Amigo. E, no seu apartamento pessoal, no número 4 da Rua de Savoie, tinha reservado um quarto para Sédir e o nosso Amigo ainda alugou dele, no rés-do-chão da mesma casa, um gabinete onde alguns raros íntimos penetraram<sup>3</sup>.*

*Não só Papus abriu para Sédir os tesouros da sua biblioteca, como também o pôs em contato com os chefes do movimento ocultista de então, notadamente Stanislas de Guaita. Uma intimidade real concretizou-se entre eles e Sédir tornou-se prontamente um assíduo das noitadas que Guaita proporcionava no seu apartamento da Avenida Trudaine e nas quais encontrava-se a elite dos amadores de altas ciências. Guaita possuía uma imensa biblioteca, que pôs à disposição do seu jovem amigo e Sédir, após o labor do dia no Banco de França, vinha prosseguir seus estudos em casa de Guaita. Muitas vezes passava a noite toda na leitura e na meditação.*

*Sédir tornou-se logo um dos colaboradores de L’Initiation onde publicou, em outubro de 1890, assinando Yvon Le Loup, seu primeiro artigo intitulado: “Experiências de ocultismo prático”. É em L’Initiation de outubro de 1891 que o nome de “Sédir” aparece pela primeira vez; o nosso Amigo o tinha achado no Crocodile de Louis-Claude de Saint-Martin. Depois colaborou no Voile d’Isis, nas Matinées espagnoles, na Revue Blanche, na Hyperchimie, em Matinês, na Thérapeutique intégrale, em L’Initiation e muitas outras revistas. Desde 1892, Papus o tomou como adjunto para conferências e logo lhe confiou um curso na sua “Faculdade das ciências herméticas”.*

---

<sup>3</sup> Em certa época, Sédir dedicou-se à magia prática. Durante dois anos utilizou esse gabinete para tal fim. (Ph. E.).



Voici proposée par Jehann Robite  
pour l'obtention du Baccalauréat - en - Kabbala,  
travail exaltant comme arithmétique ou comme  
analyse; et l'ordre établi par trois années  
Méthodes de Guaita ce travail sera respecté, je  
proposerais de décerner à l'auteur le diplôme de  
licencié.  
Paris, 6 juillet 09.  
Sédir  
R+22

Fac-símile de uma anotação de Sédir relativa a uma tese apresentada (por um martinista alemão) com vistas a obter o bacharelato em Kabbala e intitulada: “Die Prüfungsarbeit des Origines S.: I.:

*Sédir tornou-se rapidamente um mestre dentro do cenáculo do qual Papus era o animador. Membro do supremo conselho da ordem da kabbalística da Rosa-Cruz renovada por Guaita, membro do supremo conselho da ordem martinista, membro da H. B. of L., membro da F.T.L, doutor em kabbala, etc., etc., etc... Porém um dia abandonou todos esses títulos, deixou todos esses tesouros de sabedoria, retirou-se de pelo menos vinte fraternidades mais ou menos secretas para daí por diante dedicar-se só a seguir e servir ao Cristo<sup>4</sup>.*

*Tal evolução surpreendeu aos seus mais antigos amigos. Diversos deles nunca a compreenderam. Certamente tal transformação correspondia ao que havia de mais profundo em Sédir; poder-se-ia achar prova disso naquele “Curso de mística” — proferido em 1896 e publicado em 1898 em L’Initiation — e que contém em germe seus trabalhos ulteriores. Porém houve na sua vida uma circunstância externa, um acontecimento solene e decisivo que lhe fez tocar com o dedo o nada das ciências e sociedades secretas e que o situou para sempre na única via do Evangelho<sup>5</sup>.*

*Não nos cabe dizer mais, embora saibamos por ele mesmo da data desse acontecimento. Só podemos encaminhar os nossos leitores para duas declarações públicas feitas por ele e que dão todas as precisões desejáveis. São: uma carta que escrevia em maio de 1910 ao Eco do Maravilhoso e da qual damos adiante a passagem essencial, e a introdução de L’Enfance du Christ.*

“Sou apenas um estudante isolado... Tenho abordado muitos temas desde 1887, época em que estes estudos começaram a me apaixonar... Nunca tive as comodidades materiais para aquele que apenas estuda nos livros; e, se o destino me compensou, pondo no meu caminho os mais elevados representantes das

<sup>4</sup> Foi por meio do comunicado que segue, publicado no número de janeiro de 1909 de *L’Initiation*, que se divulgou a demissão de Sédir no que se refere à Ordem da Rosa-Cruz Kabbalística: “O Supremo Conselho da Ordem da Rosa-Cruz Kabbalística nos informa que recebeu recentemente e aceitou a demissão do Sr. Sédir, que se retira por motivos de conveniência pessoal”. (Ph. E. ).

<sup>5</sup> O seu encontro com o Maître Philippe. (Ph. E. ).

diversas tradições esotéricas, a mais simples discrição, a gratidão, o decoro, sempre me impediram contar a todo mundo aquilo que esses homens obscuros, porém extraordinários, consideravam como devendo permanecer secreto.

*“... Todos os meus pequenos livros de esoterismo, todos os meus artigos em revistas de ocultismo, todos os meus cursos na Escola hermética, foram forçosamente pontilhados de lacunas e de reticências. Esses ensaios áridos tiveram pelo menos o mérito de atrair a atenção dos pesquisadores e de provocar trabalhos mais completos. No que me diz respeito, juntamente com alguns companheiros, completei a volta por todos os esoterismos e explorei todas as criptas com a mais fervente sinceridade, com a mais viva esperança de triunfar. Porém nenhuma das certezas finalmente apreendida me pareceu ser Certeza.*

*“Rabinos me comunicaram manuscritos desconhecidos; alquimistas admitiram-me em seus laboratórios; sufis, budistas, taoístas, levaram-me, em longas vigílias, para a morada dos seus deuses; um brâmane deixou-me copiar as suas tábuas de mantras; um iogue deu-me os segredos da contemplação. Porém, num entardecer, após certo encontro, tudo quanto aqueles homens admiráveis tinham me ensinado tornou-se para mim como esses vapor evanescente que sobe, no crepúsculo, da terra superaquecida”. (Boletim das Amitiés Spirituelles, abril de 1933).*

O encontro com o Mestre Philippe foi portanto, para Sédir, o acontecimento marcante da sua vida, o choque decisivo, a deslumbrante luz que há tanto tempo procurava... Como bem dizia o seu amigo Besson, Sédir teve o privilégio de encontrar o seu ideal, não no mundo abstrato das idéias, não como uma conquista da inteligência, mas em uma personalidade viva, com tudo aquilo que tal realidade misteriosa e augusta encerra de insondável profundidade, de luminosa doçura, de invencível certeza. Sédir confirmou, aliás — frisa o Sr. Théophili Briant em comovente estudo sobre o místico bretão contemporâneo — haver experimentado um deslumbramento comparável àquele que se deve ter apossado de certos discípulos quando se acharam em presença da pessoa viva de Jesus, que trazia nas suas pupilas, no som da sua voz, em todo o seu corpo de Cordeiro destinado ao suplício, a delegação divina da redenção.

No número 17 (janeiro de 1954), do *Boletim das Amizades Espirituais*, Max Camis dedicou um belo e bem comovente artigo à “Morte de Sédír”. Eis alguns excertos:

.....

A manhã tinha proporcionado algumas inquietudes e o telefone soava sem cessar; os hóspedes e dois amigos epilógavam na sala, quando pelas 4 horas da tarde, a enfermeira nos convidou a subir; o fim aproximava-se. O quarto, no segundo andar, estava mais silencioso do que nunca; pairava lá uma impressão de presença, a da grande Mensageira vindo cumprir a sua tarefa. Semifechadas, as cortinas deixavam penetrar um dia cinzento; o doente, deitado no centro do quarto, erguido com travesseiros, dominava ainda a situação. As nossas quatro sombras temerosas na emoção tinham-se esgueirado no lugar; Sédír, adivinhando-nos mais do que nos via, teve um gesto com o braço esquerdo, lado da janela, como para trazer a ele. A amiga que o hospedava veio abater-se, em lágrimas, ao pé do leito, enquanto a longa mão diáfana começou a lhe acariciar afetosamente a cabeça; depois, puxando-a suavemente, beijou-a na testa, e o seu marido, que a sustinha, ofereceu também a sua.

Nem uma palavra foi pronunciada, não o podendo o agonizante nem a garganta apertada dos assistentes. Só a grande mão falava dentro do silêncio. Com novo gesto, convidou aos outros dois amigos a virem, também eles, receber o beijo da paz... o último. A imagem do Cristo, que estava pendente da alcova vazia, foi-lhe apresentada e, num longo olhar de adoração, o de toda sua vida! deteve-se o derradeiro esforço... A cabeça, que se erguera, recaiu, o sopro mais e mais lento ainda durou até parar definitivamente neste mundo às 18 h. e 45.

.....

Quanto aos sentimentos daqueles que o velavam, quando além da dor a confusão pela partida do chefe podia justificá-los junto ao grande corpo silencioso, sucedia neles pelo contrário um impressão aprazível, quase feliz; a angústia dos dias tristes da doença, o constrangimento pela invisível presença do Gênio da morte vindo cumprir a ordem da carta de prego que todos trazemos ao virmos para o mundo, cediam lugar à certeza de que tudo isso eram apenas aparências. O querido guia que o Céu pusera em nossa rota permanecia. Essa impressão perdurou ainda nas três noites de velório nas quais outros amigos vieram revezar-se junto às duas chamas vacilantes e ao ramalhete de violetas que estavam junto dele.

Lembranças felizes, palestras animadas encurtaram a noite que uma presença ainda sombreava.

Seguiu-se um enterro e um serviço religioso na igreja N. Sa. Da Misericórdia, tudo isso fastuoso demais para o gosto de muitos, mas que era a manifestação de uma casa endinheirada, que, em Sédir, queria ver bem mais do que um membro da própria família.

O pequeno cemitério de São Vicente, a poucos passos da Rua Girardou, tornou a abrir-se para ele e, próximo à tumba de Alice Lê Loup, frágeis tábuas de álamo desceram À terra o que ficava do nosso guia.

Foi inicial surpresa nada achar-se nos seus papéis, nenhuma indicação de ordens ou de diretrizes especiais, nenhuma escolha dum dirigente para substituí-lo — quem aliás poderia tê-lo substituído? — nenhuma carta aos diretores que tinha escolhido. Nada senão o simples apagar-se do servidor que, quando cumprida sua obra, entrega, como seu Mestre fizera na cruz, tudo nas mãos do Pai.

Mas, para nós, não estava acaso presente a sua obra, toda carregada com um programa “para numerosas existências”, como ele próprio nos dissera? Só restava pois continuar, sozinhos agora, mas entretanto com, por e para Cristo.

MAX CAMIS



Paul SÉDIR

\* \* \*

*Um discípulo de Sédir e admirador do Mestre teve a fineza de me comunicar os extratos que seguem do livro A chave da Vida do célebre vidente Louis Michel de Figanières (edição 1857. Biblioteca Nacional, sob o n. R. 43.796 e 43.797). Trata-se de excertos de algumas sessões espirituais ditadas a Louis Michel pelo “Representante do Espírito”, páginas 1 e seguintes. O meu amável correspondente se pergunta se o anúncio da vinda e da ação do Mestre PHILIPPE não fora feito nessa ocasião (Ph, Encausse).*

*“Deus lançou no mundo espiritual um dos seus representantes”.*

**Lê Muy, 2 de setembro de 1850**

“O homem colocado pela Providência à testa desse movimento imenso, grande eixo de poderosas combinações, levará pelo globo todo o facho de luzes.

*“Tu te lembras, falei-te num homem perfeito, num homem privilegiado, das regiões em que se acha o Grande Motor que tudo dirige. Ele é enviado sobre o planeta Terra para fazer triunfar a potência do Bem...”*

*“Há também sobre o planeta homens secundários enviados para fecundar a esse grande desenvolvimento de virtude e de sabedoria. Graças a eles, as novas idéias se propagarão na nossa bela França e sobre todo o globo...”*

*“Agora que te falei desse movimento imenso, devo dizer-te que, de todos os homens que devem contribuir nele, o principal está em França.*

*“Ele está em relação com o Grande Motor que tudo dirige. Sim, ele está em França. É bem juvenzinho ainda<sup>1</sup>. Não importa.*

*Nessa época outras pessoas privilegiadas unirão seus esforços aos dele: especialmente uma, que o embalou no colo, que teve a felicidade de jantar com seu pai e sua mãe.*

*“Espírito terrestre, grava bem isto na tua memória: a contar do momento em que a onda moral desencadeada sobre todos os povos, a luta se tornará geral e terrível; porém a calma sucederá logo à tormenta, o grande homem colocado à testa desses acontecimentos porá um freio a todos esses espíritos perversos que só podem pactuar com o mal. O poder desse homem será tão grande que os forçará a curvarem ante ele suas fronteiras humildadas...”*

*“Já tens agora uma idéias desses grande desenvolvimento que irá tomar o nosso planeta. Pois bem! devo dizer que: existe um homem material e espiritual, ao mesmo tempo, que atravessa a imensidão e penetra, quando assim o quer, nas regiões celestes. Ele está na França, embora sua residência esteja situada nas fronteiras da Nação<sup>2</sup>. É um homem que está em relação com os seres materiais e com os seres espirituais...”*

\* \* \*

---

<sup>1</sup> O M. PHILIPPE nasceu em 25 de abril de 1849 (tinha pois 16 meses em 2 de setembro de 1850, data da sessão em apreço).

<sup>2</sup> O M. PHILIPPE nasceu em Loisieux, perto de Yenne (Sabóia), no limite do departamento de Ain. Ora, a Sabóia não pertencia ainda à França naquela época.

*Excerto do capítulo XIV da 2ª Parte.*

Capítulo intitulado: “Precursores, Profetas, Messias, Espíritos Superiores, grandes mensageiros de Deus” (páginas 275 e seguintes da edição de 1857).

*“... e, finalmente, das eliminações celestes, divinas, incontestavelmente as mais elevadas, procedem os Messias, enviados aos diferentes mundos, expressão da vontade divina, uma e invariável, pertencentes todos, realmente, à mesma natureza celeste, fluídica, sônica, a mais elevada, todos o mesmo Filho primogênito de Deus, constituindo todos em conjunto apenas um só e mesmo Filho único do Pai Celeste.*

Página 280: “Quem duvida que o momento presente seja tão solene, mais solene quiçá do que aquele em que se cumpriu a missão do Cristo? Quem duvida que a humanidade se ache prenhe de próximo alumbramento? Quem poderá ficar surpreso com a presença em nossa atmosfera dos grandes mensageiros se estiver esperando um novo Messias?

*“Os destinos da França são manifestos; os grandes mensageiros estão de olho posto nela.*

*“Não deram já, desde muito tempo, sinais da sua presença? Quem liberou a França do jugo estrangeiro, sob Carlos VII? A sublime pastora Joana d’Arc, alma celeste guiada por um grande mensageiro em pessoa, Quem dirigiu no coração da Europa aqueles movimentos providenciais reguladores dos destinos dos seus povos? Quem fez a França moderna, senão os próprios grandes mensageiros divinos?”*

*(Notas colhidas no início de julho de 1953, na Biblioteca Nacional de Paris, da edição original de 1857).*



17 – As estrelas



### — PALAVRAS DE M. PHILIPPE —

Na libertação de Paris, em 1944, tive a sorte de tornar a achar o manuscrito inédito de Papus, consagrado ao Mestre Philippe. Tal manuscrito me havia sido roubado pela Gestapo, por ocasião da pilhagem de minha biblioteca, em 1942. Estava escrito, portanto, que este documento, tão precioso, não ficaria definitivamente perdido. Eis porque considero útil reproduzir, a seguir, alguns extratos dele, relativos aos ensinamentos do Mestre, à sua biografia e a fatos referentes a ele.

#### — ENSINAMENTOS DO MESTRE —

1) — Jesus Cristo teve duas naturezas. Ele era homem e era, também, o filho de Deus, filho único e preferido. Como homem, seu corpo estava formado de tudo quanto havia de mais puro na matéria. Ele tinha sido formado sem a ajuda de nenhum homem. Sua cifra era três (12 anos, 30 anos, 33 anos, morto na 3ª hora, 3 pregos somente). Ele foi pregado, sem ter sido previamente ligado; a operação foi feita no chão.

2) — *As almas foram criadas todas, ao mesmo tempo; todas elas não desceram, porém, ao mesmo tempo; a criação dura sempre. Fomos criados antes que os animais o fossem, mas eles nasceram antes de nós. Quando todos os seres da criação forem reconduzidos a Deus, estando terminado o trabalho, haverá outra criação.*

3) — *Os anjos do túmulo eram espíritos divinos que, para se tornarem visíveis, utilizaram a vida do Cristo, que ainda flutuava ao redor do corpo.*

4) — *Os enviados de Deus, antes do Cristo, eram homens nos quais a chispa divina fora dinamizada e a faculdade de lembrar, parcialmente devolvida. Cristo era o próprio espírito de Verdade; desde então, não mais voltou à terra, mas se*

*manifestou diversas vezes, de acordo com o grau dos seres aos quais se dirigia, por intermédio de diversos.*

5) — *A Providência é o Pai, bondade infinita que age por meio do Filho. Quem não conhece o Pai, não conhece o Filho.*

6) — *Provém a timidez, às vezes, de uma demora no outro lado.*

7) — *Ver-se-á o ano 2001; terá havido, porém, grandes mudanças.*

8) — *Todo homem que age, empenha simultaneamente, na ação e nas suas conseqüências, a série de seres que se encontram no seu caminho. Se assim é para o castigo, também o é para o Bem.*

9) — *Não procureis o repouso; buscai a guerra, buscai os incrédulos, os maus, os ignorantes, os doentes e curai-os, dando-lhes de vós mesmos, a despeito de todo embaraço e de todo o aborrecimento que isto vos possa causar. Se disso voltardes empobrecidos, cansados, esgotados e até possuídos de dúvidas, em razão de seus argumentos, fechai-vos no quarto, em vosso quarto e, na solidão. ORAI: a força e o vigor retornarão a vós.*

10) — *Quando se diz, por exemplo, que um homem é avaro, põe-se o pé em seu caminho. Aquele que está na luz não vê o mal; é como uma criancinha: esqueceu tudo.*

11) — *Há três espécies de sofrimento: uns sofrem por si mesmos; outros, por terceiros; outros, por missão. O maior sofredor é o que se esforça por tornar-se ateu. Cada um tem, exatamente, o peso de sofrimento que pode suportar. O sofrimento é um sinal de que o Céu não nos esquece.*

12) — *É preciso semear sempre. Não se deve falar aos surdos. É preciso fazer o que mais custa. Rir na dificuldade é o começo da fé.*

13) — *Três cousas são necessárias para se ir ao Céu: amar ao próximo como a si mesmo, ter pago sua dívida e perdoar a outrem.*

14) — *O casamento é um dever. A mulher deve conhecer, amar e servir plenamente ao homem. O homem, porém, que é o senhor, deve ouvir o que diz a mulher, mais do que costuma fazer. Casai-vos para devolver vosso empréstimo à Natureza, sem o que poderíeis não voltar aqui. O casamento também vale do outro lado; os seres ficam juntos enquanto tiverem de prestar ajuda mútua e corrigir um ao outro.*

15) — *É preciso conhecer a si mesmo, antes de procurar conhecer os outros. Quando a gene se conhece, não tem mais vontade de julgar os outros.*

16) — *Não se deve fugir da tentação, porque, se o fizermos, ela se acumulará em determinado lugar e nos esmagará um dia, com tanto mais vigor quanto tivermos deixado de nos treinar para vence-la.*

17) — *Todos os preceitos se reduzem a um só: ninguém entrará no Céu senão quando nada lhe custe. Enquanto algum ato a cumprir, possa causar-lhe qualquer mágoa, não estará pronto.*

18) — *Se fordes atacados na rua, protegei-vos, aparaí os golpes; mas não se deve bater nem matar. Ninguém será atacado nunca se, pessoalmente, não o mereceu.*

19) — *Com relação às práticas religiosas, deve fazer-se tudo ou nada. Mais vale nada do que observar pela metade.*

20) — *A alma é um sopro, uma parcela de Deus que não pode pecar. É o espírito, portanto, que peca com ou sem o assentimento do corpo.*

21) — *As penitências ou jejuns do corpo são úteis, embora não sejamos donos do nosso corpo.*

22) — *Se espalharmos o mal, sobre o caminho que nos foi dado, e não removermos, não passarão sete gerações sem que tenhamos de voltar para o nivelar.*

23) — *O homem que lutar, com coragem, contra as suas paixões pode, em três ou quatro anos, mudar o rosto, mesmo se for velho.*

24) — *Nunca deixar para amanhã qualquer ação porque mais tarde, os seres presentes para nos ajudar podem ter partido para junto de outras pessoas.*

25) — *É preciso calcar o amor próprio aos pés. Aqueles dos que ninguém debochou não podem ir para o Céu.*

26) — *É preciso agir mesmo quando persuadido de que se fracassará ou de se fazer coisa inútil.*

27) — *Não se deve assoprar bruscamente numa vela para não cortar o trabalho dos seres vivos que fazem a chama.*

28) — *Nunca manifestar a própria tristeza; ocultar-se para chorar; sorrir por fora. É preciso ajudar a todos sem preocupar-se em saber se aquele a quem se*

*ajuda é um bêbado, um ladrão, etc... Não fazer sofrer a ninguém. Nunca usar da espada, nem com um diabo; agir pela doçura.*

29) — Todo pecado será perdoado, até para com Deus, mas não a blasfêmia contra o Espírito Santo. Perdoar a quem nos prejudica, é semear nele o germe que um dia produzirá o arrependimento e o retorno ao bem.

30) — *No invisível as provas aparecem como campos de espinhos.*

31) — O que faz com que Deus não ouça a prece de todos os que oram, não é que Ele esteja longe d'eles, mas são eles que estão longe d'Ele. *Deus está em toda parte. Se a prece for ouvida o sentireis por um estado especial de exteriorização, de inspiração, de luz interior, mas não por sopros ou tremores físicos. É coisa grave o prometer a alguém que se orará por ele. Fica-se ligado, é preciso fazê-lo, até tirando do próprio sono se for preciso. A prece desatenta é, para os seres invisíveis que a ouvem, um pouco caso. Deve-se orar em casa. Ao acordar, pedir para não ficar zangados. Se tomarmos a menor partícula de nosso corpo e for dividida em mil, cada uma dessas partes tem um espírito. Os seres que estão dentro de nós precisam ir para o templo, dentro do nosso coração, para ouvir preces. Um mau pensamento no impede orar; é um escândalo para esses seres; é nesse coração espiritual onde está depositada a centelha de Deus que nos corresponde fazer crescer.*

*A humildade é necessária para que a prece seja ouvida. As preces dos homens são ouvidas e ultrapassam o departamento da matéria, desde que Jesus Cristo se fez carne.*

32) — *Falar cedo demais, ou ensinar a um ser verdades prematuras, é debilita-lo, fazer-lhe mal, enfraquecê-lo do outro lado, o que é mais grave do que deste lado, pois que é no outro lado que se adquire realmente a luz.*

33) — *É preciso enterrar, e não recorrer à cremação.*

34) — *As provas que vivemos com revolta não se levam em conta.*

35) — *Os bons escritos são os que ensinam a paciência.*

36) — *Estamos obrigados a comer carne; devemos comer, entretanto, o menos possível, carne de caça.*

37) — *O sofrimento é o alimento da alma como o trigo é o alimento do corpo.*

38) — *Os interesses materiais não devem entrar em jogo no Pater. O passarinho, que não diz o Pai Nosso, não recebe a vida?*

39) — *Evitai os processos: eles nutrem os polvos.*

40) — *Os apóstolos eram antigos profetas, mas não o sabiam. Judas era o mais adiantado dos apóstolos; ele caiu por orgulho. Seu crime ainda não está perdoado. Os apóstolos partiram, em 1856, do lugar em que se encontravam e vieram encarnar sobre a terra.*

41) — *É preciso ler os Evangelhos. Quanto mais vos adiantardes, mais vos darão. Neles podeis estudar toda a vida, sem esgotá-los, embora todas as coisas não estejam neles.*

42) — *Os sacramentos são portas.*

43) — *Tudo quanto a alma adquiriu de luz, em uma encarnação, ela o conserva na encarnação subsequente. Apenas o erro e as falsas opiniões desaparecem, porque a verdade é o pão da alma.*

44) — *A alma, cinco ou seis anos antes de sua encarnação, já sabe onde irá morrer e quanto tempo terá de passar na terra. Muitos abortos resultam dessa consciência antecipada das dores futuras e da recusa da alma em vir para este mundo. É, aliás, um mau cálculo.*

*Nas raças humanas, como no universo, os seres podem vir desempenhar o papel de cometas e trazer uma esperança ou um exemplo. O número de almas é limitado. Um nascimento exige uma morte. Há muitos seres considerados como vivos e que, não obstante, já estão mortos. Assim é que em certos velhos, recaídos em infância, a alma já está empregada em outra parte.*

45) — *Após a morte, o espírito permanece comumente só dois ou três dias. Em alguns, permanecem por séculos. Quando se morre, três cousas morrem: um vegetal, um animal e um mineral. Não tendes medo da morte. Há os que descansam dez anos; outros, cinqüenta ou cem anos; mas o tempo é outro; um século pode parecer um dia.*

46) — *Após uma massagem magnética, deve-se queimar perfume para expulsar ou purificar os seres desprendidos. Nenhum massagista, operando sozinho, pode tratar mais de dois ou três doentes por dia, sem se esgotar; pode receber ajuda de outra parte.*

47) — *O sal, em injeções intravenosas, em aplicações e em bebidas, tem grande virtude medicamentosa.*

48) — O cervo e, especialmente, o camelo, contêm os princípios necessários à cura da tuberculose, da sífilis e do câncer, que são doenças correlatas.

49) — O duplo de um membro, que falta, permanece e pode servir para reconstruir a matéria desaparecida.

50) — O duplo pode estar são e o corpo doente.

51) — O duplo fica na terra até a reencarnação.

52) — As doenças não são castigos. Deus não castiga. Aquilo que chamamos de “castigo” ou “punição” não é mais que uma dificuldade, logicamente religada aos nossos atos precedentes.

53) — A medicina espiritual não atua nos casos em que nenhuma obra meritória foi feita. Então, a medicina material ainda pode atuar.

54) — Toda cura obtida é paga pelo beneficiado ou, voluntariamente, por outro que o substitua.

55) — A morte só é apavorante para os que rodeiam o moribundo.

56) — Possuímos, após a morte, um corpo objetivo; nascemos, vivemos, constituímos família e morremos. Os mortos que puderam orar sobre a terra continuam a poder fazê-lo depois; eles podem manifestar-se tomando a forma de mortos recentes.

57) — Não se deve ter medo da morte. Aqueles que seguiram o bom caminho têm uma agonia curta, deixam rapidamente o corpo que, reduzido ao estado caótico, espera o retorno da alma. Eles podem assistir e guiar os vivos e, em alguns casos, orar por eles. Os outros têm uma longa agonia, ficam apegados ao cadáver (fantasma, vampiros), devem pagar do outro lado, são obrigados a aceitar um novo destino e reencarnarem.

58) — Alguns velhos, após a morte, podem ir direto para o Céu, mas, para isso, é preciso ficar semelhante ao ser que vem pela primeira vez (recém-nascido).

59) — É melhor deixar os mortos sossegados; não se deve fazer-lhes preces ou pedidos. Se formos muito bons, porém, os parentes virão por si mesmos.

60) — Os suicidas sofrem pelo tempo que teria durado sua vida normal. Muitos suicídios são apenas o castigo irrevogável de seres que cometeram um assassinio e aos quais é dado pagar, deste modo, a dívida.

61) — Os gêmeos são enamorados que juraram fidelidade mútua e foram separados. Tornam a encontrar-se.

62) — *A interpretação dos sonhos varia para cada pessoa. É preciso observar a hora. Os sonhos da madrugada são os mais verdadeiros. Se o mesmo sonho torna-se a apresentar-se, é iminente a sua realização.*

63) — *Não sepulteis as riquezas em cofres, mas usai-as para fazer viver homens, crianças ou, se não podeis, em benefício de animais, como cachorros, gatos pássaros, etc. Felizes os dadivosos!*

64) — *Aqueles que “viverem no Céu”, já nada sabem; a seu pedido, porém, a “voz”, que está ligada a cada coisa, diz-lhes a verdade.*

65) — *Quando reencarnarmos, voltaremos com as paixões que não tivermos combatido.*

66) — *Quando passa um homem que tem a vida do Pai, tudo renasce ao seu contato. Se ele pisar uma árvore seca, essa árvore reverdecerá.*

67) — *Embora tenhamos partido, uns após outros, para os trabalhos, chegaremos todos juntos à meta.*

68) — *A lembrança das encarnações precedentes pode influir em nossas antipatias.*

69) — *Aquele que chegasse a amar ao próximo **como** a si mesmo saberia tudo.*

70) — *Não deve haver segredos. Um homem que acha algo e o guarda é culpado; a Natureza o pune. O único segredo a guardar deve concernir aos erros alheios, para os quais o nosso coração de ser um túmulo.*

71) — *A vida é um contato universal. Tudo, no ar, está cheio de espíritos.*

72) — *Há duas vias: a via mental e a via do Pai. Assim, o conde de Saint Germain, que está morto agora, viveu certamente muito tempo. Não é pela magia. É preciso comer muito pouca carne, não tomar álcool, abster-se das mulheres, jamais cair em ira. Então, poder-se-á tomar, por diversas vezes consecutivas, o corpo de um jovem.*

73) — *Fazemos todos como Judas: cada vez que pecamos, traímos o Pai.*

74) — *A mulher tem o espírito mais agudo que o do homem; ela sofre mais e, por conseqüência, está mais perto do Pai.*

75) — *Quando se tem o um sonho exato por mês, já é muito.*

76) — *Há habitantes na Lua. Todos os homens da Terra, ou quase todos, vieram da Lua. A primeira raça humana, vinda da Lua para a Terra, foi a dos*

*ciclopes. Na Lua, os habitantes te, a testa oblíqua, o queixo proeminente e uma espécie de focinho de cão.*

*77) — Em certos planetas, por onde passei, a noite dura um século do nosso tempo terrestre. Tudo ali é mais longo: ávida dos homens, a respiração, etc...*

*78) — Há, em toda parte, seres bons misturados com maus. Em toda parte se reconhece um ser único, criador de todas as coisas.*

*79) — A Lua é a mãe da Terra. Está bem longe, portanto, de lhe ser um câncer. O seu número é sete. Ela nos envia, atualmente, aerólitos; dentro de seis mil anos, porém, ela se unirá à Terra.*

*80) — Os cometas estabelecem a circulação entre diferentes pontos determinados. Quando um cometa envelhece, pode fixar-se e desaparecer. Os cometas, então, só atacam astros desabitados. Um cometa nunca torna a passar por onde passou na ida.*

*81) — O Mundo material, onde nos encontramos, é limitado. Este círculo constitui o Reino; uma faixa relativamente estreita, com milhões de léguas de largura, separa-o do mundo das trevas, onde não há mais deuses. A ninguém é dado, salvo aos eleitos, que estão muito perto de Deus, penetrar essa zona de separação, porque, se a uma alma qualquer fosse permitido contemplar o abismo do além, ela recuaria mortalmente aterrada. O Reino é, aliás, imenso e, para alcançá-lo o limite, mesmo com a velocidade do raio, seriam precisos séculos. Há, afóra o nosso, uma infinidade de mundos, onde as criaturas se apresentam sob as formas animais, porém, são bem mais evoluídas e mais inteligentes que a maioria dos homens atuais. Eles têm alma idêntica à nossa e são feitos, como nós, em alma, espírito e corpo, à imagem de Deus. Eles sabem coisas que ignoramos e inversamente. Na verdade, embora se deva dizer que eles são mais elevados que nós, convém observar que somos, na realidade, muito bem proporcionados. Se um homem pudesse conservar com aqueles seres, muito teria para aprender e para ensinar. Nossa alma pode passar para eles e a deles para nós: é para o mundo em que fizemos as dívidas, porém, que geralmente voltamos para as pagar. Só as almas livres podem ir, à vontade, para aquele mundo, como para o nosso, e passar lá uma encarnação, a fim de cumprir missão ou dar um exemplo. O mundo teve um começo e terá um fim.*

82) — *O sol é habitado. Alguns seres vieram à terra pelo sol. Esses são mestres de todos os que vêm da lua e deixaram seu corpo no sol. O sol pode comparar-se a uma lente, cujo foco principal estaria , para a nossa terra, perto do equador, porém no mar, não sobre a terra. O sol que vemos não é, por si mesmo, nem brilhante, nem quente. Sua luz esplendente e calor devem-se apenas à ação condensadora de nossa atmosfera, que opera em forma de bacia.*

*Há um sol que emite raios invisíveis, os quais atravessam todas as coisas. Esse sol não é preto, como dizem os hindus, mas luminoso, como o outro. Os habitantes do sol branco vivem no interior de cavernas. A luz e o calor da terra devem-se à ação magnética do sol branco sobre a atmosfera terrestre, assim como um fio se torna incandescente pela resistência que opõe à corrente.*

83) — *As estrelas, como nós, estão por aldeias e por cidades, embora as haja solitárias. Todas as estrelas amarelas dependem do nosso sol; as vermelhas, azuis, verdes, etc. pertencem a outros sóis.*

84) — *Há duas espécies de terremotos: os que vêm após três dias de temor e perturbação entre os animais, são de origem terrestre e não têm nenhuma significação especial; os que vêm sem serem anunciados, são presságios. No dia de meu casamento, houve um terremoto na minha região e outro em "l'Arbresle". Houve terremoto, com tormenta, por ocasião do nascimento e do casamento de minha filha. Os terremotos são causados, não por um fogo central, mas por resistências às correntes **eletro-magnéticas** da terra.*

85) — *Em cinqüenta e poucos anos, a inversão dos pólos trará o quente em lugar do frio e inversamente<sup>1</sup>.*

86) — *A camada de fogo existente no centro da terra é muito fraca e em nada se assemelha ao que dela dizem os sábios.*

87) — *O fim dos tempos está bastante próximo e os nossos filhos talvez o vejam; é possível, porém, que sejam mudados os clichês indicadores de "efusão de sangue".*

88) — *Os caminhos são o que há de fixo no Universo. Cada classe, cada família de seres tem o seu caminho; todos os membros de uma família seguem o mesmo caminho, havendo possibilidade de substituições recíprocas nesse caminho. Sobre um mesmo caminho, encontram-se os ancestrais, a nossa geração e depois,*

---

<sup>1</sup> Sublinhado por Ph. Encausse.

*por ordem, os animais, os vegetais e os minerais (metais e pedras) da mesma família.*

89) — *O zodíaco comporta vinte e quatro e não doze signos. Tudo se renova, em cada vinte e quatro mil anos; sob esse ponto de vista, a astrologia é verdadeira.*

90) — *Existe, com efeito, certa conformidade entre o estado do Céu e dos planetas no instante do nascimento, e a luz ou destino daquele que nasce. Se todos os astros estão em harmonia no instante do nascimento, é provável que a vida do recém-nascido seja calma e harmoniosa; não se pode, porém, tirar prognósticos disso. Antigamente, antes do Cristo, os sete planetas tinham mais ação e, com mais frequência, visitavam a terra; podiam os homens, então, extrair verdades dos horóscopos e das interpretações dos sonhos, conhecendo assim seu futuro destino. Hoje, já não é assim, pois o Cristo lançou luz nas trevas e fez andar, em certo sentido, o que outrora andava noutro. Hoje em dia, só uma coisa permite adivinhação: são os nomes. De acordo com o nome de uma pessoa, os nomes de seus pais, de sua cidade natal, dos principais lugares onde sua vida transcorreu, pode-se calcular, mais facilmente que outrora, os mais importantes acontecimentos de sua vida.*

91) — *Todos os seres estão em relação com os planetas, servindo os abalos e as sacudidelas pessoais para avisar-lhes sobre os cataclismas que ocorrem no seu planeta.*

92) — *Os clichês não morrem; eles vivem, modificam-se e são criados para muitos indivíduos, muitos povos e muitos mundos. Se nos for permitido vê-los, ou ouvi-los, precisamos pagar e pagar muito mais do que podemos.*

93) — *Os clichês estão formados desde a origem do mundo. Tornam a passar, modificados, depois de vinte e quatro mil anos. O clichê de Waterloo existia desde quarenta mil anos.*

94) — *O Paraíso está sobre a terra. É o Conhecimento pleno, com o poder. Está no Paraíso aquele que atingiu sua plena liberdade.*

95) — *Somente os fracos entrarão no Céu.*

96) — *Os anjos, querubins, serafins, etc..., criados no início, antes do homem, existem realmente.*

97) — *Nenhum ser fica eternamente nas trevas, nisso que chamais de “inferno”.*

98) — *Entre o Homem e os anjos está Deus, porque Deus está em toda parte. Em toda parte, porém, estão também os deuses e, entre eles, existem alguns que pensam ser muito grandes e não são nada.*

99) — *Não corpos simples; se os há chamados “simples”, é porque não se chegou ainda a decompô-los; só existem, portanto, corpos compostos.*

100) — *Não se deve maltratar os animais.*

101) — *O musgo contém um poder vivificante. O musgo é uma verdadeira terra virgem. Aquele que nasce ao pé das rochas é mais especialmente ativo<sup>1</sup>. Botai-o n'água e tornar-se-á ainda mais ativo. Botai musgo numa terra árida e ela tornar-se-á capaz, no fim de pouco tempo, de alimentar parreiras.*

102) — *O sapo atrai tudo que lhe rodeia: as más influências, as doenças e, especialmente, os venenos. Come o que há de mais venenoso. Pode servir para muitas cousas. Seu óleo cura o eczema e deve também curar a sífilis. Sua pele, seu fígado e seu sangue têm propriedades especiais.*

103) — *O diamante se diferencia das outras pedras análogas por ter recebido algo do alto... A duração total de sua vida não ultrapassa 16.000 anos. Já existem diamantes velhos começando a morrer; eles amolecem, são os amarelos.*

104) — *Trazem as plantas, em seu tronco, folhas e flores, as suas virtudes escritas, para quem as sabe ler...*

105) — *O Diabo é muito poderoso e ouve os que se acham em seu caminho e aos quais Deus não atenderia; sempre cobra, porém, o que concede.*

106) — *Os demônios existem. Não se pode negar a existência dos espíritos infernais, porque isto seria negar a dos espíritos benfazejos. Nós não somos nem homens, nem demônios, mas uma mistura de ambos. A redenção do demônio se faz em nós.*

107) — *Há demônios ligados à matéria, como há outros, ligados ao ar e que são bastante maus (produzem as tormentas, etc.) e ainda outros, no mental, que atacam, pela tentação, os homens já fortes e os santos.*

108) — *Há, sobre esta terra, monstros de toda espécie. As variedades, porém, como a dos Centauros, não existiram materialmente. Somente a sua imagem astral foi percebida pelos videntes.*

---

<sup>1</sup> Sublinhado por Ph. Encausse.

109) — *Entre os seres, alguns desapareceram após uma vida mais ou menos longa. O tipo persiste, mas o tamanho diminui. A raça desvigorou-se, definha, tornou-se microscópica, deixando apenas traços vagos. Assim, por exemplo, houve um tipo de caranguejo (écrevisses) monstruoso, capaz de carregar um homem, houve cobras com duas orelhas, bico e goela de dragão.*

110) — *Nenhuma religião nos salvará se não amarmos ao próximo como a nós mesmos.*

111) — *Sorrir nas dificuldades é o começo do caminho que leva à fé. Nunca manifestar tristeza; ocultar-se para chorar; sorrir por fora.*

112) — *Cagliostro era um ser de Luz.*

113) — *Joana d'Arc, Napoleão Iº, Victor Hugo: seus pais nada tiveram que ver com seus nascimentos.*

114) — *Nada é absolutamente bom, nem totalmente mau.*

115) — *Examine-se cada noite; trabalhe da melhor forma possível; não se analise excessivamente. Faça o que mais custa. É preciso vencer a antipatia: é o "Mesmo" que nos fez a todos.*

116) — *O verdadeiro jejum é a privação. Para nos conhecermos, vejamos com que carregamos a outrem.*

117) — *O esquecimento é uma espécie de perdão, o mais fácil. Quando um de nossos órgãos esquece seu mal, começa a curar-se.*

118) — *Podemos praticar esporte; se nisso colocarmos orgulho, porém, ele nos fará mal.*

119) — *O Evangelho contém toda a iniciação. Por exemplo: "Acender brasas ardentes sobre a cabeça do inimigo" é perdoar-lhe, pois isso põe nele um germe que um dia produzirá remorso e o retorno ao bem.*

120) — *Se uma determinada intervenção não se produzir, as nações declararão guerra à França, porque ela se terá tornado um foco de anarquia. A Rússia nos imporá suas leis<sup>1</sup>.*

121) — *A França é a mãe e deverá pagar por ser a mais adiantada.*

122) — *Com relação a Lyon, afundará o lugar em que nos achamos, até a Tour du Pin, porque está sobre um lençol d'água, a menos de 300 metros. A casa de L'Arbresle permanecerá.*

---

<sup>1</sup> Sublinhado por Ph. Encausse.

123) — *A guerra é uma condição necessária ao estado humano. Se as fronteiras chegassem a ser artificialmente suprimidas, a guerra renasceria entre as famílias.*

124) — Os Amarelos farão um êxodo. O morticínio será horrível e só cessará ate o horror do sangue, do fogo do Céu da água que sobe. A América, protegida pelo mar, receberá os golpes do Apocalipse...<sup>1</sup>

\* \* \*

Eis, agora, outra série de ensinamentos orais do M. Philippe, dados no decorrer do período de abril de 1893 a março de 1897, no palacete da rua da Tête-d'Or, em Lyon e fielmente anotados por um “curioso” dessa cidade.

— ABRIL DE 1893 —

125) — Nesta terra, progredimos todos para o bem e, em cada período em que nossa alma se aperfeiçoa e dá um passo para o nosso progresso, trocamos de guia e aquele que nos vem guiar é mais adiantado que o precedente.

126) — Está dito no Evangelho: “Fazei a paz deste lado, pois no outro isso é muito difícil”. Na verdade, se uma pessoa vos ofende, ela também ofende o vosso guia. Dez, doze anos passam; ambas as pessoas já adquiriram um pouco de perfeição e têm ambas novos guias. Vem a morte. Do outro lado, essas pessoas deverão fazer a paz mas, para isso, é preciso que primeiramente se encontrem e, conseqüentemente, também os guias que elas tinham por ocasião da ofensa sobre a terra. É muito difícil. A pessoa que vos ofender, mesmo que lhe perdoeis o mal feito a vós, terá de sofrer, a menos que peçais por ela.

— Quinta-feira, 27 de abril de 1893 —

127) — P: *Existe algo bom no Espiritismo para se tomar?*

R: Há, em toda cousa, uma parte boa para se tomar. Os espíritas fazem evocações das almas de seus mortos e, às vezes são outros espíritos, e não os chamados, que vêm comunicar-se. Está dito no Evangelho que não se deve perturbar os mortos.

---

<sup>1</sup> Sublinhado por Ph. Encausse.

128) — *Uma senhora pergunta: E quando os mortos nos falam, sem que os tenhamos chamado?*

R: Sim, isso pode ser: é preciso, porém, que as pessoas, com quem isso acontece, reservem para si tais coisas, não fazendo delas uma propaganda para a religião dos espíritas. Disse *religião*: é muito mais uma crença.

129) — Diz-se: “todas as religiões são boas”. Não sei. Em primeiro lugar, não vos digo que acrediteis como eu. Digo-vos apenas o que sei. Aqui somos todos, ou quase todos, católicos. Pois bem, talvez sejam boas todas as religiões, mas a nossa gostaria de sufocar todas as outras. Aliás, por que vos preocupais com tudo isso? Deus não vos pede tanto.

130) — No espiritismo, o que constitui o fundamento e explica a justiça de Deus são as reencarnações. Por que é inteligente determinada pessoa, enquanto outra é tola, se essa diversidade não se explica pelo trabalho em encarnação precedente? Poderia estender-me muito mais; mais uma vez, porém, não vos digo para crer assim mais que de outra forma. Deus apenas vos pede que ameis ao próximo como a vós mesmos.

131) — P: *Não se poderia ir para o Céu após a morte, sem passar por outras encarnações?*

R: Sim, mas teríeis, para isso, de vos despojar totalmente de tudo quanto possuis, andar de pés descalços em proveito dos que nada têm, para adquirir, então, o bastante para ir ao Céu. Há alguém capaz de fazer isso?

132) — *Uma senhora diz: Sim, eu o farei.* Sim, sois a única pessoa, nesta sala, capaz de fazer isso. Pois bem, eu tenho um amigo que deu, não só o que possuía, mas o que não possuía, fazendo dívidas para ajudar o seu próximo. Ah! bem sei que as mães de família me responderão que têm filhos e não podem desfazer-se, por causa deles, de seus haveres. Eu contestarei isso, porém, dizendo-lhes que se elas têm filhos, há crianças que não têm mãe e são igualmente suas.

133) — Fazei o bem, mas é preciso que o não façais para que todos fiquem sabendo. Se um lavrador semeia grãos, deve cobri-los com terra para fazê-los germinar.

134) — Embora possais receber, após a confissão, absolvição de um ato ruim, eu vos digo que disso não sereis perdoado enquanto não vos tiver perdoado a pessoa ofendida.

Podeis dar-vos por bem felizes que eu não seja cura, porque não vos daria absolvição senão quando tivésseis reparado o mal.

— *Domingo, 7 de maio de 1893* —

135) — P: *Como poderemos chegar a amar ao próximo como a nós mesmos?*

R: *Pelo sofrimento*. Ninguém pode compreender o próximo, nem aliviá-lo, se ele mesmo não sofreu; ainda mais, é preciso sofrer sem se queixar, enquanto o sofrimento puder ser suportado e só pedir alívio, quando ele for insuportável. Leva isso muito tempo? Claro que sim! Mas, não há pressa; ainda mais, ajuda-te e o Céu te ajudará. Assim, um beberrão, que se esforçar por deixar de beber, pode estar certo de que será ajudado a não mais beber.

136) — Não bastam, para obter o perdão das ofensas e ganhar o Céu, uma confissão e uma absolvição quaisquer; o que se deve obter é um ato de contrição, bem do fundo do coração, bem como o perdão daquele a quem ofendemos.

137) — P: *E se o ofendido negar-se a perdoar?*

R: Nesse caso, o que pediu ao ofendido um perdão, que lhe foi negado, fica livre, tornando-se assunto de seu anjo da guarda perdoar-lhe por isso.

138) — P: *Podemos ver nosso anjo da guarda?*

R: Quase ninguém, ou bem pouca gente, pode vê-lo. Aquele que possuir tal dom, terá grandes contas a prestar, pois está dito nas Escrituras: “Muito deve dar aquele que muito receber”. Tal pessoa jamais deverá deixar de fazer o bem, nem de cumprir o seu dever. Do mesmo modo, é dever do rico dar ao pobre; é dever de quem nada possui não invejar o rico, para que um e outro não falem à caridade, pois ninguém entrará no reino do Céu se não tiver a CARIDADE.

139) — P: *Estará errado o livre-pensador que, embora crente em Deus, quer ser enterrado sem a ajuda dos padres?*

R: Se ele for católico, deve conformar-se às regras de sua religião, pois também está dito no Evangelho: “aquele que for objeto de escândalo, será mostrado com o dedo”.

140) — P: *Mas se a pessoa considerar o sacerdote, que o deve enterrar, indigno de fazer isso?*

R: Isso não tem importância, pois não devemos julgar se não quisermos ser julgados.

141) — P: *E a comunhão?*

R: Gostaria de ver a Comunhão assim praticada: numa aldeia, ou em qualquer outro lugar, por exemplo, reunir-se-ia, uma vez por ano, todos quantos lá morassem, estando cada um bem decidido a esquecer as ofensas e a partir o pão em sinal de paz e reconciliação.

142) — No que respeita a ver Deus, ninguém viu, nem jamais verá Deus. *Um só homem, Jesus Cristo, foi posto em sua presença.*

143) — *Dizem com freqüência: Oh! tal pessoa era boa e deixou, ao morrer, tal soma... Pois bem, efetivamente deixou, porque nada podia levar. Durante a vida, porém, é que teria agido bem em doá-la!*

— Quarta-feira, 10 de maio de 1893 —

144) — P: *Por que diz o Evangelho que muitos, dentre nós, não morrerão?*

R: A morte só é aparente. É uma transformação apenas para o corpo.

Vamos, todos os que têm fé nas palavras do Evangelho, em rebanho para a luz; ai do que não quiser, porém, ver nem ouvir, do que rejeitar as palavras do Cristo: esse morrerá, isto é, ficará para trás, nas trevas, a milhares de séculos, sendo obrigado a esperar novas gerações.

145) — Cada dois mil anos, aproximadamente, em períodos mais ou menos fixos, aparece sobre a terra um Salvador, que é sempre perseguido. Os profetas vieram anunciar o Messias e esses mesmos profetas foram os apóstolos de Jesus — o — Perseguido.

146) — P: *Por que as pessoas, que vos conhecem, não vêm todas para vós?*

R: Certas plantas gostam de sol e, com a vinda da luz, viram suas folhas para o seu lado. Outras, porém, preferem ficar na sombra.

Existe algo nesta sala, invisível para vós, que vos reconforta no físico e no moral.

147) — P: *E o nosso anjo da guarda?*

R: Eu vos atesto que, para mim mesmo, nunca lhe pedi nada e que apenas o ouvi duas vezes: uma, para me dizer “sim”, em resposta ao que he pedia; outra, para me repreender, limitando-se essa repreensão a uma única palavra “o senhor!”, em vez de “tu”, que me devia ser sempre dito.

148) — Deus dá a todos, gradativamente, a Luiz necessária para transpor os pequenos obstáculos.

— *Terça-feira, 27 de junho de 1893* —

149) — Não se sofre no momento da morte: o que faz sofrer é o medo que dela se tem. Por que tal medo? A morte não existe. É uma falta de confiança em Deus o ter medo dela. Muitas vezes, aqueles que, pela contração dos órgãos, parecem sofrer, não sentem absolutamente nada e cantam quando se pensa que sofrem. Eles não sabem para onde vão, nem onde estão, nem de onde vêm. Nós, do mesmo modo, não sabemos de onde viemos, onde estamos e para onde vamos. Aqueles que não acreditam na existência da alma, mas que guardam, dentro de si, tal crença, serão retardatários, dentro de trevas menos densas, porém, do que aqueles que a todos dizem: “não existe alma; com a morte, nada fica da nossa alma, nem de nós: acaba tudo”.

Assim como a pessoa, a quem se amputa um braço ou uma perna, sente esse membro como se ele existisse, assim certas pessoas não se acreditam mortas e sentem seu corpo. Aqueles que publicamente, acreditaram que tudo tenha terminado e nada mais ficava de nós após a morte, procuram os seus membros e não podem achá-los.

A matéria é matéria, e o espírito é espírito. Está dito no Evangelho: “Ama teu próximo como a ti mesmo”. É preciso amá-lo com total desinteresse.

Certamente, mais vale ainda fazer o bem com a idéia que Deus no-lo devolverá, do que não fazê-lo de jeito nenhum. Porém seria melhor fazer o mal do que não fazer nem o bem nem o mal: Esses são os mornos, os retardatários, e, para adiantar no Céu, é preciso que nos seja devolvido aquilo que temos feito, nossos atos, nossas palavras, nossos pensamentos. O pensamento deve ser puro.

— *Quinta-feira, 20 de julho de 1893* —

150) — É muito difícil obter o que pedis. Vós o podeis tanto quanto eu. Prometei ter caridade e não querer mal a ninguém. Muitas vezes, tendes queixas contra alguém, e, durante infinito tempo, quase sempre, guardais ressentimento contra ele e dizeis: “essa pessoa me fez isso”. Por que não deixar de lado o que já passou e voltar sempre sobre uma coisa enterrada? Não se desperta aos mortos. Se

não esqueceis, não faleis a ninguém desses rancores e procurais esquecer perdoadando. Infeliz do que deseja a morte de alguém; *é preciso tocar-lhe a vez de que levem sobre ele o mesmo desejo.*

151) — As leis de Deus repelem o divórcio e será preciso sofrer até encontrar a companheira ou o companheiro de quem a gente separou-se, e lhe ter perdoado.

— *Quinta-feira, 27 de julho de 1893* —

152) — Se estivesse em meu poder tirar-vos os aborrecimentos, não o faria. Ao contrário, faço votos para que os tenhais na medida que puderes suportar, pois ninguém entrará no Reino do Céu se não sofrer muito.

Se sois felizes nesta terra, não podereis sê-lo do outro lado. Que chamam aqui “ser feliz”? Usufruir prazeres materiais. Como se pode gozá-lo, sentindo que, junto de si, o próximo não os tem? Os donos de casa ameaçam despejar o inquilino e, por vezes, levam tal ameaça a execução. Estão com direito, segundo a justiça das leis sociais, pois a Justiça de Deus não existe sobre a terra. É um sentimento que a alma só adquire pela luz e somente a caridade permite obter a luz. Tem-se amiúde remorso do mal que se praticou: é sinal de que a alma concebe a justiça.

Esse dono de casa, que despeja o semelhante, talvez tenha recebido a casa como penhor. Talvez ela lhe tenha sido dada como prova, para verificar se era capaz de abrigar, de graça, quem não estava em condições de pagar. Se ele o expulsar, eu vos afirmo que, entre os seus, até a sétima geração, lhe será feita a mesma pena. Do mesmo modo, se ele fizer o bem, tal bem ser-lhe-á devolvido, pois o que se atira pela janela e pela porta não se perde. Se for o mal, tornará achar o mal; se for o bem, é o bem que tornará a encontrar, pois Jesus Cristo disse: “Aquele que com a espada matar, pela espada perecerá”.

O dono da casa pensa estar em seu direito, pois as leis sociais estabeleceram essa regra. E aquele que for despejado, também pagará a dívida. E enriquece quem paga as dívidas. Essa lei, como todas as que nos regem, deve ser respeitada. Deus quis que assim elas fossem estabelecidas, até que nos possamos guiar, sobre a terra, unicamente com as leis do Céu.

153) — Poderemos nos governar sozinhos, quando tivermos a Caridade mas, para isso, precisamos esquecer as queixas e não desenterrar os mortos, isto é, não reprovar em outrem, durante anos, as mesmas coisas.

154) — *A morte não existe.* O corpo devolve à terra a matéria que, por sua vez, a terra lhe tornará a dar, para a criação de outro corpo. Se quiserdes, entretanto, passar bem, após essa mudança, essa transformação, deveis pagar o vosso leito porque, após a morte, todos os atos da vida tornam a passar ante vós.

Tende por certo que estarei sempre convosco, e que, se vos protejo aqui, vos protegerei ainda do outro lado. E todos os que perdestes me viram e me vêem desde a primeira vez que tendes vindo aqui.

155) — O pensamento é, conforme os sábios, apanágios do cerebelo, mas nós, que somos pobres de espírito (e está dito no Evangelho: “Felizes os pobres de espírito”), dizemos que o pensamento é refletido pelo cerebelo e que tem que haver alguma coisa que faça funcionar esse pensamento, para que penetre no cerebelo. Que é, essa alguma coisa e de onde vem essa alma? Vem de Deus. Assim como a terra não pode se mover por si mesma. É o sol que a aquece, e esse mesmo sol recebe seu calor e sua luz de outro sol.

— *Segunda-feira, 31 de julho de 1893* —

156) — *Apontando a uma pessoa presente:* Eis aí uma senhora, a mais feliz de quantos se acham aqui e que acredita ser, estou certo, amais infeliz. Ah! tenho muita pena de vós: que teríeis feito, senhora, no lugar de algumas das pessoas presentes? Estais sempre com medo. Mas de que? Ali está outra senhora que, desde que se acha sobre a terra, nunca passou um dia sem ter medo do amanhã. Ainda hoje, ela pensou: Oh! como farei na próxima semana? Entretanto, ela está com 67 anos e nunca lhe faltou nada.

157) — Há diversas maneiras de sofrer. Certas pessoas sofrem em expiação por si mesmas. Outras pela sua família. Outras em missão pelos seus irmãos. Aquele que nos pôs sobre a terra sabe de que necessitamos e, só devemos lhe pedir socorro quando já não agüentamos mesmo. E, não como sempre lhe pedimos socorro, sempre ajuda, até mesmo quando absolutamente nada nos está faltando. Estamos sempre com medo de que a terra já não nos sustente e dizemos: “Ah! se isto ou aquilo acontecesse?”. As estrelas poderiam cair esta noite e nos levar, mas, vos juro pelos que mais quero, nenhum de nós ficaria perdido, tanto no outro lado como neste. Há muito tempo que vos conheço, e vós não me conheceis.

158) — Para vos demonstrar aquilo que, estou certo, acreditareis depois, embora eu preferisse que tivésseis acreditado antes, para vos demonstrar, não a existência da alma, mas a sua imortalidade, prometi que vos faria ver, um dia, os seres que perdestes. Logo os vereis, mas era preciso que, para isso, eu vos preparasse, pois embora digais “Ah! como ficaria feliz e quanto prazer teria em ver meus familiares mortos”, isso vos impressiona muito. Nosso organismo não está feito para isso e, se Deus não quis que tornássemos a ver os que partiram, é porque sabe de que necessitamos.

159) — Para alcançarmos nosso aperfeiçoamento, precisamos não guardar rancor contra ninguém, pois está dito na Santa Escritura: “Não cai um só cabelo da cabeça, sem que seja devolvido”. Não como na religião de há 2000 anos, que dizia: olho por olho, dente por dente. *Então, do outro lado?* Não. É neste lado que se deve pagar, pois o que está vinculado ao Céu, no Céu se desvinculará e o que está ligado à terra, aqui se desligará. Por exemplo, tendes uma demanda com alguém. É o vosso vizinho: ele perde e vós ganhais. Acreditais que, se vierdes a morrer, a questão ficará liquidada deste modo? Não. Será preciso que volteis, até selar a paz neste mundo, porque é muito difícil fazê-la no outro, a menos que encontreis, em vosso caminho, um daqueles que tem o poder de ligar ou de desligar. Se tendes, porém, rancores contra alguém, mesmo estando com a razão, deveis facilitar a essa pessoa todos os meios para que vos venha pedir perdão, agindo assim, não por vós, mas para lhe poupar penas. Ide estender-lhe a mão: será um dever de caridade.

160) — A doutrina, entre os espíritas, é amar à humanidade e fazer o bem; eles recorrem, porém, para todos os seus atos, às comunicações com os mortos. Nossa religião, aqui, é praticar a caridade e agir sem importunar os que partiram. Se os chamardes, isso pode, às vezes, incomodá-los muito, porque é impossível que venham completamente a vós. Há uma barreira, colocada por Deus entre os vivos e os mortos. Acreditais que, a um simples chamado, eles possam vir? Nada disso.

Para isso, fazeis metade do caminho e chegais até a essa barreira. E isso faz com que, freqüentemente, após uma sessão espírita, vos sinta cansados.

161) — Mais tarde, quando tivermos mais tempo, eu vos falarei do Destino, que não considero da mesma forma que vós, pois o vejo como uma estrada que muitos devem percorrer e sobre a qual podem encontrar obstáculos. Aquele que, em face do obstáculo, não retrocede, “espanta” esse obstáculo, aplainando-o para a

passagem de outras pessoas. Eis porque o bem, que se pode fazer, torna-se útil aos outros seres.

162) — P: *Descendemos do macaco?*

R: Os animais, como os homens, progredem e têm o instinto de conservação. Eles não foram postos sobre a terra apenas para a satisfação do homem. Não, não descendemos do macaco. Em uma próxima experiência, demonstrar-vos-ei de onde veio o primeiro homem.

— *Domingo, 10 de setembro de 1893* —

(Após algumas experiências)

163) — O que vem de ser feito é magnetismo, não o que pode estar ao dispor de muitos. É magnetismo da alma: há quem tenha poder de o utilizar?

164) — Quem nos mandou à terra, sabe de que precisamos e não devemos crer, mesmo em face de grandes penas, que estejamos abandonados. Nunca estamos sós. Tenho sempre, perto de nós, o nosso anjo da guarda, que para nós pede a força e a resignação necessárias e não exige de nós senão um pouco de boa vontade. Em todos os tempos, e muito antes da História Sagrada, tem-se dito: “Pedi e recebereis”. Para receber, é muito simples. Precisais somente mudar de “departamento” e tomar outro que não vos custe muito caro. Eu vos tenho dito, muitas vezes, que uma coisa só basta para que sejais ouvido por Deus: a caridade.

165) — Nada está oculto, absolutamente nada. O mais insignificante de nossos pensamentos está marcado e também a alguns filhos de Deus é dado conhecê-los.

166) — Pode a alma, após a morte, elevar-se e afastar-se do corpo; fica, porém, o que se chama a vida do corpo, o “perispírito”, que acompanha o corpo até que o tornemos a achar. Nosso corpo, eu vo-los afirmo, é toda a eternidade e ressuscitaremos. Eu vos falarei, proximamente, do primeiro homem e de sua formação. Hoje, é preciso que me façais a promessa de pôr todos os vossos esforços em fazer o bem e não falar mal de ninguém. E agora, já que todos me prometeram, por minha vez, vou pedir para todos e ireis ter: a paz do coração, a calma e a força nas dificuldades.

*Terça-feira, 12 de setembro de 1893* —

167) — Todos quantos vos achais aqui não ireis ainda para o Paraíso. Se eu soubesse, aliás, que iríeis e se Deus me tivesse dado algum poder, eu vos impediria de ir, até que viésseis buscar, entre os vossos irmãos, os que estão prontos para ir. Não devemos entrar no Céu, uns sem os outros. Deveis estar lembrados que prometi uma surpresa. Pois bem, está próximo o tempo em que a tereis. Aqueles a quem falta pão e trabalho, tê-los-ão.

168) — Por que temer a morte? Ela é absolutamente nada. Os que estão mortos nos vêem e ouvem; se Deus, porém, não quis que o víssemos, é porque sabe de que precisamos. Se os pudéssemos ver e ouvir, teríamos talvez mais confiança e menos temor do amanhã, pois sempre nos estamos inquietando com o porvir. Deus, entretanto, soube prover no passado; por que não quereis que assim aconteça, também, mais tarde?

169) — Só vos peço uma coisa: amai ao próximo, não tenhais nenhum rancor, nem idéia de vingança. Para que desenterrar os mortos e volver às penas passadas? É preciso andar para a frente, sem olhar para trás. Quereis que vos diga o que é preciso fazer para ser sempre feliz? *É preciso pedir a adversidade e jamais se queixar dela.*

170) — Alguns dizem que o homem, ou antes, a terra é muito atrasada.

Sim, é verdade, porém milhares e milhares de planetas são também atrasados e um poderia passar uma eternidade contando os que estão no nível do nosso, sem chegar a contá-los. Assim é também, com os que estão mais adiantados. Deus não quis que, por mais que buscássemos, achássemos aquilo que gostaríamos de saber, posto que nem tudo está ao nosso alcance. E se há pessoas que se acreditam adiantadas, por terem certas comunicações de outros seres enganam-se; o orgulho as impede de progredir, como também a falta de caridade, pois sem a caridade, embora com a fé, não há salvação. Há pessoas que dizem: “Oh! meu Deus, quanto vos amo!” É inútil dizer isso. *Deus não pede que o amemos, se não amando aos nossos próprios semelhantes”.*

171) — Deve-se respeitar tudo quanto foi instituído na terra. Assim sendo, muitos acreditam, conforme a Igreja, que devem confessar as culpas pelo menos uma vez por ano. Se assim pensam, que o façam. Se não acreditam, não o façam, mas evitem exhibir a sua descrença, pois está escrito no Evangelho: “Aquele que for

causa de escândalo será ferido pela desgraça e Jesus Cristo, perante seu Pai, o renegará”.

172) — O que a Igreja, ou antes, o sacerdote não se preocupa é saber, na confissão, a quem tendes ofendido e que dano lhe causastes. Pois bem, eu vos afirmo que tal absolvição só terá validade se aquele a que ofendestes vos perdoar. E se um homem, a sós com uma criança, disser a essa criança: “és mentirosa”, isso seria um insulto, mesmo que fosse verdade, mas, se o não fosse, seria preciso receber o perdão dessa criança, bem como o das testemunhas, para entrar no Céu. Ireis dizer que não havia testemunhas. Desenganai-vos. Havia lá, talvez, mais de duzentas pessoas invisíveis, perante as quais, também, o perdão deverá ser pronunciado. Nunca estamos sozinhos.

173) — O nosso ser compõe-se de três parte distintas: a alma, o “perispírito” ou **envólucro** do corpo, e o corpo. Pode a alma, às vezes, embora não se perceba, estar ausente, sem que o corpo sofra com isso.

174) — P: *Foi a alma criada?*

R: Sim, ela foi criada, mas é eterna, já que emana de Deus, de quem é uma centelha; quando apraz a Deus, ela pode tomar corpo.

175) — P: *Não somos todos filhos de Deus?*

R: Não. Alguns nasceram pela vontade de Deus, sem a ajuda da carne, isto é, sem que nenhum jardineiro precisasse fazê-los sair da terra, ao passo que outros nasceram da carne e são os filhos da terra. Há mesmo duas categorias de filhos de Deus: os que são soldados e os que são oficiais.

Quereis que eu vos dê a prova de que há filhos de Deus e filhos da terra? Pois bem, eis aqui uma senhora que responderá essa pergunta. Acreditais, senhora, que o vosso pai e a vossa mãe tenham podido viver há centenas ou milhares de séculos?

*Resposta da senhora: Oh não! A mesma pergunta a diversas pessoas, com idêntica resposta.*

Pois bem, assim pode ter sido; há séculos, pessoas que deviam ter tido um filho foram separadas pela morte; essa criança, que devia ter nascido, veio agora e os mesmos seres são seu pai e sua mãe. Não são filhos da terra, mas filhos de Deus, esses e todos os que, do fundo de sua alma, acreditam nisso.

Eis porque, aqui mesmo, nesta sala, há filhos de Deus. E está dito na Escritura: “o que é carne é carne e o que é espírito é espírito”.

176) — P: *Foram os apóstolos que fizeram os Evangelhos?*

R: Não, os apóstolos nunca escreveram nada sobre Jesus Cristo, mas algumas antigas pessoas sábias, de sabedoria comparável a de certas pessoas atuais, lembraram-se das palavras de Jesus e sobre elas escreveram. Aliás, para corroborar o que já vos disse um dia, nada se perde; tudo quanto está escrito, feito, pensado ou dito, está registrado no Céu e a algumas pessoas foi dado ver no Céu o que dissera Jesus.

177) — P: *Aquilo que está escrito sobre a ressurreição de Jesus é, de fato, verdadeiro?*

R: Eu vos tenho dito amiúde que a terra não toma senão aquilo que deu.

Jesus não nasceu da carne; não podia, portanto, ficar muito tempo na terra a que não pertencia. Como ele, houve também profetas, pois Deus não fez a lei para um só de seus filhos, embora Jesus não deva ser posto em paralelo com os profetas.

178) — P: *Que significa: “É preciso que bebais meu sangue e comais a minha carne, para terdes a verdadeira vida”?*

R: Isso não vos devo explicar. Estaria acima de vossa compreensão.

179) — Eu vos tinha dito que iria fazer uma experiência relativa À criação do homem. Eu vos direi hoje que esta cortina, erguida às vezes por mim, para dar acesso a um ar mais respirável, bem poderia ter sido suficientemente erguida sobre um filho de Deus, que estivesse passando por outro planeta, ficando ele ali como primeiro homem desse planeta. Deus pode tudo e o homem não descende, como acreditam algumas pessoas, do macaco. Quanto às nossas semelhanças de rosto com certos animais, eu vos darei, em outro dia, uma explicação.

— Quinta-feira, 21 de setembro de 1893 —

180) — *A uma pessoa presente:* Por que não cumpris o que prometeis? Que prometestes fazer? Tudo que estivesse em vosso poder; acaso o fizestes? Ainda hoje, pela manhã, pediram-vos um favor e não o fizestes; quando estais sem trabalho, lamentai-vos. Quando achareis, já que estais contente, deveis agradecer,

fazendo o melhor possível. Está dito na Escritura: “Dar-vos-ão açoite de ferro”. Sabeis o que isso significa?

181) — Jogais fora comida, freqüentemente, dizendo: meus patrões são suficientemente ricos. Pois bem, tudo torna a encontrar-se e bem gostaríeis de ter, um dia o que jogastes fora. Assim também acontece ao alimento da alma. Deram-vos olhos para ver, ouvidos para ouvir e a palavra para traduzir o vosso pensamento. Só deveis usa-los, entretanto, para fazer o bem. Se para isso não os utilizares, dia virá em que, querendo ver e ouvir, não o conseguireis.

Não tem importância não ver com os olhos do corpo, se puderdes ver, pelo menos, com os olhos da alma.

Ah! sofreis? Bastante sofrimento é necessário para entrardes no Paraíso. Muito será preciso para que seja proveitoso tal sofrimento. Quantos sofrimentos há que para nada servem!

182) — Precisais trabalhar e exercitar vossas pernas, se quiserdes transpor obstáculos. Como quereis vencer os grandes, se não podeis passar os pequenos? Eu vos afirmo que, aos que não andam, eu empurrarei e pegarei pela cabeça. Devemos conquistar a nossa liberdade, para nos tornarmos independentes; não conseguiremos isso senão quando amarmos ao nosso semelhante como a nós mesmos.

183) — Assim, diante de vós a morte, que vai ferir vosso inimigo. Podeis dizer: “Oh, nada farei para que a morte o ceife”. Por dentro, porém, não estais absolutamente descontente de que seja o vosso inimigo o abatido. Se vos dissessem para dar, em troca, um dos que vos são caros, faríeis isso? Pois bem, conheço Um, entre os meus amigos, que o fez. É preciso fazer, para amar o próximo, todos os sacrifícios. Estais todos debaixo do meu império e sob eles caminhareis. Dizem-vos desaforos, zombam de vós: que importa isso? Embora não importe, Cristo também foi escarnecido; em se tratando de vós, é outro assunto. Ah, como tiveram de sofrer os que, após o terem escarnecido, voltaram à terra!

184) — P: *Volta-se à terra quando se quer?*

R: Alguns retornam por vontade própria, mas outros voltam empurrados. Os que voltam por vontade própria, não são os filhos da carne, mas os filhos de Deus. É pela vontade de Deus que voltam.

Aqueles que nisto acreditam, e o acreditam profundamente, são filhos de Deus.

185) — Este senhor perguntou-me um dia o significado destas palavras: “tinha sido vedado dar parvas de trigo a quem as tinha guardadas em seu paiol”. Pois bem, isso significa que certas coisas não devem dizer-se a pessoas que não as possam digerir. Muitas cousas há que não podemos compreender, por serem imperceptíveis aos nossos sentidos. É como ver diversas moradas na casa do Pai.

Sim, todas as pessoas que se acham aqui, pertinho umas das outras, estão contudo a grande distância, e nem uma reside na mesma morada. Isso parece incompreensível, mas assim é. Acusam-me de mentiroso, de toda espécie de cousas, de chamar os demônios. Tende por certo que não seria bastante estúpido para levar o sacrilégio até o ponto de vos dizer que pedísseis a Deus.

Tenho um grande “livro” onde as respostas às perguntas que poderíeis fazer estão escritas de antemão.

186) — P: *Foi criada a alma?*

R: Sim. Bem gostaríeis de saber de onde vem, onde está ela, para onde vai. Como sopra o vento, e aonde vai? Sabeis que Jesus dizia aos seus discípulos: “Eu não posso responder a vossas palavras, porque não estaria ao vosso alcance”. O que dizia a seus apóstolos não estava ao alcance dos seus discípulos. Como quereis que vos responda? Não podeis compreender estas cousas, já que as elementais são indigestas ao vosso estômago. Seria preciso ter materiais. Esses materiais são *de amar ao próximo como a si mesmo*. Até hoje, vos pedi todos os vossos esforços para que não faleis mal de ninguém, para amardes ao semelhante como a vós mesmos. Agora, vos peço, não somente que façais esforços, mas que ameis ao vosso próximo como a vós mesmos e que não faleis mal dele. Então muitas cousas vos serão desvendadas, e pelas experiências que o Céu tem permitido se ver aqui, bem podeis fazer alguma cousa. Os que aqui estão — e isso me alegra — têm inteligência, porém aqueles dentre vós que pudessem dela carecer tê-la-ão a partir de hoje.

— Terça-feira, 26 de setembro de 1893 —

187) — P: *Por que é tão difícil amar ao semelhante?*

R: Parece-nos ser impossível, mas pelo contrário é muito simples. Tratar-se-ia de expulsar uma cousa só de dentro de vós, então o lograríeis. Se, todos vós, não

tivésseis orgulho, amaríeis ao próximo como a vós mesmos. E para destruir tal orgulho, é só pelo sofrimento que se conseguirá.

188) — P: *Mas, após tantos sofrimentos, a que se aspira?*

R: À perfeição. E a perfeição não existe sobre esta Terra. (*Dirigindo-se a um jovem que fizera a pergunta.*): Porém vós, não vos preocupeis com nada. Tu seguirás a tua rota. Tu sempre terás alguém... (*virando-se para a assistência*): Ireis todos para o Céu, porém tu, — tu me seguirás.

189) — P: *Quando da nossa criação, pôs Deus tanto ao nosso alcance do lado do bem, quanto do lado do mal?*

R: Tanto dum lado quanto do outro.

190) — P: *Por que estamos atrasados?*

R: Quem vos disse que estais atrasados?

191) — P: *Pelo fato de pedirmos coragem ao menor aborrecimento.*

R: Mas não deveis pedi-lo, porque se vo-lo- dão, sereis mais fortes, e nunca se deve ser o mais forte.

192) — P: *Então, devemos pedir penas, provas?*

R: Sim, dever-se-ia chegar a isso. Quanto aos que não têm sofrimentos e não fazem o bem, que são, numa palavra, plantas parasitas, eu peço para eles uma mudança, e que se lhes fustigue um pouco, para que não percam tempo, pois prefiro uma pessoa que faça muito mal a outra que não faz nem o bem nem o mal.

193) — P: *Acederíeis em nos fazer amar ao próximo?*

R: Mesmo que o pudesse não faria. Pois assim uma planta é cuidada e trabalhada pelo jardineiro, assim somos educados e cuidados pelos Invisíveis, e assim como a planta chega pelos bons tratos a produzir flores, assim para todos nós chegará o momento em que colheremos os frutos de tantos sofrimentos.

— Terça-feira, 6 de novembro de 1893 —

194) — Eis uma pessoa que tem muitos aborrecimentos, e que também, como alguns dos presentes, quando está em sua casa, sozinha, fala em voz alta. Isso não é proibido, pois temos certeza de que se não nos respondem, ou melhor dito, se não ouvimos a resposta, é porque o nosso cérebro não tem suficiente lucidez para percebê-la.

E as pessoas que ouvem os espíritos lhes responderem podem agradecer a Deus. Sim, especialmente se tais espíritos, pelas suas respostas, zombam de vós. Não é só: se tudo não acontece no sentido da resposta, não queremos suportar a adversidade e dizemos logo: “Não há Deus; isso é impossível; isso que me acontece é injusto”. — Nem uma das pessoas presentes deixou de ter um vez ou outra este pensamento, e no entanto, eu vos afirmo que, melhor do que não fazer nem o bem nem o mal, é fazer o mal, pois o Evangelho diz: “Toda árvore que não der fruto será lançada ao fogo”. E quando se faz o mal ao vizinho, são economias que se junta e que nos serão devolvidas um dia.

195) — P: *Que precisamos fazer para nos tornar melhores?*

R: Amar ao próximo como a si mesmo.

196) — P: *Mas então, se for necessário tanta perfeição, após quantos milhares de séculos entraremos no Céu?*

R: Para fazer o bem, o tempo está ante vós. Sabereis quando estiverdes em condições de voltar ao Reino do Céu.

197) — P: *O que é a loucura?*

R: A loucura é às vezes originada pelo deslocamento da alma num corpo que não lhe pertence; ou é sinal de expiação; ou algum afastamento do pensamento.

198) — P: *Que é o pensamento?*

R: Uma chispa da alma.

199) — P: *Há diversas vidas imortais dentro do nosso ser?*

R: Sim, a vida do corpo e a da alma. Nada perece, e, após a morte, as moléculas que se deslocam do corpo tornam a formar outros corpos. Quem nos diz que não voltamos antes do nosso corpo estar totalmente desprendido? Não sei se acreditais na reencarnação, porém eu, vos juro ter sido antes de estar aqui e ter lido uma noite a frase: “nesse momento o mar desbordará”. Sim, e tal momento não está longe.

Sabeis como desbordará?

200) — P: *É por causa das chuvas?*

R: Não, porque a fonte das chuvas é o mar. É como se tomásseis de um lado toda a água de um rio para pô-la no outro; isso não poderia fazê-la desbordar. Mas é que, *num tempo próximo, o céu escurecerá. Durante diversos dias*

*será noite, e a chuva cairá com tal abundância que os morros se diluirão*<sup>1</sup>. Essa chuva arrastará quantidade de terra vegetal para os mares, que desbordarão. É muito simples.

201) — P: *Mas isso já ocorreu?*

R: Sim. Há seis mil anos. O nosso atual solo era lugar do mar. Por isso é que às vezes, em certos terrenos de montanha, são encontrados conchas, moluscos.

— *Domingo, 12 de novembro de 1893* —

202) — P: *É melhor usar o magnetismo ou a medicina?*

R: Deus criou a medicina para utilizá-la com humanidade. Se aquele que a utiliza não preenche tal condição, não há nada que fazer com a medicina.

203) — P: *Pode-se aliviar à distância?*

R: Pode-se aliviar a um doente pelo magnetismo à distância. Porém há um inconveniente. Não se tem certeza de que os fluidos se derramem sobre o próprio doente. Às vezes são aqueles que o rodeiam que os recebem; ou então, em lugar de caírem sobre as partes doentes, poderiam alcançar partes do corpo que não o estão.

204) — Pensais que sois obedientes à vontade de Deus, e, se Ele estivesse aqui, e Ele vos dissesse: Eis aí uma macieira cheia de maçãs, prometeis-me não tocar nela? Que responderíeis? (*Todos dizem: Sim.*). Pois bem, eu vos digo: não; estais mentindo. Tendes constantemente dentro de vós uma voz que vem de Deus, que vos manda fazer o bem, e fazeis sempre o mal. É verdade?

205) — Sabeis por que Deus não ouve sempre a vossa prece? Amiúde vos meteis na vida do vizinho e falais dele e, quando orais, sois distraídos, pelo que tendes podido dizer dele. Há um provérbio que reza: “Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és”. Isso tanto se aplica à alma como ao corpo, e a nossa prece não pode ser ouvida senão conforme o nosso espírito estiver menos ou mais distraído.

— *Quinta-feira, 16 de novembro de 1893* —

206) — P: *Gostaria de aliviar aos doentes de quem me aproximo. Como fazê-lo?*

---

<sup>1</sup> Sublinhado por Ph. Encausse.

R: É muito fácil. A alma que possui a luz pode, ao aproximar-se de um doente, aliviá-lo, pois o mal tem horror à luz e foge instantaneamente. Então podereis até proibir ao mal de voltar. É muito simples.

207) — É inútil procurar porque um doente tem tal ou qual doença. O essencial é de caminhar amando ao próximo; é quanto Deus pede e, se achais que às vezes vos ocultei alguma cousa, do outro lado, apenas chegueis, alguns terão *claridade* sobre todas as cousas, nem todos, não, somente os que são filhos de Deus.

208) — E creio vos ter dito que há os filhos de Deus e os filhos da Terra, pois está dito que aquilo que vem do espírito é do espírito, e o que vem da carne é carne. Assim os vossos pais podem ter existido séculos antes de vós e virdes, contudo, ao mundo. Aqueles que acreditam nisto do fundo do coração, são os filhos de Deus, numa palavra os que acreditam na imortalidade da alma.

209) — Que importa se muitas cousas nos são ocultadas, já que nunca estamos sós, que todos os nossos pensamentos são conhecidos, e que está dito nas Escrituras: “Aquele que puser a luz nas trevas e as trevas na luz, deverá um dia retirar o que estiver nas trevas para pô-lo na luz”.

210) — Não se deve temer o freqüentar alguém pior do que nós mesmos, pois não acrediteis que, como diz a Igreja, ao se pôr uma fruta ruim junto da boa, se possa estragar as boas.

Não é assim com a alma. Alguém abaixo de vós subirá até vós, e vos fará ainda subir, a vós mesmos.

211) — P: *A prece que se pode fazer aqui, quando estamos em pé, pode ser ouvida?*

R: Existe alguma pessoa que, entrando nesta sala, sofrendo muito, possa dizer ter saído sem estar aliviada? (*Todos dizem: “Oh, não!”*).

Há dezoito séculos e alguns anos, Jesus curava aos doentes dizendo-lhes: “Ide e não pequeis mais”, e alguns voltavam poucos dias após, mais doentes ainda. Hoje, quando se lhes concede alívio, se lhes pede apenas que façam esforços por fazer o bem. Há alguém que tenha cumprido sua promessa? Nem uma pessoa desta sala deixou de falar mal do próximo, pensando: “Ora, é pouca cousa!”. Isso pode fazer muito mal.

212) — *A França é a nação mais elevada, e podemos ser felizes de sermos franceses. Porém a França cairá mais baixo um dia, e as nações que lhe terão*

*desejado mal cairão ainda mais baixo do que ela, e aqueles que quererão ajudá-la a se soerguer lhe farão pagar caro seus serviços, pois, se lá houvesse um bolo, e gatos em redor, todos iriam querer tirar um pedaço<sup>1</sup>.*

— Segunda-feira, 27 de novembro de 1893 —

213) — Há pessoas que dizem e acreditam: “Oh, para curar, não sou bastante sábio”. Nada disso. A sabedoria como a entende a Igreja não é a que compreendemos aqui. Sábio é aquele que não fala mal de ninguém, que não prejudica o vizinho, e que faz quanto bem pode. Desta condição é a sabedoria que nos concerne. A vida e conduta privada de quem quer que seja, ninguém tem nada com isso.

214) — Eis aí um senhor que sofre um pouco (*o senhor diz: “obrigado pela melhora”*). Não se deve agradecer a mim, eu nada fiz. — *Então a quem agradecer?* — Ao Céu. — *Diz o homem: Porém sois Vós quem o representais para mim.* — O que fiz foi apenas pedir para vós.

215) — E sabeis por que não ficará cego este homem? Ele fez em certa época, embora sem ser muito generoso, certa cousa bastante boa, e essa “alguma cousa” lhe atraiu a proteção de Deus.

Por isso vos digo: fazei tudo quanto podeis, pois se na vossa contabilidade não tendes muito do lado do “haver”, nada achareis do lado do “deve”. Pois será tomado àquele que nada tem para entregar a quem já muito tem. A quem tem muito, será dado mais ainda. É muito simples. Não sei se estais me entendendo.

216) — Há lá uma pessoa (*é uma moça*) que estava bem doente e que está passando bem melhor. Para isso ela me fez uma promessa

217) — P: *E tais promessas, se não se as cumpre?*

R: Aquele que as recebe endossa uma responsabilidade e depois se arranja com o Céu.

218) — P: *Por que, embora ouvindo com atenção aquilo que tendes a bondade de nos dizer, não podemos gravá-lo em nós, nos lembrar disso?*

R: Então é quando, como Cristo às vezes dizia aos seus discípulos, está acima do vosso alcance. Algumas pessoas poderão se lembrar, outras de jeito nenhum. Isso, porque é dado a cada uma aquilo que seu estômago pode digerir.

---

<sup>1</sup> Ver também as predições de ns. 120 e 121 (Ph. Encausse).

Assim, uma criança que precisa de leite, não poderá suportar alimento mais pesado. Aquele que lembra compreende aquilo que lembra. E aqui, para todos, pode ser achado aquilo que é mais apropriado: há para as crianças, para os adultos e para os velhotes.

219) — P: *Dissestes um dia que viria alguém que nos explicaria o que não compreendemos.*

R: Sim, e tal tempo está próximo. Não disse Jesus mesmo a seus Apóstolos que mais tarde voltaria? Pois bem, é Ele quem deve vir, porém quando se der a conhecer, talvez seja tarde demais, pois a alma estará excessivamente nas trevas e a luz que passará ante ela só iluminará por um instante. Eu prometi que nenhum de vós ou dos vossos ancestrais ficaria perdido. Entretanto, feliz aquele que terá acreditado antes de ver, e infeliz de quem, tendo visto, não acreditará, pois seus olhos não poderão mais tarde receber a luz e seus ouvidos não ouvirão.

220) — Ninguém entrará no Céu sem antes ter pago as suas dívidas.

221) — Bem que tendes visto nas Escrituras esta palavra: “Que aquele que me ama deixa seu pai e sua mãe e sua irmã, e o marido sua mulher, para seguir-me”. Tendes compreendido o que isto quer dizer?

Não é refugiar-se nos conventos para deixar passar a vida ali. Não é que eu queira falar mal dos conventos. Existem, é preciso respeitá-los. Mas para nós, por exemplo, um pai morre e deixa seu patrimônio a partilhar entre dois irmãos. Ligeirinho, cada um irá querer a metade. Pois bem, se um gostar de ter mais do que a sua parte, é preciso que o outro lhe dê, e ainda mais, até que fique sem nada. Está claro, sua família o chamará de insensato; mais tarde, seus filhos o amaldiçoarão por havê-los despojado. Isso não tem importância. É assim que me pode seguir deixando aos seus, e, como tudo torna a ser achado, os bens doados são devolvidos aos filhos daquele que deles dispusera.

222) — P: *Que é preciso fazer para ser filhos de Deus?*

R: São os pequenos que são os filhos de Deus, os infelizes que estão obrigados a ganhara a vida com o suor da sua frente, ou então, entre a gente rica, aqueles que acreditam que o que é espírito nasce do espírito, e o que é carne nasce da carne.

Porém ninguém quer ser pequeno. Somos todos grandes e ninguém gostaria de apertar a mão de um malfeitor ou de um criminoso. É o orgulho que nos perde, e precisamos nos livrar dele.

— *Quinta-feira, 30 de novembro de 1893* —

223) — Está dito na Escritura: A árvore que não produzir fruto será abatida e lançada no fogo. Mais vale certamente fazer o mal do que não fazer nem o bem nem o mal, pois a preguiça não entra no Céu, a maledicência tampouco. O orgulho não entra no Céu, e quem possui a Caridade não tem orgulho.

224) — Quantas vezes dizem os pais aos filhos: Presta bem atenção, meu filho ou minha filha, não freqüentes companheiros inferiores a ti. E todos vós, que aqui estais, tendes ouvido isso das vossas mães. Então, se aqueles que estão acima de vós dissessem o mesmo, a quem se freqüentaria? Aquele que não tem caridade não entra no Céu. A esperança e a fé nada são sem a caridade.

225) — Muitas vezes pensa-se no bem por fazer e diz-se: Oh, tenho tempo de sobra; isso, farei amanhã. E por que? Não tendes lido na Escritura que não se deve deixar para amanhã o que se pode fazer no mesmo dia?

226) — Tenho-vos dado a maneira de aliviar aos vossos irmãos. Se todos vós tivésseis caridade, obteríeis o alívio e a cura dos que sofrem. Basta pedir a Deus. Com a confiança, a fé, erguer-se-ia montanhas.

227) — Não tendes lido também no Evangelho: Ninguém poderá entrar no Céu sem ter recebido o perdão daquele a quem tiver ofendido. E, atesto-o perante Deus, ninguém poderá achar no seu caminho a um dos que têm poder para desligar o que foi ligado, se antes não se arrependeu.

228) — Para chegar ao outro lado é preciso, se posso usar deste termo, um tamis, assim como para vir a este lado. Porém ao deixar o outro lado, nem sempre se pode trazer para este aquilo que se quis. E# vos juro que para ir deste para o outro, é preciso deixar tudo e só o bem que se tiver feito será levado.

229) — P: *De onde viemos, onde estamos, para onde vamos?*

R: Isso, ninguém deve sabe-lo, porque se soubéssemos de onde viemos e para onde vamos, teríamos caridade, já nada mais nos atingiria. Acreditais que assim a nossa alma se adiantaria? É preciso suportar a adversidade. Àquele

que isso soubesse, nada resistiria. Teria direito de vida e de morte sobre todo o universo e, se o quisesse, à sua ordem, a Terra tremeria.

230) — P: *Sabê-lo-emos um dia?*

R: Sim, porém muito tempo passará antes disso.

231) — P: *Teremos de voltar para progredir?*

R: Isso se refere à reencarnação. Não sei se isso é, mas o que afirmo, é que me lembro de ter estado aqui e de estar aqui.

232) — Quereis prometer-me hoje de nunca animar a ninguém contra outra pessoa e de fazer tanto bem quanto puderdes? Logo, tereis oportunidade de fazê-lo. Mas é preciso começar antes, e prometer-me de, quando do tumulto, não excitar a ninguém.

Procurai (então) conservar aos vossos maridos em casa e acalmar a algumas crianças que estiverem superexcitadas. Olhai a todos como irmãos. Fora daqui como aqui a luz é uma ciência, e quem tem a caridade tem a luz.

233) — Como quereis ser curados ou aliviados dirigindo-vos a pessoas que amiúde estão mais nas trevas do que vós? Pedi com confiança. Não tendes visto pessoas curadas, das quais apenas o nome fora dado, e que nem vos conheciam e não podiam portanto ser sugestionadas? Basta pedir a Deus.

— *Segunda-feira, 4 de dezembro de 1893* —

234) — Acreditai de fato que não sou eu quem vos alivia.

— *Sim, mas há o Amigo.*

— Isto sim. E um Amigo que não vedes. Só faço é lhe pedir para vós, *eis tudo*. Por isso, há poucos anos, vos fiz uma promessa, porque o próprio Amigo me fizera, de que dentro de mais algum tempo as cousas melhorariam, isto é, aqueles que estão sem trabalho tê-lo-iam, poderíeis viver do trabalho. Haverá usinas onde se empregará de preferência aos vossos familiares, vossos amigos. Muitas vezes já vos indiquei o meio para vos aliviar. Não vos tenho dito que não tendes preferência pelos vossos, marido e mulher ou filhos, ou irmão ou irmã; eu vos disse apenas que amásseis a um estranho como a vós mesmos.

235) — P: *Mas se amássemos ao próximo como a nós mesmo, não estaríamos sobre a Terra.*

R: Não. Porém deve-se trabalhar para não ficar nela tempo demais. Não deveremos desejar ir adiante? E quando tivermos adquirido tal adiantamento, nada nos será negado, pois se a nossa alma não estivesse doente, o nosso corpo tampouco o estaria.

— *Terça-feira, 26 de dezembro de 1893* —

236) — *Dirigindo-se a uma senhora:* — Sofreis? E que fazeis quando estais sofrendo muito? — *Oro.*

— E sentis alívio quando orais?

— *Sim, me parece melhorar.*

— Pois bem, se tivésseis fé, não só ficaríeis aliviada, mas curada.

— *Sim, mas chegar a ter fé, é difícil.*

— Não, observai somente os mandamentos de Deus. Não falo dos mandamentos estabelecidos no tempo de Moisés, mas daquele que sempre existiu, de amar ao próximo como a si mesmo. Quando oramos e dizemos: Perdoa-nos as nossas ofensas, como perdoamos. Vêm essas palavras do fundo da alma? Não, porque tudo se tornaria então possível. E aqueles que nos são caros, dos quais desejaríamos a cura, seja lá o que padecessem, seriam curados. Mesmo que estivessem mortos, com a caridade e a fé, poderíeis dizer-lhes: “Levanta-te” e se levantariam.

— *Mas é bem difícil amar ao próximo como a si mesmo.*

— Não.

— *A gente faz o que pode, gostaria, mas não pode.*

*Outra pessoa diz:* — *Eu creio que se pode mas não se quer.*

— Sim. Esta senhora disse a verdade. O que falta são os esforços, e o que os paralisa, é o orgulho.

— *A gente não devia sair de casa, então só faria o bem.*

— Sim, se tendes bem a fazer em casa, mas, e se o bem que podeis e deveis fazer está lá fora?

237) — P: *Para que servem os sofrimentos físicos?*

R: Fazem adiantar e fazem compreender os alheios. Para ser um bom soldado, é preciso ir para o fogo. Para compreenderdes a dor do vosso irmão, tendes de senti-la vós mesmos.

238) — P: *Não somos (como) condenados a trabalhos forçados perpétuos? E quanto sofrimento é preciso agüentar para depurar a alma e o coração, pois o coração também precisa de se purificar. Quem é esse Consolador de quem fala Jesus e que deve vir um dia?*

R: Sim, Jesus mandará um Consolador, e os vereis todos. Mas quantos desgarramentos antes que chegue, pois *Jesus voltará, porém será tarde demais para aqueles que não seguem o caminho do bem*. Não lestes no Evangelho que haveria choro e ranger de dentes? Esse tempo ainda não está totalmente cá, mas não está muito afastado. É preciso andar para o bem, que todos os atos possam ser feitos à luz do dia, pois o mal está na sombra, e como há bastante na sombra, é preciso lá pôr um pouco de bem. Vale dizer que quando façais um pouco de bem, ocultai-o quanto vos seja possível conseguir, em lugar de pô-lo em plena luz.

239) — Quando tiverdes muitos aborrecimentos, muita luta, não deveis deixá-los transparecer. Vale dizer que para se chegar à perfeição, é preciso que não possam dizer: “Ah! como esta pessoa parece ter aborrecimentos!”

— *Quarta-feira, 27 de dezembro de 1893* —

240) — *Dirigindo-se a uma pessoa*: Gostaríeis de remoçar. Com que idade quiséreis estar? Com trinta anos?

— Sim.

— Mas não é possível, nem mais para mim do que para os outros. Estivesse no meu poder fazê-lo e não o faria, porque seria transgredir as leis de Deus.

— E por que seria ir contra as leis de Deus?

— Porque se andássemos para trás com uma pessoa, não haveria razão para não fazê-lo com todos, e até haveria os que pediriam que se fizesse para eles destruindo aos outros. Assim vós, senhora, não seria uma vez que pediríeis para voltar atrás, mas duas vezes, três vezes, até com prejuízo de todos os vossos. E todos que estão aí fariam o mesmo. É preciso respeitar as leis de Deus e os mandamentos.

241) — aqui está uma pessoa cujos filhos estão doentes. Um dos filhos diz muitas vezes à sua mãe: Mas está louca. Aquele que trata aos seus pais de doidos não entrará no Reino do Céu. Procurai, vós que sois mães, conservar a preponderância, o direito de dirigir os vossos filhos, pois é preciso que, todos,

respeitemos nossos pais. É preciso amar os irmãos. Ah, bem sei, aqui são todos bonzinhos, ninguém faria mal ao outro. Não vos estou dizendo que não defendeis os vossos interesses, porém se tendes uma demanda com o vizinho, eu vos juro que não entrareis no Céu senão quando amardes ao vosso inimigo como a vosso irmão.

242) — P: *Que significa: tendes ouvidos e não ouvis?*

R: *Com efeito*, temos ouvidos e no entanto não ouvimos porque temos dentro de nós, fazendo parte de nós, alguma coisa que sempre nos afasta do bem e nos proíbe ouvi-lo. E só ouviremos quando tivermos vencido a essa alguma coisa, porém não estenderei nisto. Gostaríeis de saber coisas que os próprios anjos ignoram. Que vos baste amar ao vosso próximo e não fazer-lhe mal.

243) — Se Nosso Senhor viesse à Terra e entrasse nesta sala, acreditar-se-ia nisso? Não. Pois bem, mais vale crer sem ter visto, porque seria tarde demais para orar. Mas quando oreis, tende cuidado de lançar longe de vós o rancor, e quando disserdes: “Perdoai-nos as nossas ofensas como perdoamos”, entrai em vós mesmos, não querendo mal a ninguém, porque aqueles que não vedes, mas que estão encarregados de transmitir a vossa prece, ficariam escandalizados. Lavai as vossas mãos antes de orar, não com água e sabão, mas de todas as impurezas, e então a vossa prece será ouvida, e se não o for totalmente, Deus, que sabe o que precisamos, vos dará outra coisa por acréscimo.

244) — Aquele que tem fé, se lhe aprouvesse faria transportar tudo aonde quisesse, e esta janela poderia abrir-se a seu mando, e este muro dar passagem a todos os presentes. Aquele que tem fé tem o poder de mandar, e teríeis a obrigação de lhe obedecer sem sequer desejá-lo. Mais tarde, na semana vindoura, se vos dará provas disso.

— *Domingo, 7 de janeiro de 1894* —

245) — *Todos*, podeis vos aliviar, vos curar uns aos outros, pelo magnetismo sobre as partes doentes, e pedindo a Deus. Mas para ser ouvido, é preciso não ter rancor contra ninguém e amar ao próximo como a si mesmo.

Os profetas, que obtiveram curas, e Nosso Senhor Jesus Cristo, não operavam, como dizem e pensam alguns, por meio dos espíritos. Não, Ele não precisava de ninguém, porque Ele era, como se acredita, um homem superior. *Ele era Deus.*

Não fostes sempre aliviados, e há algumas pessoas que não o tenham sido? Eu, nada faço por mim mesmo para vos curar; dirijo-me ao Mestre, que é Deus. Tendes visto aqui as cousas sobrenaturais, os milagres. Pelas experiências que se realizarão a partir de hoje, vos farei pagar caro. Oh bem sei, estais sempre dispostos. Mas não é desse pagamento que preciso. Às pessoas que vêm pela primeira vez, peço-lhes que façam esforços por ajudar ao próximo como a si mesmas. Às que já estiveram, peço que amem ao próximo como a si mesmas e aqueles que não possam me fazer esta promessa não poderão ficar nesta sala (*cousa que só é possível exigir em caso de experiência logo após*). É preciso também que todas as pessoas que movem processo me prometam sustar toda demanda, pois que, eu vo-lo digo, se não estiverdes de acordo neste mundo, será muito difícil harmonizar-vos no outro.

246) — P: *E se formos chamados como testemunhas, podemos aceitá-lo?*

R: Sim, porém não deveis denunciar, e se sabeis qualquer cousa que possa mandar condenar, deveis esquecê-la.

247) — P: *Como fazer, para pedir?*

R: Não tendes lida nas Escrituras, e não disse Jesus: “Quando pedirdes e estiverdes reunidos (em número), estarei no meio de vós”. Pois bem, não estamos todos aqui para esse fim? As pessoas que muito sofreram, quando forem para o outro lado, poderão logo aliviar, e já deste lado, uma pessoa que tenha sofrido muito com resignação, pode mandar ao mal que se afaste, e ele se afastará.

*Uma pessoa na sala diz: Vos desejo a felicidade e longos dias.*

248) — A felicidade, oh! não, não é deste mundo. E longos dias, sempre se deve pedir a Deus viver o maior tempo possível. Os nossos corpos, eu vo-lo prometo, eu vo-lo juro, ressuscitarão sem as suas enfermidades. *A matéria é animada* e os corpos mais pesados podem ter movimento.

— Segunda-feira, 8 de janeiro de 1894 —

249) — Ser feliz, sim. Todo mundo quer ser feliz, e para sê-lo, é preciso pedir adversidades. Assim quando orais e dizeis: “Que seja feita a Vossa Vontade”, dizeis o que não pensais, pois que a Vontade de Deus é que sejamos provados. Bem que pedis graças, favores, para vós e os vossos, mas dos vizinhos não falais. Se eu fosse rico, gostaria de ter um palácio para alojar a miséria, já que ninguém a quer.

— *Quarta-feira, 10 de janeiro de 1894* —

250) — Tudo quanto existe, existe pela vontade de Deus, e todos devemos nos curvar sob o jugo das leis civis, que não podem ser justas, já que foram feitas por homens que não o são. Quando um culpado é julgado pelas leis civis, sofre uma pena: fica dispensado de ser julgado pelas leis do Céu. Aqueles que julgam são por sua vez julgados. Mas, acima de tudo, o que não se deve fazer, é delatar ou denunciar a um culpado. Aquele que cumpre esse ato meritório de não denunciar, pode ficar certo de ser um dia o anjo da guarda de um culpado, para o qual poderá obter o perdão do Céu, o de ter na sua família, até a sétima geração, um culpado que será perdoado pelo seu ato meritório e se livrará do castigo.

251) — Algumas pessoas puderam estar presentes, algum tempo atrás, quando se fizeram experiências que o próprio Céu permitiu, entre outras a de fazer sair a alma de um corpo e mandar que as pálpebras de cada pessoa fossem sensivelmente tocadas. Não houve tempo naquele dia para dar explicações. Penso que o compreendeis. Tendes lido no Evangelho que há diversas moradas na casa do Pai. Pois bem, erguemos os tabiques que separam os “apartamentos” a fim de que ficásseis todos no mesmo. E também, quando duas pessoas estão juntas falando, seu anjo da guarda se afasta para deixar lugar ao outro. Se uma terceira pessoa chegar, esse anjo desaparece também para dar lugar a outro, e assim sucessivamente para uma assembléia, que é presidida por um anjo especial.

Essa alma, a quem se teria mandado sair do seu corpo e tocar as pálpebras de cada um, terá sido ouvida pelo anjo presente, que fará o que a ela fora mandado, e eis porque todos que lá estavam sentiram uma pressão sobre o párpado. Assim também, se se tivesse querido adormecer a todos, após tê-lo mandado, todos teriam adormecido. Estas experiências não poderiam ser feitas por preço nenhum. Não se as faria por todos os bens da Terra, perante alguém que apenas tivesse curiosidade, mas seriam feitas para uma alma só, se crente, pois uma alma vale mais que todos os bens da Terra.

252) — O tempo não existe do outro lado e não é o mesmo para todos: para uns, uma hora dura anos, e para outros, inversamente.

253) — Alguns acreditam que sem a carne não se poderia viver, e que, se o sangue fosse retirado, tampouco se viveria. Pois bem, o que eu digo, é que bem

poderíeis ter bastante sangue, carne e ossos, mas se a alma lá não estivesse, morreriam.

254) — Todos podemos ser livres, comprar a nossa liberdade, e mandar então no que quisermos, porém isso, unicamente amando ao próximo como a nós mesmos.

— *Segunda-feira, 22 de janeiro de 1894* —

255) — Não sei porque, embora diga a verdade, não me acreditam. Por quê? *(um dos presentes na sala diz: será porque disse alguma mentira).*

— Eu disse mentiras? Não creio. Assim esse senhor, especialmente quando tem familiares doentes, vem a mim e me diz: “Vireis, não é verdade, ver meu doente?” Respondo-lhe: Sim. E se não vou na hora indicada, não fica igualmente aliviado o doente? E todas as pessoas presentes, quando eu disse que iria vê-las, não ficaram aliviadas? E algumas até não sentiram a minha presença? Pois bem, não posso ir a toda parte ao mesmo tempo, e *não vou a toda parte com os pés...*

256) — E vós todos, quando vos pedi que amásseis ao próximo como a vós mesmos, vós o fizestes? — *(uma pessoa diz: não tivemos tempo).* — Ah, sim, mas esse tempo, bem que o tereis, e quando eu já não estiver aqui, para vos lembrar a vossa promessa: serão golpes que receberéis para vo-la lembrar. Quando acontece alguma coisa feliz ao vosso vizinho, gostaríeis de estar no seu lugar. Não se deve ser ciumento, pois a inveja não entra no Céu.

— *Quarta-feira, 24 de janeiro de 1894* —

257) — P: *O espiritismo evoca certos espíritos. Podem vir?*

R: Sim. A isto podeis responder-me: nem todos podem fazê-los vir. Evidentemente, pois em tudo é preciso prática. Se vos dão um instrumento que não conheceis, não podereis usá-lo.

Aliás, por que chamar aos mortos? Não disse a Escritura que se deixassem os mortos em paz? O espiritismo é uma religião na qual, como entre os católicos, há bons e maus. E, no espiritismo como noutra parte, há os que não se preocupam se o vizinho não tem o que precisa. Mas não se pode negar que se se tiver suportado existências penosas, e se não se tiver feito muito mal nas existências anteriores, só se chamará bons espíritos orando a Deus.

258) — É inútil pedir a Deus. Entretanto está dito no Evangelho: “Tudo quanto pedirdes a Deus em meu nome será concedido”. Sim, mas é preciso crer, ter fé. Ninguém crê. Os próprios apóstolos não acreditavam, já que duvidavam do milagre da multiplicação dos pães.

259) — P: *E o que é preciso para crer?*

R: És jovem demais, minha filhinha. Perdoai-me tal expressão. Algumas pessoas poderiam ver este muro abrir-se, poderiam até passar para o outro lado, e ainda assim não acreditariam. A palavra de Deus pode absolutamente tudo, e ainda assim, há pouco tempo, na presença de quatro pessoas, um milagre, o maior dos milagres com exceção da ressurreição, foi feito. E tais pessoas não acreditaram. Atribuíram isso a que sem dúvida o acaso ou não sei mais o que tinha-o feito assim.

260) — Pois bem, eu vo-lo digo, podeis trazer aqui a quantidade de espíritas que quiserdes, capazes de evocar quaisquer espíritos, podeis trazer todos os magnetizadores e médiuns, capazes de magnetizar a este candelabro e pedir que não se mexa do lugar. — Eu só precisaria dizer — e isto não é para provocar — “Apraz-me que este candelabro seja transportado a tal ou qual lugar” e lá iria, pela vontade de Deus. E poderíeis ter no colo uma boneca de papelão, e se me aprovesse que tal boneca se transformasse em criança viva, teríeis logo um bebê no colo. A palavra de Deus basta para isso.

261) — Experiências foram feitas pelas quais vos foi mostrado que a matéria podia ser animada. Os espíritas, quando chamam espíritos, tanto podem dirigir-se a espíritos infernais, como a bons espíritos.

262) — P: *Mas, está errado?*

R: Quanta coisa pode fazer-se, pensando serem boas, e que não o são.

263) — P: *Então é falta de confiança?*

R: Não. Vós sois o primeiro a não tê-la às vezes. Não perguntastes recentemente, após a vossa palestra com aquele senhor, se o animal, após a morte, ainda vivia? O animal, como o homem, tem um instinto, que é a sua alma, e por que gostaríeis que não a tivesse? Tendes mais alguma coisa do que ele?

264) — Os espíritas consideram a Jesus como um homem superior, como o primeiro espírita, que curava chamando aos espíritos em torno dele. Pois bem: não.

*Jesus é uma centelha de Deus. Somos todos chispas de Deus, porém Jesus é uma parte de Deus-Mesmo.*

265) — P: *Qual é o sumo da perfeição que é preciso ter antes de deixar a Terra?*

R: Faz frio e andais vestidos com roupa quente, Perto de vós está um operário que só tem um blusão. Deveis lhe dar a vossa roupa em troa do blusão dele. Sabeis se Deus não vos deu duas roupas para isso? Compreendeis até onde isto se estende, não é verdade?

— *Segunda-feira, 19 de fevereiro de 1894* —

266) — Eu nada posso, só faço é pedir a Deus, e só podeis sentir alívio nesta sala, seja nas doenças, seja para aliviar o fardo que gravita pesadamente sobre este triste mundo, quando, vós também, tiverdes alguma cousa no lado do “Deve”, alguma cousa que tenhais feito para o Céu. Aquele que não tiver feito obras meritórias nada tem a esperar, e assim vós mesmos não podeis ser ouvidos. Não se deve ser refratário à Luz, mas sim pôr-se no caminho dela.

267) — P: *E como fazer para conseguir isso?*

R: É preciso ter caridade. Há muito tempo que vo-lo digo, já vão mais de três anos. Que aquele que faz o bem continue e que aquele que faz o mal continue e faça ainda mais.

É preciso amar ao próximo como a si mesmo. Porém como? Não o sei, e o atesto perante Deus. Não se deve tomar a Deus nem a ninguém como testemunha. Se o faço, é melhor vos afirmar que vos amo mais que a mim mesmo.

Ah! com um pouco de confiança far-se-iam milagres. Vós todos os vistes aqui, e todos tendes lido ou tendes ouvido ler o que está nas Escrituras, que com um pouco de fé se transportaria montanhas. Acreditais que fostes postos na Terra para morrer? — *Resposta da assistência:* Para viver. — Pois bem, por que duvidais? Acreditais na existência da alma? — R: *Sim.* — Acreditais que seja imortal? — *Sim.* — Acreditais que de longe em longe vem um Salvador? — R: *Sim.* — Acreditais que Deus seja inteligência e força? — R: *Sim.* — Acreditais que Jesus tenha vindo à Terra? R: *Sim.* — Pois bem, por que duvidais então sempre do amanhã? Jesus veio estabelecer o reino da caridade e eu vim para completar as suas leis.

268) — E, acreditais que o bem possa tornar a ser o mal? — R: *Não*. — Pois bem, efetivamente, o bem não pode tornar a ser o mal no sentido real, mas pode às vezes, nos fatos materiais, ter a aparência do mal.

Na febre, pode-se transformar esse calor que consome em frescura que penetra, e isso todos podem fazê-lo.

— *Sim, mas ainda não estamos no tempo em que a alma pode chegar a isso.*

— O tempo é sempre o mesmo para as almas, e todas poderiam fazê-lo. Somos todos solidários uns com os outros, e isso, na nossa família.

269) — P: *E quando na família é onde mais contradições achamos?*

R: Não é dessa família que vos falo. É de uma outra grande família.

270) — P: *É difícil.*

R: Não, mas há os que vão para diante, outros que preferem ficar atrás. Mas se não tendes compreendido, eu vo-lo explicarei dentro de pouco tempo.

271) — A guerra ainda terá lugar. Sereis avisados antes, todos, e todos os vossos, como em 1870, não correrão perigo.

— *Quarta-feira, 21 de fevereiro, de 1894* —

272) — Eis uma mulher cuja filha foi hipnotizada no hospital. Serviu como *sujet*. *Não se deve hipnotizar*. O hipnotismo é magnetismo. Não é que eu reprove, mas pó que usá-lo, já que está dito: “Pedi e recebereis, batei e vos abrirão, buscai e achareis”?

273) — Algumas das pessoas presentes assistiram ontem à sessão e puderam ver como se poderia provocar a febre num doente. Puderam sentir as moléculas mórbidas passeando nesta sala. Pois bem, que foi feito delas? Todas saíram daqui bem de saúde. E se me aprouvesse fazê-las voltar aqui em seu estado primitivo, seria muito fácil, mas não vejo nisso utilidade. Só precisais pedir a Deus, se sofreis.

274) — Dizeis: Como é que agora estou falando em Deus, quando outrora não falava? Com efeito, agora o Senhor Chapas está encarregado de fazer o que eu fazia outrora: ele anota os nomes dos doentes e assume uma grande responsabilidade. Eu não faço nada, peço a Deus. Agora isto: Deus só dará alguma coisa a quem já tem e vos afirmo que toda pessoa que pedir por outras pessoas que nunca vieram, estas serão curadas.

— *Segunda-feira, 26 de fevereiro de 1894* —

275) — É-se soldado quando se quer sê-lo, e também se é até quando não se quer.

276) — *Dirigindo-se a uma pessoa:* Nas vossas dificuldades, não tendes sentido sempre a proteção de Deus? Que temeis? Tudo correrá como desejais, com uma condição. Ganhastes um processo?

— *Sim.*

— No que se refere a processo, quem de vós não acusaria ao vizinho para ganhar o pleito? Ainda mais, alguns apelariam, prazerosamente, para falsas testemunhas. Infelizes daqueles. Os que foram chamados para nos julgar, foram chamados por Deus, embora seus julgamentos nem sempre sejam justos, já que o homem é injusto.

277) — *Dirigindo-se a um homem:* Bem gostaríeis de ficar curado, mas isto vos irá sair caro.

— *A questão é que não sou rico.*

— Não preciso ser rico. Eu não dou àquele que nada tem mas creio que podeis pagar-me se quiserdes. Ter um pouco de boa vontade chama-se riqueza. Não sois mau?

— *Não creio sê-lo.*

— Pois bem, é preciso me prometer serdes melhor. Eu verei na próxima vez em que vierdes. Sabeis o que isto significa?

Aí tendes uma senhora que estava doente. Eu lhe disse que acalmasse um parente dela que estava altercando, para que esse pleito não tivesse lugar: é preciso ser pacífico. Ela fez tudo quanto pôde, pode pois pedir uma graça e lhe será concedida. Se me permito vos falar assim é para vos mostrar que um favor feito nunca fica perdido.

278) — A gente concorda em prometer tal ou qual cousa, porém quando o Céu já concedeu o que se lhe pedira. Entretanto, se se fizesse o sacrifício antes de se obter de Deus, muitas vezes até aquilo que não devia ser concedido sê-lo-ia, mas a gente não quer dar sem ter recebido. Isso prova que confiança temos em Deus.

279) — Cada ato meritório está, como tudo o mais, marcado em nossa fronte, e ninguém tem o direito de nos julgar, já que Deus mesmo não julga: somos nós mesmos que nos julgamos. Não acreditais que viemos para viver e não morrer? Não

quero dizer que viveremos sempre sobre esta Terra, mas aqueles que crêem em Deus estão marcados no livro da vida.

280) — Eis uma senhora que tem o filho doente. Quereis me dar muito? O vosso filho será curado (*a pessoa chora*) e mais, mesmo se uma criança doente estivesse morta há alguns minutos, há um grande médico que poderia fazê-la voltar.

— *Quinta-feira, 23 de março de 1894* —

281) — Daqui a vinte anos se poderá curar os doentes projetando sobre seus corpos raios luminosos de nuances diferentes sobre cada diferente parte do corpo. Assim, o verde é a cor apropriada às cólicas hepáticas.

282) — P: *Tem-se feito algum progresso desde a vinda de Cristo?*

R: Por Deus, não, ainda nenhum. É possível que se esteja mergulhando um pouco mais nas travas, e se o Cristo voltasse para o nosso meio, estaríamos ainda mais dispostos a sacrificá-lo.

Se Ele viesse dizendo-nos: Venho para que os vossos pecados vos sejam perdoados, talvez a Igreja não lhe infligisse novamente o mesmo suplício, mas sempre a pena de morte. E dizeis: Ah! os que viveram naquele tempo eram bem felizes. Se Ele estivesse no meio de vós, a primeira pergunta que lhe faríeis seria: Que se deve fazer para ser salvo? É bem fácil. Amai-vos uns aos outros, disse a Escritura, e o que vemos é que cada vez se pula mais sobre o próximo para fazer-lhe mal.

Assim, veio a mim recentemente um doente a quem eu dissera: Ficareis curado, mas sob uma condição: a de abandonardes o processo que moveis, e devolverdes às pessoas o que lhes cabe. Prestai atenção. O compromisso que assumis é como se o assumísseis perante Deus, pois eu Lhe prometo em vosso nome. Esse homem ficou curado. Poucos meses após, sua mulher me veio procurar; o marido estava doente. Pergunto-lhe se manteve a promessa. Ah!, disse ela, há bem pouco reiniciou a questão. Então, eu já nada posso.

283) — *Perguntando a um homem: Tendes medo de morrer?*

— *Não, Senhor.*

— Efetivamente, nesta sala todos têm essa resignação. Aliás, por que temer a morte? É apenas uma transformação, e às vezes esse corpo que na agonia parece sofrer, é simplesmente uma contração da matéria que pede para beber ou comer.

Por que temer sempre? Não tendes notado que em todas as vossas atribuições vos chega socorro, seja para as penas, seja para a saúde? Acaso Aquele que nos pôs na Terra não sabe o que precisamos? Não está dito, e isso com relação aos fardos que vos parecem pesados demais, “Tudo quanto pedirdes em meu nome vos será concedido”? E quando se faz o mal, ou antes, quando não se sabe discernir o mal do bem, é-se irresponsável. Assim, eis uma pessoa perto de vós. Indicai-lhe o bom caminho, e me dais os mesmos conselhos que a essa pessoa, que os segue, enquanto eu faço pouco caso, e ainda procuro desviá-la. Tive pois ouvidos para não ouvir e olhos para não ver, e terei de pagar as minhas dívidas até a sétima geração. E se consegui achar no meu caminho alguém que me isente dessa dívida, nem por isso deixarei de me tornar então devedor dessa pessoa que terá pago por mim.

E quando se acredita estar na luz embora estando nas trevas, a pessoa que pensa estar no bem embora fazendo o mal, desvia-se da luz quando a divisa, e a prova de que tem consciência disso é que sempre procura pôr o mal nas trevas. Será preciso que ela chegue a pôr as trevas na luz e a luz nas trevas.

284) — Todos morreremos, porém se morrer antes de vós, eu vos prometo estar perto de vós quando partirdes.

— *Domingo, 10 de junho de 1894* —

285) — Não se deve dar ao estômago aquilo que não pode digerir.

Não me importa que estejais ressentidos comigo. Podeis até não me amar nem um pouco. Eu vos amo duplamente: o que vos peço apenas é que ameis ao próximo tanto quanto a vós mesmos.

286) — P: *Como se pode adquirir confiança em Deus?*

R: Para ter confiança em Deus é preciso ter sofrido muito, enormemente, e então, até sem se perceber, a confiança está aí, quer se peça ou não se peça, quer se ore ou não se ore. Será preciso, para chegar ao Reino do Céu, passar por toda parte, até que se ame ao próximo como a si mesmo.

287) — Todas as pessoas que estão sob a influência do planeta Marte, de Vênus ou de Júpiter devem ter sentido ou ouvido um choque surdo esta semana?

*Algumas pessoas dizem que sim.*

— *Quarta-feira, 13 de junho de 1894* —

288) — P: *Uma pessoa diz: Contaram-me que no domingo dissestes que na semana passada as pessoas que estão sob a influência de Marte ou de Júpiter, tinham sentido ou ouvido golpes; por que isso?*

R: Por que? Permitti que vos diga ser preciso aprender o alfabeto antes de quere ler. Muitos astrônomos calculam cientificamente as distâncias que pode haver entre os planetas, mas o que eles não podem ver, é o que lá acontece, de modo visível para alguns, assim como a Terra está “suspensa” por três motivos: a vontade de Deus primeiro, a luz e a eletricidade.

289) — P: E por que é que as explicações que dais não são as mesmas para todos?

R: É porque há diversas moradas na cãs de Deus. Não vedes a prova disso no fato de nenhuma pessoa se assemelhar a outra? No Evangelho há “alimento” para todos.

290) — *Muitos dizem que sou Jesus Cristo. Desenganai-vos. Eu vos atesto que não o sou.* Sou apenas o simples pastor, o mandatário, e tudo quanto faço, não sou eu que faço, é aquele a cuja vontade nada resiste.

291) — *Dirigindo-se a uma pessoa:* Estais lembrado de me terdes dito há poucos anos: Nada pior pode me acontecer. Pois bem, no mesmo instante, um dos meus amigos pôs um raio de luz na vossa alma, e foi necessário que o comprásseis. Não tendes sofrido desgraças bem maiores? E aqueles que se queixam de sofrerem excessivamente sofrerão mais ainda, pois é preciso que o vosso próximo não saiba, diz o Evangelho, se tendes rido ou chorado, se estais em jejum ou se tendes comido. E quando achardes o fardo pesado demais, pedi a Deus que alivie vossas penas, ou pensai em mim, e vos prometo que sereis aliviados, se estiverdes animados de boas intenções, pois sem isso não vos ouvirei.

292) — Todos vós me pertenceis, e, cousa que vos pode parecer temerária, o tempo também obedeceria à minha vontade, e eu vos atesto que aquele que amar a seu próximo como a si mesmo será sempre ouvido e atendido.

293) — P: *Que é a sabedoria?*

R: Não é o pensam com freqüência o vosso vizinho e o vosso amigo, que se queixam que o seu filho ou filha se comportam dessa ou daquela maneira. A sabedoria consiste em fazer a outrem aquilo que gostaríeis que vos fosse feito.

294) — P: Por que temos anjos da guarda?

R: Se compreendêsseis o que é a alma, não faríeis essa pergunta. Imaginai que tendes uma criancinha bem novinha. Deixá-la-íeis andar sozinha, ou poríeis junto dela pessoas mais idosas para conduzi-la?

295) — P: *Muda-se o anjo da guarda?*

R: Sim, mas é preciso progredir, e às vezes, pelo contrário, se o nosso anjo da guarda vê que não seguimos os seus conselhos, nos deixa.

— *Segunda-feira, 18 de junho de 1894* —

296) — Eis uma mulher que está sempre com medo de não trabalhar. E por que trabalhar?

*Alguns dizem: Para juntar riqueza.*

Sim, essa riqueza que se deixa porque não é possível carregá-la. Há de fato uma que se pode levar, oh! mas tão pouquinho, que pouco há o que carregar. Haverá alguém que cumpra suas promessas? — É difícil amar ao próximo como a si mesmo, e contudo é fácil: Amai menos a vós mesmos.

297) — Será que duas crianças, tendo recebido a mesma educação e os mesmos exemplos, terão mais tarde as mesmas idéias? O exemplo pode servir a uma criança se, anteriormente, ela tiver tido germes de bem. Então o exemplo faz com que tais germes entrem em ação.

298) — A Igreja diz que pondo-se uma fruta ruim junto das boas, far-se-á com que apodreçam as boas. Não, ponde sempre os bons com os maus, porque mesmo se colocardes num terreno uma semente má, ela poderá ficar esmagada se não a cultivardes.

299) — O homem é o rei dos animais. O primeiro homem foi projetado sobre a Terra há menos de dez milhões de anos. O primeiro animal foi a minhoca, depois o verme com azas, em seguida o peixe alado. Ainda vêem-se alguns, bem poucos, na China. Os primeiros homens eram bronzeados, depois vermelhos, finalmente brancos, e apesar do que dizem os sábios, o homem vem da Lua, onde ainda existem seres semelhantes a nós.

300) — P: *O calor vem do Sol?*

R: Não. Há por trás do Sol outros sóis, e se fosse possível elevar-se no espaço até certa altura, ver-se-ia um véu sobre esses sóis. Mais alto ainda o véu

seria mais denso, e indo-se ainda adiante, ver-se-ia um globo brilhante menor. Há habitantes no Sol que não são da nossa constituição.

301) — Não vos digo que acrediteis naquilo que vos falo, participo-vos meus sentimentos, mas o que na verdade vos afirmo é que não entrareis no Céu sem amardes ao vosso semelhante como a vós mesmos. Alguns, semelhantes aos que estão na Terra, contentam-se com pequena fortuna, quererão descansar e permanecer neste Céu. Outros, mais ambiciosos, quererão deixar este Céu para chegar a outro e ainda mais longe.

302) — P: *Volta-se com o mesmo rosto?*

R: À medida que se envelhece, o rosto se transforma.

— *Quinta-feira, 21 de junho de 1894* —

303) — *Dirigindo-se a um rapazinho:* Gostaríeis de ver a memória voltar? Pois bem, que daríeis a Deus para isso?

— *Oraria.*

— *Oraríeis.* É inútil. Isto é, podeis orar; é sempre bom elevar a própria alma. Porém não é isso que Deus pede para lhe agradecer. É preciso fazer alguma coisa que prove que amais ao vosso próximo, ou então fazer o sacrifício de uma propensão, de um defeito. Tendes compreendido?

— *Sim, Senhor.*

— Quereis, então, prometer-me não mais dizer mentiras?

— *Sim, Senhor.*

— Pois bem, neste instante a vossa memória voltou.

304) — Os charlatães, quando tratam seus doentes, lhes pedem sempre confiança. É inútil. Tende somente um pouco de confiança em Deus, e as doenças mais graves serão detidas. Fazei o bem, e sobretudo, como disse o Evangelho, que a vossa mão direita ignore sempre o que faz a esquerda.

305) — O amar ao próximo é muito simples. É preciso também respeitar todas as leis, e as leis da Igreja. Não se deve abjurar da religião, já que Deus nela nos colocou. A Igreja reformada difere um pouco da religião católica que encerra todas as leis de Cristo. E desde o início do Céu está escrito: Ninguém entrará no Reino do Céu se não amar a seu próximo como a si mesmo.

306) — Muitos dentre vós pensam que sou Jesus, ou quase ele próprio. *Eu sou o cão do pastor e o menor entre vós.*

— *Alguns dizem: Por que?*

— Porque efetivamente sou pequenino, e é porque sou pequeno que Deus ouve a miúdo as minhas preces, enquanto vós, sois grandes demais, e é por isso também que Deus não vos ouve.

307) — Está dito no Evangelho: “Quando ofendeis a Deus podeis ser perdoados; mas ai daquele que ofende ao Espírito Santo!” Vós todos, aqui presentes, gostaríeis de saber como se pode ofender ao Espírito Santo, e saber também o que é o Espírito Santo. Porém tendes lido que os próprios anjos ignoram certas cousas. Não precisais pois saber e nem estais perto de tal saber.

308) — Ignorais que Deus, na sua glória e total bondade, deixou almas no mais profundo das trevas, e que após a morte pode-se sofrer os mesmos sofrimentos que antes? Pois bem, a miúdo, essas almas, deixadas às trevas, e cujo corpo tem acessos de raiva, vêm procurar outras almas durante o sono. Só um raio de luz pode aliviar e penetrar até lá. Tendes compreendido?

— *Todos os presentes dizem: Sim.*

— Pois bem, eu vos digo: não, não tendes compreendido, e se tivésseis compreendido, estaríeis obrigados a amar ao vosso próximo como a vós mesmos. Seria a perfeição, e a perfeição não é deste mundo. Eu não sou mais perfeito que vós, não sou eu quem faz essas coisas, é alguém invisível que manda. Não tendes notado que às vezes, quando faço experiências, dizeis-me: “Ah! faça tal cousa!” Pois bem, é simplesmente porque essa experiência estava escrita e devia ser feita e mandada de antemão.

309) — Fazei o bem. Prometei-me amar ao próximo como a vós mesmos. Então podereis pedir a Deus o que quiserdes. Ele vos ouvirá. Neste momento peço a Deus que vos conceda força e luz. Alguns de vós irão muito longe.

— *Terça-feira, 3 de julho de 1894* —

310) — Não, o ciúme não entra no Céu, nem muitas outras cousas ainda. Se eu tivesse algum poder, como supondes, vos atesto que nenhum de vós entraria no Céu se não amasse ao próximo como a si mesmo.

311) — P: *E como se deve fazer?*

R: É preciso não ter personalismo. Quando ides a um bom confessor ele vos diz: é preciso orar muito para elevar a vossa alma e pedir sempre a Deus. E que fazeis quando orais? Pedis para que não tenhais atribulações e para que tenhais sempre o que precisais. Pois bem, permiti que vos diga que chamo a isso maldade, preguiça, e a preguiça não entra no Céu. Há dez anos não vos teria falado assim, mas os tempos estão no fim, e já é quase tarde demais. Que aquele que fez o bem faça o bem, que aquele que fez o mal faça o mal, pois aqueles que não acreditarem agora são os mornos. Para se chegar ao bem será preciso tudo conhecer, e mais vale não ser que não ter feito aqui nem o bem nem o mal.

312) — Há 24.000 anos, a cidade de Lyon existia. Havia mais ou menos 13.000 habitantes, e também naquela época tinham assassinado a um Presidente.

— *Então os acontecimentos reaparecem exatamente em rodízio?*

— Sim, perfeitamente.

— *Então não se teria podido impedir, já que tudo está escrito?*

— Tudo está escrito, e no entanto tudo pode ser modificado, mas para isso, para obter-se uma mudança, é preciso que seja útil.

313) — P: *Por que não podemos amar ao próximo como a nós mesmos?*

R: É o orgulho que vos tolhe. E vos repito, apressai-vos em fazer o bem, porque os demônios encarnados, dos quais vos falava há pouco, deverão fazer breve a sua obra de destruição. Será horrível e nada poderá detê-los. Esse polvo, ao qual chamam imprensa, pressagiará em vão o fim da tormenta; inutilmente quererão os altos dignatários opor a sua vontade, a sua força, tudo deve ocorrer como foi escrito há séculos. Haverá gritos, e só Deus poderá deter quando quiser. Como eu já vos disse uma vez, aqueles que não tiverem pão poderão vir aqui, e se lhes dará.

314) — P: *Quem é o dono na Terra, o corpo ou a alma?*

R: É o espírito que faz aqui o corpo e fala à alma.

315) — P: *Sim, mas qual manda no outro?*

R: Não nos estenderemos mais longe, pois não queremos entregar o nosso segredo. Que vos baste aprender a amar ao vosso semelhante e tudo quanto pedirdes vos será concedido. E quando estiverdes sofrendo, que o vosso pensamento se dirija a mim, eu pedirei a Deus por vós.

316) — É à vossa vontade que Chapas e eu procuramos com freqüência curar a vossa alma, pois (do contrário) ser-nos-ia preciso obter de vós promessas que a miúdo não iríeis manter. Se a vossa alma não estivesse doente, o vosso corpo estaria com boa saúde.

317) — Tendes lido no Evangelho que viria um tempo em que os demônios do inferno seriam desencadeados sobre a Terra. Pois bem, esse tempo chegou. Já podeis encontrar no vosso caminho gente que estará longe de vos ser simpática, e aos quais tampouco sereis simpáticos. Mas é preciso que as Escrituras se cumpram, e tendes notado que durante alguns anos tudo parecia estar adormecido. Os próprios governos mostravam apatia. É porque não se devia ver a vinda desses demônios. Hoje, aqueles a quem se chama de “anarquistas”, são demônios. Querem a destruição de tudo e levarão para um mundo totalmente diferente, que não é o nosso mundo, a todos aqueles a quem forçarão a segui-los. Acreditais que sabem por que querem destruir tudo? Não. Fazem assim porque tudo que está escrito deve cumprir-se. Pois bem, se quiserdes, sereis anarquistas comigo, mas sê-lo-emos de outra maneira. Nós, responderemos à violência com doçura, e cada vez que pudermos, procuraremos, pelos nossos conselhos e nossos exemplos, recuperar os que estão excitados. É preciso inclinar-nos ante as leis cívicas, porém acreditai de fato que no dia em que nos amarmos bem, e no qual não procurarmos fazer o mal ao nosso vizinho, não mais será preciso qualquer policial para defender a tal vizinho. Já não precisaremos de ninguém para nos governar: saberemos nos governar a nós mesmos.

318) — *Tudo quanto existe está animado e as cousas que parecem inanimadas também estão.* Tudo se transforma. Assim, uma pedra que, com o tempo, entrar em fusão, sofre uma metamorfose. No fim de alguns séculos ela se transforma. E a massa que aí vedes não foi colocada pelo Espírito Santo. Essa mesma massa se desagrega e volta à terra, e dessa terra totalmente virgem nasce um verme que tem vida.

319) — P: *Não dissestes, há poucos dias, que alguns dos vossos clientes estariam na Nova Jerusalém?*

R: Sim. E até ajudarão a construí-la, mas para isso é preciso amar ao próximo como a si mesmo, não ser rebelde às adversidades, pois como quereis ser soldados, se nunca fostes para o fogo? E como transporeis os grandes obstáculos

que vos esperam, se não suportais nem as pequeninas penas? E sabeis qual deve ser a recompensa daquele que será o primeiro no combate? Pois bem, será a de ser o último.

— *Quinta-feira, 20 de setembro de 1894* —

320) — A feiúra do corpo não importa, é a alma que conta. É inútil orar, ou antes, traduzi mal meu pensamento, ao orar só se deve pedir alívio dos sofrimentos quando o fardo que nos está confiado pareça pesado demais, e orar também por aqueles que não sabem ou não podem fazê-lo. Não é preciso fazê-lo pelos mortos. Deixemo-los onde estão e fiquemos onde estamos. E vos afirmo que ao pedirdes por aqueles que não podem fazê-lo, pedindo para suportardes as penas deles, dar-lhes-ei então o exemplo de suportarem também as de seus irmãos.

É o único meio de entrar no Céu, pois ninguém pode lá entrar se não ama seu inimigo como a si mesmo, e se esse inimigo não entrar no Céu, tampouco vós lá entrareis.

Ah, bem sei, bom número de pessoas bem doentes mandam vir seu confessor, pedem e recebem absolvição, e contudo morrem tendo pedido e acreditado receber a cura. O sinal de que o mal está perdoado é sem dúvida ver que o mal se afasta do doente, entretanto morrem.

E tenho visto, em relação a isso, “chalatães” virem à cabeceira de doentes em agonia, prontos a morrer, dizer-lhes que seus pecados ficavam remidos, e vê-los curar no momento.

Com fé, pode-se fazer milagres. Entretanto, cada dia, nas vossas preces, dizeis: Meu Deus, eu vos amo, odeio ao pecado por amor a vós, creio em vós. E cada dia também dizeis: Que faremos no próximo ano, em dez anos, e se o céu caísse que seria de nós? Por que pensais tudo isso?

— *Alguém diz: Porque não temos fé.*

— Sim. E se algum dentre vós tem fé, tudo lhe é possível: fazer chover em tempo de seca, parar o vento que sopra e isso três horas após tê-lo pedido, e até instantaneamente, se for preciso. Mas por que ter medo, sempre medo? Estou diante de vós e estou atrás de vós. Fui antes e serei após, e onde quer que esteja, estou em casa, e eis porque, quando aqui estais, estais na vossa casa.

— *Quarta-feira, 14 de novembro de 1894* —

321) — *Dirigindo-se a uma senhora*: Ah sim, é horroroso; há realmente penas que fazem dizer que Deus nem sempre é justo. Ora vejam, uma mulher perder o marido, e um marido perder a mulher, uma mãe perder os filhos e filhos perderem os pais! E pensais todos que as vossas penas são terríveis, e se elas tocarem a outros, não é nada, mas “eu”, ora vejam!

Pois bem, não sei o que tendes, mas o que de fato sei, o que afirmo, é que não se deve ser preguiçoso para ir ao Céu. O que há é só o trabalho, e como ninguém o busca, mister se torna que o Céu vos obrigue a trabalhar. É preciso sofrer; é preciso que Ele mande penas, já que ninguém as pede.

322) — Sei que é preciso ser humano. Assim, vedes esta senhora que está satisfeita por ter feito condenar alguém a vinte anos nas galés; ela esfrega as mãos de contente. Pois bem, pensais que se tivéssemos tido os mesmos instintos que a pessoa recentemente condenada, não teríamos feito a mesma cousa? Há muito pouca gente entre os presentes nesta sala que, quando criança, não tenha roubado alguma cousa dos companheiros. E há crianças que, com 10, 15 anos, têm a mesma responsabilidade que mais tarde. Há guris que, condenados, vêm mais tarde vos pedir trabalho. Pensais que vos serviriam muito bem, mas a folha corrida deles não está branquinha: mandai-os buscar trabalho noutra parte. Se não acharem, os condenais a reincidir e, se repetem, são logo postos fora da sociedade. Sabeis a quem condenais assim? A vosso irmão. Quando ouvís que uma criança foi condenada, dizeis: bem feito. E gostaríeis logo de perceber e ver a cara com que ficam os pais. Ah! se fôsseis vós, seria diferente, seríeis dignos de pena. Achais que esteja certo?

E quando ofendeis alguém, não é à pessoa ofendida que ides procurar, ides ao confessor e lhe direis: “Padre (meu pai!) — pois é assim que vos dirigis ao confessor — perdoai-me”. Porém se quiserdes ir até o fundo das cousas, interrogai-o sobre a remissão dos pecados. Ele sabe perfeitamente que quanto às cousas de Deus são do seu ministério, porém o mesmo não se dá com a ofensa a um semelhante. Porém eu, também, tenho um confessor, e a ele me dirijo após alguma ofensa a meu semelhante. Mas irei antes procurar a pessoa ofendida e lhe estender a mão: “Façamos as pazes”. E pedirei perdão a Deus se provoquei uma dor, e que passe pela mesma pena, para obtê-lo.

E nos negócios, quando vendeis um objeto bem acima do seu valor, pensais que no comércio é permitido. Pois bem, é um roubo, e o roubo não entra no Céu. Aqui estão algumas pessoas que podem ter cometido essa falta: pelo que foi feito até este dia, peço a Deus que se passe a esponja nisso.

— *Segunda-feira, 19 de novembro de 1894* —

323) — *Dirigindo-se a uma senhora*: Sim, o vosso doente melhorará, e sabeis por que? Porque foi bom, porque sempre deu bons conselhos, e embora tenha tido a miúdo no fundo do coração um fermento de ateu, não divulgou sua crença.

324) — Poucos dentre vós deixaram de dizer nas adversidades: “Deus não é justo. Se Ele o fosse, como poderia deixar acontecer tal cousa?” E tenho certeza de que ninguém, absolutamente ninguém, agradeceu quando lhe chegaram penas. Quando a gente está servindo ao exército e nos toca fazer a faxina, cada um faz o que pode para fugir a ela, e quase todos esses senhores foram soldados. Entretanto, quando um comandante vos dá ordem de fazer exercícios penosos, escolhe para isso aos mais vigorosos e dispensa aos mais fracos. Para ser bom soldado, é preciso ter feito exercício.

325) — Deus faz bem em não nos deixar lembrança, e embora esteja em meu poder fazer com que vos lembre do que tendes podido fazer, não o faria. O mesmo se dá em relação a conhecer o futuro.

— *Procederíamos melhor, entretanto...*

— Ah! pensais assim? Eis aqui, por exemplo, uma senhora que quer estabelecer-se no comércio. O proprietário lhe quer alugar o local e um comerciante vender-lhe a mercadoria. Se ela souber que fará maus negócios e que não poderá pagar o aluguel, irá comprar as mercadorias?

— *Não.*

— Pois bem, bem sei que se pudésseis prever o futuro nenhum de vós tomaria o caminho no qual deve encontrar provações, e que no entanto são necessárias para se entrar no Céu.

326) — Não se deve ser refratário à luz, e a luz brilha nas trevas, já que as trevas são sobre a Terra. Aquele que é refratário à luz cai na obscuridade, e se ficar por tempo excessivo na escuridão, torna-se cego.

327) — Fazei o bem. Aquele que jogardes pela janela volta pela porta. E não ofendais a Deus; porque pôs alguém na Terra, que vos segue por toda parte. Não digais: Deus me abandona. Não está dito: “Pedi e recebereis, buscai e achareis”? Todos quantos aqui estais vindes da Terra, e contudo sois filhos do Céu, já que a Terra está no Céu.

328) — A luz do Sol não nos chega diretamente. Ela tem de passar por muitas atmosferas ambientais. E o Sol no qual se podiam contar sete manchas tem onze agora e cada uma dessas manchas é tão grande quanto a Terra. E pensais que, como ensina a Igreja, as estrelas que brilham no firmamento foram criadas para prazer do homem? Certos grandes astrônomos, entre os egípcios, previam que podiam se desprender da Lua bólidos, ou algumas crateras de vulcões, que teriam — pensavam eles — podido desintegrar a Terra. Acreditais que na Terra Deus tinha criado uma só planta da mesma espécie ou um só animal? Ele tudo previu. Assim, nas esferas invisíveis, existe ar em estado latente, para o caso em que, por alguma perturbação atmosférica, chegue a Terra a sentir falta dele.

329) — Tudo quanto estou vos dizendo deve aborrecer a muitos dentre vós, porém dirijo-me aos mais idosos, embora possam ser os mais jovens. Não compreenderíeis se vos dissesse que um de vós pode ser o pai do seu avô, e no entanto, se acreditais ser os filhos de Deus, é fácil entender.

330) — Pensais que se o jardineiro não vos pôde fazer crescer nun terreno, nem por isso deixastes de vir par a Terra?

331) — Amai-vos uns aos outros, e vos prometo que na vossa morte um só pensamento vosso me trará para vós. Lá estarei. Pareço estar falando como Mestre, mas é porque tenho um Mestre que tudo pode; eu nada posso. Ele está diante de mim e eu atrás de vós, e vos farei andar quando não avançardes. Tudo vive na natureza e a matéria é viva. Há três vidas em vós. Eu não vos posso dizer como a Igreja, que acredita não ter a matéria vida própria, porque não creio. Há a vida do corpo, o espírito que acompanha ao corpo e a alma ou centelha de Deus. Porém não precisais saber todas estas cousas. Só precisais amar ao vosso próximo como a vós mesmos, e tudo vos será dado.

332) — Para ter confiança não basta empenhar-se em tê-la. Ela virá sozinha se fizerdes o bem, se não tiverdes ciúme nem inveja do que possui o vosso irmão.

333) — Quando sofrerdes, não digais a outrem que vos fala do seu sofrimento que vós mesmos tendes desgostos, pois se tal pessoa pensa que vós já não os tendes, retomará coragem ao ver que as penas não duram sempre.

Aliás, quando o fardo é pesado demais, embora Deus só deixe a cada um o que pode carregar, não tendes sido aliviados? E se uma mãe faltasse aos filhos, ou se as forças faltassem a alguém que as precise, não tendes achado ajudas que vêm em socorro vosso? Tendes mais alguma coisa a pedir?

334) — P: *Essa carga, esse toque, ouvido há poucos dias, lembrando as de Waterloo, como é que se ouviu tão distintamente?*

R: Desde o início, e até antes do início, tudo sempre existiu. Para vos fazer ouvir, tive de erguer um pouco a cortina geral, e a imagem aproximou-se um pouco de vós.

335) — P: *Mas então são sempre as mesmas cousas que se apresentam por toda parte em rodízio?*

R: Sim, perfeitamente. Assim, eis um lavrador que trabalha no seu campo dez horas por dia. É ainda o mesmo lavrador que está traçado novamente mais adiante, porém, tal como com os raios de luz, uma cousa existente o será para alguns, quando no próprio lugar ela já tiver desaparecido desde muito tempo.

— *Quarta-feira, 21 de novembro de 1894* —

336) — Eis uma senhora que vem me entregar uma medalha a fim de que seja feito o necessário para que esta medalha a proteja. É fácil. Todas as pessoas que desejam que o mesmo seja feito com elas trar-me-ão, num dos primeiros dias da semana, um objeto escolhido por elas, porém sempre que possível, que seja bem pequeno, porque será preciso que elas possam recomendar ao sair que lhes seja deixado, pois está dito que não se deve jogar pão aos porcos, e esse objeto preservará do perigo. Mas que perigo havemos de temer, direis? Mais cedo do que pensais, a hora do perigo soará, e, nesse momento, a colheita terá lugar.

337) — P: *Serão (também) ceifados os filhos de Deus?*

R: E por que não o seriam como os outros?

338) — P: *Mas após será feita uma seleção?*

R: Após, sim. Deus escolherá entre eles. Haverá os que se dedicarão à pesca, não à pesca de peixinhos, mas à pesca de seus irmãos.

Quanto aos objetos de que vos falava há pouco, aquele que os trouxeram na semana próxima, poderão ver a mão que os tocará. Alguns outros, se não a virem, senti-la-ão. E todos aqueles que nem a virem nem nada sentirem, mas que acreditarem, terão um mérito maior.

339) — Qual é aquele dentre vós que não disse, num momento ou noutro: Deus não é justo; se estivesse no lugar dele não tinha feito assim. — Como ousar julgar as obras de Deus quando Ele não vos julga e quando somos incapazes de compreendê-lo? Nem uma só pessoa aqui tem inteligência bastante formada, o espírito bastante sutil, para fazer-se uma idéia do que Deus é.

340) — Eis um senhor que, ainda bem recente, dizia: “Só podemos descender do animal”. Não. O animal pode chegar a se aperfeiçoar até parecer ao nível do homem. O homem foi criado sobre a Terra e sobre muitas outras Terras, porque não se deve crer que só há uma, assim como há diversos céus, e isto desde antes da criação. Não vedes que a planta pensa, que sente? Não, dir-me-eis, já que ele não fala, é um corpo inanimado. Não, ela não fala, nem tampouco o cavalo, que nada poderia dizer, mesmo que lhe cortassem a cabeça. E no entanto, eles pensam, eles têm uma linguagem e se entendem entre si, assim como suas espécies, e têm também leis que os regem.

341) — P: *E de onde vem a semelhança de muitas pessoas com animais?*

R: Não nos estenderemos nisso. Contudo ficai sabendo que nem uma fibra do nosso corpo existe sem que ela se religue a alguma cousa que faz parte da natureza. Assim, tal parte do nosso corpo tem ramificações com uma planta que, por sua vez, a religa a um animal. Ficai persuadidos que tal semelhança nos pode fazer julgar do caráter da pessoa, mas ninguém deve julgar a seu irmão.

342) — E a dignidade, o que fazeis dela? Ainda freqüentais uma pessoa pobre, mas se vos encontrardes com uma moça que, tendo saltos altos demais, deu um passo em falso, ah! essa lançareis bem longe. Assim também, se foi um rapaz que o deu, e se vos pedir socorro, e se o julgais e lho negais, será preciso que a mesma falta seja cometida pelos vossos netos. Porém, embora conservando vosso pensamento íntimo de julgá-lo mal, isso vos será levado em conta como se o aliviásseis sem julgá-lo.

343) — Não estais obrigados a crer em muitas das cousas que vos digo, mas aquilo que tendes obrigação de crer e de fazer, é amar ao vosso semelhante. Essas

palavras foram escritas antes do início do mundo, e a miúdo, quando dizeis: “Vamos para lá, nos dirão cousas belas”, não sei se são belas, mas o que afirmo é que vós, sob a pena de estar nas trevas, estais obrigados a pô-las em prática, pois doutra maneira é inútil vir ouvi-las.

344) — Bem que tendes lido no Evangelho que o Cristo virá como um ladrão vos surpreender. Pois bem, que aquele que faz o bem continue, pois então será tarde demais. Algumas horas ainda restam para vos decidirdes a fazer o bem, porém são poucas. O céu não pode tanto quanto pensais. Ele é indulgente. Deus bem sabe que vos criou simples, e como progredimos às cegas, muito será levado em conta no caso de quem tiver acreditado sem nada saber.

345) — P: *E de onde vem a palavra?*

R: A palavra sempre existiu, desde todo tempo, bem antes da criação. A Terra é um grão de pó na imensidão, grão de pó vindo do Sol e da Lua. Do Sol vêm os metais, ouro, prata, etc..., da Lua vêm os metalóides.

A porção da Lua que se aproximou da Terra formou o primeiro império chinês, pois aqui a água reinava, o Mediterrâneo cobria tudo. É por isso que o senhor observador, de quem vos falei há pouco, notou a miúdo, ao mandar lavrar sua terra, haver nela manchas marinhas.

346) — P: *É o mal mais forte que o bem?*

R: Não. Dir-vos-ei uma cousa que nunca disse senão em uma palestra particular. Eis uma senhora que quisera saber se o espírito infernal sempre existiu e existirá sempre. Deus, ao criar todas as cousas, quis que houvesse uma potência que o mal preside, potência forte como a Sua. Assim, não é proibido aos que tal potência atrai, irem para ela, e Deus sempre os receberá quando voltarem a Ele.

A alma vem das trevas, já que as trevas estão na luz, e podeis ficar certos que, quando nesta vida quiserdes ocultar alguma cousa aos vossos irmãos, após a morte essa será a primeira que os vossos irmãos saberão. Não está dito: Será preciso que o tenhais posto nas trevas, o ponhais na luz?

347) — Por que há pessoas que morrem tão subitamente e outras que têm tão horrível agonia? Acreditais quiçá, e todas as pessoas aqui presentes o acreditam, que aquele que morre de morte súbita não sofre. Desenganai-vos. Aquele que parece ter uma agonia terrível sofre menos, já que no momento em que o corpo faz contrações a alma nada vê. O nosso anjo da guarda teve o cuidado de pôr um véu

entre a alma e o corpo, e quando nos achamos do outro lado, não vemos todos o Sol do mesmo lado. Uns o vêem aqui e outros lá, e aquele que não fez bem nenhum tem ante si um véu que faz com que fique mergulhado nas trevas.

— *Terça-feira, 27 de novembro de 1894* —

348) — Estou certo que ninguém pensa em agradecer a Deus quando lhe chegam adversidades. É preciso ser forte para entrar no Céu; é preciso ser soldado, e para sê-lo, é preciso ter feito exercício. A fraqueza não entra no Céu, porque os fracos são preguiçosos.

É preciso antes de mais nada expulsar o orgulho do nosso coração, assim como a maledicência. Os homens, esses, ficam às vezes irados contra um vizinho que fez alguma coisa que lhes desagrade, porém as mulheres, essas vão primeiro ao porteiro contar um segredo que sabem a respeito do vizinho, depois no mercadinho, etc. Tenho-vos recomendado com freqüência que não façais assim. Tendes prometido. Levaste-o em conta? Nada disso. Às vezes dizeis a vós mesmos:

“Não vamos lá hoje”, e contudo sois levados a vir. São os vossos anjos da guarda que vos empurram, e não achais que ao sair daqui estais mais aliviados, que vos sentis mais fortes?

Chapas e eu, vos temos presos em nossas redes, somos os pescadores vindos para pescar aos que queiram fugir. Aquele que quiser suportar as adversidades com coragem será o meu amigo, mais que meu amigo, meu irmão. Ah! ninguém queria penas. Pensa-se que é o bastante se, tendo um comércio, honra-se aos compromissos, cria-se a família, e morre-se após se ter confessado. Pensa-se entrar facilmente no Paraíso depois disso, desenganai-vos.

349) — Poucas pessoas sabem o que seja o magnetismo. Cada ser possui em si uma massa de fluido compacto, e todos podem aliviar pelo intercâmbio desses fluidos. A partir deste momento peço, e instantaneamente o meu pedido é santificado, que todos aqueles que são os filhos de Deus, e infelizmente são número bastante pequeno nesta sala, possam obter o alívio dos seus semelhantes, apenas levando a mão sobre a parte afetada de um doente.

350) — P: *Mas é possível saber se somos filhos de Deus?*

R: Nada é mais fácil. Aquele que crê no fundo do coração que não nasceu da carne, isto é, aquele que acredita na alma, na sua imortalidade, e que

pode ter nascido sem o auxílio de nenhum jardineiro, esse pode ter certeza de ser filho de Deus.

351) — Estamos sobre esta Terra para sofrer. Não é assim para com todos os planetas. Lá, a alma está entretanto menos em cativeiro que o corpo, pois este, cativo quando entra na Terra, até então é livre.

352) — Por que quereis ocultar os vossos atos aos vossos irmãos? Não sabeis que tudo deve ser posto à luz do dia? Se os que estão deste lado não nos vêem, os que estão do outro lado vos vêem. Assim, é inútil querer andar com dissimulações para com o vizinho; que importância tem que ele saiba o que sois?

— *Sim, porém se a gente souber que esse vizinho dará mais batidas de línguas que fatias de pão?*

— Que pode importar isso? Está escrito, desde muito antes da criação, e não digo deste mundo: Aquele que está marcado pelo Céu não poderia ser despedaçado pelas feras.

— *Então, é uma graça?*

— Quer dizer que se os vossos vizinhos devem falar mal de alguém, que importa que seja de vós ou que suporteis pelos outros?

353) — P: *Por que há tão pouca gente que acredita na reencarnação?*

R: É por causa dos preguiçosos. Eles sempre têm tempo de sobra. Aliás, não se é obrigado a acreditar na reencarnação. Tudo quanto sei, é que me lembro de longo tempo, bem longo tempo mesmo.

— *Quinta-feira, 29 de novembro de 1894* —

354) — Quereis ser soldados livres ou soldados dependentes de alguém?

— *Todos dizem: soldados livres.*

— Pois bem, para isso, é preciso vos livrardes do vosso eu. Se quereis viver com os vivos, é preciso viver com os mortos, pois se não viveis com os mortos, não podeis viver com os vivos.

355) — P: *Mas como se pode viver com os mortos?*

R: É fácil. Por exemplo, tendes uma vizinha com quem não vos dais, a quem não recebeis, que tem um caráter azedo. Podeis juntar a esse mal todo outro qualificativo. Essa vizinha cai na miséria e tem intenção de ir bater à vossa porta. Pelo vosso postigo vedes que ela vem chegando, e lhe trancais a porta. Ela não se

atreve a se apresentar e se retira: é impossível que vivais com ela quando estiver morta. Mas se lhe abris antes mesmo dela bater, e lhe dizeis com delicadeza: “Tenho várias cousas com que te brindar, aceitando as quais irás me dar prazer”, essa pessoa, quando morta, poderá viver convosco. E eis porque, ao viver com os vivos, podereis viver com os mortos.

356) — P: *Teve o homem um começo?*

R: Ele teve um começo, porém não terá fim. Há seres que, tendo existido até a consumação dos séculos, deixarão o lugar aos que parecerão não mais terem existido, e que quando os séculos se consumarem, virão retomar uma vida normal.

Não recuseis a luz. De longe em longe, têm vindo sobre diversos pontos do globo enviados do Céu vos trazer a luz, e se a recusardes, das trevas menos densas em que vos achais sereis mergulhados em trevas mais escuras.

357) — Quereis que vos dê o meio de vos sentirdes felizes?

— *Sim.*

— Está escrito, bem antes da criação: “Procura a adversidade se queres a felicidade, a luta se queres a tranqüilidade”. Não me olheis de soslaio; não sou tímido. Sou velho e sou o vosso Mestre, ou antes, não, aquele que está comigo é vosso Mestre, e na sua ausência, ele me dá a Mestria.

358) — Dentro de poucos dias, far-se-á uma experiência na qual se separará o espírito da alma, depois o corpo do espírito. Não podeis quiçá compreender-me muito bem; às vezes os vossos sonhos se realizam logo; outras vezes é o contrário; outras vezes, ainda, realizam-se mais tarde, e gostaríeis de saber por que. Tereis explicação disso após a experiência que vos prometo.

— *Domingo, 2 de dezembro de 1894* —

359) — Demonstrei-vos tudo isso para que vejais bem o perigo que há em despertar a uma pessoa que está sob a influência do sono magnético. Uma surpresa, um nada, pode pôr em perigo de morte.

360) — P: *Será que o sono separa o espírito do corpo?*

R: Não, é o descanso do corpo. O espírito pode afastar-se. Tendes notado a miúdo que ao vos deitar, se custais a adormecer, e que só com muitos esforços conseguis entrar em sono leve, vos parece ouvir como se uma martelada

fosse batida pelo vosso vizinho, e sentis uma comoção no braço, ou na perna, ou em qualquer outra parte do corpo.

Pois bem, não é apenas uma pessoa que faz com que sintais isso, são quiçá cem pessoas, pois, enquanto tendes essa comoção, também a sentem a mesma cousa todos os de vossa família. Não diz a Escritura: “O homem vive para os seus”, e cada parte golpeada durante o sono é um sinal de que o corpo pode ficar doente dessa parte. Se é no fígado, pode se ter uma doença no fígado; se for no coração, uma lesão cardíaca.

361) — P: *Mas então as doenças vêm daí?*

R: As doenças não vêm todas disso. Não somente cada parte do vosso corpo, mas cada molécula, tem afinidade com tal ou qual acontecimento. E se algumas pessoas fazem observações, isto é, se antes de ficarem doentes, ou antes de terem que passar por algum desgosto, têm intuição disso, por tal ou qual cousa sentida que lhes faz esperar esta pena ou aquela doença, é porque essas pessoas começam a ter ouvidos e começam também a ter olhos. Assim avisadas, as penas lhe serão diminuídas, ou pelo menos lhe será dada coragem.

362) — Prometei-me não recuar perante a luta, e da minha parte, neste mesmo instante, peço a Deus que vos ajude. Mas a vós, ser-vos-á dado mais, prestai atenção a isso. Se aquele a quem foi dado ficar atrás, ser-lhe-á tomado o pouco que puder ter, para ser entregue àquele que tem mais.

363) — P: *Vós nos tendes dito que a raça humana existia há 30.000 anos, e antes?*

R: A raça branca, sim, existe desde esse tempo mais ou menos. Porém não a Terra; ela é muito mais velha<sup>1</sup>. Quanto ao que era antes, nada sei disso, mas

---

<sup>1</sup> A respeito da idade da Terra, o semanário *Paris-Match*, em 5 de novembro de 1954, forneceu os interessantes pormenores seguintes (Ph. Encausse): “A idade dos animais pré históricos é calculada conforme a dos terrenos em que se descobriu seus fósseis. O problema para os sábios é de determinar a idade das diferentes camadas geológicas, logo a idade da Terra. Até há uns trinta anos, só se dispunha de dois métodos para calculá-la:

1º. O estudo dos depósitos sedimentários: a importância de tais depósitos é em função do tempo.

2º. O estudo da salinidade dos mares: admite-se que os primeiros mares eram doces; é possível avaliar o tempo necessário para trazer tais ares ao grau de salinidade atual.

Esses dois métodos tinham dado para a idade da Terra a cifra de 300 milhões de anos.

Tudo mudou desde que se emprega o método radioativo. Fundamenta-se ele na observação seguinte: o urânio, que se acha na crosta terrestre, desintegra-se espontaneamente com uma velocidade constante para dar nascimento ao chumbo (Pb 206) e ao hélio: a relação chumbo-urânio no minério permite determinar a idade deste último.

Segundo este método, estima-se que a Terra possuía uma crosta sólida há uns 2 a 3 bilhões de anos e que estava, verossimilmente, em estado gasoso.

A rocha mais antiga que já se examinou (archeano) acusa 1.750 milhões de anos, aproximadamente.

Mais perto de nós, as eras geológicas estão avaliadas assim:

Duração do primário: 400 milhões de anos (reino dos peixes)

o que sei é que no lugar em que estamos, aqui, se se cavasse 1.800 metros, achar-se-ia rastos de peixes e de outros animais, e mais fundo ainda se acharia água.

364) — Cada um tem sua própria rota a percorrer. Ela é difícil para cada um de nós, e entretanto muitos devem passar por ela, e se pensais que haja um último homem, há, podeis acreditar, o primeiro que viria após. Eis porque está dito: “O último será o primeiro”. Porém não podeis entender isto.

— *Quinta-feira, 13 de dezembro e 1894* —

365) — Deve-se orar sempre. O Céu nos diz que peçamos. Ele nos prometeu que receberíamos, se pedíssemos o pão de cada dia. Se o que pedimos é útil, se o pedido parte do fundo do coração, ser-nos-á concedido.

É muito difícil orar, e todos nós sentimos isso. Eis porque somos levados a fazer promessas. Mas, foi-nos dado antes de a promessa ter sido ouvida? Não. Diz-se: Tenho muito tempo para ver, e depois, então, orarei. Isso é um sinal de grande confiança.

Sim, deve-se orar para aprender a orar. Ensina-se uma prece para a criancinha fazer; quando já se tornou velhote, ela se lembra dessa prece que os seus pais lhe ensinaram aos dois ou três anos de idade, e será quiçá a única cousa que lembrará da primeira infância. Porém essa prece, cada vez que a criança a recitar, será creditada a seus pais. Fazei o bem, e os vossos ancestrais se beneficiarão daquilo que tiverdes feito. Nunca deveis enrijecer contra o bem se quiserdes ir para a luz, para Aquele que vos mandou sobre a Terra. É preciso passar com calma e resignação pelas adversidades, aborrecimentos e tormentos que Ele vos manda.

366) — Com relação ao Antigo Testamento, naquele momento não se viam as cousas do mesmo ponto de vista que hoje. Elas eram interpretadas em outro sentido, e a maneira em que se interpreta hoje o Novo Testamento será bem diferente em algum tempo.

367) — Eu tenho procurado muito se havia outro meio para se chegar à meta. Só há absolutamente um, é o amor ao próximo como a si mesmo, e aquele que não pode fazê-lo, é porque não trabalhou bastante. Utilizai as vossas forças e não sejais

---

Secundário: 200milhões de anos (reino dos grandes répteis)

Terciário: 40 milhões de anos (reino dos mamíferos)

Quaternário: 500.000 anos (reino do homem)

Estes cálculos são evidentemente menos exatos à medida que recuamos no tempo. Assim, para o quaternário, a aproximação é da ordem de um milhar de anos, quando para o primário é da ordem do milhão, quiçá de dezenas de milhões de anos.

preguiçosos, pois se não o fizerdes as forças que Deus vos tem dado vos serão retiradas. Trabalhai sempre, pois se recuardes ser-vos-á duplamente difícil progredir; fareis esforços durante muito tempo sem poder achar. Se Deus vos manda alguém para vos trazer a luz, não o refuteis, não o julgueis: vede se essa luz é justa e conforme suas obras. Por que refutais esse bem porque não vos foi feito, a vós mesmos?

368) — Temeis ao vosso vizinho mais do que temeis a Deus, já que procurais antes agradar ao vosso vizinho que a Deus, em detrimento das leis de Deus. Procurais por amor-próprio ficar bem com o vizinho. Deus, quando criou o mundo, criou seres inofensivos; ele também criou seres infernais. Ele os criou conscientemente. Tudo quanto Deus fez, fê-lo com conhecimento de causa. O bem está em antagonismo com o mal e continuará assim até o fim dos séculos, ou antes, é o mal que está sempre em antagonismo com o bem. É preciso lutar sempre, lutar sem cessar, sufocar o mal, extirpa-lo se se tiver coragem para isso. Nosso Senhor veio para mostrar o caminho e como era preciso conduzir-se quando se for perseguido: submeter-se às leis de Deus com calma e resignação. Vindo mostrar-nos isso, Jesus deu uma terrível lição ao homem. Ele veio sobre um terreno cheio de silvas e espinhos plantar o bem. Essa formosa planta nasceu, não foi compreendida, foi escarnecida. Jesus veio trazer a luz ao homem e encheu a sua lâmpada de azeite.

— *Quarta-feira, 26 de dezembro de 1894* —

369) — Todos tendes lido na Escritura que o tempo da colheita virá. Esse tempo está mais perto do que pensais, e conheço um fazendeiro-mor, um comandante, que procura obreiros para fazer a colheita. Bem que tendes visto também no Evangelho o que se pode fazer com a fé. Eu poderia vo-la dar, assim como a esperança, mas sabeis já que condição é preciso atender para tê-las: se o vosso vizinho vos fala mal de alguém, é preciso que não acheis nem uma palavra para lhe responder nem lhe dar aprovação.

370) — P: *Que fazer para ter fé?*

R: Um lavrador possui um terreno sem cultivar. Se ele trabalha essa terra e a cultiva, lá implantar-se-á logo uma árvore, que é a fé; e mesmo que tal

árvore não cresça, se a terra for bem cultivada e produzir outras plantas, e as ervas daninhas forem substituídas pelas boas, isso seria o bastante.

371) — P: *Deve-se tirar uma pessoa do erro, mesmo que disso resulte escândalo?*

R: Bem tendes lido que é preciso salvar um irmão até mesmo com perigo da própria vida, e se vedes uma canoa pronta a naufragar, não ireis vos lançara ao mar para fazer esse salvamento sem vos inquietar com o que possa acontecer?

A propósito disso, quero vos fazer um pedido. Tendes na vossa família um homem que se deixou pegar e acusar de traição para com seus pais. Com isso quiçá quis o Céu evitar, ao permitir tal captura, matasse ele, ao longe, numerosos irmãos vossos. Achais que a desonra entrou na vossa família. Ireis mudar de nome?

— *Alguns dizem sim, outros não.*

— Pois bem, não, efetivamente, pois se repudiardes esse nome, será preciso que o nome que adotardes seja por sua vez punido cem vezes mais, com a mesma falta, até a quinta geração. Para o bem como para o mal, torna-se a encontrar centuplicado aquilo que se fez. Estais debaixo do meu império, e só entrarei no Paraíso quando lá entrardes todos.

— *Sexta-feira, 28 de dezembro de 1894* —

372) — Todos vós, procurais a confiança, a ter confiança, a fé. Não é isso que se deve procurar. Por mais que peçais, se não tiverdes caridade no vosso coração, não a achareis: é preciso que semeeis a semente que é a caridade e colhereis a fé. A caridade não consiste em despojar-se de tudo quanto se tem: ela consiste, em todas as cousas, em não fazer a outrem aquilo que não gostaríeis que vos fosse feito. Em todos os vossos atos, perguntai-vos se gostaríeis que assim se fizesse para convosco.

373) — Bem gostaríeis de saber de onde vimos, e para sabê-lo, seria preciso conhecer para onde ides, e o que sois. Mas então nada vos atingiria, e os sofrimentos são necessários: sem eles não podeis progredir. Que faríeis para isso sem o sofrimento?

374) — Bem gostaríeis que vos dissesse o que é a criação, o que sereis após a morte, quantos anos de vida tendes. Não falo dos que se lembram 30 ou 40 anos de

existência; há os que acreditam em vidas sucessivas. Gostáreis de saber o que é esta vida, por que estamos sobre a Terra. E quando souberdes tudo isso, sereis melhores?

375) — Eu vos tinha dito que dentro de algum tempo veríeis alguma coisa de extraordinário, todos vós que estais presentes vereis alguma coisa e o tempo não está longínquo. Apressai-vos em fazer o bem, pois a colheita se aproxima. Aquele que está comigo disse-me que vos falasse assim: respeitai as leis dos governos, sejam quais forem; respeitai também as leis da Igreja, Deus assim o quis; respeitai a religião, todas as religiões, é Deus que as criou.

376) — Há muitos que observam a religião, salvo todavia uma coisa que os contraria: a confissão. Por que? Porque não é agradável falar das suas culpas.

— *Mas nem sempre queremos que se saiba dos nossos assuntos?*

— Que assuntos? Será que tendes alguma coisa para ocultar? Tudo deve ser posto em plena luz.

— *Ah! se se pusesse tudo em plena luz, haveria muitos escândalos.*

377) — P: *Foram os descendentes dos apóstolos que estabeleceram as leis da Igreja, tais como são, a confissão, por exemplo?*

P: *Não terá muitas vezes a confissão impedido um mal proceder?*

R: Confessai as vossas ofensas a Deus. Podeis ofendê-lo, mas deveis guardar-vos de ofender ao Espírito Santo. Respeitai todas as religiões, pois é preciso que todos de todas as religiões comam a Carne e bebam o Sangue do Mestre. Mas, sobretudo se ofenderdes ao vosso vizinho, é preciso que lhe estendais a mão dizendo-lhe: falei muito mal de vós. Se ele vos perdoar, pensais que isso não vale qualquer outro perdão?

378) — Sabeis o que fez Jesus Cristo dos onze aos trinta anos? Tinham perdido o rastro dele nesse período. Ele fugiu para as entranhas da Terra (onde há todo um mundo que não conheceis e que se vos fará conhecer um dia, assim como um ar que não é o mesmo que este que respirais), onde teve rude tarefa, e lhe foi preciso grande mérito para trazer à sua religião a maior parte dos seres, quando os havia que não o entendiam.

379) — No Evangelho há alimento para todos, e cada um pode lá colher ensinamentos diferentes. Tudo se resume nesta religião: ama ao teu próximo como

a ti mesmo, e se fizerdes mal ao teu semelhante, esse mal te será devolvido, pois está escrito: olho por olho, dente por dente.

380) — Eu vos tinha dito que vos falaria da transmissão do pensamento. Apenas vos direi algumas palavras sobre isso. Tendes podido vê-lo nos teatros, mas então era transmissão de pensamento por hipnotismo, sugestão ou engano.

— P: *Mas se se quiser penetrar o pensamento de um ser querido, uma criança, por exemplo, que a gente desejaria tirar do mal para levar ao caminho do bem?*

— *Mas, diz um dos presentes, quiçá seja necessário que ele faça aquele mal para conhecer o bem.*

— R: Sim, tu o disseste. E tu terás a prova num dos teus bem chegado a ti. Não se deve recuar ante os aborrecimentos; deve-se aplainar os caminhos para quando o Mestre passar.

Deus deu ouvidos para ouvir e olhos para ver, e entretanto não é que acontece os ouvidos não ouvirem e os olhos não verem, porque se é jovem demais? Contudo há os que podem ser muito idosos e que, tendo recusado a luz, estão mergulhados mais ainda na escuridão.

A alma fala ao espírito, e o espírito faz atuar o corpo. A matéria, sendo animada, pode, sem socorro da alma e do espírito, funcionar por si mesma, o que vos explica as experiências de ontem.

381) — O que é a inteligência? É uma força que recebe a luz e a vida. O que dela fizeres, assim tornarás a achá-la. Tudo na natureza tem o seu instinto e seu livre-arbítrio. Eu não vos digo que a planta pensa, nem o animal, nem a pedra; não quero tomar por assalto hoje a fortaleza do Céu, isso vos custaria caro demais. Que vos baste saber que, seja qual for o caminho que tomardes, não saireis nunca deste círculo de ferro: ama teu próximo como a ti mesmo.

(Após algumas experiências)

382) — O que acabei de fazer ante vós é para vos mostrar a que tortura está exposto um corpo após a morte, quando esse corpo pôde fazer mal aos animais. Nunca façais mal a uma animal pois, quando o espírito se desliga da matéria, é a hora em que por sua vez ele poderá ter por onde atingir esa matéria. Aqueles que se acreditam filhos de Deus nada têm a temer dos animais, pois as feras do deserto passariam junto deles sem tocá-los, e até sem olhá-los.

\* \* \*

383) — Deus criou o espírito e a matéria; o espírito é uma parcela de Deus; a matéria tem sua realidade, pois é impossível ao homem fazer a matéria voltar para o nada. Deus criou a matéria como um homem faz um objeto. Eis um bastão; aquele que o fez pôs dentro alguma coisa dele, e aprova disso está em que deste bastão se pode remontar, seguindo a fieira, até àquele que o fez. Mas a vida que possui este bastão não é a vida do espírito; a madeira só vivia dessa vida enquanto ainda estava vegetando sobre a árvore. A vida que conserva é a vida adormecida da matéria; este bastão está formado por uma multidão de seres que não se sabem componentes do bastão; eles ignoram porque estão aí, porém lá estão e ali vivem.

— *Segunda-feira, 28 de janeiro de 1895* —

384) — P: *Se a gente quer levar a uma pessoa para o bem mas ela nos afasta constantemente ou faz pouco, que fazer?*

R: É a luta do bem e do mal, e para ser bom soldado é preciso fazer exercício. As pessoas de quem falais, o que são?

— *Estão na religião.*

— Sim, porém na religião há diversos caminhos. Assim um mau sacerdote vos dirá, se tendes dificuldades com alguém: “deveis defender os vossos interesses; deveis defender a vossa causa”. Um bom sacerdote vos dirá: “Se se discutir assuntos de interesse, e vos pedirem alguma coisa, daí mais ainda”. Qual dos dois ouvireis?

— *Aquele que disser que se dê mais ainda.*

— Ah, muito bem, segui essa lei, que é a do Cristo. Amai vosso próximo como a vós mesmos, não há outra coisa a fazer, e quando orardes, que seja do fundo do coração. Para poder fazê-lo assim, é preciso estar num cômodo especial, então achareis a calma.

Aquele que não tem cousas graves demais as se reprochar, e que tem as mãos limpas, pode estar em paz consigo mesmo e orar com resultado. Esse pode pedir; será ouvido.

385) — P: *Dissestes que daríeis algumas explicações sobre a alma e a matéria.*

R: Sim, é verdade. Porém seria preciso fazer algumas experiências correlatas, e não formais um número suficiente, pois sabeis que há diversas moradas na mesma residência, e diversos tempos no mesmo tempo. Em cem pessoas há uma que compreende, noventa e nove que não entendem, e a miúdo entre estas, dez que interpretam mal.

386) — P: *Quando se tem gozos íntimos, satisfações que não se pode descrever, é a alma que se lembra?*

R: Não, a alma não se lembra. A alma pode ter sensações que o corpo ignora. O corpo também pode agir sem que a alma nada saiba. O espírito pode manifestar-se e voltar atrás por certo período de tempo. Assim, se me aprouvesse saber de uma pessoa que vem pela primeira vez, o que ela é, o que fez, o seu espírito, se eu o interrogo e até sem isso, pode mostrar-me tudo quanto ela fez desde a mais tenra infância.

*(Após experiências.)*

387) — Tudo isso vos parece triste, porém acreditai que tudo tem a sua razão de ser e que o agora feito tem a sua utilidade. Com freqüência as penas deste lado prosseguem no outro, e no mesmo instante em que estes três indivíduos sofriam o que tendes visto, seres que vinham de desaparecer foram liberados de penas semelhantes.

388) — Uma senhora me perguntou de que maneira se pode cumprir com o dever. Dando àqueles com os quais se convive o benefício do exemplo, pagando com a própria pessoa. Não está dito na Escritura que se viverdes com os maus, e se estes maus se tornarem bons, os bons tornar-se-ão melhores? E se tiverdes coragem entre aqueles que vos perseguem e vos fazem sofrer, virá o tempo em que Deus vos tirará dentre os maus.

— *Segunda-feira, 25 de março de 1895* —

389) — Aquele que não tem inimigo é um morno, já que nunca fez o bem, pois que ao fazer-se o bem, colhe-se geralmente apenas ingratidão, cousa de que não há porque se preocupar. Se dermos, é para nós e não para os outros, já que não devemos julgar aqueles a quem se dá nem nos preocuparmos se são ricos.

390) — Não devemos nos orgulhar com nada, a perfectibilidade vai até quase o infinito. Devemos freqüentar aos seres mais repelentes, não desprezar ninguém. Já que o sopro de Deus, estando em todo ser, seria ofendê-lo.

391) — A prece só, não pode nos salvar, mas ela dá lugar ao nosso anjo da guarda para nos conduzir. É necessário orar com freqüência, antes de dormir, ao acordar, e finalmente elevai a vossa alma a Deus.

392) — O Evangelho nos diz que se usará para conosco da mesma medida que tenhamos usado para com outrem. É portanto preciso obter do nosso irmão o perdão das injúrias ou do mal que tenhamos podido fazer .

393) — É preciso não ficar sentido com os que erram, que fazem tolices. Se o vosso vizinho tem grandes defeitos, não lhe quereis mal por isso. Se pudésseis examinar-lhe a cabeça, na sua constituição, veríeis que os órgãos não são ainda perfeitos. Não se deve ser orgulhoso. Se o vosso vizinho o for, é preciso que o vosso exemplo lhe faça fazer esforços por mudar. Se for violento e vos causar mal, fazei-lhe ver que não vos vingareis, que lhe perdoais; fazei o que puderdes para trazê-lo para o bem. Se quiserdes caminhar para o Céu, é preciso abandonar inteiramente a si mesmo, é preciso crer integralmente na imortalidade da alma, que Deus não nos deixou sozinhos, que tudo quanto nos acontece é pela sua vontade, e que Ele nos deu uma alma que Dele provém.

394) — É o orgulho que produz a antipatia. Duas pessoas são antipáticas no mesmo grau; é o inferior que tem antipatia pelo superior. Se tais pessoas fossem do mesmo grau de adiantamento moral, não haveria entre elas antipatia nenhuma, mas pelo contrário simpatia. Muitas vezes é a matéria e não o espírito que é antipático. É pois preciso que o superior seja caridoso para com o inferior, porém raspando um pouco profundamente ao melhor dos homens, acha-se o bruto, isto é, a maldade.

395) — *Uma pessoa pergunta a opinião do Mestre sobre Nosso Senhor Jesus Cristo. O Mestre responde:*

Não sou bastante sábio para vos dar um explicação nítida. Porém nas minhas pesquisas psicológicas, tenho reconhecido que não era somente um erudito, um sábio, mas que *Ele era Deus*. Quanto a mim, na verdade o declaro, que aquilo que deseja o Pai, que é Deus, é desejado também pelo Filho, que é Deus, pois o que o Filho quer, o Pai também o quer.

Se o Nosso Senhor Jesus Cristo, quando veio sobre a Terra, neste mundo, não tivesse tido cuidado de pôr a sua deslumbrante luz por trás da cortina que separa este mundo do outro, nenhum homem teria podido chegar junto Dele.

— *Quarta-feira Santa, 10 de abril de 1895* —

396) — P: *Por que os povos, como os chineses, por exemplo, ficam estacionários quando chegam ao seu apogeu?*

R: Parecem ficar adormecidos, porém, tal qual uma criança que, numa família, tornou-se mais preguiçosa que seus irmãos, é por eles empurrada e estimulada pelos pais para a frente, assim acontece com os povos, que sempre se encarregam de se empurrarem uns aos outros, *e bem poderíeis ver um dia os chineses invadindo países e querer implantar as suas leis*. Porém, ai daqueles que quisessem agir dessa sorte na França.

397) — P: *É útil a vacina?*

R: Quando a vacina é ordenada por lei, em caso de epidemia, deveis vos vacinar.

— *Conheci pessoas que nunca estiveram doentes e no entanto são muito compassivas para com os males alheios; de onde vem isso?*

— Em tal caso, é uma prova que lhes é mandada. O Céu empresta às vezes, mas então é preciso Lhe devolver centuplicadamente.

— *Sexta-feira, 5 de maio de 1895* —

398) — A coragem nos é dada olhando para as penas que nos mandam. E como, à medida que crescemos, poderemos suportar as grandes penas, se as pequenas nos detêm? Entretanto, é impossível entrar no Céu sem isso.

399) — P: *E o que é o Céu?*

R: O Céu está no teu coração. Assim está escrito: “Edificarás o teu templo para que o Senhor nele penetre”, pois há em nós uma chispa da alma que é a luz, e essa luz, é Deus: para que essa luz nos ilumine completamente, é preciso abandonar ao próprio eu.

400) — P: *Mas se tivéssemos essa caridade, se amássemos ao próximo como a nós mesmos, não se poderia mais viver sobre a Terra.*

— Por que?

— *Porque, vendo sofrer tanto ao semelhante, não se suportaria a visão de todos esses sofrimentos que já tanto nos afligem com relação a nós.*

R: Sim, mas o orgulho... Bem tereis de confessar que cada um tem um pouco, mais ou menos. Não façamos juízo sobre ninguém, pois Deus não julgou e não julga. Quereis que vos diga o que é o Paraíso, que não é o Céu? Quando tiverdes dado ajuda ao próximo e tiverdes aliviado penas, chegou a vossa vez de pedir e sereis ouvidos. Eis o Paraíso. Compreendeis?

401) — P: *Que significam no Evangelho essas palavras do Cristo a sua Mãe: “Nada tendes em comum Comigo”?*

R: Se isso está no Evangelho, muitos têm podido censurar ao Cristo e pensar que Ele nada tinha de comum com sua Mãe, Ele dizia a verdade. Era de fato preciso que Ele tivesse um corpo numa família, sua Mãe estava consentindo que fosse no dela, mas ela não estava de forma alguma na mesma “morada” que seu Filho.

402) — P: *E o livro da vida?*

R: Poucos dos que têm vindo aqui, não estão nele marcados. Desde a primeira vez que vindes, sentis após uma sessão que já estais mais fortes, pois bem! a vossa alma, à vossa revelia, recebeu um raio de luz que ela procura sempre seguir. E os vossos ascendentes, bem como os vossos descendentes, ficam também inscritos no livro da vida, eu vo-lo prometo.

403) — P: *Que significa: Deus quer a misericórdia e não o sacrifício?*

R: Isso é para o Evangelho de agora, pois mais tarde, quando vos adiantardes, essas palavras já não serão para vós. O sacrifício do qual se fala não é o que vós pensais. Quer dizer que se cresce no vosso jardim uma erva ruim, é preciso arrancá-la e queimá-la. Desde o Dia em que fôsseis capazes de fazer sem esforço tal sacrifício, o Evangelho não seria mais para vós, porque teríeis o poder de fazer um e de mandar na matéria, de animar a um pensamento, pois nada está oculto para os filhos de Deus. Mais tarde vereis, bem mais tarde, que tudo é simples e sem mistério.

— *Quarta-feira, 27 de novembro de 1895* —

404) — Não começaremos hoje ainda seriamente os cursos de magnetismo. Há em nós dois fluidos magnéticos, o positivo e o negativo. O lado esquerdo do

corpo é a sede do fluido negativo; o lado direito é a sede do fluido positivo. No lado esquerdo, por exemplo, os nossos grandes sábios acharam a presença de 202 músculos; outros menos sábios contam maior número, mas eu conto um número infinito. Os músculos compõem-se de fibras mais incomensuráveis ainda, e se se quisesse contar o número de moléculas que estas fibras contêm, seria incalculável. Cada uma das moléculas que constituem essa fibra tem uma vida que lhe é própria; ainda mais, ela é inseparável de outra molécula que possivelmente não a vê, mas que nem por isso existe menos. Todo é semelhante na natureza e vai por dois. Assim, uma mulher perde seu marido ou seu marido perde sua mulher; pensais que um deles fica só? Não, aquele que se acredita ter partido está sempre cá, até quando não o vedes.

405) — Em breve, vos falarão de uma ciência nova. Vereis que o nosso mundo foi privilegiado, pois temos traços que, longe de serem repelentes, têm aparência de serem feitos à imagem de Deus, quando somos tão maus e deveríamos nos assemelhar apenas a velhos e horrorosos macacos. Deus está em nós; a nossa alma é centelha Dele. E na sua grandeza infinita, Ele quis também criar o mal para lutar contra Si mesmo e permitir que a Luz chegue até nós. A nossa alma tem ficado em estado latente e teria podido ficar nele mais tempo ainda, se um gênio oriundo de outro planeta não tivesse vindo para estimulá-la e projetá-la no meio de um terreno de lutas e provas para fazê-la avançar. Ninguém chegará ao Paraíso sem ter lutado e vencido. Desde muito tempo vo-lo tenho dito: a colheita será feita; o momento é chegado.

406) — Alguns têm com freqüência, e interiormente, chamado ao Cristo de “irmão” e acreditaram ser ele um homem que, como todos, porém maior que todos, devera ter chegado à perfeição. Pois bem, não. Há apenas um que, Esse sim, não precisou passar pelo caminho de todos e a Quem foi dado saber tudo e tudo poder. É o Filho Primogênito que resgatou pelos seus sofrimentos.

— *E se diz que está só?*

— Sim e não, pois Dele têm partido inúmeras centelhas que alimentam a estrela. Ele é um, e Nele são todas essas estrelas que estão no Sol. Eis a diferença entre a nossa crença e a dos espíritas, dos quais falaremos um dia, e que pretendem que o Cristo é um homem, um espírito chegado a um alto grau de perfeição.

407) — P: *Que significam estas palavras: Ele será o primeiro ressuscitado de entre os mortos?*

R: Foram os profetas que predisseram isso, mas o Cristo não pode ser o primeiro ressuscitado, já que não pode ter morrido.

408) — P: *Que fez o Cristo dos doze aos trinta e três anos?*

R: Há raças inteiras nas entranhas da Terra. Há também tribos que não são civilizadas e que o Cristo resgatou.

409) — P: *É preciso que passemos por onde fizemos passar a outrem?*

R: Sim e não. Se tivermos bastante abnegação, e confiança, e caridade, podemos comprar as penas que fizemos a outros sofrerem.

— *Mas precisamos achar em nosso caminho a um ser que tenha o direito de dar absolvição?*

— Possivelmente, pois eis três homens: um disse do outro, ao terceiro, que era um grande velhaco, etc..., e isso diante de grande número de pessoas. É preciso, para que seja perdoado de tal insulto, não somente o perdão do ofendido, mas também de todas as pessoas presentes, e ainda o de todos os invisíveis que acompanhavam as pessoas presentes no momento da ofensa, e isso é muito difícil. Por isso Deus manda à Terra, cada dois ou três mil anos, um ser que tem o poder de ligar e desligar, cujos olhos lançam chamas de bastante longe para queimar tudo que é mau e substituí-lo pelo bem.

410) — Não sei se acreditais na reencarnação: tendes liberdade de não acreditar nisso. O que sei, é que me lembro de ter existido, de ter partido novamente e voltado, e que também sei quando partirei outra vez. Mas, haverá outra coisa que mostre com mais evidência a justiça de Deus, do que esse tempo que Ele nos concede para que resgatemos as nossas culpas? E por que, sem essa justiça, tal pessoa seria mais feliz que tal outra, mais inteligente ou menos favorecida? Acreditai-me, fazei o bem e não vos inquieteis com outra coisa, predicaí com o exemplo e não façais a outros o que não gostaríeis de que vos fosse feito. Deus devolve centuplicado o bem que tiverdes feito.

411) — Tendes o vosso livre-arbítrio e contudo não o tendes. Vós não fazeis o que está decretado pelas leis de Deus. A vossa alma não é dependente do vosso corpo; é preciso que o vosso cérebro esteja muito lúcido para perceber o que acontece e se passa como uma imagem por trás desse cérebro, e que deve ser

levado a efeito. Seja qual for a vossa luta, eu pedirei força para vós e tê-la-eis. De resto, ireis percebendo após cada curso que esse trabalho vos aproveitará não só no moral, mas aumentará a vossa filosofia sob toda forma. O vosso alívio está em vós mesmos. Para isso, apenas se exige de vós um pouco de confiança e podereis aliviar aos vossos semelhantes.

Quanto a curar à distância com passes magnéticos, é inútil que procureis, não podeis fazê-lo ainda. O que podeis fazer, eu o peço neste instante para vós, é, quando virdes um acidente, pedir a Deus instantaneamente, e enquanto esperam a chegada de outros socorros, fazei alguns passes que manterão lá a essa alma, pronta para ir embora, e permitirão ao coração ficar ligado à vida.

(Após algumas experiências de hipnotismo, nas quais fica demonstrado ao “sujet” o que acontece por trás da segunda cortina que está erguida para ele, tal “sujet” cai inanimado.)

412) — *Explicação*: Sabeis por que caiu e não suportou essa visão? É porque quando alguém está preso numa fortaleza, enquanto tem o que beber e comer, não procura fugir, porém procura fugir quando já nada tem. Assim, o espírito deste homem, atraído pelo que viu, quis seguir adiante, e o corpo tombou.

— *Quarta-feira, 16 de abril de 1896* —

413) — *Alguém diz: Gostaria muito mais de vos agradecer pelo que de feliz me tivesse acontecido, que por penas.*

— Sabeis por que? Poderia ser porque sois preguiçoso e a preguiça impede progredir. Porém, não. Está marcado na vossa frente que, pelo contrário, lutais com resignação, que procurais de preferência aos infelizes para socorrer-los.

— *Isso, é bem possível, faço o que posso, porém o resto...*

— Se fossemos perfeitos, não estaríamos aqui. Todos, dizeis a miúdo: “Se eu fosse Deus, não teria feito isso assim”, porém a todos vós, basta vos melindrar um pouco para se ver a besta.

414) — O homem é o rei da criação, e ele não poderia ser completo sem a mulher. O homem tem mais força, age, mexe-se; a mulher tem visão mais vasta, é mais perspicaz. Porém é bom que ela não tenha a força do homem, pois, como seria pior! Observai as mulheres, sejam quais forem — e se não o fazem é porque não

podem — procuram, com seus enfeites, tentar ao homem; o homem, depois de tentado, não pensa já estar procedendo mal.

415) — P: *Por que é que numa família todas as crianças caem vítimas da mesa doença?*

R: É uma maneira de pagar as dívidas. O evangelho bem vos diz que os netos pagarão as dívidas dos avós até a quinta e às vezes até a sétima geração.

416) — P: *Onde tomam os magnetizadores o fluido para tratar as doenças?*

R: Pode-se tomar o fluido em duas fontes. O fluido pode formar-se por si mesmo e cada um o tem dentro de si. A outra fonte vem do Céu, que dá o necessário àquele que dele precisa. Para isso basta ter a consciência mais ou menos tranqüila e as mãos limpas.

— *Domingo, 28 de março de 1897* —

417) — P: *Como entender estas palavras, que haveis dito: Para mim, em certas famílias, três gerações só fazem uma, enquanto em outras, duas gerações fazem três?*

R: Se um homem dá-se à bebida, satisfaz todas as suas paixões, e morre com sessenta anos quando deveria ter vivido noventa anos, são pois trinta anos ainda que ainda deveria ter vivido dobre esta Terra, e ele terá de vivê-los no outro mundo; ele pagará assim a sua dívida, pois não importa que ela se pague neste mundo ou no outro, desde que seja paga.

Há seres que ainda não deixaram inteiramente esta Terra; só as suas faculdades estão apagadas e já estão reencarnados; quando eu corpo morre, uma nova encarnação já está na adolescência. Chama-se a isto reencarnação por antecipação. Não é para todos, mas penas algumas famílias privilegiadas.

418) — Antes de um século ocorrerá um cataclismo em consequência do qual, no país em que nos achamos, existirá uma cidade onde não haverá noite. Lá ver-se-á o levantar e o pôr do Sol, porém não haverá noite, porque a Terra terá virado e estaremos do lado do pólo sul. Essa cidade será a Nova Jerusalém. Lá morarão só aqueles que estão inscritos no livro da vida. Isso está escrito no Apocalipse, e deve ser tomado ao pé da letra, assim como, pouco adiante, o Anjo empunhando uma espada de dois gumes, e também a chegada Daquele que manda ao Espírito.

419) — Não faças a outrem o que não gostarias que te fosse feito a ti mesmo. Se queres a alegria, busca a aflição, e se queres a paz, busca a luta, pois não entrará no Céu se não fores vitorioso em tudo. A Terra não é somente um lugar de expiação, mas também de purificação. Se queres o repouso, busca o trabalho e mais tarde o trabalho te será repouso.

## BIOGRAFIA, FATOS REAIS SOBRE O MESTRE PHILIPPE

Achar-se-ão em seguida algumas das informações que o M. Philippe deu sobre si mesmo, quase sempre a seu genro, o Dr. Lalande, e algumas observações, fatos, etc., a ele referentes e relatadas por Papus, a Sra. Lalande e outro discípulo amado do Mestre.

420) — Quando criança, mandavam-no cuidar dos rebanhos. Ele traçava um círculo em torno do gado, e este, pastando, não podia atravessá-lo.

421) — *Entre outras particularidades físicas, ele dorme muito pouco (3 horas no máximo). Teme o frio, fuma muito, mas é muito sóbrio.*

422) — *“Deus me é testemunha de que não entrareis no Céu sem que tenhais tornado a me ver”.*

423) — *“Eu estava presente à criação, lá estarei no fim...”*

424) — *“Eu não segui a mesma via que os homens; eis porque não tenho nenhum mérito. Eu sou bem pequeno, o mais pequenino...”*

425) — *Até julho de 1902 ele só tinha tido com o Seu Amigo palestras de poucos minutos. Recentemente tem tido com Ele uma hora inteira de conversação...*

426) — *Parece haver em torno dele potências que dele cuidam sem que ele trate disso.*

427) — *Bou Amama dizia dele que há três Mestres sobre a Terra e que ele é o primeiro deles.*

428) — *Quando o vemos à noite não é sempre ele; é possível tomar a sua forma emprestada. Quanto a ele, sempre faz o possível por se apresentar convenientemente vestido e de cabeça descoberta. Três vezes somente Seu Amigo o fez cobrir-se. Se o vemos de oficial ou com os longos cabelos arrastando o chão, é sinal certo de ser ele.*

429) — *Seu Amigo é... o Cristo.*

430) — *Ele possui completo conhecimento de Química, de Alquimia e de todas as suas aplicações.*

431) — *Num dia do inverno 1901-1902, em que se achava na Rússia com a filha e o genro, fez diversas curas de doentes do hospital quando estava longe deles, na Faculdade, tendo os examinadores lhe designado apenas os números dos leitos dos doentes a serem curados.*

432) — *No seu casamento, ao nascer-lhe a filha, e ao casar ela com o Dr. Lalande, houve terremotos e tormentas. Neste último acontecimento houve, no momento de sair da igreja e, logo, do restaurante, um tromba d'água que caiu sobre Lyon e mais de 60 golpes de trovão! O Dr. Lalande tinha-lhe pedido que não houvesse importunos curiosos!*

433) — *Durante sua permanência na Rússia em 1901-1902, o Dr. Lalande o viu acalmar o vento e a tempestade que se tinham levantado (durante um passeio do Tzar num iate), e isso, a pedido do próprio Tzar.*

434) — *Na mesma época, um grande vento ia estragar uma revista (militar). Ele respondeu ao Dr. Lalande que o vento não podia ser suprimido, porém todos notaram que o vento não tocava o chão, de modo que não houve pó.*

435) — *Em outro desfile, ele se achava, à paisana, no carro da Tzarina... Um Oficial da Guarda, vendo de longe aquele civil sentado junto à Tzarina, aproximou-se a galope, admirado com tal anomalia, e verificou que a Tzarina estava sozinha! E assim, em diversas oportunidades sucessivas, Philippe tinha-se tornado invisível!*

436) — *Certa tarde, palestrava com Papus, que se achava com ele no pátio da Rua Tête-d'Or. Fumando seu cachimbo, perguntou a Papus se já tinha visto cair um raio, e, ao receber resposta negativa, foram ambos imediatamente rodeados por relâmpagos enquanto um raio caía levantando pedras no jardim.*

437) — *Em l'Abresle, a filoxera tinha atacado todos os vinhedos, menos o seu.*

438) *Também em l'Arbresle, sua sogra manifestara certa incredulidade numa discussão. Então, ele mandou pôr no jardim toda a mobília da sala, móveis de que a sogra gostava especialmente. Sem demora a chuva começou a cair com violência, para maior emoção da sogra! Mas quando recolheram ditos móveis, verificaram que não tinham recebido nem uma gota de água.*

439) — *Em sessão, para mostrar a Papis o que é a morte, tomou a um homem presente e lhe deteve o coração. O homem caiu inanimado. Após alguns minutos, devolveu os movimentos ao coração do paciente, que se levantou e, interrogado, disse ter sonhado que tomava o trem.*

440) — *Um dia o Tribunal o citou, e o Promotor Público o acusa de atrair às suas sessões pessoas às quais despojava das jóias (!). Dois dias após, o filho do Promotor adoece de crupe diftérico; enlouquecido, o pai vem suplicar-lhe que cure a criança. Ele pediu a cura a Seu Amigo e a obteve.*

441) — *Em duas oportunidades, recomendou aos membros da sua família nunca esquecerem que era ao Dr. Encausse que se deviam o casamento da filha e as relações com os Grã-duques.*

442) — *Em 1870 dava sessões no bairro de Perrache. Incorporaram-no ao exército. Foi para o quartel mas, já no dia seguinte, 500 pessoas foram reclamá-lo ao Prefeito. Este o mandou vir e pediu-lhe um exemplo do poder que o atribuíam. Um conselheiro da Prefeitura, presente à entrevista, homem grande e forte, desafiou-o a que o tornasse doente... Philippe recolheu-se por alguns segundos e os presentes viram o conselheiro cair flácido como massa no assoalho. Estava desmaiado.*

443) — *Victoire Lalande, “neé” Philippe, tinha anunciado a própria morte à sua mãe, no momento do casamento.*

444) — *Uma jovem senhora, que até então tivera apenas filhos natimortos, falou-lhe nisso com desespero porque tinham-lhe dito que isso provinha de ter ela, em anterior existência, destruído seus filhos. O Mestre ficou triste por haverem afligido assim a essa mulher e, com muita doçura, disse-lhe que seria melhor tomar o que lhe acontecera como uma prova e que, doravante, “alguém” dar-lhe-ia filhos vivos. De fato, ela teve, depois disso, diversos filhos aos quais criou perfeitamente bem.*

445) — *Ele estava sempre ocupado com mecânica, medicina, química. De 1898 a 1901, inventou a Heliosina, medicamento de Vida que confiou ao Dr. Lalande. Muito hábil e muito cuidadoso em todas as artes manuais.*

446) — *Certa noite trabalhava, em seu laboratório, na fabricação de pílulas de Heliosina, destinadas a prolongar a vida, isto é, a rejuvenescer num ano a força vital*

de um doente. De repente, apagou-se a eletricidade e as pílulas em fabricação caíram no fogo jogadas por uma “força” desconhecida.

447) — Um dia em que levava de passeio à Sra. Encausse no automóvel que lhe fora presenteado pelo Tzar, o vento era muito violento, porém os automobilistas não o sentiram absolutamente, embora soprasse na estrada em volta deles.

448) — Dois policiais levavam a um homem; ele aproximou-se (Chapas estava presente). Philippe pediu-lhes que soltassem ao homem; os policiais se negaram. Então, puxando um jornal do bolso, pô-lo entre as mãos dos agentes dizendo-lhes: “Tomai, aí está o vosso preso!” E os representantes da autoridade largaram do preso e levaram o jornal para a cadeia...

449) — Desde alguns anos tinha uma afecção cardíaca de que devia morrer com 56 anos.

450) — Uma das suas primeiras curas data de 1886, na “Gorge du Loup”. Uma criança tinha morrido. Dois médicos tinham vindo. Tomavam-se já as medidas do caixão quando Philippe disse à criança que se erguesse, o que ela fez, com grande emoção dos presentes.

451) — Foi também em 1886 que Philippe anunciou a guerra infeliz de 1870. Por causa de tal previsão foi vigiado durante muitos anos pela polícia.

452) — Um dos Promotores que requerera contra Philippe foi Alexandre Bérard, que se tornou Ministro das Comunicações em 1904, e estava sempre muito inquieto por tudo quanto se relacionasse com Philippe.

453) — O Mestre nunca impunha sua opinião. Dizia simplesmente: “É a minha opinião; não estais obrigado a nela acreditar; é a minha opinião, só isso”.

454) — Ele curava os males mais inverossímeis e o efeito se produzia instantaneamente; as testemunhas ficavam estarecidas. Dizia sempre que não era ele quem agia, mas o Céu, ou seu Amigo, a quem podia pedir tudo. Na intimidade era outro; na presença de um amigo que sentia estar mais próximo dele, entregava-se mais, numa calma perfeita, que o inundava, e alguma coisa de inabalável fluía dele para a gente.

455) — Na finca de l’Abresle, ele não recebia em torno da casa residencial, nem sobre o grande terraço que a circunda; mas o pátio e às vezes grande parte da alameda estavam cheios de gente; recebia aos visitantes diante do seu laboratorizinho. Quantas noites passou lá no trabalho, ou então sentado sobre o

*murinho que rodeia o pequeno lago, em suas meditações! Era lá que ele se retirava do mundo, da lufa-lufa da casa e dos importunos.*

456) — *Em 1887, 1890 e 1892 notadamente, foi condenado por exercício ilegal da medicina. Eis uma carta que escreveu a alguém que evidentemente queria vir em socorro dele:*

*“Venho vos agradecer pelas vossas boas intenções a meu respeito. Nunca solicitei pessoalmente nenhum testemunho em meu favor, algumas pessoas apresentaram-se para testemunhar a verdade; riram; muitas dessas pessoas foram certamente ridicularizadas, porém dia virá, e este dia está bem próximo, em que Deus as recompensará.*

*“O que faço, tornaria a fazê-lo ainda, pois eu nunca fiz o mal; fui inculpado, é bem verdade, fui muito insultado, mas tenho a grande satisfação de haver sempre devolvido o bem pelo mal. Se o Tribunal me condena, o Tribunal Celeste me absolverá, pois ele deu-me uma missão a cumprir que o poder humano não pode cumprir por mim e nem pode impedir que cumpra os meus deveres. A hora soou e deu o sinal das minhas provas; serei firme e não cederei uma polegada do território confiado pelo meu Pai”.*

457) — *Dizia: “Para se chegar a mandar nos animais, nas plantas e na natureza, só há um caminho, que é o do sofrimento; mas para lá chegar a rota é longa e o sofrimento a suportar imenso”.*

— *O Reino de Deus bem que está em vós, mas nós não estamos no Reino de Deus”.*

— *“O Paraíso está sobre a Terra, é o pleno conhecimento; está no Paraíso aquele que atingiu a sua plena liberdade”.*

— *“A verdadeira ressurreição da carne e a única é a reencarnação. Isso explica tudo; assim também a verdadeira comunhão é ainda desconhecida; não se sabe o que significa: “beber o sangue ou comer a carne de Jesus Cristo”.*

— *“Chegamos ao fim das nossas penas quando estamos felizes com as nossas penas”.*

458) — *Certo dia apresentou-se um homem, no número 35 da Rua da Cabeça de Ouro, que tivera o dedo mínimo da mão arrancado por uma máquina. Estava desesperado. M. Philippe perguntou-lhe: “onde está o teu dedo?” — “No bolso”,*

*respondeu o homem, puxando de lá seu dedo já nada fresco e bem murcho. M. Philippe tomou-o e o recolocou na mão mutilada, que ficou como era antes.*

459) — *No outono de 1901, fez a primeira viagem à Corte da Rússia. A segunda ocorreu no verão, com o Dr. Lalande. Então, foram para a Criméia (em Dulber), na propriedade do Grã-duque Pedro. Sempre vinham procurá-los para fazer tais viagens; iam escoltados pelos ajudantes-de-campo dos Grã-duques e rodeados de todas as considerações e atenções máximas. Tornei a ver, indica a Sra. Lalande, à Srta. Olga Moussine-Pouchkne diversas vezes após, e foi ela quem me referiu que, no carro dos Soberanos, M. Philippe prometeu um filho à Imperatriz, e foi a Soberana, desta vez, quem beijou a mão do Mestre. Olga Moussine-Pouchkne tinha lágrimas nos olhos na ocasião. A promessa cumpriu-se posteriormente.*

*Outro pormenor dado também pela Sra. Lalande: “Não houve “despedidas trágicas” entre os soberanos e M. Philippe, como prova uma carta comovente e cheia de dor, dirigida pela Grã-duquesa Militza ao Dr. Lalande, ao saber da triste notícia do falecimento do Mestre. Eis algumas linhas da mesma:*

*“Estamos todos reunidos e vos dirigimos, assim como aos vossos, toda a nossa simpatia; a vossa dor é bem nossa. Vós sabeis que o afeto era e ficará sem limites. É em nome de todos que vos peço encarecidamente nos considerar sempre os vossos amigos os mais verdadeiros, os mais devotados”.*

460) — *Em 1905, pouco tempo antes do seu falecimento, tive uma entrevista com o meu Mestre, sobre o terraço de l’Arbresle, escreveu a Sra. Lalande. Ele disse-me tristemente, porém sem nenhuma “angústia” nem temor do “desconhecido”: “É duro quando é preciso partir e dar sua vida alhures”<sup>1</sup>.*

461) — *Eis alguns pormenores sobre o comportamento de M. Philippe:*

*Ele era cortês e muito respeitoso para com qualquer funcionário. Caminhava muito sem nunca se apressar. Fumava enormemente longos cachimbos de barro. A sua hospitalidade era muito liberal e sua generosidade muito grande.*

*Não tinha regime alimentício. Embora nunca apressado, nunca ficava inativo. Possuía grande habilidade manual para todos os trabalhos mecânicos, de ferro, madeira, vidro, etc.; dedicava-se muito à química farmacêutica.*

*Podia passar completamente sem sono.*

---

<sup>1</sup> No decorrer duma palestra que teve lugar em 1895, o Mestre teria dado a entender a seu discípulo que, na sua próxima reencarnação terrestre, seria maior, mais moreno, teria o nariz melhor conformado e que o *não reconheceriam*... Por ocasião de outra conversação, ter-se-ia referido a outro regresso entre nós e teria dado pormenores bastante precisos, permitindo a alguns O reconhecerem. (Ph. Encausse.)

462) — *“Há poucos anos, cinco possivelmente, encontrei-me com o Mestre, escreveu um dos seus discípulos amados. Ele me permitiu acompanhá-lo. Quando chegamos à ponte Lafeuillée, o Mestre me disse que era preciso que Ele chegasse sem falta em dez minutos à estação de Vaise.*

*“Eu respondi, olhando para o meu relógio: “Mas Mestre, é impossível”. Pensei até numa brincadeira por parte Dele. Sem me responder, o Mestre me fez tomar a lancha (a Mosca) e, logo após os passageiros embarcarem, Ele dirigiu-se ao capitão do barco e disse-lhe algumas palavras que me foi impossível ouvir. Tudo quanto sei é a resposta do capitão: “Ah, sois Vós; está bem”. E sem mais explicações, o capitão encaminhou-se sem a menor hesitação para o piloto e deu-lhe uma ordem que não consegui ouvir. A partir desse instante, a lancha, por ordem do capitão, navegou a todo vapor...*

*“Embora eu estivesse já habituado às surpresas, não pude traduzir meu assombro quando vi que a lancha não parava em nenhum dos embarcadouros existentes no percurso de Lafeuillée a Vaise.*

*“Por outra parte, estava muito admirado de ver que o capitão não chamava aos passageiros (contrariamente ao costume) antes de chegar aos pontos de desembarque, isso apesar do número relativamente considerável de passageiros para dia útil.*

*“Conforme eu já me acostumara, não pedi nenhuma explicação e, quando chegamos ao trapiche de Vaise, o Mestre me deixou dizendo-me:*

*“Como vê, tenho ainda mais de três minutos e isso chega”.*

463) — *Nos sete últimos meses de sua vida, M. Philippe suportou sofrimentos indizíveis. Desde meses já não podia mais deitar-se; cada vez que queria se estender, era um suplício: passava as noites numa poltrona.*

*Em fevereiro de 1903, M. Philippe dissera aos seus discípulos de Lyon: “Vós já não me vereis, vou para onde tenho o que fazer; alguns dentre vós ver-me-ão ainda de vez em quando, depois desaparecerei”.*

*Nessa época, a um amigo que perguntava: “Que poderia fazer que pudesse vos poupar alguns sofrimentos?” Ele respondeu: “Amai-vos uns aos outros”.*

464) — *M. Philippe tinha anunciado sua morte próxima. Papus não quisera acreditar, tal era o afeto que tinha pelo seu Mestre.*

465) — Após sua morte, M. Philippe manifestou-se em repetidas oportunidades a Papus, que o viu e até com ele falou diversas vezes, entre outras em 18 de setembro de 1906, quando teve longa palestra com o Mestre.

As notas manuscritas de Papus mencionam as datas seguintes, no que concerne às aparições póstumas de M. Philippe a Papus, tal como era quando vivo:

3 de abril de 1906 — 14 de agosto de 1906 — 6 de setembro de 1906 — 18 de setembro de 1906 — 14 de novembro de 1906 — 31 de outubro de 1906 — 3 de abril de 1907 — 30 de setembro de 1908 — 2 de setembro de 1909 — 22 de fevereiro de 1910 — 16 de janeiro de 1912 — 13 de maio de 1913 — 20 de julho de 1941 — 7 de dezembro de 1914 — 13 de maio de 1916 (quando M. Philippe avisou a Papus que iria ser vítima de envoltamento) e 23 de outubro de 1916 (quando M. Philippe indicou a Papus que tinha só algumas horas de vida). Papus faleceu em 25 de outubro de 1916.



## JEAN CHAPAS

Na página 62 desta obra citei o nome de Jean Chapas, que foi um dos assistentes do Mestre Philippe na Escola de magnetismo e de massagem de *Lyon*, e por quem o Mestre tinha uma muito grande estima e profundo afeto. Parece pois justo render aqui, a Jean Chapas, fiel discípulo do Mestre, particular homenagem, e por isso reproduzo a seguir alguns extratos de um artigo dedicado, em *l'Initiation*<sup>1</sup>, a Jean Chapas:

O Mestre Philippe tinha um colaborador que o acompanhava diariamente na sua obra de cura e de soerguimento das almas, chamava-se Jean de Chapas.

Desejaríamos, no presente estudo, mostrar a atividade e esboçar um retrato desse discípulo bem-amado de M. Philippe, a quem conhecemos em freqüentes contactos entre 1921 e 1932.

Jean Chapas nasceu em *Lyon* e, 12 de fevereiro de 1863. Aquele eu deveria ser, desde os vinte anos de idade, o companheiro quotidiano e, mais tarde, o sucessor de M. Philippe na sua missão de prece e de cura, nasceu, como Ele, em humilde família.

Quando o rapaz terminou os estudos secundários, num colégio do lugar, seus pais o mandaram fazer estudos para obtenção da patente de capitão de navegação sobre o rio Ródano. Tal patente, ele a obteve, mas dela não se utilizou, pois apenas voltou do serviço militar, M. Philippe, que o conhecia, trouxe par ajunto de si, sem demora, a esse jovem no qual tinha distinguido dons especiais para sua obra espiritual.

Durante alguns anos, ele cumpriu, no silêncio, todas as tarefas que M. Philippe lhe confiou. Sabemos pela própria Sra. Chapas que foram, para o jovem, anos de provas espirituais e de formação interna para o labor que o aguardava.

---

<sup>1</sup> Fundada por Papus (Gérard Encausse) em 1883 e publicada de 1888 a 1914, a revista *l'Initiation* era órgão vivo que reunia a todos os renovadores das ciências herméticas, aos protagonistas de todas as revelações da ciência única : Stanislas de Guaita, Péladan, Matgioi, Maré Haven, Sédir, de Rochas e Chamuel, entre outras personalidades agrupadas em torno de Papus.

Desde aquele tempo, espíritos seletos forram-se chegando, de toda parte, aos estudos que ela prosseguia e que, menosprezados então, só interessavam a reduzido número...

A nova série de *l'Initiation*, publicada em 1953, propõe-se retomar e prosseguir essa criação papusiana, estudando todos os ramos do conhecimento esotérico.

Finalmente, órgãos oficiais da Ordem Martinista que, sob o impulso do filho de Papus, ajudando por alguns amigos fiéis, vem de retomar uma atividade ajustada aos tempos modernos, *l'Initiation* é o indispensável traço de união ente todos aqueles que fazem questão de seguir, de coração, a linha anteriormente traçada pelo criador da Ordem Martinista.

Para toda informação complementar, escrever ao Dr. Philippe Encausse, 46, Bd du Montparnasse, Paris (15e.).

.....

Quando M. Philippe passou para o outro lado (2 de agosto de 1905), Jean Chapas continuou a receber aos doentes que vinham sempre em grande número à sala de Rua da Tête-d'Or.

.....

Os médicos lioneses moveram um processo contra Jean Chapas em 1908, por exercício ilegal da medicina. O azar foi deles, pois ele foi absolvido, tendo o tribunal reconhecido que o sucessor de M. Philippe atuava sã pela prece.

.....

Desde o início da guerra de 1914-1918, Jean Chapas destinou *Amigo de Deus*, se a obra espiritual de oração que incansavelmente realizava pra todos, ou se a obra material desse hospital cuja carga assumiu. Que homem teria aceito cumprir uma dupla ação quotidiana, com todas as suas preocupações, dificuldades e incidentes? Eram precisas uma energia e uma capacidade pouco comuns. Raros, bem o sabemos, são aqueles que podem assim conjugar a ação direta com o fardo moral de infelizes a aliviar e a confortar durante esse longos anos de combates mortíferos. Quando, mais tarde, conhecemos esse capítulo da sua vida, não pudemos deixar de dizer-lhe do nosso assombro e da nossa admiração. Ele se limitou a responder: "Foi o céu quem fez isso."

Estávamos então em 1020. Jean Chapas iria logo fechar a casa de sessões da Rua da Tête-d'Or.

O nosso pai, Maurice de Miomandre, escritor e jornalista, que dirigia então o serviço oficial da imprensa do exército belga de ocupação do Reno, o tinha tornado ver em 1919.

\* \* \*

Devemos agora abri um parêntese para explicar como e em que clima estava Maurice de Miomandre em relação ao *Amigo de Deus*.

Foi em casa de M. Philippe, onde tinha conhecido a Jean Chapas, numa estada em Lyon em 1897, junto a Papus. Maurice de Miomandre tinha então 12

anos. Era originário da família da província francesa do Limousin, emigrada para o principado belga de Liège, por ocasião da Revolução de 1789.

Tinha ido a Paris para terminar os estudos. Aderira ao movimento espiritualista de Papus, mas não se interessava pelas experiências de Rochas e dos “magnetizadores”. Procurava uma doutrina mística. Papus o levava com ele a casa de M. Philippe, a quem o apresentou.

O encontro do mestre espiritual teve conseqüências pasmosas sobre a nova orientação de Maurice de Miomandre.

Bem longe de estimulá-lo na sua procura de ascese interior, M. Philippe o aconselhou a voltar para sua cidade natal e interessar-se por ação social

Antes de voltar ele para a Bélgica, M. Philippe, falou-lhe ainda da guerra geral que via para poucos anos após; predisse, entre outras cousas, a seu novo discípulo, que veria a “carreira para o mar” (*sic*) e que faria seu serviço militar.

Apesar da sua nascente confiança em M. Philippe, essa última afirmação admirou muito ao nosso pai, pois vinha justamente de se livrar da obrigação militar na Bélgica, de acordo com dispositivo legal da época com base em sorteio.

De volta a Paris, com Papus, regressou logo após a Liège, onde lançou-se na ação social pelo jornalismo e pelas conferências.

.....  
*Ulteriormente, o nosso pai vêiu pois a “carreira para o mar”, que lhe fora anunciada, quinze anos ante, por M. Philippe. Ele sabia que a França sairia vitoriosa da prova.*

*Chegando ao dia da recuperação das províncias de Alsácia e Lorena, e da ocupação militar do Reno, foi ele encarregado dos serviços de imprensa do exército belga na Renânia. Foi assim que vestiu trajo militar de 1919 a 1922 e que se cumpriu a última predição que M. Philippe lhe fizera na mocidade.*

.....  
Quando Jean Chapas fechou definitivamente a casa da Rua da Cabeça de Ouro, aceitou então o convite do nosso amigo Emile Bertrand, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Liège.

Viajou para a Bélgica em abril de 1921. tinha então 58 anos. Nessa ocasião. Fomos-lhe apresentados. Como se tinha falado muito dele de M. Philippe em nossa família, conferimos a esta reunião desacomumado interesse.

Era um homem de bela estatura, vestido com singeleza de terno preto, seu olhar era muito suave, em meio a um rosto bronzeado pelo Sol. Sua voz baixa e profunda vibrava como um violoncelo. Emanava de todo seu ser uma atmosfera apaziguadora que nos surpreendeu no primeiro contacto; estávamos habituados às vivacidades do nosso pai, eloqüente e batalhador; Chapas era o seu mais evidente oposto.

Deu-nos sem demora uma profunda impressão de segurança que nunca se desmentiu; era, numa palavra, um consolador nato.

.....

O que também nos chamou a atenção, foi o respeito e a constante preocupação que tinha pela França, fossem quais fossem seus governos. Via nela a realização de intenções providencias, dizia que o Céu a protegia e que seus servidores a isso se dedicavam.

.....

É ao encontro que acabei de evocar, que se religa a comovedora lembrança seguinte: uma noite, antes de se recolher ao hotel, Leon Mengeot, em cujo lar estava de visita, pediu a Chagas que dissesse a prece em comum. Aceitou. A empregada de Mengeot estava atrás do visitante. Quando Chapas, em pé, levantou a mão para começar o Pater, a moça caiu de costas. Chapas pediu para não dar atenção a ela. Ele fez lenta e gravemente a prece e, após um momento de silêncio, retirou-se. Nesse ínterim, a empregada voltou a si e relatou que ao ver “aquele Senhor” erguer a mão, percebera que ele estava revestido de longa túnica branca.

Aqueles que conheceram as experiências de M. Philippe em Lyon, verão que o véu tinha sido erguido par essa moça, que ela contemplara a realidade, os seus sentidos não tinha podido suportar tanta luz, donde a fraqueza próxima ao desvanecimento, que a dominou.

.....

Jean Chapas recebia sempre a numerosos amigos junto dele. Gostava dessas belas reuniões e Mme. Chapas o ajudava alegremente com coração vivo e sincero. Ela relatava facilmente numerosas lembranças sobre o Mestre Philippe, a quem freqüentava assiduamente durante vinte anos.

.....

Nos últimos anos de vida, Jean Chapas manifestou mais inquietude, com relação à França. Parecia-nos obsedado. Mais tarde compreendemos, na provação da segunda guerra mundial, a dor que devia ter suportado. Fizera certa vez uma viagem à Normandia, e ao regressar, foi par anos falar da sua comoção, quase física, como se tivesse sofrido a morte. Como compreender tais cousas? Foi-nos preciso viver o desembarque das tropas aliadas em junho de 1944, para realizar a provação necessária, de que lhe fora vedado falar.

.....

O falecimento de Jean Chapas foi noticiado o boletim das “Amizades Espirituais”, de outubro-dezembro de 1932. Mas, a não ser essa notícia necrológica, Jean Chapas foi embora no silêncio, *tal como sempre desejava*. E, no entanto, deixava-nos uma grande esperança, uma esperança incompreensível quando fôra formulada; ele dissera um dia a uma pessoa da sua intimidade: “Em 1942, tudo melhorará.” Somente 10 anos após compreendemos melhor essa promessa do *Amigo de Deus*, que se referia à salvação da França...

CHRISTIAN DE MIOMANDRE.

\* \* \*

No fim do manuscrito de Papus, consagrado ao Mestre Philippe, e do qual publiquei numerosos excertos nas páginas precedentes; as linhas estão dedicadas a Jean Chapas:

466) – Ele teve uma primeira filhinha, batizada Martine, pelo Mestre em março de 1889. essa menina morreu ainda criança. Seu pai tinha pedido uma alma sem defeitos; eis porque não pôde ficar na Terra. Como ela adoecesse com freqüência, seu pai foi a uma sessão do Mestre para pedir a cura. Foi-lhe concedido esclarecer que se ela vivesse, uma mãe de família deixaria os filhos órfãos. Então Chapas respondeu: “Se deve haver lágrimas, prefiro que seja no meu lar.”

467) – Sua mulher, entrando certa noite no quarto em que ele estava em oração, viu junto dele um brilhante Sol.

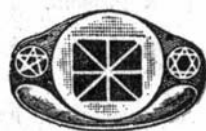
468) – Certo dia, um homem veio pedir a Chapas dinheiro para pagar uma promissória. Chapas deu-lhe imediatamente o que juntara para uma despesa pessoal.

469) O que deve ser notado nele é a discrição, a humildade, a total ausência de maledicência.

470) – Após a morte do Mestre, ele assumiu o aluguel do número 35 na Rua da Tête-d’Or, onde prossegue as sessões: belas curas.

471) – Em 1909 movem-lhe um processo por exercício ilegal da medicina. A seu pedido mando relatório. Absolvido de Chapas.





## PAPUS E M. PHILIPPE NA CÔRTE DA RÚSSIA

Início aqui um dos capítulos mais importantes, pois trata-se nele do papel desempenhado, no domínio internacional propriamente dito, por Papus e M. Philippe. Efetivamente, eles exerceram indiscutível influência sobre Nicolau II e sobre a Imperatriz. Defenderam, ambos, os interesses da França. É realmente lamentável que os dirigentes da nossa diplomacia não tenham sabido compreender, naquela época, o interesse nacional ligado à presença de Papus e M. Philippe na Corte Tzar...

“O fundo da consciência russa é feito de misticismo”, lembrou acertadamente J. Bricaud no seu folheto *O Misticismo na Corte da Rússia*. “A alma russa, desde a dos mujiques até a dos mais poderosos personagens, está doente de misticismo.” E isso é tão verdadeiro que numerosos forma os místicos e outros espiritualistas, estrangeiros ou não, admitidos na *entourage* imediata dos Tzares. Foi o caso, entre outros, de Mme. De Krüdener junto a Alexandre I, no início do século XIX; depois, de Mme. Bouche, “née” Thérin dês Isnard, conhecia sob o nome de “Irmã Salomé”. Wronski foi recebido durante certo tempo na Corte de Nicolau I, Alexandre II (1855-1881) interessou-se pelas artes adivinatórias, pela astrologia. Ele foi até, informa Bricaud, filiado às principais sociedades simbólicas da Europa e travou relações com numerosos ocultistas e rosa-cruzes. O Grã-duque Constantino tinha-lhe apresentado, em 1880, um médico alemão, o Barão de Langsdorff, cujos serviços foram igualmente apreciados pelo seu sucessor (1881) o Tzar Alexandre III (1881-1894), que era um fervente do espiritismo. “Du-



O MESTRE PHILIPPE alguns meses antes de sua “morte”.



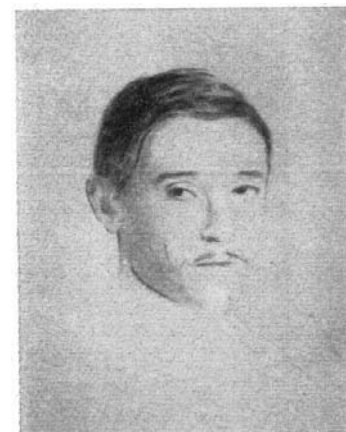
Uma atitude familiar do Mestre



G. DESCORMIERS  
(Phaneg)



M. PHILIPPE aos 28 anos



Paul SEDIR

rante três anos consecutivos, relata Bricaud, o médium permaneceu na Corte, hospedado no Palácio Imperial. As evocações espíritas eram quase quotidianas e se prolongavam durante três e até quatro horas. Nesse regime, a saúde do médium alterou-se e, em 1886, teve que se retirar e volta para a família.”

Ao Barão de Langsdorff sucedeu um monge chamado Jean Hitc, mais conhecido sob o nome de *Jean de Cronstadt*, que morreu em 1908 com 80 anos e que, após ter sido afastado uma primeira vez da Corte, lá fôra novamente chamado, em 1894, junto à cabeceira de Alexandre III moribundo.

“Desde o advento de Nicolau II, continua Bricaud, houve na Corte da Rússia um contínuo desfile de místicos, de profetas, de iluminados que foram às vezes apenas instrumentos dóceis nas mãos dos ministros ou de ceras “panelinhas” influentes que rodeavam da Imperatriz.”

Quanto ao Padre Jean de Cronstadt, foi chamado ainda diversas vezes à Côte, porém sem lá residir. Quando morreu, mais de 15.000 pessoas esperavam seu corpo na estação de Petrogrado para prestar-lhe uma última homenagem.

\* \* \*

Por ocasião da vinda à França do Imperador e da Imperatriz, em 1896, Papus dirigiu a S. M. I. Nicolau II, Imperador da Rússia, uma “Mensagem dos espiritualistas franceses”, com o teor seguinte:

Senhor,

Vimos, em nome das Revistas e das Escolas espiritualistas francesas abaixo assinaladas, saudar respeitosamente a Vossa Majestade por ocasião da sua chegada a nossa Pátria.

Acima de todas as discussões políticas, fora de toda comunhão religiosa (embora as respeitemos todas), prosseguimos, silenciosos e desconhecidos, as nossas investigações, que têm por meta iluminar a Ciência pela Fé, e determinar a Fé pela Ciência; e é à Ciência regenerada que pedimos provas positivas da existência de Deus e da imortalidade da alma humana.

Representantes de uma das mais antigas tradições da Humanidade, recebemos, graças às fraternidades iniciáticas, os elevados ensinamentos das gerações passadas e transmitimos às gerações futuras o fraco subsídio das nossas modestas contribuições a esses altos ensinamentos.

*Ora, a grande lei secreta da História revelada por um dos nossos mestres, Fabre d'Olivet, na sua "História Filosofia do Gênero humano" e desenvolvida por outro dos nossos Mestres, Saint-Yves d'Alveydre nas suas Missões. Essa lei, conhecida pelos iniciados egípcios 1.600 anos antes da nossa era, nos ensina que três grandes Princípios dirigem a marcha de todo conhecimento. São: a Providência divina, a Vontade humana e o Destino.*

*A Providência divina servida pela Vontade humana é a única capaz de fazer durar os Impérios. Ela se realiza principalmente por atos e, a arbitragem tomando o lugar do arbitrário, o direito o primado da força, a clemência e a justiça real temperando o Rigor no Governo, realizam sobre a Terra aquele princípio do Céu.*

*O Império que adota como linha de conduta a máxima: "a Força precede ao Direito", expulsa com tal fato toda influência providencial, entrega-se ao Destino, pede ao terror, à força e às astúcias diplomáticas um respeito que só Deus poderia lhe dar, e desmorona-se em pouco tempo, devorado pelas suas próprias culpas.*

*É porque Vossa Majestade reina sobre o Império do Ocidente mais realmente religioso e mais próximo das Vias providenciais, que nos permitimos de vos saudar por ocasião de Vossa chegada à Terra de França que, entre outras intervenções da Divina Providência, mereceu Charles Martel, que começou a obra que a Santa Rússia está chamada a terminar, e Jeanne d'Arc, que restabeleceu a Pátria em nome do Céu.*

*Que vossa Majestade se digne receber com benevolência nossa saudação e que immortalize o vossa Império pela união total com a Providência divina; tal é o voto*

*mais caro daqueles que rogam a vossa Majestade aceite a homenagem do seu mais profundo respeito.*

O Diretor de *L'Initiation*  
**Gérard ENCAUSE** (Papus)

Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, Presidente do Grupo Independente de estudos Esotéricos, Presidente do Supremo Conselho da Ordem Martinista, Delegado-Geral da Ordem Kabalística da Rosa-Cruz.

Aderiram a esta Mensagem (por ordem de chegada das adesões): *L'Initiation*; a *Paz Universal*; a *Hiperquímica*; o *Jornal do Magnetismo*; a *Cadeia Magnética*; o *Progresso Espírita*; o *Grupo Independente de estudos esotéricos*; a *Ordem Martinista*; a *Escola Secundária de Massagem de Lyon*.

Era essa, da parte de Papus, uma iniciativa ousada; mas ela trouxe frutos...

Achei, aliás, nos papéis de Papus, uma carta com selo da embaixada imperial da Rússia em Paris, carta datada de 30 novembro de 1896, assinada pelo Sr. Morvenheim e na qual se diz:

*“Suas Majestades Imperiais ficaram muito sensibilizadas com as homenagens de boas-vindas do Sr. Gérard Encausse.”*

Não se poderá pensar que a influência de certos Martinistas russo, discípulos de Papus, tivesse contribuído para facilitar a ação direta do Grão-mestre da Ordem junto aos soberanos e para dispô-los favoravelmente para com ele?

Papus foi apresentado da Nicolau II, em 1901, pelo próprio Grão-Duque Nicolau (de quem achei um retrato com dedicatória), com quem meu Pai estava nos melhores termos. Papus fez três viagens à Rússia: em 1901, 1905, e 1906. ficou, até à morte, em relações com a família imperial e a Côrte. Com Presidente do Supremo conselho da Ordem Martinista fundou, em São Petersburgo, uma Loja da qual o Tzar era, segundo dizer (não posso prová-lo), o “Presidente” S. I. (Sup. Inc.). Muito altas personalidades faziam parte dessa Loja<sup>1</sup>. Com relação à influência martinista na Rússia, Victor-Emile Michelet, Martinista e rosa-cruciano também, escreveu no seu *“Compagnons de la Hiérophanie”*<sup>2</sup>:

“Durante sua permanência em São Petersburgo, de 1802 a 1816, Joseph de Maistre criara lá um Centro Martinista cuja influência exercia-se ainda um século após. (Notemos a ingenuidade com que Sainte-Beuve pensa descobrir que as

<sup>1</sup> Os outros S.:I.: (Superiores Incógnitos) eram recrutados entre os Grã-duques e os Conselheiros do Império.

<sup>2</sup> Louis Dorbon, editor.

clarividentes *Considerações sobre a Evolução Francesa*, de Joseph de Maistre, foram precedidas pelas certas apreciações de Louis-Claude de Saint-Martin...) O último Tzar das Rússias foi também, como seu avô Alexandre I, iniciado no Martinismo. Certas pessoas sabem que essa é uma das razões que o mantiveram fiel à aliança francesa, apesar das pressões exercidas sobre ele para afastá-lo dela. Também eram Martinistas, em 1914, a maior parte dos príncipes balcânicos. Os governantes franceses, completamente ignorantes das fraternidades iniciáticas, não souberam tirar proveito dessa vantagem. Entretanto, muitos deles eram filiados a Lojas, espécies de postos eleitorais, que de maçônicas só têm o nome.”

Introduzido na Côrte da Rússia, Papus foi muito estimado pelos membros da família imperial. Cumularam-no de presentes; fizeram até editar uma tradução russa do seu magistral *Tratado Elementar de Ciência Oculta*<sup>3</sup>.

Por ocasião da sua primeira viagem ao país dos Tzares, Papus beneficiou-se da carta de recomendação seguinte, que em março de 1949 achei num pacote de velhos arquivos:

**Ministério**

*dos  
Assuntos Estrangeiros  
Gabinete do Ministro*

**República Francesa**

*Paris, em 26 de janeiro de 1901*

Senhor, esta carta ser-vos-á apresentada pelo Dr. Encausse, que viaja para a Rússia acompanhado do Conde Mouraviev, primo-irmão do extinto Ministro.

*M. Encausse propõe-se organizar na Rússia escolas de psicofisiologia e vos ficarei grato pela boa acolhida que lhe outorgardes. Dignai-vos também, na eventualidade, dar-lhe o apoio dos vossos bons ofícios na medida das vossas atribuições.*

*Recebei, Senhor, a certeza da minha consideração mais distinguida.*

**Pelo Ministro e por autorização**

*O Chefe do Gabinete  
ass.) DELAUDAUD*

**Aos Senhores Agentes Diplomáticos e  
Consulares da França na Rússia.**

\* \* \*

---

<sup>3</sup> Pervonotchalna Swedenia po oocultismou sotchinenie. In-octavo de 304 páginas.

O saudoso Maurice Paléologue, da Academia Francesa, que publicou suas memórias de Embaixador de França no País dos Tzares, relatou uma cena impressionante que se desenrolou diante de Nicolau II e da Tzarina. Papus (e não o Mestre Philippe, contrariamente ao que afirmaram certos autores) foi o evocador:

“A prática das ciências ocultas sempre esteve em voga entre os russos; desde Swedenborg e a Baronesa de Krudener, todos os espíritas e todos os iluminados, todos os magnetizadores e todos os adivinhos, todos os pontífices do esoterismo e da taumaturgia acharam, à beira do Neva, acolhida simpática.”

“No ano de 1901, o renovador do hermetismo francês, o mago Papus, que pelo seu verdadeiro nome chamava-se Dr. Encausse, tinha vindo a São Petersburgo, onde prontamente criou uma clientela fervorosa. Tornou-se a vê-lo lá, nos anos seguintes, durante a estada do seu grande amigo, o terapeuta Philippe de Lyon; o Imperador e a Imperatriz o honravam com toda sua confiança; sua última visita fora em 1906.”

“Ora, os jornais que nos chegaram recentemente de França, através dos países escandinavos, anunciam que Papus morreu em 25 de outubro (de 1916).”

“Confesso que a notícia não tinha fixado nem por um instante a minha atenção; mas ela consternou, dizem-me, as pessoas que outrora conheceram o “Mestre espiritual”<sup>2</sup>, como seus discípulos entusiastas o denominavam entre si<sup>3</sup>.”

“A Sra. R..., que é ao mesmo tempo uma adepta do espiritismo e uma devota de Rasputine, explica-me essa consternação por uma estranha profecia, que vale a pena deixar registrada: a morte de Papus não pressagiava nada menos do que a ruína próxima do tzarismo. E veremos como:

“No início de outubro de 1905, Papus foi chamado a São Petersburgo por alguns dos seus fiéis, altamente situados, que tinham grande precisão das suas luzes na crise temível que a Rússia, atravessava então. Os desastres da Manchúria tinham provocado, em todos os pontos do Império, perturbações revolucionárias, greves sangrentas, cenas de pilhagem, de massacre e de incêndio. O imperador vivia numa ansiedade perpétua, não podendo se resolver a escolher entre as opiniões contraditórias e apaixonadas com que sua família, seus ministros, seus dignitários, seus generais e a corte toda o perseguiram quotidianamente. Uns lhe

---

<sup>2</sup> M. Paléologue dá aqui, a Papus, o título que estava reservado a M. Philippe, o “Mestre espiritual” de Papus.

<sup>3</sup> Julgando não dever guardar a cortês reserva do autor da nota acima, acho necessário esclarecer que esse erro ao designar o evocador como “mestre espiritual” foi a causa de ficar atribuída ao M. Philippe tal evocação. (S.S.S.).

demonstravam que ele não tinha o direito de renunciar ao autocratismo ancestral e o exortavam a não fraquejar perante os rigores necessários de uma implacável reação; outros lhe suplicavam que cedesse às exigências dos tempos modernos e inaugurasse lealmente o regime constitucional.

“No dia mesmo em que Papus desembarcava em São Petersburgo, uma revolta espalhava o terror em Moscou, enquanto um sindicato misterioso proclamava a greve geral das estradas de ferro.

“O mago foi imediatamente chamado a Tsarkoie-Sélo. Após uma conversação rápida com o Imperador e a Imperatriz, organizou para o dia seguinte um grande ritual de encantação e necromancia. Além dos soberanos, apenas uma pessoa assistia a essa liturgia secreta, um jovem ajudante-de-campo de Sua Majestade, o capitão Mandhyka, que hoje é major-general e governador de Tiflis. Por uma condensação intensa de sua vontade, por uma exaltação prodigiosa do seu dinamismo fluídico, o “Mestre espiritual” conseguiu evocar o fantasma do muito piedoso Tzar Alexandre III: sinais indubitáveis atestaram a presença do espectro invisível.

“Apesar da angústia que lhe constrangia o coração, Nicolau II perguntou pausadamente a seu pai se devia ou não reagir contra a corrente de liberalismo que ameaçava arrastar a Rússia. O fantasma respondeu:

*Deves, custe o que custar, esmagar a Revolução que começa; porém ela renascerá um dia, e será tanto mais violenta quanto a repressão de hoje tenha sido rigorosa. Não importa! Coragem, meu filho! Não cesses de lutar!*

“Enquanto os soberanos meditavam com estupor essa predição acabrunhante, Papus afirmou que o seu poder mágico permitia-lhe conjurar a catástrofe predita, ma que a eficiência da sua conjuração cessaria logo que ele próprio não estivesse mais “no plano físico”. Em seguida, solenemente, executou os ritos conjuratórios.

“Ora, desde 25 de outubro último, o mago Papus não está mais “no plano físico”; a eficiência da sua conjuração está abolida. Portanto, a Revolução está próxima...

\* \* \*

“Após haver deixado Mme. R..., prossegue M. Maurice Paléologue, volto à Embaixada e abro a minha *Odisséia*, no XI canto, no episódio famoso da *Nékina*. Sob a influência do relato que acabei de ouvir, essa magnífica cena de humanidade

primitiva, essa fantasmagoria tenebrosa e bárbara me aparece tão natural, tão verdadeira como se ela tivesse se dado ontem. Vejo a Ulisses no país brumoso dos cimerianos, oferecendo o sacrifício aos mortos, cavando a terra com sua espada, fazendo libações de vinho e de leite, logo degolando à beira da fossa um bode preto. E a multidão das sombras surgindo do Érebo, precipita-se, para beber o sangue que corre. Mas o rei de Ítaca as repele violentamente; pois a única alma que ele anela ver aparecer é a da sua mãe, a venerável Anticléia, a fim de que lhe descubra o porvir por intermédio do adivinho Tirésias...E medito que, de Ulisses a Nicolau II, do adivinho Tirésias ao mago Papus, apenas decorreram trinta séculos!” (O *Desmoronamento do Tzarismo.*)

\* \* \*

No decorrer de uma conferência esotérica, Papus falou, sem dar o nome, do seu “Mestre espiritual”, não ocultando, pelo contrário, a admiração que tinha por ele... Houve avidez por conhecer a tal personagem e *a indiscrição de um Martinista russo revelou a sua identidade* <sup>4</sup>.

Duas damas russas da Corte, de passagem por Lyon, vieram consultar ao Mestre Philippe e fizeram logo os maiores elogios a respeito dele. O Grã-duque Wladimir travou então conhecimento com ele, em Lyon, e, de volta à Rússia, mandou-o chamar. M. Philippe aceitou o convite, chegando em 29 de dezembro de 1900. A partida teve lugar na estação do Leste onde, segundo me pormenorizou recentemente Emile Besson, “os Encausse, os Filliol, Gerard, Bardy e Sédir tinham vindo cumprimentar ao “Mestre”. Ele ficou aproximadamente dois meses na Rússia, onde ganhou a estima de todos aqueles que Dele se aproximaram e tiveram o privilégio de ouvi-lo.

Após sua partida para a França, foi ele objeto de comentários tão elogiosos que os soberanos quiseram conhecer a este “homem” que tinha feito e deixado semelhante impressão em todos. Por ocasião da viagem deles à França, fizeram-lhe saber pela Duquesa Militza que gostariam de palestrar com ele em Compiègne. O policial russo Manouilow, que estava em missão em Paris, a serviço da *Okhrana*, e que foi encarregado de “estabelecer contacto” com M. Philippe quando chegasse a

---

<sup>4</sup> Ver a pág. 31.

Compiègne, disse ulteriormente a M. Maurice Paléologue (que relata essas palavras no seu livro de memórias: *A Rússia dos Tzares Durante a Grande Guerra*) :

“Vi entrar um pacato gordalhão, com bigodão grosso, vestido de preto, com aparência modesta e séria, jeitão de instrutor endomingado; seu terno era tão comum quanto possível, mas de um impecável esmero. Só havia de notável nele os seus olhos: dois olhos azuis, semi-ocultos por pesadas pálpebras, mas que tinham por instantes um brilho e um doçura estranhas... Usava ao pescoço uma pequena sacola triangular de seda preta. Perguntei-lhe o que era. Desculpou-se por não poder me responder. Posteriormente, sempre o vi com esse “amuleto” no peito. Certa noite, estando sozinho com ele num carro-dormitório e dormindo ele profundamente, procurei tirar-lhe a sacolinha para ver o que tinha dentro; porém apenas o toquei e ele já despertava sobressaltado.”

Foi no palácio de Compiègne, em setembro de 1901, que M. Philippe foi introduzido junto ao Imperador Nicolau II e à Imperatriz Alexandra, informa Henri Rollin nessa obra notável (e naturalmente proibida pelos alemães durante a ocupação) que dedicou ao *Apocalypse do nosso tempo — Os lados secretos da propaganda alemã conforme documentos inéditos*. A apresentação de M. Philippe fez-se por intermédio da Grã-duquesa Militza, esposa do Grã-duque Pierre Nicolaievitch, e de sua irmã a Princesa Anastácia Romanowski, Duquesa de Leuchtenberg, esposa de Grã-duque Nicolau Nicolaievitch<sup>1</sup>.

Essa primeira entrevista foi concludente. Os soberanos pediram ao Mestre que consentisse em voltar à Rússia, onde uma casa foi preparada para ele em Tsarkoie-Sélo, residência imperial.

A influência de M. Philippe sobre os soberanos foi muito mais importante que a de Papus, o que é normal dados os poderes verdadeiramente extraordinários do Mestre. Muito rapidamente, M. Philippe teve sobre Nicolau II e sobre a Imperatriz uma ascendência tal que nenhuma decisão importante era tomada sem que tivesse sido previamente consultado. Tem-se propalado por diferentes vias que fôra graças à necromancia e às práticas espíritas que M. Philippe adquirira tal prestígio! Isso é um erro, pois o *Mestre era decididamente hostil a todas essas práticas*. Em 1902, numa época em que o chefe da polícia russa em Paris esforçava-se em desacreditar

---

<sup>1</sup> Tornei a achar nos arquivos de Papus uma nota manuscrita de M. Philippe, deste teor: “Respeitosa lembrança de gratidão a Sua Alteza Imperial o Grã-duque Nicolau pela grande honra feita a um homem simples com a visita de Mme... A nossa amiga M. Pouchkine levará um recado complementar de quem vos pede que o considereis como o vosso bem devotado servidor em N.S.J.C.”

o “curandeiro lionês” pela imprensa francesa, Papus, como fiel servidor do Mestre espiritual, publicou a retificação seguinte, no *l’Eclair*:

“Philippe é um homem admirável que nada é do que dele se diz. Ele nem magnetiza nem envulta; nem hipnotiza nem sugestiona. *Ele fala e todo o segredo do seu imenso poder está na sua palavra*<sup>2</sup>. M. Philippe viu o Tzar Nicolau, conversou com ele; o que vos posso afirmar é que não há nisso nem sortilégio, nem magia negra, nem espiritismo, nem práticas ocultas de espécie nenhuma, nem sequer magnetismo do mais anódino. E de fato é uma calúnia atroz escrever-se que ele interveio, não sei com que fins, junto à Imperatriz.”

O General Spiridovitch, antigo chefe da Segurança pessoal do Imperador confirmou, em 1928, o testemunho de Papus: o curandeiro era um homem “bom, muito piedoso e capaz de curar, pela prece, um grande número de doenças”. (Os últimos anos da Corte de Tsarkoie-Sélo.)

A ascendência de M. Philippe sobre os soberanos tornou-se ulteriormente ainda mais acentuada em consequência da realização de uma profecia que lhes tinha feito. Tratava-se do nascimento de um tzarévitch. Até então a Imperatriz tivera só filhas, para grande desespero de Nicolau II, que desejava a vinda de um herdeiro. Anteriormente, o Professor Shenk, de Viena, parteiro de fama, que tinha submetido a Imperatriz a um regime especial e muito *complicado* destinado a trazer o nascimento de um varão, fora contraditado pela Natureza. Por seu lado, o Padre Jean de Cronstadt, novamente chamado à Côte de Nicolau II, tampouco vira suas preces serem ouvidas. M. Philippe, consultado pelo casal imperial, afirmara que o primeiro nascimento a se dar seria o de, um varão. Foi o que se cumpriu em 1904, após um aborto em 1902 que o inimigo de M. Philippe procurou, porém inutilmente, utilizar para prejudicá-lo.

Durante sua permanência na Côte, M. Philippe obteve curas que causaram sensação, curas devidas, é claro, só à prece e não à farmacopéia. Finalmente, assombrou os médicos russos de maior nomeada, pela precisão e segurança dos seus diagnósticos.

Os soberanos faziam muita questão que Philippe se tornasse titular de diploma francês de doutor em Medicina. A esse respeito Henri Rollin brindou no seu *Apocalipse do nosso tempo* os pormenores seguintes, apoiados na interessante

---

<sup>2</sup> O grifo é do tradutor, S.S.S.

obra de Abel Combarieu: Sete anos nos Elisios com o Presidente Emile Loubet, publicado em 1932:

A impressão que PHILIPPE produzira sobre Nicolau II e a Imperatriz desde o seu primeiro encontro fora tal que o convidaram a vir a Tsarkoie-Sélo. Era coisa delicada acolhê-lo lá sem que estivesse provido de um título de médico. O Tzar, em Compiégne mesmo, pediu com insistência a M. Delcassé que o governo francês concedesse a M. Philippe o diploma de médico. Esse pedido insólito só podia indispor os nossos dirigentes com M. Philippe. Evidentemente não podiam prever que ele seria substituído por Rasputine e que a nossa diplomacia teria que lamentar tanto a influência exercida sobre o casal imperial pelo *staretz* (Rasputine). Viram, pois, no curandeiro lionês, um aventureiro ao qual podiam temer se tornasse inconveniente. Em todo caso seu credito na Corte punha desde o início, a nossa burocracia face a questões embaraçosas.

"Em 10 de novembro o Ministro dos Assuntos Estrangeiros, M. Delcassé, viu-se obrigado a vir comunicar ao Presidente da República. O pedido que o Imperador da Rússia lhe fizera em Compiégne. Desejoso de atender a tal pedido, o Sr. Delcassé consultara o Ministro da Instrução Pública, M. Leygues, assim como a M. Liard. A resposta fora categórica. As leis e regulamentos se opunham a essa pretensão ilegal e insustentável. Bem sabiam, nos Elísios, que em Compiégne o Tzar havia tido um *tête-a-tête* (a sós) com M. Philippe, boa parte da noitada deixada livre na programação dos festejos. Porém perguntavam-se que interesse podia ter por essa "triste personagem", por esse "grosseiro magnetizador", por esse "charlatão", para empregar as expressões do Secretário Geral da Presidência. Aconselharam a M. Delcassé que se dirigisse ao prefeito do Ródano a fim de que colhesse informações sobre M. Philippe e sugerisse alguma solução elegante.

"Entretanto, o Grã-duque Pierre veio novamente e sempre com insistência lembrava o Presidente Loubet à solicitação do imperador. Não teve mais êxito, e, poucos dias após, souberam nos Elisios que o Tzar, sem mais esperar, nomeara aquele "magnetizador" médico do exército russo e conselheiro de Estado com grau de general".

Achei um artigo muito documentado dedicado a Philippe o Bruxo Lionês, pelo Sr. Louis Peltier, no Gil Blas de sexta-feira 25 de novembro de 1904. Trata-se de uma entrevista solicitada pelo autor, com Papus, a respeito de M. Philippe. Nessa

entrevista e em resposta á pergunta a baixo citada, Papus aponta as funções oficiais do Mestre na Rússia:

— *Se não me engano ele é, dizem general Russo? (Louis Peltier dixit.)*

— *Efetivamente. Sabeis que na Rússia as funções públicas têm assimilação militar. Não podendo obter seus graus médicos na França, M. Philippe os conquistou na Rússia, e não como foi dito, pela vontade do Tzar, cujo poder não vai até fazer um médico, mas submetendo-se a exames. E, por falar nisso, deu-se um incidente curioso. Ele tinha, como Último exame, que estabelecer um diagnóstico no caso de seis doentes num hospital. Não somente o estabeleceu como curou os seis doentes.*

*Foi ele, ainda, quem predisse à Tzarina que seu, seu ultimo filho seria homem. Finalmente, o Tzar o honra com particular amizade. Quando de sua Última visita à França, o soberano fez com ele, na floresta de Compiégne, e para pasmo geral do protocolo, um passeio a s6s eu durou duas horas. Voltando ao tema do grau de M. Philippe, ele é, na Rússia, presidente de uma Comissão de Inspeção Sanitária, função essa acumulada com o grau de general.*

*Queira observar; prosseguiu Papus, que Philippe viaja sempre às suas próprias expensas. Pelo seu casamento com uma pessoa por ele curada, possui certa fortuna e, se aceita às vezes uma oferenda daqueles que cura, é para transmiti-la imediatamente a outros menos afortunados.*

— *E seu poder limita-se a essa, estranha faculdade de Curar?*

— *Não, vai bem mais longe. M. Philippe possui influência sobre a própria Natureza. Assim, disse-me, a mim, que faria cair um raio num lugar determinado e o raio lá caiu!*

Assim falou Papus. É evidente que ninguém pode permitir-se delimitar as forças da natureza, nem nas suas fontes nem nas suas manifestações. Porém, apesar disso, saí dessa entrevista com expressão de maravilhado no rosto!”

Esse esclarecimento relativo ao grau de “general” do Maître Philippe na Rússia era necessário.

Esse relato é uma prova, entre outras, da estima e da confiança que os Soberanos tinham em M. Philippe. Mas, na Rússia como na França, não era o caso de toda gente. Os curiosos, os ignorantes, as “grandes mentalidades” e os políticos se agitavam. Foi até possível ler-se no jornal da oposição *Osvobojdenié*, publicado

em Stuttgart, um artigo contra M. Philippe e a Corte, no qual se dizia, entre outras cousas, isto:

“O fato é inegável: Nicolau, para as cousas concernentes à sua família como para as relativas à política externa e administração interna, não toma nenhuma decisão sem ter previamente consultado ao Sr. Philippe! Que pensar de um regime que confia sem controle os destinos da Rússia ao primeiro charlatão que aparece!”

“O assunto Philippe, pretendia em 1 de junho de 1902 o redator de *Osvobojdenie*, provocou a risada da Europa!”

Outros jornais deram notas no estrangeiro sobre o “caso Philippe”. Entre eles a *Stampa*, de Milão, publicou em 28 de novembro de 1902 um artigo notável pela documentação e pela imparcialidade. Esse longo artigo fez bastante barulho... Ele foi assinalado especialmente a *Papus* por um martinista italiano cuja carta achei nos papéis de meu pai.

Como tão acertadamente assinalou Gabriel Gobron no seu livro sobre *Rasputine e a Orgia Russa*, “a Igreja russa não via sem desprazer a Corte imperial se rodear de fazedores de milagres. O próprio *Rasputine*, logo que teve acesso a *Tsarkoie-Sélo*, dificilmente suportou a intrusão de outros “homens prodigiosos”. Por isso a maioria dos russos considerara a todos esses conselheiros da *Tzarina* e a esses salvadores do Grã-duque herdeiro, como um bando de aventureiros, de charlatães, de impostores sem fé nem lei. Contém odiosas mentiras sobre *Papus* e sobre Philippe, a quem aprendemos a conhecer melhor”.

Esse belo depoimento em favor de *papus* e de M. Philippe honra a Gabriel Gobron, cuja recente morte será dolorosamente sentida por numerosos espiritualistas. Consigno aqui que quando tive conhecimento do livro do Sr. Rodzianko: *O Reino de Rasputine*, escrevi ao herdeiro do ex presidente da Duma do Império para protestar energicamente contra essas calúnias. O Sr. Rodzianko filho comprometeu-se por escrito (carta com data de 30 de setembro de 1930) a atender, nas novas edições, o meu pedido de serem suprimidos os trechos incriminados.

\* \* \*

Voltemos, porém, à Corte imperial e ao prestígio de M. Philippe. No seu *Apocalipse do nosso tempo*, Henri Rollin esforçou-se por achar uma explicação racional para esse prestígio, para essa influência:

O aspecto de Philippe era singelo e jovial, testa descoberta, olhos azuis, tez fresca, forte bigode caído, ombros quadrados, uma corpulência bastante forte.

*Não obstante, todos aqueles que com ele tratavam concordavam em reconhecer-lhe surpreendente autoridade. A um olhar impressionante de extraordinária doçura, unia uma penetração rara. O som da sua voz, a bondade firme do seu sorriso, “reflexo de secretas luzes”, a natureza dos seus dizeres, o envolvimento dos seus gestos mais simples, numa palavra o seu encanto irresistível, punham os seus interlocutores à sua mercê. Ninguém melhor que ele sabia convencer, consolar, vestir o futuro das esperanças mais tranqüilizadoras. Era, no supremo grau, um persuasivo, servido por maravilhosas faculdades psíquicas, um fascinador capaz de impor às naturezas fracas, às vontades vacilantes, as mais severas disciplinas, os soerguimentos mais enérgicos; era um ser excepcional cuja autoridade era feita de doçura, de bondade, e também de uma faculdade surpreendente, conforme o Sr. Schervaeel, a de “coordenar imperceptíveis causalidades para tirar delas conclusões lógicas”, aspecto no qual se parecia com Papus, cuja intuição podia confundir-se com a própria clarividência.*

*Mais ainda que a de Papus, a influência de M. Philippe sobre Nicolau II e a Imperatriz Alexandra explica-se perfeitamente. Ele domina com o seu poder de sugestão a esse autocrata que não se atreve a enfrentar os seus ministros e a essa infeliz mulher mais ameaçada pelas intrigas da Corte que pelos complôs dos revolucionários, a essa imperatriz que não pode afirmar a continuidade da dinastia, que conhece a fraqueza do seu esposo embora se sentindo impotente para lhe inspirar a energia de que ela compreende a imperiosa, a trágica necessidade.*

*Esmagado pelo seu poder e pela solidão, o Tzar sente inconscientemente que, se é ungido do Senhor, contudo a chispa divina não vem esclarecer o seu pensamento nas circunstâncias graves e, sob o efeito de uma dúvida, quiçá inconfessa, procura um intermediário entre Deus e ele. Não é também o chefe da Igreja Ortodoxa, logo, não está acima do sacerdote? É lhe preciso outro intermediário, excepcional este, alheio às intrigas da Corte, falando linguagem diferente da de toda essa entourage servil, pronta a todas as traições. Daí a ascendência de um Philippe, de um Rasputine, um e outro fascinadores é verdade, porém também homens simples, de bom senso, que a majestade imperial não paralisa e dos quais, um Rasputine, não obstante tudo quanto dele foi dito, fez ouvir*

*ao Tzar a verdadeira voz do mujique tal como ele é, e não como o representam funcionários e intelectuais que pretendem expressar o seu pensamento.*

\* \* \*

Entre os numerosos adversários russos de M. Philippe e de Papus, convém citar muito particularmente ao chamado Ratchkovski, chefe da polícia russa no estrangeiro e cujo posto de comando se achava na própria Paris. É que, numa serie de artigos publicados por um tal NIET, no *Echo de Paris*, poucas semanas após a estada de Nicolau II em Compiègne, podia-se achar revelações das mais inquietantes, não somente sobre o império dos tzares em geral, mas também sobre a polícia russa em particular. A ação nefasta do chefe da polícia russa no estrangeiro também era lá denunciada! “NIET” propunha-se a tornar pública a ação, na própria Rússia, dos agentes de um *grande sindicato financeiro internacional*, tendo uma meta tríplice e bem definida: *Enfraquecer a França – Enfraquecer a Rússia – Separar a Rússia da França*. “NIET” queria, de alguma forma, arruinar a influência perniciosa desses agentes, denunciando-os publicamente.

O primeiro artigo saiu em 24 de outubro de 1901. O *Echo de Paris* publicou-o encabeçado com a nota seguinte:

“Começamos hoje o primeiro artigo de uma investigação profunda que acaba de levar a efeito uma alta personagem autorizada pela sua situação a penetrar nos mais íntimos segredos dos nossos aliados.”

“Essa investigação, realizada com total imparcialidade, sem ódio nem violência, nem complacência, fará conhecer por observações diretas as molas ocultas do imenso império russo. Os nossos leitores irão viver, de certa forma, ora nos gabinetes da administração, ora no mecanismo complicado da polícia, ora na Corte, até na “roda” do imperador. Verão, assim, nos seus defeitos e nas suas qualidades, a verdadeira Rússia atual, sobre a qual não possuíamos senão vagos bosquejos, apesar de todo o interesse que temos em conhecer a verdade.”

Para “NIET”, era somente nos labirintos do palácio que uma revolução podia ser intentada na Rússia... Os camponeses só se levantariam quando vissem em torno deles o poderio imperial destruído. *Enquanto ele subsistir, integral e prestigioso, eles não se mexerão*, afirmava “NIET”. Ele se propunha revelar a ação nefasta no Estado-Maior, nas finanças, na polícia, na administração do sindicato internacional por ele denunciado. “Nicolau II ignora tudo isso, mantido em perpétua

ilusão por conselheiros que vivem pertinho dele. *Sem que ele saiba ainda porque, os seus mais generosos projetos são reduzidos a zero pelas maquinações do seu Ministro das Finanças e do seu Estado-Maior. É pois uma boa obra que presta à nossa aliada, a Rússia, o serviço de lhe assinalar a traição que se efetua, na sua casa, contra a nossa aliança e contra a sua própria prosperidade.*”

O Ministro das Finanças Witté, particularmente visado pelas corajosas críticas de “NIET”, esforçou-se por furar o mistério da sua identidade. Os agentes russos em Paris puseram-se em atividade. Por outra parte, M. Delcassé, então Ministro dos Assuntos Estrangeiros, encarregou a um dos seus informantes, m. Hansen, de descobrir a real identidade de M. “NIET”. M. Hansen chegou rapidamente à convicção de que o tal NIET NÃO ERA OUTRO SENÃO O PRÓPRIO MAGO PAPUS! Ele recebeu posteriormente a soma de 12.000 francos<sup>5</sup>, enviada pelo Ministro das Finanças russo a seu representante em Paris “para cobrir as despesas com os serviços prestados aos interesses russos na imprensa francesa.”

Os artigos de “NIET” foram reunidos e publicados em um volume sob o mesmo título de A Rússia de hoje (in-octavo de 310 páginas, editado por Felix Juven, 122, rue Réaumur, Paris)<sup>6</sup>. Sobre a página de rosto do exemplar do autor que tenho em meu poder figura a seguinte nota manuscrita de Papus:

Este volume foi primeiramente publicado em artigos avulsos no “Echo de Paris”.

Ele é obra:

*1.º De Papus, quanto à documentação.*

*2.º De Jean Carrère, quanto à redação.*

*3.º Da Sra. Jean Carrère quanto ao contrato e venda do volume.*

A edição foi comprada pelo Japão antes da guerra russo-japonesa. Tornou-se muito raro.

Como aponta Henri Rollin, que consagrou importante lugar a “NIET” no seu livro já citado, “Ratchkovski não era homem para ficar nisso. Pelo fato da personalidade de Papus, da influência que exercia com m. Philippe sobre o

---

<sup>5</sup> Soma importante em 1902, quando o franco ainda não tinha sido...desvalorizado, por razões meridianas!

<sup>6</sup> Eis o índice da obra: O Sindicato anglo-alemão...1- O Estado-Maior...13 – O imperador Nicolau II...35 – Os grã-duques...58 – A polícia russa na Rússia...76 – A polícia russa em Paris...94 – o Tzar e o Trnsvaal...110 – A administração...139 – Os Ministérios...157 – A Universidade...169 –A Imprensa...186 – A sociedade russa...200 – As seitas religiosas... 218 – O correio...233 – Japão e Rússia...249 – A revolução possível...260 – A contra-revolução... 270 – A Rússia de hoje... 282 – Epílogo... 299 a 309.

imperador e a imperatriz, assim como sobre a mais íntima *entourage* deles, o caso revestia-se de excepcional gravidade. Era de se temer que todas as revelações de “NIET”, e sem dúvida mais algumas ainda, chegassem um dia aos ouvidos do Tzar. Se certas personalidades visadas pelas revelações de “NIET” contavam com o gênio policial de Ratchkovski para livrá-las do “histrião” inconveniente que ele acabava de desmascarar, o chefe da polícia secreta no estrangeiro não estava menos desejoso de liquidar com Papus e Philippe.”

Relatórios parciais, denúncias falsas, calúnias de toda sorte sucederam-se contra Papus e contra seu mestre. M. Philippe era aliás ainda mais vilmente atacado que Papus por ter mais influência que ele sobre os soberanos. Ao receber um último expediente especialmente odioso contra M.Philippe, Nicolau II mandou vir o Mestre, mostrou-lhe o informe e perguntou-lhe o que pensava daquilo. “Senhor, respondeu M. Philippe, se Vossa Majestade tem a menor dúvida, fico com o prontuário, deposito-o nas mãos da justiça e peço a prova de tudo quanto contém.” O Tzar respondeu então sorridente: “Que podemos fazer, é pura maldade! Se eu tivesse acreditado numa só palavra, nos Vos teria convocado!”

Pouco depois, Nicolau II retirou sua confiança ao... próprio denunciante, o pérfido Ratchkovski, que teve de cessar suas funções de chefe da polícia russa no estrangeiro e voltar para a Rússia. Foi essa mais uma prova da estima e da amizade com que o Tzar honrava a M. Philippe (Ratchkovski foi definitivamente afastado em 13 de julho de 1903 e morreu em 1910).

M.Philippe voltou para a França, onde todos os seus, seus amigos, discípulos, protegidos e doentes esperavam impacientemente seu regresso. Os soberanos tinham-lhe obsequiado um soberbo automóvel, suntuoso presente naquela época.

No artigo já citado, *Esboço segundo a natureza*, dedicado a *Philippe de Lyon* por Pierre Mille no *Le Temps* de 21 de novembro de 1904, trata-se, entre outros temas, desse famoso automóvel dado a M. Philippe pelo Tzar. Pierre Mille relata a seguinte entrevista de um amigo lionês:

“—...O Tzar nomeou a M. Philippe inspetor dos serviços sanitários dos portos. Essas funções dão o título de médico e nos “galões” de general.

Nesse momento, aponta Pierre Mille, devo confessá-lo, não pude deixar de pronunciar algumas palavras abespinhadas. Declarei que era só nas *Mil e Uma Noites* que os carregadores se tornavam subitamente grão-vizires e que, tendo acabado de sair o último volume da tradução Mardrus, era tarde demais para

acrescentar interpolações. Meu amigo deixou-me falar, continuando logo placidamente:

— Tendes liberdade para me não acreditardes, mas há um fato seguro: é que o soberano de quem vos falo deu um automóvel, um Serpollet magnífico, a M. Philippe em agradecimento pelos seus serviços. Podeis vê-lo. Está lá no Christy, na garagem dos automóveis.

Ainda fiquei incrédulo. Contudo, corri para o Christy. E menti. É muito feio: apresentei-me como um rico armador desejoso de comprar um automóvel usado. Mostraram-me diversos. Mas eu sou um chofer muito exigente. Mostrava-me insatisfeito. Finalmente, perguntei:

— Mas há também o carro de M. Philippe. Gostaria de vê-lo.

— Infelizmente já não está aqui, replicou-me o mecânico. Ele o levou para casa, no campo. Mas não poderia servir para o senhor.

— E por que razão? – indaguei.

— É extraordinário demais, senhor, é excepcionalmente luxuoso, senhor: é um landô presidencial!”

\* \* \*

Contrariamente ao que certos espíritos “do contra” ou mal informados pretenderam, nem Papus, nem M.Philippe foram nunca objeto de decreto de expulsão. É o que confirma, aliás, Henri Rollin, cuja documentação sobre a Rússia dos Tzares é das mais completas.

“Essa lenda, escreveu, vale aquela que apresentava a M. Philippe como se entregando perante o casal imperial a encantações ou à evocação os espíritos.”

No que diz respeito a M. Philippe e os ataques diversos de que foi objeto na própria Rússia, informa Henri Rollin:

“Durante suas estadas na Rússia, seja em casa do Grã-duque Pierre Nicolaievitch, seja em Tsarkoie-Sélo, Philippe não privava com ninguém além da *entourage* imediata dos seus hóspedes, e semelhante mistério, de acordo com o General Spiridovitch, deixava muito intrigada a toda a alta roda de São Petersburgo. À falta de solução real para o mistério e não querendo tudo ignorar, inventaram mexerico atrás do mexerico, fábula atrás de fábula, levados e trazidos com alegria pelos inimigos da Imperatriz e Deus sabe quão grande era o número dos que a

detestavam pela sua simplicidade, por aquela aparência altiva, aquela frieza, aquele mutismo, que nada mais eram senão as manifestações de invencível timidez, acentuada pelas suas angústias de mãe e de esposa.

“Sob a pressão da Igreja Ortodoxa e em particular do confessor da Imperatriz, Monsenhor Théophane, o mesmo que iria introduzir



**M. Philippe**



**O túmulo do MESTRE e dos seus, no cemitério de Loyasse**  
(fotografias de Philippe Encausse em março de 1954)



**Jean CHAPAS**

(1863-1932)

Rasputin na Corte, o casal imperial renunciou a fazer voltar Philippe ao palácio, após a segunda viagem que fez à Rússia em 1902.”

De volta à França, o Mestre trocou, até à morte (em 1905), correspondência freqüente com as notabilidades russas. A esse respeito, J. Bricaud relata que teve em mãos e que possuía “documentos muito curiosos”; ora era de Tsarkoie-Sélo, o Coronel K..., da Casa imperial, pedindo a M. Philippe que lhe indicasse como romper a mancebia de um dos seus officas cuja conduta era o desespero da mãe; ou com que preces deter uma epidemia de difteria que dizimava a população de uma de suas terras. Ora outro oficial que, de Petrogrado, implorava preces pelo seu intendente tuberculoso, pela mulher operada de um de seus amigos, pelo seu chefe de Estado-maior vítima de perigosa bronquite. De Peterhof, o Grã-duque Nicolau e a Grã-duquesa de Leuchtenberg pediam a sua intervenção espiritual nos casos graves que interessavam a eles ou a algum membro das suas famílias. Mantinham-no informado do estado dos doentes, dos quais lhe mandavam a descrição e uma madeixa de cabelo. E M. Philippe respondia a todos os pedidos.

Ele estava igualmente em contacto com o próprio Tzar e a Imperatriz e isso, para grande inquietação das autoridades francesas! Suspeitavam tanto mais dele porque, além da sua coleção de fotografias, com dedicatórias, de diversos soberanos, entre os quais naturalmente as do Tzar e da Tzarina, tão felizes por terem tido um filho, como ele prometera; possuía também uma carta de audiência assinada: *Wilhelm, Kaiser*. A sua correspondência era violada; seus telegramas eram comunicados à autoridade administrativa; mensagens cifradas sucediam a

mensagens cifradas; era vigiado na mais mínima das suas excursões ou viagens; a encarregada de um ponto de venda de cigarros e fumo<sup>7</sup> tinha por missão informar à polícia sobre os visitantes dele, tão numerosos! A Prefeitura do Ródano mandava tirar cópia das cartas que recebia; uma carta na qual o soberano solicitava a M. Philippe os conselhos que Deus lhe inspirava, bem como a resposta do Mestre a tal pedido, fora também violada! Tal espionagem perpétua, indigna dele, indigna da sua sinceridade, da sua lealdade e do seu amor pela França, era odioso para M. Philippe, que ficou muito afetado com isso. Compreende-se – alguns dizem que isso apressou o seu fim.

Embora não tivesse voltado à Rússia, o Mestre conservou além-túmulo tal ascendência sobre os soberanos que em plena guerra, ao aproximar-se a catástrofe, a Tzarina escrevia a Nicolau II: “*Lembra-te que o próprio Philippe* dizia que não se pode conceder a Constituição, pois seria tua perda, e a da Rússia.” ( Era na época em que certos Grã-duques pressionavam o Tzar para que recorresse à monarquia constitucional.)

“Todos esses ministros que brigam entre si, quando em semelhante momento todos deveriam trabalhar em equipe, esquecer seus ressentimentos pessoais e terem por meta apenas o bem do seu Imperador e do seu país, isso me dá raiva, escrevia também a Imperatriz em 10 de junho de 1915. É simplesmente uma traição, pois o povo sabe tudo isso. Se pelo menos pudesses ser severo, meu querido, é tão necessário!”

“Às vezes uma palavra suave cala fundo, mas num período como o que atravessamos, é necessário que a tua voz faça ouvir, altamente, censuras, quando eles continuam a não obedecer tuas ordens ou são lentos em executá-las. Eles devem aprender a tremer diante de ti. *Lembra-te de M. Philippe*. Grégory<sup>(1)</sup> diz a mesma coisa.”

Em outra carta, também escrita em 1915, dizia ela:

“Grégory sempre disse e *M. Phillippe também o dizia*: eu poderia te prevenir a tempo se eu estivesse a par dos assuntos.”

É a respeito desta carta que Henri Rollin conclui a justo título:

---

<sup>7</sup>Na França o fumo e derivados são monopólio do Estado e uma concessão de venda representa... um cartório no Brasil. (S.S.S.)

<sup>(1)</sup> Tratava-se de Rasputine. ( Ph. E.)

“Se M. Philippe lhe tinha aconselhado desempenhar esse papel de anjo da guarda que foi sua constante preocupação, é que o taumaturgo lionês julgara pelo seu justo valor os meios dirigentes russos e compartilhara da opinião de seu amigo Papus sobre os perigos das intrigas ou dos egoísmos de uns, da incapacidade de outros, que ameaçavam o trono da Rússia e, por contragolpe, a França aliada.”

\* \* \*

Papus (como M. Philippe, aliás) contribuiu em toda a medida dos seus meios para servir à propaganda francesa junto aos soberanos e o conseguiu.

Lembro-me perfeitamente dessa observação de Papus, poucos dias antes da sua morte, em 1916, quando tomou conhecimento das notícias da Rússia. Disse, dirigindo-se à minha mãe, na minha presença: “*Felizmente estou certo da fidelidade do Tzar à nossa aliança. M. Philippe e eu fizemos bom trabalho por lá.*”<sup>(2)</sup>

É lamentável que se tenha negado, nas altas esferas da França, a tomar em consideração, apesar de que bem o merecia, a ação exercida na Rússia pelo Grão-mestre da Ordem Martinista e por “Monsieur Philippe”.

“Os esforços conjugados da igreja russa, da corte e da diplomacia francesa terminaram por obter a partida de M. Philippe. O casa imperial resignou-se a isso bem a contragosto.”

“Mas já havia em alguma parte, na sombra, uma personagem que vigiava a hora de tomar o lugar de M. Philippe na Corte de São Petersburgo: o sinistro *staretz* Rasputine”, escreveu Victor-Emile Michelet.

E, com efeito, o drama todo está lá. O sucessor de M. Philippe e de Papus foi apenas Grégory Rasputine, esse camponês siberiano analfabeto (nascido em 1872 em Pokrovskoie e cujo verdadeiro nome era Efimovitch), do qual os alemães, mais espertos que os governantes franceses com relação a Papus e M. Philippe, apressaram-se em fazer uma ferramenta sua, até à revelia dele, em parte?

*L’Eclair*, de Montpellier, publicou em 31 de outubro de 1939 um artiguinho assinado “O prisioneiro do Castillet”, onde seu autor anônimo deixa entender que Papus, tendo estado em estreita relação com as Lojas alemãs, bem poderia ter preparado a revolução russa por conta da Alemanha! — O “Prisioneiro do Castillet”

---

<sup>(2)</sup> “ O impulso dado pelo Mestre Philippe, o Dr. Papus e a Loja Martinista da Corte foi, como já disse, a principal razão pela qual o Tzar ficou, em meio a todas as intrigas e a todas as influências perniciosas, sempre fiel à França e à aliança franco-russa.” (J. Bricaud, *Lê Maître Philippe*, Chacornac, editor, 1926.)

teria tido melhor inspiração se estudasse o caso Rasputine em lugar de falar em Papus.

Foi em 1906 que o partido aristocrata conseguiu, após um intriga que fez afastar a Heliodoro da Corte, introduzir junto à Tzarina o perigoso Rasputine... Após diversas alternativas, ele conquistou uma ascendência cada vez mais acentuada sobre Nicolau II e especialmente sobre a Tzarina, sempre tão inquieta pela saúde do seu filho (que sofria de hemofilia). É um fato que por diversas ocasiões a intervenção de Rasputine coincidiu nitidamente com uma melhoria do estado de saúde do jovem Tzarevitch...

Esse domínio de um aventureiro tinha sido aliás pressentido de longa data por Papus como certificam as seguintes as seguintes memórias publicadas por P. Corneille sob o título de “Analogia” no *Lé Mellois* de 13 de março de 1943:

“As revoluções, quaisquer que sejam os países em que se produzam, tem sempre a mesma origem: transformação progressiva, inelutável das condições sociais e incapacidade do poder de realizar, ele próprio, a transformação... O exemplo da França de 1789 não aproveitou à Rússia. Os acontecimentos se desenrolaram em São Petersburgo como entre nós, pelas mesmas causas, com a mesma implacável fatalidade. Circunstâncias especiais fizeram com que eu tivesse informações de primeira mão sobre certos fatos que foram a causa, senão profunda, pelo menos determinante do desastre moscovita. Eu estava muito particularmente ligado a um homem que foi, no seu tempo, uma celebridade, direi até “uma luz”, nos meios do ocultismo, se tais meios não tivessem por característica uma atmosfera de trevas: era o Dr. Encausse. Suas numerosas obras, publicadas sob o pseudônimo de Papus, tinham sido lidas em Tsarkoie-Sélo onde, como se sabe, o espiritismo e a magia estavam muito em voga. Encausse, que então era meu vizinho, chegou em casa para me comunicar sua boa fortuna: era chamado à Corte de Rússia! Devia ficar lá seis meses. Quando regressou, achei-o um homem cujas idéias estavam profundamente modificadas. Apesar do seu entusiasmo pela magia mais ou menos modernizada, o Dr. Encausse estava longe de ser imbecil. Gostara do estudo de certos fenômenos naturais dos quais a ciência não desvendou ainda completamente o segredo e que conheceremos num dia sem dúvida próximo, como já conhecemos o das *ondas*, porém ele nunca teria imaginado, antes de ser espectador direto, que na corte de um monarca absoluto tendo nas mãos o destino e 150.000.000 de homens, submetiam-se ao *espírito(?)* de um banquinho para resolver as mais graves

questões da política e da administração. Era, contudo assim que as coisas se passavam lá. Apavorado com as loucuras que presenciara, Encausse, senão mago, pelo menos ótimo profeta, declarou-me:

“Essa gente está louca: estão à mercê do primeiro canalha que souber bajular a sua mania; escorregam para o abismo. E Rasputine chegou...”

Papus e Rasputine não se simpatizavam absolutamente, pelo contrário! Por diversas vezes, Papus procurara desmascarar o perigoso *staretz* aos olhos dos soberanos. O Embaixador de França, M. Paléologue, informa nas suas recordações, com data de 28 de janeiro de 1917:

“Mme. T..., que esteve entre as fiéis de Rasputine e que se entrega às ciências ocultas, falou-me das relações existentes, desde 1900, entre os soberanos russos e o célebre mago francês Papus; eu anotei, em novembro recente, neste diário, uma sessão de necromancia presidida por esse taumaturgo, em 1905, em Tsarkoie-Sélo. — Desde uns dez anos, disse-me a Sra. T..., Papus não esteve mais na Rússia; mas continua em correspondência com as Majestades. Ele procurou por diversas vezes lhes demonstrar que a influência de Rasputine era-lhes funesta porque provinha do diabo... Por isso o Padre Grégory detestava a Papus e, quando as Majestades lhe falavam nele, estourava violentamente:

**“Por que o ouvis, a esse mistificador? E por que se mete? Se não fosse um intrigante, teria trabalho suficiente com todos os ímpios e todos os fariseus que o rodeiam. Em parte alguma, há tantos pecados como lá, no Oeste; em parte alguma, Jesus crucificado sofre tantos ultrajes... Quantas vezes vo-lo disse! Tudo que vem das Europas e criminoso e pernicioso...”**

“Mme, T..., garantiu-me ainda ter visto, em mãos da Srta. Golivine, a favorita do *staretz* uma carta que a imperatriz recebera de Papus, há uns quinze meses e que termina assim:

“Do ponto de vista cabalístico, Rasputine é um vaso semelhante à caixa de Pandora e que encerra todo os vícios, todos os crimes, todas as manchas do povo russo. Quebre-se por acaso esse vaso e ver-se-á seu espantoso conteúdo expandir-se logo sobre a Rússia...”

“A Imperatriz lera essa carta a Rasputine, que lhe respondeu simplesmente: “Mas isso também eu tenho dito muitas vezes. Quando eu morrer a Rússia perecerá.”

Rasputine não estava aliás desprovido de certos dons graças aos quais obteve resultados indiscutíveis. Papus mesmo, que tivera ocasião de conhecê-lo, afirmava que era “um grande médium”. É contudo verossímil que tenha sido mais que um médium, mesmo “grande”. Rasputine *comandava* certamente e diretamente as forças astrais mais ou menos nocivas, mais ou menos “negras”, embora eficientes...



*Philippe qui, quinze ans avant Rasputine, fut le maître de toutes les Princes, et qui aurait pu rendre à la France des services immenses s'il n'eût été enlevé par la bêtise du gouvernement français Talos, ne fut certainement pas un personnage ordinaire. Je ne l'ai pas connu, mais j'ai eu l'occasion personnelle de constater l'action de ses incroyables pouvoirs.*

*Victor-Frédéric Michélet*

*23 octobre 1930*

Achei ainda<sup>(1)</sup>, num lote de documentos oriundos da biblioteca de Papus, saqueada em 1942 pela Gestapo dos ocupantes germânicos, e “recuperado” ulteriormente, um texto manuscrito tendo por título “O Mestre desconhecido” e que tratava da ação de M. Philippe na Rússia... Sem dúvida essas linhas, escritas em 1904, terão a atenção dos leitores interessados em completar a sua documentação sobre o mestre espiritual de Papus.

## EM PLENO MISTICISMO O MESTRE DESCONHECIDO

“Procurei fazer ver que, junto ao Tzar, no pequeno mundo que o rodeia, formando um total contraste com os Grã-duques cujos atos vergonhosos e cruéis têm indignado a Europa, se acham algumas suaves e simpáticas figuras de jovens príncipes do sangue, desconhecidos ainda do público, pois sua vida é discreta e silenciosa. Assinalei, entre outros, a Grã-duquesa Maria ou “Militza”, e seu marido o Grã-duque Pedro. Ambos são “místicos”, sinceros como a maior parte dos eslavos.

Efetivamente, para compreender alguma coisa dos levantes que agitam neste momento o Império Russo, e para ver um pouco claro na história da Rússia, não se deve esquecer nunca que o misticismo é o fundamento mesmo da alma moscovita.

<sup>(1)</sup> Março de 1954. (Ph. E.)

São *popes* que dirigem as sublevações; são os membros do Santo Sínodo que se tornam conselheiros do governo. Todos são místicos, desde o Tzar até o último mujique, desde Tolstoi até o mais ardente do niilistas. O Tzar, esse soberano enigmático e fatalista, esse é um místico no supremo grau.

“Quando o Senhor quiser me chamar a si, diz ele às vezes, seja até pela mão dos assassinos, abençoaria a sua Divina Vontade.”

Quantas vezes, à noite, no fim desses longos dias dos quais cada minuto foi dedicado ao Estado, o Tzar, de volta aos seus apartamentos privados, dá curso ao impulso piedoso da sua alma e, prosternado, ora em soluços ante os Santos Ícones... Essa prece ardente, misturada às lágrimas, pela qual o Senhor de milhões de homens suplica ao Cristo que o assista no seu penoso labor, é um dos assombros da Imperatriz que, nascida protestante, não pode compreender esses enlevos do misticismo ortodoxo.

Entre as tendências místicas que se manifestaram de tempos em tempos na Corte da Rússia e que teriam podido trazer felizes conseqüências para o Império e o Imperador, há um particularmente curiosa, apenas conhecida na Rússia, quase ignorada na Europa: é a ação de um homem misterioso, voluntariamente modesto, a quem chamam de “O Mestre desconhecido”.

Há três anos, no momento da viagem do Tzar e da Tzarina à França, quando da sua breve estada em Compiègne, no tempo do ministério Waldeck-Rousseau, houve uma tarde de descanso durante a qual os convidados ficaram no castelo. O Imperador e a Imperatriz, oficialmente, deviam fazer um passeio pelo imenso parque, sem séquito, sem escolta, sob a vigilância de reduzidíssimo número de policiais.

Na realidade, durante tal passeio o Tzar recebia, num recanto do parque, a uma personagem cujas roupas quase plebéias e cuja singeleza devem ter pasmado grandemente aos funcionários encarregados de introduzi-lo junto a Sua Majestade. Era um homem de uns cinqüenta anos, de estatura média, vestindo muito modestamente e coberto com um chapéu de feltro. Fortes bigodes e um rosto enérgico de traços acentuados davam-lhe o aspecto de um capitão aposentado. Porém, se os funcionários tivessem olhado bem para essa enigmática personagem, teriam sido tocados pela expressão dos seus olhos plenos de sorridente bondade, e pelos quais perpassavam por momentos relâmpagos de gênio. A sua surpresa foi extrema por verem o Tzar ir ao encontro desse burguês endomingado, tomar-lhe a

mão, falar-lhe afetuosamente, quase com deferência e levá-lo familiarmente consigo. Depois, quando a palestra terminou, após tempo bastante longo, durante o qual os funcionários aguardavam discretamente, à distância, o Tzar e a Tzarina reconduziram o estrangeiro à porta do parque, dele se despediram calorosamente e o confiaram aos introdutores. Estes acompanharam o estranho visitante até à estação, onde ele subiu tranqüilamente num carro de terceira classe.

Era o “Mestre Desconhecido”.

\* \* \*

O Mestre Desconhecido é um taumaturgo; ora mora num bairro popular de uma grande cidade da França onde trata com caridade muito grande os pobres, que o adoram; ora vai descansar numa aldeia vizinha, onde participa familiarmente da vida da população rural e exerce as modestas funções honorárias de Capitão dos Bombeiros.

Como chegou esse médico dos pobres, esse tranqüilo capitão de bombeiros, a ser recebido pelo Tzar e a palestrar com ele mais demoradamente que os Ministros?

É porque o *Mestre Desconhecido* passa por ser o chefe, o iniciador, o apóstolo quase invisível mas ardente de um grande movimento místico que, acima das religiões oficiais e apesar dos seus dogmas, circula neste momento entre as nações ocidentais.

O *Mestre Desconhecido*, apesar da escuridão na qual se refugia e se oculta aos olhos do mundo tem, desde alguns anos, na França, na Itália, na Alemanha, na Escandinávia, mas especialmente na Inglaterra e na América, numerosos discípulos, sábios distinguidos que têm por ele a mais respeitosa e a mais entusiasta admiração. Eu sei, por exemplo, que ele vai com freqüência à Itália, onde conta com amizades ilustres e também, naturalmente, com muitos amigos. Embora evite toda manifestação, oculte-se, deixe-se ver apenas pelos mais fervorosos discípulos, o *Mestre Desconhecido* não pode dissimular sua influência e foi freqüentemente atacado. Acusam-no de ser um charlatão e de viver às expensas da credulidade pública; mas ele deixa passar os ataques e pede que ninguém o defenda. Em contraposição, os homens do povo, os simples e os pobres que foram a ele, que ele tratou, socorreu, encorajou, esse o amam como a um pai, veneram-no como a um santo e deixar-se-iam matar para defendê-lo. O *Mestre Desconhecido* tem provocado a um tempo ódios ferozes e dedicações exaltadas.

A existência de um ser tão imperiosamente poderoso, de uma vida tão mística não podia ficar ignorada num país cujo misticismo é a força suprema.

Diversos místicos eslavos ouviram falar do *Mestre Desconhecido* e alguns quiseram conhecê-lo; entre esses achavam-se homens da *entourage* do Tzar e alguns dos jovens Grã-duques dos quais falei. O bairro popular onde mora o Mestre e a aldeia onde ele reside durante o verão viram com espanto muito altas personagens virem em suntuosas conduções à casa do humilde “curandeiro”.

\* \* \*

A propósito disso, passou-se curioso incidente: O *Mestre Desconhecido* solicitou aos Grã-duques que desejavam vir visitá-lo, que viessem a casa dele sem o menor aparato, absolutamente incógnitos, e estes resolveram ir de bonde. Os primos do Imperador não têm muita prática desse gênero de locomoção... Viu-se então príncipes de chaqueta e princesas de vestido *tailleur* perder-se no meio do povo. O Grã-duque R... e o Grande Marechal da Corte ficaram pasmos ao receberem troco do dinheiro que tinham dado pelos lugares; terminaram por extraviar-se totalmente e tiveram que pedir a ajuda de uma boa matrona. Sem dúvida, falou-se muito em Petersburgo do *Mestre Desconhecido* porque o Tzar, querendo conhecê-lo, fê-lo convidar para ir à Corte. Acolheram-no com grande homenagem e diversas vezes demorou-se ele nessa cidade. Porém, o contrário do que se dera na França aconteceu na Rússia: assim como ele rogara aos Grã-duques que o visitassem sem pompa, assim estes lhe pediram que renunciasse à sua aparência democrática para não chamar a atenção.

Deram-lhe um posto honorífico como há tantos na Corte, que lhe permitia envergar o uniforme de general: meio mais seguro de passar despercebido. Aceitou, sorrindo, os galões, e deixou-se conduzir nas próprias carruagens do Imperador. Inútil é dizer que, na Rússia como na França, suscitou invejas e ataques, tanto mais por terem as questões de etiqueta tão extrema importância na cidade Imperial, onde não podiam ver tratar como um príncipe do sangue a um médico de aldeia, que, aliás, estava longe de pedir tantas honrarias.

Além disso, a influência que o *Mestre Incógnito* parecia exercer sobre a alma mística do Tzar, inquietava muito a um partido poderoso da Corte. Aquele que preparava prudentemente a guerra e queria manter o tzarismo absoluto. Em que consistia exatamente essa influência do *Mestre Desconhecido*?

Se eu julgasse pela ira dos inimigos do humilde e misterioso conselheiro to Tzar, poderia supor que tal influência procurava exercer-se em favor da paz externa e interna. Ouvi também dizer que ela pesara muito na organização do congresso pela paz. Cristão puro, impregnado das idéias evangélicas do Nazareno, o *Mestre Incógnito* trabalhava com toda sua alma pela união dos povos e pela concórdia social. Pensava, dizem, que se um poderoso soberano como Nicolau II queria consagrar-se a essa obra, podia lhe dar uma vida mais real que todos o filósofos e todos os moralistas. E ele pediu com insistência ao Tzar que se tornasse o Imperador da paz; achou nele o terreno preparado; efetivamente, o misticismo natural num soberano russo levava-o a desejar a paz. Nicolau II tem uma instintiva repugnância pela guerra e considera os reis como os únicos responsáveis pelo sangue derramado por sua culpa. Dizer isto neste momento parece uma grande ironia e a gente poderia se perguntar por que uma terrível guerra exterior, uma sangrenta guerra civil estouraram durante o reinado deste soberano suave, pacífico, humano.

E isto é, precisamente, o que muitos, na Rússia, nesse pequeno mundo que vive junto do Tzar sem ódio e sem prevenção censuram no *Mestre Desconhecido*, cuja influência declaram desastrosa. Sustentam que a influência de um místico sobre uma alma sonhadora como a do Imperador é tão perigosa quanto a de Tolstoi sobre os russos intelectuais nesse sentido: que ela luta contra o destino da Rússia. Pregando a paz ao Tzar e ao povo russo, os místicos tornavam difícil a preparação para guerras inevitáveis.

É realmente assim? Deve-se acusar ao misticismo de ter sido uma causa de fraqueza? É um problema que não procurarei resolver.

Quiçá não tivesse Nicolau II suficiente energia e, embora querendo sinceramente a paz, não soube impô-la à sua *entourage*; talvez nem o pudesse. Há às vezes nos destinos dos povos um laço misterioso entre as circunstâncias que torna inevitáveis certos acontecimentos...”

\* \* \*

Alguns se perguntaram como Papus e M. Philippe puderam ser, com relativa facilidade, recebidos em certas famílias reais ou imperiais, notadamente na Rússia. No que concerne a M. Philippe mesmo, já tive oportunidade de sugerir que foi devido

à recomendação de Papus, Grão-mestre da ordem Martinista, o que lhe abria muitas portas... Porém há uma explicação complementar que convém deixar consignada aqui<sup>1</sup>. Papus tinha-se ligado por fervente a uma eminente personalidade que devia, posteriormente, tornar-se o seu “Mestre intelectual”: O marquês de Saint-Yves, que desposara a Condessa de Keller, que pertencia a uma família aparentada com os meios mais aristocráticos da Europa, e que tinha entrada em diversas cortes reais, na Corte da Dinamarca, entres outras, onde a Rainha, “née”- Princesa de Hess - dispensou ao casal muita amistosa acolhida. Chamavam à Rainha de “a vovó da Europa”, porque de fato a sua numerosa prole estava “bem casada”. Efetivamente, uma filha casara com o Imperador Alexandre III da Rússia; outra, com o Rei Othon da Grécia; a terceira, com o Príncipe de Gales, futuro Eduardo VII da Inglaterra. É pela Corte da Dinamarca e, em certa medida, pela da Rússia, que Saint-Yves penetra na alta sociedade (roda) internacional. É permitido supor que, por sua vez, Saint-Yves d’Alveydre facilitou ulteriormente a tarefa, a missão secreta do seu discípulo e amigo Papus.

A propósito da primeira viagem de Papus à Rússia, achei uma carta manuscrita que ele dirigira a Saint-Yves d’Alveydre pouco antes da sua partida e que constitui, também, um documento interessante:

*Querido Mestre,*

*Parto definitivamente para Petersburgo em 27 de janeiro. Organizam-me três semanas de conferências das quais diversas na Corte perante os Grã-duques. Ora, gostaria de fazer algumas sobre o “Arqueômetro” e sobre a vossa obra. É uma oportunidade que tão cedo não terei novamente e fico ao vosso dispor se quiserdes me fornecer os elementos para tal efeito. S.M. o Tzar interessa-se enormemente pelo esoterismo cristão e creio que o “Arqueômetro” pode iluminá-lo.*

*Se pensais poder documentar-me, dedicarei uma ou duas quintas-feiras a isso, pois vou fazer gestões para obter uma missão do governo.*

*Apressadamente, querido Mestre, e vosso de todo coração,*

*Gerard ENCAUSSE.*

---

<sup>1</sup> Hipótese expressada num artigo dedicado a Saint -Yves, *Avô da Sinarquia*, pela revista *antimaçônica Documentos maçônicos* no seu número de fevereiro de 1944. Tal artigo, não assinado, deve-se provavelmente à pena de Marquês-Rivière.

Convém notar que o Grã-duque Pierre tinha muito provavelmente travado conhecimento com Saint-Yves d'Alveydre antes da partida de Papus para a Rússia. Efetivamente, achei o telegrama seguinte, dirigido ao "Dr.Encausse , 87, Bulevar Montmorency", pelo Barão Staël, em 15 de setembro de 1900:

Grã-duque Pierre incumbe-me vos avisar que deseja ir a Versalhes quinta pela tarde e pede-vos arranjar a viagem e avisar a pessoa necessária. Peço-vos fazer-me saber se a viagem é possível e a que hora quinta partida de Paris.

Como se sabe, Saint-Yves d'Alveydre morava em Versalhes. Suponho, pois, que "a pessoa" que o telegrama cita, seja de fato o marquês.

\* \* \*

Ao findar essa primeira visita à Rússia, Papus foi cumulado de presentes, entre outros um serviço esmaltado, marcado com a sua cifra, e do qual uma taça traz, gravada em francês, a menção seguinte:

Lembrança afetuosa dos vossos irmãos russos, que fazem votos que esta taça esteja sempre cheia de alegria, força e saúde.

Possa esse voto dos Martinistas russos, irmãos de Papus, realizar-se plenamente. Possam os homens cessar de se destruírem, de fazer reinar a violência, o egoísmo, a injustiça!

Possamos conhecer logo a paz do coração e das almas; possam os ensinamentos do Mestre Philippe ser postos mais completamente em prática em nosso moderno, inquietante e vertiginoso mundo atômico, esses ensinamentos inspirados no comovedor e divino preceito Daquele de Quem ele foi, até à morte, o servo fiel:

**Amai-vos uns aos outros.**

É suave para meu coração ter consagrado a M.Philippe, em lembrança e em nome de um dos seus discípulos preferidos, Papus, estas páginas destinadas, na medida do possível, a fazê-lo melhor conhecido, melhor compreendido por certo número...

Espero que a minha fraca pena – não são as palavras féretros? – não tenha atraído excessivamente a expressão dos sentimentos de infinita gratidão e de Amor que sinto desde tantos anos por Ele,

**O MESTRE DESCONHECIDO!**

*“Eu não sou de época alguma nem de lugar algum; fora do tempo e do espaço, o meu ser espiritual vive a sua eterna existência, e se mergulho no meu pensamento remontando o curso das idades, se estendo o meu espírito para um modo de existência afastado daquele que percebeis, tornei-me aquele que desejo. Participando conscientemente do ser absoluto, regulo a minha ação conforme o meio que me rodeia. Meu nome é o da minha função e o escolho, assim como à minha função, porque sou livre; meu país é aquele onde fixo momentaneamente os meus passos. Datai-vos de ontem, se o quiserdes, realçando-vos com anos vividos por ancestrais que vos foram estranhos; ou de amanhã, pelo orgulho ilusório de uma grandeza que não será, quiçá nunca vossa; eu sou aquele que é... Todos os homens são meus irmãos; todos os países me são caros... Como o vento Sul, como a brilhante luz do meio-dia que caracteriza o pleno conhecimento das cousas, e a comunhão ativa com Deus, venho para o Norte, para a bruma e o frio, abandonando por onde quer que passe algumas parcelas de mim mesmo, gastando-me, diminuindo-me em cada demora, mas deixando-vos um pouco de claridade, um pouco de calor, um pouco de força, até que eu esteja finalmente detido e fixado definitivamente ao termo da minha jornada, à hora em que a rosa florescer sobre a cruz. Eu sou Cagliostro.”*

*“Por que precisais de mais alguma cousa? Se fosseis filhos e Deus, se a vossa alma não fosse tão vã e tão curiosa, já teríeis compreendido!”*

**CAGLIOSTRO (1786)**

**(Extraído da obra consagrada pelo Dr. Lalande (Marc Haven) ao “Mestre desconhecido Cagliostro”).**



## *POSFÁCIO*

O autor, que se esforçou por reunir neste livro uma documentação sortida sobre o MESTRE PHILIPPE, põe-se à disposição de toda pessoa estudiosa e interessada por estas questões e que deseje esclarecimentos sobre pontos que possam parecer obscuros, talvez contraditórios...

Escrever-lhe então diretamente e, a respeito, expor com precisão o assunto que motiva uma hesitação qualquer. Ele cumprirá, então, o dever de submeter tal pedido a alguns “amigos” de M. Philippe, que se esforçarão para trazer à luz o *Espírito* do texto citado, do qual a “letra” é apenas, no fim das contas, o socalco, o pedestal.

(Janeiro de 1955)

## ÍNDICE PORMENORIZADO DA QUARTA EDIÇÃO (francesa)

Pró ou contra os “curandeiros”? — PAPUS e o Maître PHILIPPE. — Definição de Mestria e análise da palavra “Mestre”, por PAPUS. — Nascimento de Nizier Anthele PHILIPPE em 1849. — Tema astrológico de M. Philippe por Marius LEPAGE. — Primeiros estudos de medicina na faculdade de Lyon. — Ataques de que foi objeto. — Alguns exemplos de curas estranhas. — A propósito de um doutorado em medicina. — Fatos reais sobre o Mestre por PAPUS, Mme. LALANDE, J. BRICAUD. — *A Encarnação do Eleito*, por PAPUS. — Criação da Escola de magnetismo e massagem de Lyon. — Falecimento de M. PHILIPPE em 2 de agosto de 1905. — *Um Desconhecido*, por Paul Sédir. — A vida e a morte de SÉDIR, um dos discípulos do Mestre, por Emile BESSON e Max CAMIS. — Curiosa observação do vidente Louis Michel de FIGANIERES. — Palavras de M. PHILIPPE. *Ensinos do Mestre (da página 92 à página 162)*. — Biografia, fatos reais sobre o Mestre PHILIPPE. — Aparições póstumas de M. PHILIPPE a PAPUS. — Jean CHAPAS, outro discípulo amado do Mestre. — PAPUS e M. PHILIPPE na Corte da Rússia. — Mensagem de PAPUS a NICOLAU II. — Sua ação secreta na Corte. — Evocação do fantasma de ALEXANDRE III, pai do Tzar NICOLAU II. — Relato de M. PALEOLOGUE, embaixador da França. — A aliança franco-russa. — PAPUS E RASPUTINE; opinião de PAPUS sobre RASPUTINE; e de RASPUTINE sobre PAPUS. — Ascendência de M. PHILIPPE sobre os soberanos russos. — Luta de PAPUS e de M. PHILIPPE contra a polícia russa. — Intervenção do ministro russo das Finanças em seguida às revelações de PAPUS no *Echo de Paris*. — SAIT-YVES D’ALVEYDRE, mestre intelectual de PAPUS. — Mensagem de amizade dos Martinistas russos. — O Mestre desconhecido...

\* \* \*

ILUSTRAÇÕES: Páginas 5, 22, 30, 33, 45, 49, 51, 52, 61, 62, 68, 81, 85, 89, 91, 169, 175, 197, 198, 206 e 14 fotografias em 4 páginas fora do texto.